
"Fascinante. Egan é mestre em contar histórias."
Cosmopolitan
CIRCO INVISÍVEL
JENNIFER EGAN
AUTORA DE A VISITA CRUEL DO TEMPO
intrínseca

Por mais que Phoebe tentasse preencher a lacuna entre ela e Faith, sempre havia alguma diferença. Mas um dia essa lacuna desapareceria, ela acreditava, como parte de uma transformação maior pela qual Phoebe estava constantemente esperando.

“Um romance de estreia sensível, belamente escrito.”
Kirkus Reviews

“A forma como Egan narra a mudança na personalidade de Phoebe, sua transformação de adolescente depressiva em jovem mulher, é mais realista que um relato não ficcional.”
Los Angeles Times

“É um prazer desfrutar da escrita tranquila e precisa de Jennifer Egan.”
The Telegraph

“O talento de Egan para contar histórias faz com que as décadas de 1960 e 1970 sejam narradas com extrema clareza em *Circo invisível*.”
Chicago Tribune

“Arrebatador. Egan narra em termos transcendentais a busca pelo sentido da vida.”
Slate

“A obra de Jennifer Egan é extremamente inteligente.”
The Washington Post

“Em *Circo invisível*, Jennifer Egan prova que não importa o que quer que estejamos procurando, em geral queremos encontrar a nós mesmos.”
The New York Observer

“Uma escritora extraordinariamente inteligente e delicada.”
The Philadelphia Inquirer

CIRCO INVISÍVEL

JENNIFER EGAN

TRADUÇÃO DE FABIANA DE CARVALHO



Copyright © Jennifer Egan, 1995

Poema de Emily Dickinson da epígrafe retirado de *75 poemas*, traduzido por Lucia Olinto, editora 7Letras, 1999.

TÍTULO ORIGINAL
The Invisible Circus

PREPARAÇÃO
Isabela Fraga

REVISÃO
Milena Vargas
Tamara Sender

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

CAPA
Raphael Pacanowski

ILUSTRAÇÃO
Rafael Coutinho

E-ISBN
978-85-8057-670-2

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Capa
Abertura
Elogios
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Agradecimentos

Parte um
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito

Parte dois
- Nove
- Dez
- Onze
- Doze

Parte três

Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um

Parte quatro
Vinte e dois

Sobre a autora
Conheça os outros títulos da autora
Leia também

Para minha mãe, Kay Kimpton,
e meu irmão, Graham Kimpton

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer aos seguintes indivíduos por seus conselhos, encorajamento e esforços: David Herskovits, Monica Adler, Bill Kimpton, Nan Talese, Jesse Cohen, Diane Marcus, Tom Jenks, Carol Edgarian, Webster Stone, Virginia Barber, Jennifer Rudolph Walsh, Ruth Danon, David Rosenstock, Kim Snyder, Don Lee, Julie Mars, Ken Goldberg e David Lansing.

Por seu apoio, sou grata também ao National Endowment for the Arts, à New York Foundation for the Arts e à Corporation of Yaddo.

Acima de tudo, devo agradecer a Mary Beth Hughes, cuja fé, sabedoria e conhecimento foram essenciais para este livro.

“Para a era atual, que prefere o retrato à coisa retratada, a cópia ao original, a imaginação à realidade, ou a aparência à essência (...), apenas a ilusão lhe é sagrada, com exceção da verdade profana (...), de modo que o maior grau de ilusão é para ela o maior grau de sacralidade.”

LUDWIG FEUERBACH

“Exultação é ir-se a alma
Do interior para o mar,
Passando casas — promontórios
Até a vasta Eternidade...”

EMILY DICKINSON

PARTE UM

Um

Ela tinha perdido, Phoebe sabia pelo silêncio. Cruzando o exuberante e enevoado parque, ela não ouvia nada, a não ser os pingos de orvalho que escorriam de samambaias e folhas de palmeira. Quando chegou ao campo, o imenso vazio não foi nenhuma surpresa.

A grama era de um verde brilhante e incômodo. Estava coberta por entulhos, canudos, guimbas de cigarros e alguns cobertores encharcados que foram abandonados na lama.

Phoebe enfiou as mãos nos bolsos e atravessou o gramado, passando por cima de poças de lama. Um círculo de árvores cercava o campo, árvores costeiras, curvadas pelo vento e retorcidas, mas ainda simétricas, como pessoas se esforçando para equilibrar bandejas pesadas.

No outro extremo do campo, algumas pessoas de casaco de estilo militar estavam desmontando um coreto. Carregavam partes da construção por entre as árvores até uma estrada, onde Phoebe viu o vulto escuro de um caminhão.

Ela se aproximou de um homem e de uma mulher com longos rolos de fio elétrico laranja pendendo dos braços. Phoebe esperou educadamente os dois terminarem de conversar, mas eles não pareceram notá-la. Tímida, ela se virou para outro homem, que carregava uma tábua nos braços.

— Com licença — disse ela. — Já perdi?

— Perdeu — respondeu ele. — Foi ontem. Do meio-dia à meia-noite.

Ele a encarou com os olhos apertados como se o sol tivesse aparecido. O homem parecia vagamente familiar, e Phoebe se perguntou se ele poderia ter conhecido sua irmã. Ela sempre se perguntava isso.

— Pensei que fosse hoje — disse Phoebe inutilmente.

— É, mais ou menos metade dos cartazes foi impressa errada.

Ele sorriu, os olhos de um azul químico brilhante, como bala de anis.

Era 18 de junho, um sábado. Dez anos antes, em 1968, um “Festival de Luas” supostamente acontecera naquele mesmo campo. “Nova visita das Luas” era o que prometiam os cartazes dessa vez, e Phoebe tinha feito malabarismos com seus turnos no trabalho para ir, animada e ansiosa para reviver o que ela não havia conseguido viver nem uma vez sequer.

— Então, como foi? — perguntou ela.

— Com menos público do que o esperado. — Ele riu com sarcasmo.

— Fico feliz que não tenha sido só eu — disse Phoebe.

O homem largou a tábua e passou a mão nos olhos. Cabelos louros, lisos e sem corte caíram sobre seus ombros.

— Cara — disse ele —, você se parece muito com uma garota que conheci. — Assustada, Phoebe olhou para ele, que semicerrava os olhos de novo. — Tipo, muito igual a ela.

Phoebe fitou o rosto dele.

— Catnip — disse ela, surpreendendo a si mesma, chamando-o assim porque as meninas não resistiam a ele, assim como os gatos não resistem à erva dos gatos, também conhecida por catnip.

Ele deu um pequeno passo para trás.

— Você era amigo de Faith O’Connor, não era? — perguntou Phoebe, dessa vez com entusiasmo. — Bem, sou irmã dela.

Catnip desviou o olhar, então olhou de volta para Phoebe. Balançou a cabeça. Ela se lembrava dele agora, embora ele parecesse muito maior antes. E bonito: aquela beleza intensa e frágil que se vê às vezes em garotos do ensino médio, mas nunca em homens.

O rapaz olhava para Phoebe.

— Não acredito — disse.

Enquanto Catnip foi tentar se livrar da equipe de trabalho, Phoebe se esforçou para recuperar o fôlego. Durante anos ela imaginara aquilo, um amigo de Faith a reconhecendo já crescida, de tanto que ela se parecia com a irmã.

Juntos, ela e Catnip atravessaram o campo. Phoebe estava nervosa. Havia reflexos louros na barba dele.

— Então, você está o quê? No ensino médio? — perguntou ele.

— Já me formei — revelou Phoebe. — Semana passada, na verdade.

Ela não tinha ido à cerimônia.

— Bem, meu nome é Kyle. Ninguém me chama de Catnip há anos — disse ele melancolicamente.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e seis. E você?

— Dezoito.

— Dezoito — repetiu ele, e riu. — Porra, quando eu tinha dezoito anos, vinte e seis parecia velho.

Kyle tinha acabado de terminar o segundo ano da faculdade de direito.

— Segunda-feira começa o meu trabalho de verão — contou ele, e com dois dedos imitou uma tesoura cortando o próprio cabelo.

— É sério? Eles fazem você cortar?

Aquilo parecia o Exército.

— Eles não precisam obrigar — disse ele. — Ao chegar lá, a pessoa já fez isso.

Os barulhos do trânsito foram ficando mais altos à medida que eles se aproximavam do Golden Gate Park. Phoebe se sentia uma criança deixada sozinha com um dos amigos de Faith, com a tarefa desconfortável de mantê-lo entretido.

— Você costuma pensar naquela época? — perguntou. — Sabe, com a minha irmã?

Houve um momento de silêncio.

— Claro — respondeu Kyle. — Claro que penso.

— Eu também.

— Ela é incrivelmente real para mim. A Faith — disse ele.

— Penso nela o tempo todo — falou Phoebe.

Kyle assentiu.

— Ela era sua irmã.

Quando eles chegaram à Haight Street, a neblina começava a se dissipar, expondo faixas azuis do céu. Phoebe pensou em mencionar que trabalhava a apenas dois quarteirões — ela estaria lá naquele momento, se não fosse a Nova visita das Luas —, mas isso parecia irrelevante.

— Moro aqui perto — disse Kyle. — Que tal um café?

O apartamento dele, na Cole Street, foi uma decepção. Phoebe esperara entrar em um túnel do tempo, mas um elegante sofá cinza-escuro e uma mesa de centro comprida de vidro dominavam a sala de estar. Nas paredes, litografias abstratas pareciam levitar em molduras de acrílico. Além disso, um prisma pendia de uma janela, e almofadas com estampas *tie-dye* estavam espalhadas no chão. Phoebe notou um cheiro de cravo ou pimenta, algum odor familiar de anos antes.

Ela se sentou no chão, longe do sofá escuro. Quando Kyle tirou a jaqueta estilo militar, Phoebe percebeu através de sua camiseta como ele era musculoso. Ele pegou um baseado de uma piteira na mesa de centro e o acendeu, e em seguida sentou-se no chão.

— Sabe — resmungou, prendendo a fumaça enquanto estendia o baseado para Phoebe —, muitas vezes pensei em passar para ver você e sua mãe. Só para saber como estavam.

— Deveria ter passado — disse Phoebe.

Ela estava olhando para o baseado, pensando se deveria fumar ou não. Ficar chapada a deixava muito ansiosa, e houve mais de uma ocasião em que se sentiu paralisada com um medo esmagador de que estivesse prestes a morrer. Mas pensou em sua irmã, na ânsia com que Faith tinha experimentado tudo — e em como Kyle esperaria isso de Phoebe. Ela deu um trago modesto. Kyle estava curvado sobre o aparelho de som, empilhando discos em uma vitrola. “Surrealistic Pillow”, do Jefferson Airplaine, começou a tocar, com a voz rica e misteriosa de Grace Slick.

— Ela se casou de novo, ou algo assim, a sua mãe? — perguntou ele, voltando ao seu lugar.

— Ah, não — respondeu Phoebe, meio rindo. — Não.

Enquanto Kyle a observava através da fumaça, ela foi ficando envergonhada.

— Acho que essa fase da vida dela já meio que acabou — explicou a menina.

Ele balançou a cabeça.

— Uma pena.

— Não, ela não se importa — disse Phoebe, perguntando-se se tinha certeza daquilo. — Ela meio que já passou da idade do romance.

Kyle franziu a testa, tragando o baseado.

— Quantos anos ela tem?

— O aniversário dela é no próximo fim de semana, na verdade. Quarenta e sete.

Ele caiu na gargalhada, expelindo fumaça e tossindo sem cerimônia.

— Quarenta e sete — disse ele, recuperando-se. — Isso não é ser velha, Phoebe.

Ela olhou para ele, espantada por causa da risada.

— Eu não disse que ela era velha.

A maconha a estava deixando confusa.

Os olhos de Kyle se demoraram em Phoebe. A fumaça pairava no ar em ondas, dissolvendo-se lentamente como creme no café.

— E quanto a você? — perguntou ele. — Como tem passado?

— Bem, obrigada — respondeu com cautela.

Quando eles terminaram o baseado, o cômodo parecia latejar contra os globos oculares de Phoebe. Sua pulsação ecoava. As almofadas exalaram um cheiro de canela quando ela se inclinou para trás.

Kyle se deitou no chão, com as mãos sob a cabeça e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos.

— Quero falar sobre isso — revelou ele, com os olhos fechados —, mas não sei como.

— Eu também — disse Phoebe. — Nunca sei como.

Kyle abriu um olho.

— Nem mesmo com a sua mãe? Seu irmão?

— Não sei por quê. A gente costumava falar.

“Plastic Fantastic Lover” começou, sinuosa e psicodélica, invadindo a mente de Phoebe com borrões fluorescentes. Eles ouviram em silêncio.

— Então... você chegou a descobrir o que aconteceu? — perguntou Kyle, enfim.

— Como ela morreu, você quer dizer?

— É. De que forma aconteceu exatamente.

Como sempre, quando o assunto era Faith, um pouco da pressão no interior de Phoebe relaxava. Ela respirou fundo com calma.

— Bem, todo mundo diz que ela pulou.

Kyle suspirou.

— Na Itália, certo?

Phoebe assentiu. Depois de uma pausa, perguntou:

— Você acredita nisso?

— Não sei — respondeu Kyle. — Quero dizer, pelo que ouvi, e você sabe melhor do que eu, teria sido muito difícil cair dali por acidente.

— Só que ninguém viu.

Kyle se apoiou nos cotovelos e olhou para Phoebe. Ela retribuiu o olhar, muito chapada, tentando identificar o que exatamente havia mudado em Kyle desde os velhos tempos.

— Mas, quero dizer, sabe, por quê? — indagou ele. — Por quê?

Ele parecia tão sério, como se fosse a primeira pessoa a fazer essa pergunta em todo aquele tempo. Isso fez Phoebe rir, de leve no começo, depois convulsivamente, com lágrimas vertendo dos olhos.

— Sinto muito — disse ela, limpando o rosto com a manga da camisa. Seu nariz estava escorrendo. — Desculpe.

Kyle tocou em seu braço.

— Eu só queria saber o que aconteceu — perguntou ele.

— É — disse Phoebe, fungando. — Eu também.

Rir a tinha deixado mais relaxada, como chorar também fazia.

— Você acha que foi um acidente — afirmou Kyle.

— Não tenho certeza.

Ele aquiesceu. O assunto estava encerrado, de alguma forma. Phoebe sentiu como se tivesse perdido uma oportunidade. A culpa era dela mesma, pensou, por rir.

Eles ficaram em silêncio. O polegar e o dedo médio de Phoebe estavam pegajosos. Kyle reacendeu o baseado e, quando o ofereceu, ela fumou sem hesitar. Até que ele deixou a ponta cair no chão e sentou-se de pernas cruzadas, os dedos de uma mão pressionando os da outra.

— Você se parece com ela — comentou ele. — Acho que deve ouvir muito isso.

— Não ouço — respondeu Phoebe, sem saber muito bem a razão disso. — Porque... — Ela riu, dando-se conta. — Bem, quer dizer, ninguém nos vê juntas.

Kyle deu um tapa na testa, claramente envergonhado.

— Mas eu gostaria que falassem — disse Phoebe. — Então pode dizer.

Ele saiu de perto, atravessando a sala na direção da janela. Phoebe, em sua calça cargo e botinas, se alongou, esticando os braços para o alto até que os músculos da costela se estendessem. Ela estava muito chapada, mas naquele dia parecia não ter problema. Até sentia uma espécie de confiança meio doida enquanto estava deitada de lado, observando Kyle olhar através de um prisma preso à janela por um fio de nylon. Ele o girou, espalhando manchas de luzes das cores do arco-íris. A música “Moonchild”, de King Crimson, começou a tocar.

— Acabei de ter uma sensação estranha — disse Kyle.

— O que foi?

— Acho que se você me dissesse agora mesmo que era Faith, aposto que eu acreditaria em você.

Phoebe virou o rosto para esconder sua satisfação. Ela ainda usava as roupas de Faith de vez em quando, calça jeans surrada e blusas rendadas de brechó, uma jaqueta de veludo gasta com botões em forma de estrela. Nada servia direito. Sua irmã era mais magra, ou mais alta, com o cabelo preto mais comprido — alguma coisa assim. Por mais que Phoebe tentasse preencher a lacuna entre ela e Faith, sempre havia alguma diferença. Mas um dia essa lacuna desapareceria, ela acreditava, como parte de uma transformação maior pela qual Phoebe estava constantemente esperando. Ela pensara que isso viria com a formatura.

— Vou para a Europa muito em breve — mentiu ela, tomada por um desejo de impressionar e fascinar Kyle. — Uma viagem longa.

— Ah, é? — disse ele da janela. — Para onde?

— Ainda não sei direito. Pensei em simplesmente ir, sabe? Meio que de um jeito espontâneo.

Havia alguma verdade naquilo; Phoebe tinha mesmo a intenção de ir à Europa algum dia e refazer os passos da irmã. Sempre soubera disso.

Mas ela se matriculara na Universidade de Berkeley para o segundo semestre, havia escolhido cinco disciplinas e até mesmo um lugar no alojamento.

— Sou totalmente a favor da espontaneidade — comentou Kyle, parecendo estar com inveja.

O pai dela também tinha sido assim. Em seu testamento, ele tentou garantir a espontaneidade, reservando cinco mil dólares a cada um dos filhos — Faith, Phoebe e Barry — para explorarem o mundo após terminarem o ensino médio.

— Façam isso primeiro, antes de ficarem presos aqui — disse ele. — Façam coisas que lhes renderão histórias para contar pelo resto da vida.

— Apenas ir, sabe? — continuou Phoebe, perdendo-se na mentira. — Só pegar um avião.

Kyle foi para onde ela estava, os pés descalços grudando no chão encerado. Um de seus joelhos estalou quando ele se acomodou nas almofadas ao lado dela. Phoebe fechou os olhos.

— Você é linda — disse ele, tocando seu rosto.

Phoebe abriu os olhos e rapidamente os fechou. Ela se sentia meio tonta, como se a sala, assim como o prisma de Kyle, estivesse girando em um fio de nylon. Ele se inclinou, beijando-a na boca. Phoebe retribuiu o beijo dele, uma parte cega de si mesma se precipitando. Ela ainda era virgem. A boca de Kyle tinha um sabor doce de purê de maçã.

Ele ajeitou as almofadas e se deitou ao lado dela. Quando tocou os seios de Phoebe por cima da camiseta, ela sentiu a confiança dele, e isso a ajudou a relaxar. Kyle segurou a cabeça dela entre as mãos, as palmas frias nas têmporas, e Phoebe ouviu por trás das orelhas tapadas um barulho como o de concha do mar. Kyle se deitou em cima de Phoebe. Ela se agarrou aos músculos ao longo da coluna dele, o calor do corpo do rapaz atravessando a roupa de Phoebe e chegando à sua pele. A força contida de seu abdome se movia suavemente enquanto ele respirava; sua ereção pressionava a coxa dela. Abriu os olhos para olhar para ele. Mas os olhos do próprio Kyle estavam cerrados, como se ele estivesse fazendo um pedido.

— Espere... espere — disse Phoebe, contorcendo-se para sair de baixo dele.

Kyle a reteve por um instante, mas em seguida levantou-se como se um estranho tivesse entrado na sala. Phoebe ouviu sua respiração acelerada. Ela encolheu-se, com o queixo nos joelhos. Kyle sentou-se, curvado, em uma das pontas do sofá.

— Merda — disse.

Mas Phoebe tinha perdido a consciência de que ele estava ali. Havia algo de que precisava se lembrar. Ela fechou os olhos, pressionando a testa nos joelhos, e visualizou Faith e seus amigos engolindo minúsculos quadradinhos de papel e algum tempo depois começando a rir, a risada maluca cheia de lágrimas que em Faith logo se transformou em um choro desesperado nos braços do namorado — ele era chamado de Wolf, lobo em inglês, por causa da pele morena e dos dentes brancos —, as mãos morenas dele na cabeça da irmã de Phoebe. “Shhh”, fazia ele, acariciando o cabelo dela como se Faith fosse um gato. “Shhh.” Vestindo apenas um colete de couro leve, os músculos de seu abdome moreno faziam Phoebe se lembrar do casco de uma tartaruga. E então Faith o beijou, e Phoebe observava, apreensiva. “Vamos lá”, chamou Faith, tentando se levantar, mas sem sucesso; ela estava doente, os olhos febris. “Vamos.” Beijando, beijando, mas Wolf viu Phoebe agachada ao lado dele, e seus olhares se encontraram.

“Faith, espere”, disse ele. “Amor, espere.”

Por fim, ele a ajudou a se levantar, e Phoebe andou bem devagar atrás do casal para o corredor, onde eles cambalearam até o final e bateram a porta branca do quarto da mãe dela. Então, silêncio. Phoebe esperou no corredor a porta se abrir novamente, cada vez mais assustada à medida que os minutos passavam — sua irmã estava doente, mal conseguia andar! Depois que o pai delas adoecera, aquela porta ficava sempre fechada, o cheiro doce de remédio pairava no corredor. Phoebe se jogou no tapete e ficou ali em uma espécie de transe, a porta branca deixando uma marca em sua mente até que, finalmente, depois do que pareceram horas, ela correu para a porta chorando, a tinta fria em sua bochecha, mas ainda assim não girou a maçaneta. Estava com muito medo.

E então passos. Phoebe deu um pulo para trás quando Faith abriu a porta, com os olhos arregalados e negros, gotas d’água presas nos cílios. Abraçando Phoebe bem apertado, “Querida”, embalando-a com delicadeza, “Querida, querida, o que aconteceu com você?”. Cheirava a sabonete... Será que ela estava apenas tomando um banho? E Wolf, o herói, observando Phoebe com uma expressão de dor, como se ele a tivesse machucado. Não, Phoebe queria

dizer, não, não, mas como ela poderia falar quando não entendia nada do que estava acontecendo, quando todo mundo estava sendo misterioso?

Naquele instante, Phoebe olhava para Kyle, a quilômetros de distância no sofá. Era sempre assim: algo de que ela precisava se recordar a puxava para trás, como o recuo das ondas. Uma porta branca a fechava, lembrando a Phoebe que no momento sua vida era irreal e irrelevante. O que importava não estava ao alcance dos olhos. Às vezes ela odiava se lembrar, não queria nada no mundo a não ser correr em direção a algo que pertencesse só a ela, se perder naquilo. Mas isso não era possível. A única forma de avançar era através daquela porta.

— Você sente saudade dela? — perguntou Phoebe no silêncio.

Kyle se levantou do sofá com um gemido e esguichou água nas folhas de vários finos pés de maconha que se inclinavam na direção de uma lâmpada ultravioleta. Fios delicados os prendiam a estacas.

— Às vezes tenho a impressão de que ela ainda está lá atrás — disse ele. — Naquela época. Sinto saudade para caramba.

— Eu também — falou Phoebe, com uma dor no peito. — Mesmo que eu não estivesse realmente lá.

— Claro que você estava.

— Não. Eu era uma criança.

Houve um longo silêncio.

— Eu não estava lá também — disse Kyle. — Não de verdade.

— Como assim?

— Eu ficava circulando, circulando, mas nunca cheguei realmente lá.

Essa confissão deixou Phoebe inquieta.

— Você estava lá, Kyle — assegurou ela. — Com certeza você estava lá.

Ele sorriu, parecendo animado. Esguichou água no ar, gotículas refletindo a luz enquanto caíam. Phoebe ouviu o canhão, que era disparado todos os dias às cinco da tarde na base militar Presidio.

— É melhor eu ir — disse ela, tentando ficar de pé.

Uma de suas pernas estava dormente. Era 1978. Wolf, o namorado de Faith, morava na Europa.

A mãe de Phoebe não tinha notícias dele havia anos.

Kyle esperou com as mãos nos bolsos.

— Eu ligo para você.

— Tudo bem — disse Phoebe, sabendo que ele não ligaria.

Ela desceu com cuidado os degraus de pedra até a rua, segurando o corrimão. Raios de sol brilhavam nas árvores. Havia o ruído distante de um bonde e silêncio em torno dele.

— Ei. — Ela ouviu alguém chamar lá de cima. Kyle estava debruçado na janela. — Esqueci... Queria lhe dar uma coisa para o caso de você ir a Munique. Tenho um primo que mora lá.

Phoebe protegeu os olhos. Ela havia se esquecido da história sobre a Europa, e se assustou ao ouvi-la sendo repetida como um fato.

— Volte aqui — chamou Kyle.

Phoebe refez os passos. Ele lhe entregou um baseado embrulhado em papel rosa fluorescente, que pareceu seco e leve em suas mãos.

— Diga a ele que é a mesma coisa que fumamos no Natal — explicou Kyle, copiando algo de uma agenda para a parte de trás de um recibo.

— Steven + Ingrid Lake — leu Phoebe, com um endereço ao lado.

O número de telefone parecia ter menos dígitos. Ela enrolou o baseado com cuidado no papel com o endereço e guardou-o na carteira.

— Diga a Steve para ficar longe dos formigueiros — falou Kyle, rindo sob o batente da porta. — Ele vai entender.

Ao descer as escadas uma segunda vez, Phoebe sentiu uma excitação curiosa. Até onde Kyle sabia, ela estava indo para a Europa — na próxima semana, amanhã —, e esse pensamento impressionou Phoebe, empolgando-a com uma sensação de que qualquer coisa poderia acontecer.

Na rua, ela olhou para cima. Kyle a observava pela janela mais uma vez, mexendo no prisma distraidamente.

— Quando você viaja? — perguntou ele.

— Em breve — respondeu ela, quase rindo. — Na semana que vem, talvez.

Ela se virou para ir embora.

— Mande um cartão-postal para mim — pediu ele.

Phoebe se pegou sorrindo para as casas vitorianas. Europa, pensou. Pássaros, pedras brancas, longas pontes escuras. Ir a todos os lugares a que Faith tinha ido — exatamente os mesmos, um por um. Os cartões-postais da irmã ainda jaziam empilhados em uma caixa de sapatos debaixo da cama.

Phoebe se lembrava de esperar ansiosamente por eles, desde o dia em que sua irmã e Wolf tinham partido, um dia de verão não muito diferente daquele. Eles haviam ido até o aeroporto na caminhonete de Wolf, acompanhados da garota que comprara o veículo. Phoebe ficara na calçada por bastante tempo depois de eles terem saído, imaginando o que aconteceria com os dois. Ela continuava pensando nisso desde então.

Sua irmã morreu em 21 de novembro de 1970, nas rochas abaixo de Corniglia, uma pequena aldeia na costa oeste do norte da Itália. Ela tinha dezessete anos; Phoebe tinha dez. Traços de drogas foram encontrados no corpo de Faith: anfetamina, LSD, mas não o suficiente para que ela estivesse chapada naquele momento. Se o seu pescoço não tivesse se quebrado, eles disseram, ela poderia ter sobrevivido.

Se Phoebe conseguisse calcular as horas que passara pensando nesse fato, certamente somariam anos. Ela se perdia nessas reflexões, a própria vida perdendo as cascas, como uma cebola, enquanto se afundava no poço amplo e sem fundo da ausência de sua irmã. E quanto mais tempo Phoebe passava refletindo sobre aquilo, mais certeza tinha de que acontecera um grande mal-entendido; que, se Faith tivesse tirado a própria vida, ela teria feito isso sem um pingo do fracasso ou do desespero que a palavra “suicídio” sugeria. Quando Phoebe pensava na morte da irmã, era sempre com uma animada cadência no coração, como se Faith tivesse ascendido a um reino mais espetacular, um lugar tão remoto que só poderia alcançar pagando com a própria vida. Era como subir e chutar a escada. Onde estava o fracasso daquilo?

A mãe de Phoebe, Gail, tinha viajado para a Itália e voltado com as cinzas de Faith em uma caixa. Ela, Phoebe e Barry as dispersaram do topo dos penhascos perto da Golden Gate, um lugar onde a família costumava fazer piqueniques. Phoebe se lembrava de olhar incrédula para o pó, torrões irregulares que lembravam restos do fogo de uma lareira. Suas mãos tinham suado, e, enquanto ela jogava punhados ao vento, o pó mais fino ficava preso nas dobras das palmas. Não importava quanto Phoebe sacudisse, o pó não desgrudava. Mais tarde, ela trancou a porta de seu quarto e olhou por bastante tempo para as mãos abertas. A casa estava em silêncio. Phoebe colocou a língua para fora e lambeu levemente a palma. O gosto era azedo e salgado.

Horrorizada, ela correu para o banheiro e esfregou as mãos e a boca na pia, olhando para o vaso sanitário com vontade de vomitar. Mais tarde se perguntou se o que provou naquele dia tinha sido o próprio suor.

Uma porta branca no final de um corredor.

"Vamos", dissera Faith, chamando Wolf.

Eles a fecharam ao entrar.

Phoebe andava a passos largos do lado de fora do quarto, afundando os dedos dos pés no tapete macio. Apavorada... com o quê? Que a irmã tivesse ido embora. Que a porta nunca mais se abrisse. Que, quando isso enfim acontecesse, Phoebe se veria sozinha em uma sala iluminada e vazia.

Dois

Quando Phoebe passeava com o irmão no Porsche dele, os dois se entretinham com um desafio de coragem: Barry afundava o pé no acelerador sabendo que isso assustava a irmã e querendo que ela pedisse para ele diminuir a velocidade. Phoebe preferia cair nas garras da morte antes de dar a ele essa satisfação. Quando estavam sozinhos no carro, um silêncio sombrio os esmagava à medida que o ponteiro avançava lentamente no velocímetro e Phoebe implorava a Deus por um sinal vermelho. Quanto tempo mais isso pode durar, pensava ela, antes que algo aconteça com a gente? Mas ela não cedia.

— Querido, vá com calma — pediu a mãe deles quando Barry começou a acelerar a três quadras da garagem de casa. — Eu gostaria de ter mais alguns aniversários depois deste.

O dia estava quente e claro, algo raro para o mês de junho em São Francisco. Barry estava devidamente exultante. Ele havia planejado o aniversário da mãe durante semanas, sugerindo primeiro um fim de semana prolongado no Havaí, depois que andassem de balão e finalmente um passeio de um dia inteiro em um iate alugado.

— Sou sua mãe, não o diretor-executivo da Sony — zombara ela, rindo com delicadeza para Barry não levar a mal. — Por que não um piquenique?

Aos vinte e três anos, o irmão de Phoebe era milionário. A semente de sua fortuna havia sido os cinco mil dólares deixados pelo pai, que se multiplicaram com investimentos cuidadosos enquanto Barry estava na Universidade de Berkeley. Após se formar, ele usara o dinheiro para abrir uma empresa de software, e, da última vez que Phoebe perguntara, Barry contava com cinquenta e sete funcionários. Ele tinha uma casa de quatro quartos nas colinas perto de Los Gatos e no final de todo ano enchia Phoebe de presentes que a deixavam sem palavras: uma raquete de tênis Prince, um

relógio de pulso digital, um colar de pérolas verdadeiras que irradiava um reflexo rosado sob determinadas luzes. Barry costumava listar nomes de pessoas importantes que conhecera em festas, sempre enfatizando como elas o tinham procurado e como vivenciara momentos únicos de interlocução. Segundo Barry, seus funcionários eram mais do que geniais e seus produtos eram tão absurdamente incríveis que os clientes quase desmaiavam diante dos computadores. Contra o bom senso, Phoebe chegava a acreditar nele às vezes, concordando com a opinião de Barry de que o centro do mundo não era Nova York, Paris ou Washington, mas uma empresa de software perto de Palo Alto.

— Aonde estamos indo? — perguntou Phoebe do banco de trás quando o Porsche entrou no Golden Gate Park.

— Você vai ver — respondeu Barry.

Ele estava conversando com a mãe. Chips, ouviu Phoebe, bytes (de quê?, perguntava-se para passar o tempo). Ela abriu a janela e sentiu o cheiro úmido de eucalipto do parque. Fazia exatamente uma semana que ela tinha conhecido Kyle ali, e, como a maioria das memórias chapadas, o encontro parecia incompleto e onírico. Mas a sensação de contar a Kyle que ela iria para a Europa, e de ele ter acreditado nela, disso Phoebe não conseguia se esquecer.

Ela esticou a mão até o assento da mãe e tocou seu cabelo com mechas. Embora Phoebe considerasse a mãe elegante, ela possuía um ar antiquado que fazia sua beleza emudecer no mundo exterior, ficar inativa. Phoebe adorava isso. Ela se aborrecia ao ver fotos antigas da mãe jovem e glamorosa sorrindo timidamente de baixo da aba do chapéu. Ela se lembrava de seus pais juntos, de como o pai deitava a cabeça no colo da esposa ou de como, brincando, ele lhe dava tapinhas na bunda. Ela também se lembrava de Claude — o único namorado da mãe em uma viuvez repleta de casos insignificantes —, da surpreendente ausência de reservas da mãe na presença dele, uma tensão elétrica entre os dois preenchendo o ambiente. Mas Phoebe a amava mais como ela era agora: melancólica, fora de sintonia, a risada tingida sempre com tristeza, como se as coisas só fossem engraçadas sem querer. Aos olhos de Phoebe, a mãe ainda estava de luto, e ela gostava da

segurança que isso passava, como adormecer sabendo que outra pessoa sempre estará acordada, vigiando.

Barry estacionou ao lado de uma clareira cheia de árvores frutíferas, cujas folhas eram tão recentes que pareciam molhadas. Ele descarregou o carro, recusando as ofertas de ajuda. Barry era alto e tinha cabelo escuro, os olhos totalmente pretos, como se as pupilas tivessem dilatado em algum momento de pânico e nunca voltado ao normal. Seus traços eram arrebatadores em fotografias. “Esse é o seu irmão? Nossa, que gato”, diziam as amigas de Phoebe havia anos ao verem uma foto dele, mas na vida real algo quebrava o encanto. Ele se movia de maneira infantil, com o pescoço esticado e os braços largados, parecendo sempre prestes a se curvar.

Barry montou o piquenique, uma pródiga e impressionante variedade de queijo Brie, peras vermelhas, rosbife, bagels e charutos de folhas de uva. Havia uma garrafa de Dom Pérignon em um balde de gelo e um pequeno pote com caviar beluga. A mãe deles chutou suas alpargatas e tomou um gole de champanhe, remexendo os dedos brancos dos pés. A pele de suas canelas estava tão seca que brilhava como verniz.

— Eu bem que gostaria de mais uns dias assim — disse ela.

Depois de todos terem comido fatias do bolo de cenoura de Phoebe, Barry voltou do carro com os braços cheios de presentes. Empilhou-os diante da mãe, um monte de embrulhos dourados e fitas verdes.

— Meu Deus! — exclamou ela.

O presente da própria Phoebe estava escondido no bolso de sua calça de veludo: um colar de prata da Tiffany pelo vigésimo quinto aniversário de casamento dos pais. Teria sido na terça-feira.

— Pode começar, Bear — ofereceu ela, sabendo que o irmão gostaria disso.

Barry escolheu uma caixa. A mãe a abriu devagar, com cuidado para não rasgar o embrulho. Ela sempre abria presentes com esmero, embora depois amassasse os papéis não rasgados e os jogasse fora sem hesitar.

— Maquiagem — disse ela, abrindo a lateral do embrulho dourado.

— São as cores da moda — explicou Barry. — É um estojo completo.

Fileiras de elipses coloridas brilhavam como os kits de aquarela que Phoebe usava quando era criança.

— Faz anos que não uso maquiagem — comentou a mãe.

— Não se preocupe — assegurou Barry, entregando um segundo pacote.

Era longo e reto. Dentro havia um cartão.

— "Um vale-presente" — leu ela. — "Para uma transformação completa"?

— O que isso quer dizer — emendou Barry — é que eles descobrem o que combina melhor com o seu rosto, e então lhe ensinam como usar.

— Bastaria um saco de papel, no meu caso — disse a mãe, passando o braço em torno de Barry. — De verdade, querido, você realmente perdeu tempo com isso.

A caixa seguinte revelou outro vale-presente, desta vez para um cabeleireiro. A mãe bagunçou o cabelo de Barry.

— Fique sabendo que o meu corte era o máximo em 1965.

Mas Barry parecia não ouvir. Ele pairava sobre a mãe, entregando os presentes tão depressa quanto ela conseguia abri-los. Phoebe olhou para o alto, encarando furiosa as folhas das árvores novas e frescas. Que grosseiro, pensou, que ofensivo. Barry tinha enlouquecido?

Outro vale-presente, desta vez para a Centurion, uma loja de roupas na Union Street.

— É coisa demais — disse a mãe. — Você passou completamente do limite com isso!

— E agora — disse Barry, empurrando a última caixa na direção dela —, para arrematar, presente número cinco.

A mãe abriu o embrulho e franziu a testa.

— Coordenador de estilo. Isso parece uma máquina.

— Não, não, é um cara — explicou Barry. — Você o leva até a loja e ele a ajuda a escolher o que comprar. Ele sabe o que está na moda.

Houve um momento de silêncio. A mãe olhou por cima do monte de papéis dourados, e Phoebe vislumbrou no rosto de Barry um lampejo de angústia, como se o peso de tantos presentes de repente o tivesse soterrado.

— Não fiz por mal... — desculpou-se ele.

— Claro que não — disse a mãe, voltando-se para Phoebe. — Ele está certo, não é? Eu fiquei meio careta.

— Você não é careta — afirmou Phoebe.

— Espero realmente que use essas coisas — disse Barry. — Quero dizer, que não apenas jogue tudo em um armário ou algo assim.

Os olhos dele pousaram na irmã, como se adivinhasse o desejo dela de sabotá-lo.

— É engraçado, na verdade — comentou a mãe. — Há meses venho pensando em tentar... renovar meu visual.

— Sério? — perguntou Phoebe, surpresa.

— É verdade. Mas eu não tinha ideia de por onde começar. Surpreendentemente os presentes chegaram na hora certa, Barry.

Phoebe ruminou aquilo, inquieta. Passou um bom tempo até ela se lembrar do próprio presente e tirá-lo do bolso.

— Mais presentes — disse a mãe. — Que crianças extravagantes.

Barry observou em silêncio. Phoebe já sentia o ressentimento do irmão, o medo de ser ofuscado. A mãe desembrulhou o tecido devagar, abrindo a caixa para encontrar o saquinho azul da Tiffany.

— Que sacolinha linda. Com certeza vou conseguir usá-la para alguma coisa.

Ela estava indo devagar, equilibrando o único presente de Phoebe sobre todos os de Barry, fazendo aquele processo durar mais do que um instante.

Então ela puxou a cordinha da sacola e encontrou o colar: uma gota sólida de prata em uma corrente fina.

— Ah — disse. — Ah, Phoebe, que lindo. Me ajude a colocá-lo.

Ela levantou o cabelo e Phoebe prendeu o fecho em torno do pescoço da mãe. A gota de prata repousou entre suas clavículas.

— Legal — comentou Barry, mexendo-se sobre a grama. — É bonito, Pheeb.

— É espetacular — elogiou a mãe, dando um beijo na bochecha da filha.

Phoebe sentiu o cheiro que vinha de dentro de sua blusa, o perfume de limão. A mãe sempre tivera esse mesmo cheiro. Ela manteve os olhos fixos na mãe, esperando que reconhecesse o verdadeiro significado do colar. Provavelmente ela entenderia sem que Barry nunca descobrisse — bastaria um olhar para lembrarem uma à outra os anos passados estirados à frente delas.

A mãe fechou os olhos e inclinou o rosto para o sol. Phoebe não desviou o olhar até que ela os abrisse.

— O que foi? — perguntou a mãe, endireitando-se.

Phoebe apenas a encarou. Ela ouvia uma batida distante de bongô.

— Querida, tem alguma coisa errada? — A filha manteve os olhos bem abertos. — Phoebe?

— Você não entendeu? — gritou ela, exasperada.

— Entender...

— Prata.

Ela ficou chocada por ter sido obrigada a dizer aquilo.

A mãe tocou o colar.

— Sim, eu... eu amo prata.

— Pense. Pra-ta — disse Phoebe, arrastando a palavra. — Não acredito que você não entendeu!

— O que há para entender? — gritou Barry. — Caramba, Phoebe, ela disse que gostou.

As mãos da mãe tremiam na altura do pescoço.

— Prata! Para o seu vigésimo quinto aniversário.

Mesmo naquele momento, a expressão da mãe continuava vazia. Phoebe sentiu uma onda de medo profundo na barriga.

— Ah, entendi — falou a mãe, enfim, aliviada. — O nosso vigésimo quinto aniversário, é claro. Mas isso foi no ano passado.

Phoebe endireitou-se.

— Ano passado? Como?

— O que foi no ano passado? — perguntou Barry.

— A gente se casou em 1952.

— Cinquenta e dois! Pensei que tinha sido em 1953.

— Isso não importa, querida. Mesmo. Não faz absolutamente nenhuma diferença. — A mãe ainda parecia abalada. — Meu Deus, você me assustou.

— Calma. Calma! — disse Barry. — Será que alguém pode, por favor, explicar o que este colar tem a ver com você e papai se casando?

— Prata — respondeu a mãe. — É o que se dá no vigésimo quinto aniversário de casamento.

Barry se inclinou para trás, encarando as árvores com um olhar furioso.

— Entendi — disse.

— Foi um gesto bonito — comentou a mãe, mas sem a convicção pela qual Phoebe ansiava.

Barry não respondeu. Phoebe seguiu seu olhar até uma longa pipa listrada com as cores do arco-íris que se retorcia acima das árvores. Um músculo latejou perto de sua mandíbula.

— Não fique bravo, Bear — pediu ela.

— Ah, certo. Agora a culpa é minha.

Os ombros da mãe se encolheram. Phoebe sentiu a derrota dela e se culpou: errara o ano. Olhou para as árvores e viu um senhor idoso bronzeando o rosto e o peito com uma espécie de babador de papel-alumínio. Sob tudo isso repousava uma moldura de eventos passados, uma estrutura na qual o presente se esticava feito pele. Um erro nessa moldura fazia o mundo parecer sem sentido — nuvens, cães, crianças com ioiôs fluorescentes: como eles se encaixavam? O que significavam?

— Cinquenta e dois — repetiu Phoebe, tentando se acalmar. — Não acredito que foi em 1952.

Barry abriu a boca para responder, mas então soltou o ar. A mãe tomou a mão de Phoebe nas suas, magras e quentes, cheias de veias. Phoebe relaxou. A mãe vira a moldura; ela via tudo.

Estava na hora de a mãe ir para o escritório. Ela costumava trabalhar nos fins de semana, o que levava Barry a ter acessos de raiva com o chefe dela, Jack Lamont. Eles dirigiram em silêncio até o prédio na Post Street.

— Tenho os filhos mais maravilhosos do mundo — disse a mãe, beijando ambos ao sair do carro.

Phoebe continuou jogada no banco de trás, deixando Barry sozinho na frente. Enquanto ele acelerava pela Pine Street, ultrapassando sinais um instante antes de eles ficarem verdes, ela fechou os olhos, tentando se lembrar da primeira vez que ela e o irmão ficaram um contra o outro. Mas não importava quão longe ela voltasse no tempo, parecia ter acontecido antes.

Na entrada da garagem, Barry desligou o motor.

— Quero conversar com você — disse ele, caminhando até a casa.

Durante toda a vida de Phoebe, eles tinham morado naquela mesma casa vitoriana na Clay Street. Nos últimos anos ela tinha ficado um pouco desgastada, com a pintura sem brilho e lascada, árvores malcuidadas inclinando-se em direção às janelas. O terceiro andar estava isolado havia anos e era alugado como um apartamento separado.

Barry seguiu Phoebe até a cozinha.

— Sente-se — disse ele, apontando para uma cadeira. Ela obedeceu, com o coração acelerado. — Isso tem que acabar, Phoebe. Você sabe.

— O quê? — perguntou a menina, mas ele estava certo. Ela sabia.

— Você e mamãe. Como vocês têm vivido.

— Mas você quase nunca está por perto.

— Isso é verdade — respondeu Barry, enérgico. — Para mim é fisicamente doloroso ter que entrar nesta casa! Quer dizer, caramba, Phoebe, já faz anos e nada mudou; é como em *Grandes esperanças*.

Phoebe ouvia horrorizada. Ele estava certo, pensou ela, devia estar certo. Ela tinha lido *Grandes esperanças*, mas não conseguia imaginar a que parte ele se referia.

— Não estou preocupado com você — continuou Barry. — Está prestes a começar a faculdade. Mas mamãe, caramba. Sozinha em casa, aquele chefe idiota consumindo todo o tempo dela, que já está com quarenta e sete anos, Phoebe. Pense nisso. Quarenta e sete.

— Mas eu não vou abandoná-la! — exclamou Phoebe. — Ela não vai ficar sozinha nunca.

Era a resposta errada. Barry se virou para ela com os olhos arregalados.

— Phoebe, você não entende? — gritou. — Você tem que ir embora, é isso que estou querendo dizer, cacete! Você não é mais o que ela precisa.

— Então foi por isso que você deu aquelas coisas para ela — sondou Phoebe, agora com raiva. — Para que ela possa arranjar um novo marido antes que seja tarde demais.

— Resumindo grosseiramente, sim.

Eles ficaram em silêncio por um instante, e então Barry continuou com a voz mais calma:

— Depois da Faith, não sei, mamãe simplesmente congelou. É trágico.

— Você quer dizer por causa daquele cara?

— O único cara desde o papai! E mamãe estava apaixonada por Claude...

— Não quero falar sobre isso.

— Mas depois que Faith morreu ela simplesmente...

— Pare, Bear.

Phoebe tapou os ouvidos, mas ainda conseguia escutá-lo.

— ...o cortou da sua vida. Como se achasse que não poderia mais ter aquilo. Como uma espécie de punição.

Ele nunca dissera nada parecido com aquilo. Phoebe estava atônita.

— Ela namora — disse a menina enfim, encarando um jogo americano de palha. — Mamãe sai.

— Sim, ela sai — rebateu Barry com desdém. — Mas depois volta para você, para esta casa...

— A gente mora aqui! O que mais ela pode fazer?

— Se libertar — afirmou Barry, com a voz abafada. — Só isso, se libertar.

— De quê? — perguntou Phoebe com medo. — Uma da outra?

— De tudo. Papai, Faith, a situação toda. Só... — ele abriu as mãos, um vislumbre de pele branca — se libertar.

Phoebe apoiou a cabeça na mesa. Barry se aproximou e tocou o cabelo dela, e algo na garota relaxou, confiando nele.

— Você vai se surpreender ao ver como é fácil — disse ele.

— E se a gente não quiser? — A pergunta pareceu paralisá-lo. Phoebe levantou a cabeça, então endireitou-se. — Quero dizer, por quê? — questionou ela, confusa. — Por você? Só porque você está dizendo?

— Claro que não é por mim... É por vocês — disse Barry, afastando-se da irmã. — Por você e pela mamãe.

— Mas a gente está perfeitamente feliz. Você é o único que está chateado com as coisas, Bear. Quero dizer, espere um pouco — pediu Phoebe, afastando-se da mesa para ficar de pé quando a ficha caiu. — Já entendi por que você está dizendo essas coisas, é por causa da Faith.

— Besteira — disse Barry, incomodado.

— Você quer que ela desapareça — continuou Phoebe, as próprias palavras induzindo uma sensação de choque. — Quer acabar com ela! — Barry abriu a boca, sem palavras, e Phoebe sabia que havia tocado numa ferida. — Quer que ela desapareça para que você possa ser o favorito de todo mundo.

A barba que começava a nascer no rosto de seu irmão parecia azulada na pele.

— Você não sabe do que está falando — disse ele.

— Você está com medo. Dá para ver.

Eles se encaravam de lados opostos na cozinha. Phoebe sentiu uma onda de poder sobre Barry que passou de repente.

— Deixe para lá, Bear — disse ela, aproximando-se do irmão.

Eles relaxaram apoiados um no outro, um momento raro. Até mesmo seus abraços costumavam ser tensos.

Então Barry a afastou.

— Que merda, Phoebe. Você não ouviu nada do que eu disse.

— Ouvi, sim. Tentei.

Ele riu dela.

— Você se recusa a tentar — disse. — E isso me intriga, porque o que você tem a perder? — Ele aguardou. — Nada! Não entende? Isso é nada. Você está se prendendo a nada aqui.

Ele deixou o cômodo.

— É nada coisa nenhuma! — gritou Phoebe atrás dele.

Mas Barry já tinha saído pela porta da frente, batendo-a tão forte que o chão tremeu. Phoebe ouviu o barulho do motor por vários quarteirões. Imaginou a liberdade que Barry devia sentir, seguindo a estrada em direção a Los Gatos, com o toca-fitas no volume máximo. Ela sentiu vontade de saber dirigir.

* * *

Certo sábado, dois ou três meses depois que o pai deles morreu, Barry decidiu limpar o depósito no porão para montar uma oficina de invenções. As pinturas do pai entulhavam o pequeno espaço: centenas de telas, muitas das quais haviam sido pintadas nos últimos meses antes de ele morrer. Quase todas as pinturas eram de Faith. Barry decidiu jogá-las fora.

Ele empilhou uma primeira leva em uma caixa de papelão enorme e a arrastou para a rua. Faith estava do lado de fora, aparando a trepadeira com uma enorme tesoura de poda. Phoebe estava jogada ao lado da irmã no caminho de tijolos quentes, girando hastes da planta como se fossem hélices e soltando-as, observando-as voar por um segundo.

— O que tem aí? — perguntou Faith quando Barry saiu da garagem empurrando a caixa.

— Algumas coisas velhas do papai.

Faith foi até a caixa, com a tesoura ainda nas mãos, e espiou dentro dela. Tirou uma das pinturas, um retrato de si mesma no quintal. Ela aparecia sorrindo na imagem.

— Bear, o que você está fazendo com isso?

— Jogando fora.

Faith aparentava estar confusa. Ela mal conseguia comer nos últimos meses, e a tesoura parecia pesada e escura em sua mão.

— Guarde de volta — disse ela.

— Não tem espaço.

— Coloque onde estava, Bear. De volta no porão.

— Estou jogando fora!

— Elas eram do papai! — gritou Faith.

Barry passou por ela arrastando a caixa atrás de si pela calçada. O atrito contra o chão fazia um barulho alto.

— Pare! — gritou Faith. — Só... me dê isso.

Mas alguma coisa tinha acontecido com Barry.

— Quero isso fora de casa — berrou ele. — Estou cansado dessas coisas!

Havia lágrimas em seu rosto. Ele tirou uma pintura da caixa e jogou-a na rua. Lá estava Faith, com o rosto virado para o concreto. Ela gritou como se tivesse sentido o impacto. Barry pegou mais uma pintura e tentou quebrá-la com as mãos. Phoebe correu até o irmão e segurou seus braços, mas ele se desvencilhou dela com facilidade, tirou três pinturas da caixa e as atirou o mais longe que conseguiu. Duas delas fizeram alegres cambalhotas antes de tombar. Barry era um menino magro, mas forte, e se movia com rapidez. Retratos de Faith logo estavam espalhados pela rua: pastéis, aquarelas, óleos.

Faith soluçava. Ela agitou a tesoura diante do rosto de Barry.

— Pare com isso — gritou —, ou vou matar você!

Barry hesitou. Olhou para a tesoura, então sorriu. Quebrou a pintura com o joelho. Faith enfiou a tesoura na própria coxa.

Então tudo parou. O rosto de Barry ficou tão branco que de início Phoebe achou que a irmã havia matado ambos. Houve uma longa pausa, quase calma, em que ninguém se moveu e o dia zumbiu ao redor deles.

Então tudo aconteceu de uma vez só: Faith caiu no chão. Barry rasgou a camiseta e fez um torniquete na perna dela. Desesperada, Phoebe bateu na

porta da vizinha, a Sra. Rose, que os levou ao hospital em seu carro barulhento. Houve injeções, pontos e muitas perguntas. Foi uma brincadeira, todos insistiram — instintivamente, sem plano ou discussão entre eles —, uma brincadeira que tinha ido longe demais.

Phoebe acreditava que naquele dia algo mudara de forma irreversível entre os três. Enquanto Faith estava na emergência, pálida pela perda de sangue, Phoebe viu no rosto da irmã um tipo de deslumbre com o poder do que tinha feito. Era a primavera de 1966. Naquele outono, Faith começaria o ensino médio, e em um ano estaria imersa no que havia se tornado, em retrospecto, os anos 1960. Mas quando Faith e Barry brigaram, nada disso tinha acontecido ainda. Faith tinha treze anos, vestia uma calça verde de algodão. Não sabia nada sobre drogas. Nem mesmo o primeiro de tantos namorados havia entrado na casa deles.

Após a briga, Barry se manteve fora do caminho de Faith. Ele a observava de longe, acompanhando seus movimentos com os olhos escuros. Tinha medo dela. E Faith, depois daquele dia, já não parecia mais sentir medo de nada.

* * *

Phoebe subiu para o antigo quarto da irmã e fechou a porta. Depois da morte de Faith, a mãe tinha tentado esvaziar aquele quarto, mas Phoebe fez tanto estardalhaço que ela concordou em esperar. Alguns meses tornaram-se um ano, e então dois; já era, de alguma forma, tarde demais.

Nos últimos três anos Phoebe dormira ali. Apenas dormira. Suas roupas e pertences ficavam em seu antigo quarto, no fim do corredor. Sabia que a mãe não aprovava esse arranjo, pois ela nunca tinha ido até o quarto de Faith, sentado na cama e conversado, como fazia antes.

Faith cobrira o teto com várias folhas de batique azul. Pirâmides de vidro se alinhavam nas prateleiras, junto a escaravelhos, colares de contas e miniqueimadores de incenso dourados. Do lado de fora da janela pendia um conjunto barato de sinos de vento, discos turvos e cor de pêssego que lembravam hóstias. Eles tinham vindo do mar, pensava Phoebe. O som que

emitiam tinha a dissonância vertiginosa do riso de uma criança, ou de algo delicado se espatifando.

Phoebe se jogou na cama sem tirar os sapatos de camurça, ouvindo os sinos de Faith e sentindo a casa fechar-se em volta dela como sempre acontecia quando estranhos iam embora. O quarto de Faith era cheio de imagens, fotos de sorrisos desdentados e árvores de Natal, bolos de aniversário pairando acima de rostos de crianças usando chapéus de festa. Faith amava imagens: fotografias, os desenhos do pai, não fazia diferença. Ansiava por qualquer vislumbre que pudesse capturar da própria vida refletida de volta para ela.

Objetos lotavam as prateleiras do armário da irmã: um chapéu de palha mexicano bordado com flores, uma carteira de couro, pontas de flecha cor de pele dos campos encharcados de chuva perto de St. Louis, e assim seguia, mais e mais para baixo, até que bem no fundo ficava... o quê? Phoebe não sabia. Mas havia alguma coisa. A chave para um mistério estava enterrada entre os momentos esquecidos da vida da irmã, momentos em que Faith tinha se inclinado sobre uma soleira ou caído na cama ajustando um despertador. Sozinha em casa, muitas vezes Phoebe ouvia um zumbido, alguma presença debaixo dela, à sua volta. O quarto de Faith era a entrada para isso.

Manter o quarto não era fácil. Fotos caíam da parede, a poeira se acumulava no batique. Phoebe transformava a poeira em nuvens com uma vassoura, depois aspirava o que caía no tapete. Duas vezes ela havia tirado o batique e o lavara à mão, pendurando-o no quintal para secar, e então o recolocara exatamente como ele ficava, ou quase. Ainda assim, apesar de seus melhores esforços, havia uma espécie de erosão no quarto, uma decadência, degradação e desbotamento que ela não tinha como impedir.

Phoebe raramente levava amigos para casa, consciente de que, aos olhos da maioria, ela pareceria uma louca. No entanto, ficava inconformada com isso — afinal, como morar no quarto da irmã podia ser mais louco do que se cercar de pôsteres em tamanho real de Roger Daltrey gritando num microfone, como sua amiga Celeste fazia, ou acompanhar a vida de Starsky e Hutch, ou acampar uma noite na calçada para conseguir ingressos decentes para o show do Paul McCartney? A obsessão com completos desconhecidos era considerada perfeitamente normal, mas, nas poucas ocasiões em que

pessoas de fora entraram no quarto de Faith, Phoebe enxergou a si mesma pelos olhos dos outros e ficou horrorizada. Então, ela as mantinha longe dali.

Barry causava esse mesmo efeito. Muito do que ele dissera era verdade: restos dos breves namoros da mãe enchiam a casa, com cereais matinais de uma marca estranha de um homem que fazia pesquisa de mercado e discos gravados pelo filho punk de alguém, o som cruel e mecânico que parecia uma linha de montagem de automóveis. Mas aqueles casos eram apenas anedotas de que Phoebe e sua mãe riam, como quando um homem confessara que na última encarnação tinha sido o cachorrinho da Rainha da Inglaterra...

— Você acredita? — gritou a mãe de Phoebe, tirando o escarpim enquanto a filha se contorcia na cama em uma risada horrorizada de deleite. — Um cachorro? E ele me conta isso?

Às dez e meia ela geralmente já tinha voltado para casa e ouvia Phoebe falar sobre os comprimidos de metaqualona e LSDs que vira as pessoas tomarem, sobre como seus amigos haviam disputado rachas na Great Highway e transado no mato ao lado das quadras da escola. Para cada revelação, Phoebe também dizia "não fiz isso, eles fizeram, mas eu não", tranquilizando a mãe para que soubesse que era cuidadosa, diferente e possivelmente viveria para sempre. Phoebe muitas vezes sentia que ela e a mãe haviam feito um tipo de acordo, no qual cada uma ganhava algo fundamental da outra ao manter a uma distância segura a vida que levavam fora de casa. Elas muitas vezes passavam as manhãs de sábado juntas no escritório da mãe, onde Phoebe fazia o dever de casa na mesa grande do chefe. Depois almoçavam em algum lugar chique e bebiam uma taça de Chardonnay, e, enquanto voltavam para o estacionamento sentindo a brisa do mar, Phoebe percebia a magia de suas vidas — as coisas espetaculares que as aguardavam.

Era um mistério: o que pulsava do porão, o que soava nos ouvidos de Phoebe, sozinha naquele quarto. Algo tinha acontecido com Faith.

Os anos 1960 eram mencionados e muito havia sido escrito sobre eles. Na biblioteca pública, Phoebe passara horas debruçada sobre velhos almanaques *Oracles*, folheando relatos acadêmicos e jornalísticos da "Geração do Amor". Mas ela lia tudo isso com uma suspeita incômoda e inquieta de que essas análises a levavam para mais longe do centro do mistério, não em direção a

ele. Muitas vezes, Phoebe acabava folheando revistas de moda, como a *Vogue* e a *Harper's Bazaar*, nas quais modelos posavam preguiçosamente em sua beleza involuntária, Lisa Taylor e Patti Hansen, além de Janice Dickinson olhando por cima do ombro ao ser puxada em uma rua estreita por um pequeno schnauzer preto em uma coleira. Aonde ela estava indo? Aonde todas elas estavam indo, tão lindas e distraídas, as árvores... Sim!, pensava Phoebe, a respiração acelerando ao virar as páginas. Sim. Outro mundo brilhava por meio daquelas imagens. Phoebe vasculhava as páginas meio que esperando encontrar uma foto de Faith.

Ela se encolheu na cama e fechou os olhos, querendo sentir sono, mas os sinos a distraíam. Barry estava errado, pensou ela, ele estava errado e ela estava certa, ela e sua mãe estavam certas. Tudo fazia sentido. Phoebe se revirou na cama, procurando em sua mente a indignação justa que havia sentido com Barry na cozinha. Mas o sentimento tinha sumido. Em vez disso ela sentiu outra coisa, uma vertigem desconfortável, como a que tivera quando a mãe não conseguira compreender o colar de prata. Phoebe abriu os olhos e examinou o quarto de Faith, as imagens e bugigangas que tinha se esforçado por tantos anos para manter intactas. Estou certa, pensou ela, tudo faz sentido. E então: por quanto tempo posso continuar assim?

* * *

O chefe da mãe a dispensou às sete da noite. Ela estava alegre, queimada de sol.

— Meu Deus, eu estava congelando só com aquele suéter maldito — disse ela, jogando as roupas em cima da cama e indo para o banheiro.

Phoebe se empoleirou no vaso sanitário, falando alto com a mãe enquanto ela tomava banho. O aroma delicado de seu sabonete espalhou-se com o vapor, e Phoebe ficou muito aliviada por ela estar de volta. Uma neblina envolvera a casa, passeando friamente pelas janelas. Phoebe baixou as persianas.

Sua mãe vestiu um conjunto de moletom e as duas desceram para fazer um suflê de queijo. Phoebe picou as folhas de alface. Ela nunca tinha aprendido a cozinhar de verdade, mas era uma boa ajudante.

Revezando-se, elas bateram as claras em uma tigela de cobre enquanto um concerto para piano de Brahms ecoava pela casa. Phoebe notou uma corrente fina de ouro no pulso da mãe.

— Você estava usando isso antes? — perguntou.

A mãe hesitou, segurando o batedor.

— Não é incrível? — disse. — Estava na minha mesa, embrulhada.

— Jack? — indagou Phoebe, incrédula.

Os únicos aniversários da mãe que seu chefe lembrara tinham sido aqueles em que ela o fizera lembrar.

— Pois é. Quase caí dura.

— Ele... Quer dizer, ele viu você abrindo?

— Não, ele sumiu. Acho que estava envergonhado.

— Talvez não tenha sido ele.

— Foi, sim. Quer dizer, eu agradeci a ele. É bonita, você não acha?

Depois do jantar, elas levaram potes de Häagen-Dazs para o andar de cima, até a cama gigantesca da mãe. Uma reprise do seriado *Rockford Files* estava passando na TV. Como esperado, Jim Rockford se apaixonou pela mulher que ele tentava proteger e seu velho pai foi ameaçado por bandidos do lado de fora de seu trailer prateado. Phoebe lutou contra o sono, mas finalmente cedeu.

Sua mãe a acordou.

— Você está exausta — disse ela. — Vá para a cama.

— Espere, quero ver o final — murmurou Phoebe, sentando-se e esfregando os olhos.

Ela procurou Rockford na tela.

— O programa acabou, querida — informou a mãe. — É só o noticiário. Acabou enquanto você estava dormindo.

Três

Quando o pai de Phoebe pintava quadros da sua irmã Faith, a caçula às vezes batia em objetos para tentar chamar a atenção dele, ou remexia em folhas caso eles estivessem ao ar livre. O pai olhava, mas só por um segundo.

Ela tentava sumir, cambaleando descalça em meio aos arbustos ou se escondendo em seu quarto, esperando alguém chamá-la, mas ninguém aparecia.

No final, frustrada, ela voltava. Faith chamava Phoebe sem sequer mexer a cabeça — ela era boa em posar para pinturas. Phoebe se jogava na irmã e, do nada, sentia-se feliz. O pai sorria.

— Você estava ignorando a gente, esquilinho — dizia ele.

Depois Phoebe corria para olhar a tela, pensando que também poderia estar na pintura, mas apenas sua irmã aparecia. Às vezes, nem mesmo Faith era totalmente visível, havia apenas uma sugestão de seu rosto, uma sombra ou então nada. Mas mesmo nesses casos Phoebe via a irmã escondida entre as árvores, as janelas ou nos desenhos abstratos, como um segredo. Ela estava sempre lá.

* * *

— É um gesto — disse o pai —, uma expressão que você faz com o corpo.

Aulas de mergulho. Uma gigantesca piscina turquesa, na qual a água ficava parecendo xarope sob a luz densa do verão. Três trampolins: o mais alto, um verdadeiro arranha-céu onde apenas os experientes mergulhadores adolescentes se arriscavam, meninos com pernas curtas e torsos longos e afunilados e meninas de corpos esguios que se curvavam em direção à piscina como aves mergulhando para pegar peixes, fazendo respingar tão

pouco a água que passavam a impressão de ter ascendido, mais do que de ter mergulhado.

— É claro que você está com medo — disse o pai. — Não lute contra isso, esse é o truque. Vá ao encontro do medo. Deixe tudo para trás e você vai conseguir tudo de volta, prometo.

Phoebe ouviu, abismada. Era nova demais para mergulhar sem ser da borda da piscina, mas entendia a expressão no rosto do pai. Ele subiu no trampolim mais baixo e saltou, elegante com sua sunga desbotada, seu corpo musculoso mais parecido com o dos garotos do que com os torsos meio flácidos dos outros pais. Ele ainda conseguia nadar mais de dois quilômetros, embora sua melhor época tivesse sido durante o seminário.

— Não lute contra o medo... Deixe ele engolir você — aconselhou, ainda balançando no trampolim. As crianças assentiam ao ouvirem. De repente, ele parou e saiu de cima da prancha. — Pobres crianças — disse. — Vocês só querem se molhar.

De uma cadeira reclinável, ele os observava treinando, com Phoebe distraidamente em seu colo, e gritava por cima da cabeça dela para Faith e Barry.

— Você não está pronta para isso — afirmou ele quando Faith foi para o trampolim do meio. Ela tentou mesmo assim, atingindo a água com um mergulho desajeitado, agitando as pernas para trás por cima da cabeça. — Ela é uma exibida. Isso não é o suficiente — comentou ele com Phoebe, acrescentando com uma risada: — Que pena.

Todo mês de julho, durante dez dias, eles iam a St. Louis visitar a avó e o avô na mansão onde sua mãe crescera, e enquanto a mãe jogava *bridge* com velhos amigos ou golfe com o avô deles, o pai os levava para o clube. Uma grama espessa cercava a piscina. Era possível pedir o almoço ali mesmo: queijo cottage, salada niçoise. Nenhum dinheiro trocava de mãos; apenas se assinava “3342” com um pequeno lápis amarelo e a conta ia para o vovô e a vovó. Nos finais de tarde, bronzeado, de banho tomado e martíni na mão, o pai de Phoebe a levantava nos braços para esperar pela esposa no terraço do clube. Quando ele olhava para os gramados verdes inclinados e para os canteiros ovais, Phoebe sentia sua felicidade. Por trás dos ruídos dos gafanhotos ela ouvia o baque fraco de bolas de tênis, como batimentos

cardíacos. Havia um cheiro quente e doce de grama cortada. Ele estava feliz. Phoebe bebia seu coquetel Shirley Temple, guardando a cereja para o final. O calor do verão em seus braços nus enchendo o céu com estranhas cores imaginárias. Parecia o paraíso.

Mas ele nunca pintava o suficiente. Ao fincar as estacas do cavalete bem fundo no gramado, o pai olhava para as altas árvores de olmo e nogueiras do lado de fora da casa dos avós, todos os outros tendo se afastado para deixá-lo em paz.

— Não acredito que só fiz isso — dizia ele, a voz em pânico com a descoberta de que tinha passado as férias bebendo coquetéis, deixando as mulheres do clube encantadas com sua beleza elegante e seu ar maroto de quem veio de outro lugar, um menos exigente.

As férias tinham acabado. No dia seguinte, eles pegariam o avião para casa.

— Eu os levo ao clube hoje — disse a mãe. — Você fica por aqui e pinta.

Mas não, não, ele iria levá-los. Estava morrendo de vontade de dar uma escapada.

Ao lado da piscina, o pai deitou-se em uma espreguiçadeira e fechou os olhos. Phoebe, Barry e Faith se reuniram impotentes em torno dele, com medo de um mundo capaz de reduzir seu pai a tamanho desespero. Phoebe encarou seu rosto tenso e infeliz e quis ajudar, mas sentia-se muito pequena. Ele não conseguia vê-la.

Faith não parava de olhar para o pai, brincando com as alças do maiô. Finalmente, ficou de pé. Com uma expressão de medo, ela andou devagar até o trampolim mais alto e subiu os degraus. Parecia minúscula lá em cima, com onze anos, magra e bastante bronzeada, os joelhos ligeiramente trêmulos.

— Pai — chamou Barry.

O pai abriu os olhos e os esfregou, seguiu os olhares de Phoebe e Barry e sentou-se ereto, os músculos do pescoço tensos. Faith ficou muito tempo na beira do trampolim. Alguns adolescentes esperavam impacientemente lá embaixo, esticando o pescoço para ver o que estava demorando tanto. *Por favor, faça isso*, pensou Phoebe. *Por favor, por favor, faça isso*. Faith experimentou se balançar uma vez. Então seus movimentos foram tomados por uma limpidez, uma serenidade; ela pulou alto no ar, abriu os braços e se arqueou em um mergulho de cisne, com a cabeça apontada para baixo como

uma flecha, impulsionando seu corpo esguio para a água azul-turquesa. Ela respingou muito pouco — nos anos seguintes, Faith nunca mais iria igualar aquele primeiro mergulho perfeito, um fato que a atormentara —, e o pai se levantou.

— Isso aí! — gritou ele. — Nossa, vocês viram o que ela fez?

Ele sorria, seu desespero se fora, e Phoebe sabia que o dia estava salvo.

Faith também deve ter percebido isso. Ela saiu da água, suas pegadas de cloro respingando na borda de concreto da piscina, sorrindo de orelha a orelha enquanto todos a esperavam, e então Phoebe ficou com raiva: por que ela? Por que sempre ela? Em seguida, de repente, começou a escorrer sangue do nariz de sua irmã até a boca, o queixo e o pescoço, salpicando o concreto molhado, como se por acidente ela tivesse expirado sangue em vez de ar. Faith franziu a testa, levando a mão até o rosto.

— Ah — disse.

Houve um momento de confusão antes de o pai correr para o lado da filha mais velha, deitá-la suavemente na grama e mandar Barry pegar gelo e uma toalha molhada.

Quando o sangramento enfim parou, Faith dormiu profundamente por três horas. O pai a levou com delicadeza para a sombra de uma árvore, mas ela não acordou; estava exausta.

Phoebe e Barry foram nadar e depois pediram sanduíches de queijo para o almoço. Ao ver o corpo magro e adormecido de Faith, Phoebe sentiu algo se remexer em seu estômago e ficou com vergonha de si mesma por ter desejado que a irmã saltasse.

As lembranças inconsistentes de Phoebe sobre o pai a deixavam com raiva de si mesma; ela deveria ter prestado mais atenção, deveria ter memorizado dias inteiros da vida dele. Ela se lembrava da força de seus braços, da rudeza e facilidade com que ele a levantava até o peito — distraído, como se ela fosse um gato que ele queria colocar fora de casa —, jogava-a no ar ou dava palmadas sem aviso prévio, deixando-a tão surpresa que o choro era algo secundário.

Seu bigode escuro era inesperadamente macio. Nas manhãs em que o pai e a mãe ainda estavam na cama, Phoebe se enfiava entre eles, inalando o calor leitoso da pele deles, mais macia depois de horas de sono.

Vovó e vovô O’Connor ainda moravam na cidade do sul da Califórnia onde o pai de Phoebe crescera. Mirasol girava em torno da Marinha — vovô tinha sido policial militar —, e a pequena casa verde-oliva onde eles moravam não poderia contrastar mais com a mansão de St. Louis dos outros avós. Mas havia um oceano em Mirasol. O vento marítimo sacudia as portas da igreja do bairro, grãos de areia caíam de livros de oração. Enquanto Phoebe observava o padre partir a hóstia, pensava: aquele poderia ter sido o meu pai. Ele quase tinha se tornado padre. Phoebe imaginava seus braços fortes elevando o cálice dourado para beber o sangue de Cristo, colocando uma hóstia pálida na língua de cada paroquiano, murmurando “Amém” para cada “Corpo de Cristo”. Porém, para a infinita mágoa de vovô e vovó O’Connor, seu pai tinha recusado uma posição entre os Padres da Santa Cruz em Notre Dame e ido para a Universidade de Berkeley, onde ele aturava as aulas de engenharia elétrica para que à noite pudesse bancar o boêmio, esboçando modelos nuas em estúdios de arte com paredes manchadas de tinta.

Depois, ele se mudou para São Francisco, morou em North Beach e trabalhou em construções que lhe custaram parte da audição do lado esquerdo. Nos fins de semana ele montava o cavalete atrás do Museu Marítimo e pintava os velhos italianos de olhos azuis que jogavam bocha. A mãe de Phoebe o conhecera lá, durante uma viagem a São Francisco com os amigos da Bryn Mawr College, um presente de formatura de seus pais. Depois do casamento, o pai de Phoebe começou a trabalhar como engenheiro na IBM, o emprego que ela passou a acreditar que lhe custou a vida.

* * *

Phoebe cresceu rodeada de esboços de Faith: nos braços da mãe no hospital, em casa, no seu berço, espirrando água no banho, em uma cadeira alta, na cadeirinha do carro, no cercadinho. Ao lado dos registros vívidos da infância de sua irmã, a própria existência de Phoebe parecia indefinida, e isso a confundia e a enfurecia. Sete anos mais nova, ela suportava a contragosto histórias de como Faith se atirava em tudo o que via com suas mãozinhas espalmadas: abelhas, zangões, vidro quebrado, brincos de diamante. Todos comentavam sobre a sua ousadia, como quando seu pai a empurrou no

balanço e ela o provocou gritando “Mais alto! Mais alto!”, até que, aos quatro anos, o balanço ultrapassou a barra em que estava preso, vacilou no ar e derrubou Faith na areia.

A mãe gritou, saltou do banco onde empurrava o carrinho de bebê de Barry e correu para Faith, que jazia contorcida em um montinho.

— Gene, como você pôde empurrá-la tão alto? — gritou a mãe.

— Ela me pediu — respondeu ele, abalado e envergonhado. — Ela ficava dizendo “mais alto”.

Faith estava pálida, com os lábios secos. Grãos de areia caíam de seu cabelo.

— Olhe para ela — repreendeu a mãe, levantando a menina. — Sinceramente, Gene, ela tem quatro anos.

— Não machucou — sussurrou Faith. Quando seus pais a olharam incrédulos, ela insistiu: — Não machucou.

Anos mais tarde, os avós ainda a provocariam, perguntando: “Machucou? Isso machucou?” “De jeito nenhum”, respondia Faith todas as vezes, rindo. Ela era famosa por isso.

* * *

Phoebe tentava alcançar a ousadia da irmã de várias pequenas maneiras, se arriscando um pouquinho em seu triciclo ou com o cachorro do vizinho, mas Faith era mais velha, então sempre fazia mais. Quando as façanhas de sua irmã a deixavam em apuros, Phoebe sentia uma onda de satisfação culpada. Uma vez, Faith chegou em casa chorando depois de um passeio de caça em Sonoma com o pai, apertando um coelho morto no peito.

— Bem, é claro que está morto. Você atirou nele, pelo amor de Deus — disse o pai, exasperado.

Mas essa não havia sido a intenção de Faith: ela adorava atirar em pombos de barro, mas nunca tinha caçado, e de alguma forma não havia entendido que atirar em um pedaço de pelagem marrom causaria a morte de alguma coisa.

Ela enterrou o coelho no quintal entre os outros amados animais de estimação da família (“Morto por mim”, dizia seu epitáfio, rabiscado em

gravetos com caneta hidrográfica, e abaixo: “sinto muito, coelhinho”). Anos mais tarde, Faith ainda mencionava o incidente, aquele pobre coelho que ela havia matado sem querer.

Um domingo no rio Osage: no píer de alguém, com ripas de madeira escorregadias, Faith brincava com outras crianças de empurrar até que um menino a mandou voando ainda de chapéu para o rio, na frente de todos os pais. Faith emergiu pingando, rindo loucamente sob o chapéu encharcado, esperou até que seu atacante não estivesse olhando e então se lançou contra ele, de modo que o menino escorregou e caiu na água, batendo a cabeça no píer, e abriu um grande corte acima do olho esquerdo. O horror de Faith ao ver o rosto daquele garoto banhado em sangue, todos os pais levantando com um pulo das cadeiras brancas em um movimento único. Eles correram na direção do menino, cujo olho foi salvo por um centímetro — menos até — e, enquanto se reuniam para levá-lo ao hospital, Phoebe seguiu a irmã até um canto escondido do gramado, incapaz de fazê-la parar de chorar. Phoebe sentiu medo naquele momento, tocada pela maldade do que Faith tinha feito. Sua irmã desapareceu pelo resto daquele dia. Encontraram-na ao anoitecer, enroscada em um quarto de hóspedes, dormindo. Seu pai a carregou para o carro. De volta à casa dos avós, Phoebe ficou atrás da porta do quarto dos pais e os ouviu discutindo.

— Estou dizendo para parar de incentivá-la — falou a mãe. — Você está vendo o que acontece.

— O que você quer dizer? Incentivá-la como?

— Quero dizer que ela faz isso para você. Essa selvageria. Fala sério, Gene. Você sabe muito bem que isso é para você.

A voz do pai estava baixa, furiosa:

— Você acha que eu disse a ela para derrubar aquele garoto no rio? Não digo a ela para ser selvagem, pelo amor de Deus. Ela é assim.

— Nem precisa dizer a ela — falou a mãe. — Qualquer idiota vê que isso o deixa feliz.

* * *

Ao lembrar-se do pai, Phoebe via um homem que estava sempre se esforçando para fazer muitas coisas ao mesmo tempo: crianças, pastas de documentos, rolos de tela não esticados. Ela o via subindo a escada da garagem aos saltos, atrasado para o jantar depois da leitura de um dos poetas da geração beat que ele tanto admirava, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso, Michael McClure — todos eram seus conhecidos. Ele havia inclusive estado presente na lendária noite em que Allen Ginsberg desafiou um baderneiro a ficar nu, e então tirou as próprias roupas perante uma plateia atônita. Muitas vezes, seu pai pintava tarde da noite, roubando uma ou duas horas quando todos tinham ido dormir. Ele estaria de pé no dia seguinte antes de qualquer um, com a barba bem-feita, cheirando a limão. Com olheiras, ele se despedia de todos com um beijo e dirigia até o centro para sua outra vida, a que ele desprezava.

Nos fins de semana, ele levava o cavalete, as telas e a caixa de tintas até os penhascos perto da Golden Gate. Se Phoebe andasse devagar o suficiente, o pai a pegava nos braços e a levava também. A mãe o seguia com o cobertor, a câmera e a cesta de piquenique, acompanhando Faith e Barry. Apenas quando acabavam de comer o pai ajeitava a tela no cavalete e ficava parado diante dela, ansioso. Muitas vezes ele não conseguia pintar, nem sequer conseguia começar e, por fim, desistia, apoiando a cabeça no colo da esposa. Mas de vez em quando Faith vagava por ali e entregava a ele uma flor roxa vibrante que colhera, e o pai tinha um estalo.

— Querida, você pode ficar ali um minuto? — pedia ele, e Faith sempre o atendia.

Phoebe não conseguia se lembrar de nenhum momento em que a irmã tivesse se recusado por preferir uma brincadeira ou uma fortaleza que ela e Barry estivessem construindo, mas deve ter havido momentos em que ela quis negar. Ou talvez não. Talvez nada na própria Faith pudesse competir com a necessidade que o pai tinha dela, seu poder único e aparentemente ilimitado para salvá-lo.

* * *

De vez em quando, Barry aparecia, após passar horas sozinho no quarto, segurando uma máquina que ele mostrava ao pai. Phoebe sempre odiava essas ocasiões: por mais que seu pai tentasse prestar atenção, máquinas eram seu trabalho e ele as detestava.

— Você fez essas coisas na escola, não foi, pai? — perguntava Barry, sempre esperançoso de início. — Tem alguma ideia de como posso fazer isso funcionar de trás para a frente? — Quando percebia que o pai não estava prestando muita atenção, Barry se calava. — Esquece — dizia, e ia embora contrariado, deixando o pai assustado e sem saber o que tinha feito de errado.

Não! Phoebe queria gritar do lado de fora do quarto do irmão. Não, não, não! Ele só piorava tudo. Ela sentia uma dor tão terrível, sabendo o que iria acontecer, mas incapaz de impedir. Isso a deixava doente. Ela tinha pena do irmão e não queria compartilhar de sua fraqueza.

* * *

O pai deles estava sempre se esforçando, sempre cansado, mas chegou um momento em que ele precisou se esforçar ainda mais para fazer o que sempre fizera, um momento em que de repente ficou exausto. Os círculos sob seus olhos ficaram escuros e úmidos como barro. Até mesmo sua pele parecia mais frágil, formando hematomas ao menor impacto. Phoebe, Barry e Faith não se amontoavam mais em cima do pai quando ele cambaleava para casa do trabalho; passaram a cercar suas pernas e as seguravam bem apertado, enchendo-o com a força deles, reabastecendo o que a IBM havia drenado.

Certa noite, quando Phoebe tinha cinco anos, ela olhou para a outra extremidade da mesa de jantar e viu o pai dormindo. Sua mãe estava agachada em frente ao forno com Faith, espetando um palito em um bolo de chocolate. A cozinha estava quente, um arco de vapor em cada vidraça.

— Papai — chamou Phoebe suavemente. Ele não se mexeu. Seus lábios estavam brancos. — Papai?

Barry estava sentado ao lado dele, derramando sal na toalha de mesa e o distribuindo em montinhos com o garfo. Normalmente, o pai o teria repreendido — os montinhos de sal eram motivo de uma batalha frequente entre os dois —, e Barry exibia um sorriso de triunfo incrédulo por estar

conseguindo ir adiante com aquilo. Ele olhou para o pai, cuja cabeça pendia para um lado. Ouviram a respiração ofegante dele. Barry sorriu para Phoebe e puxou alguns pelos do braço do pai.

Faith correu de volta para a mesa segurando o bolo com dois pegadores de panela vermelhos. Ao ver o pai, ela parou.

— Mamãe — chamou ela.

— Meu Deus — exclamou a mãe, sentando-se em uma cadeira e puxando o pai para ela, de modo que a cabeça dele se recostou em seu ombro. — Vamos levar você para a cama.

Ele assentiu, levantando-se bem devagar.

Quando os dois saíram da sala, as três crianças se entreolharam, sem saber como reagir. Barry ainda exibia seu sorriso hesitante. Mas Faith parecia assustada e Phoebe também sentiu aquilo, como água gélida descendo por sua espinha. O prato do bolo continuava nas mãos de Faith, esquecido.

* * *

O dia seguinte era um domingo. Na segunda-feira o pai iria ao médico. Havia uma falsa cordialidade no ar, risadas altas e empolgadas demais.

Depois da igreja, eles foram para a Baker Beach. As ondas lá costumavam ser volumosas e pesadas, e se afastavam da areia áspera com um som que lembrava fritura. Mas naquele dia o mar estava liso, prateado como um lago.

A mãe se apoiou em um tronco, um braço em volta do marido. Faith e Barry arregaçaram as pernas das calças para passear e Phoebe correu atrás deles, gritando toda vez que a água gelada tocava seus pés. Barry queria que o pai caminhasse com ele até o final da praia, onde os mexilhões gigantescos e estrelas-do-mar roxas se agarravam às rochas.

— Acho que não, Bear — disse o pai. — Hoje não.

Barry ficou cabisbaixo e a mãe ofereceu-se para ir. Eles partiram, pisando na areia grossa.

— Quer que eu pose para você? — perguntou Faith.

— Estou cansado — disse o pai. — Por que você não faz um desenho meu, para variar?

— Tudo bem — concordou Faith, animada. Ela se sentou, a grande prancheta cobrindo as pernas. Segurou o pedaço de carvão entre dois dedos e olhou para o pai. Os dois riram com timidez. — É difícil.

— Claro que é difícil — disse ele, fechando os olhos e descansando a cabeça no tronco. — Basta desenhar o que você vê.

Phoebe encostou-se na irmã. Juntas, elas analisaram o rosto pálido e cansado do pai. Faith riscou poucas linhas, o carvão tremendo nos dedos. Quanto mais tempo os olhos do pai permaneciam fechados, mais nervosas elas ficavam. Precisavam mantê-lo acordado.

Faith se levantou. A prancheta caiu na areia e os olhos do pai se abriram.

— Vou nadar — disse ela, um pouco sem fôlego.

Phoebe olhou para ela, surpresa. Aquela não era uma praia para nadar.

— De roupa? — perguntou o pai.

— Botei um maiô.

Ela tirou o suéter com pressa, baixando as calças de elástico para revelar o maiô azul com um babado branco na parte inferior. O vento a fez estremecer.

O pai se sentou.

— Putz! Se você tivesse me dito, eu teria colocado minha sunga.

— Mas você está cansado — disse Faith.

— Não tanto assim.

Phoebe ficou aliviada. A irmã se mexia na areia, nervosa.

— Você vai ficar me olhando? — perguntou.

— Claro que sim. Só não vá muito longe.

— Mas olhe.

Faith sempre pedia para que a observassem. Havia chegado àquela idade em que nada parece muito real sem uma plateia. Ela caminhou em direção ao mar.

— Ela é louca — comentou o pai, e riu. — Sua irmã é cem por cento maluca.

Eles assistiram a Faith entrar na água lentamente. Ela tinha doze anos, era frágil em sua adolescência: pequenos seios que surpreendiam Phoebe sempre que ela os notava, uma curva suave na cintura. Phoebe viu, pela lentidão com que a irmã andava, que ela estava com medo da água. E daí?, pensou ela, ansiosa. Entre logo.

O pai encostou-se no tronco e colocou Phoebe no colo. Sua cabeça se encaixava perfeitamente sob o queixo dele. Juntos, eles observaram Faith ir mais para o fundo.

— Deve estar frio para caramba — comentou ele.

Faith virou-se para olhar para eles.

— Vocês estão vendo?

— Estamos vendo — gritou ele. — Queremos saber quando você vai mergulhar a cabeça.

No instante em que ele disse isso, Faith afundou na água e começou a nadar. Com braçadas cuidadosas, ela se deslocava paralelamente à costa, primeiro nadando *crawl*, depois peito. Então se virou e voltou de outro jeito, nadando de costas e de lado. De vez em quando ela parava, chamando para se certificar de que estavam assistindo. Phoebe engrossava o grito do pai com o seu: ela estava feliz, pois Faith o mantinha acordado.

— Você deve estar morrendo de frio — gritou ele.

— Não estou — berrou Faith batendo os dentes. — Estou quente como um deserto.

Mesmo assim, aos poucos, Phoebe sentiu a cabeça do pai pesando sobre seu queixo. Faith nadava borboleta.

— Está vendo? — perguntou ela.

Mas o vento tinha aumentado e sua voz estava fraca. Os olhos do pai deviam ter se fechado.

— Papai?

Phoebe levantou o braço, mas, pelo jeito, a irmã não conseguia vê-la.

— Pai? — chamou Faith novamente.

Quando não houve resposta, ela voltou a nadar, dessa vez mais depressa e para longe da costa. *Vá em frente*, pensou Phoebe, *mais rápido*! Ela se sentia incapaz de se mover, como se pudesse agir apenas através de Faith, como se os movimentos da irmã a incluíssem. Vá, vá, pensou, observando a silhueta de Faith diminuir. Isso! Ele teria que acordar então.

Na vez seguinte em que Faith parou de nadar, ela parecia minúscula. Se estava gritando, Phoebe não conseguia ouvir. Faith ficou lá, olhando para trás, em direção à costa, como se estivesse esperando. Phoebe se sentia pronta para explodir com o impulso de correr para a água, gritar que seu pai estava

dormindo de novo e que Faith precisava fazer alguma coisa. Mas ele estava descansando tão pesadamente nela, inspirando de forma longa e profunda, que Phoebe ficou paralisada — não congelada, mas ausente, sem um corpo próprio. Vá, pensou ela, continue. E, como se a ouvisse, Faith voltou a nadar. Tinha ficado difícil enxergar a irmã através do brilho frio da luz do sol sobre o mar. Phoebe pensou que ela havia parado mais uma vez, mas não tinha certeza.

Funcionou. Para grande alívio de Phoebe, seu pai se mexeu atrás dela. Ele esfregou os olhos, balançou a cabeça e olhou para o mar. Olhou a praia de cima a baixo.

— Onde está Faith? — perguntou.

— Nadando.

Ele ficou de pé, segurando Phoebe nos braços. Ele a colocou na areia.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Onde ela está?

Não tinha ocorrido a Phoebe que a própria Faith pudesse estar em perigo. Agora, uma sensação de culpa crescia dentro dela enquanto seu pai corria para a beira d'água. Ela o seguiu devagar.

— Faith! — gritou ele com toda a força de seus pulmões. — Faith! — Sua voz cortou o vento e o esforço de gritar tão alto o fez começar a tossir. — Faith! — Ele a chamou várias vezes. Então protegeu os olhos com uma das mãos e olhou para a água. — Acho que estou vendo — disse. — Acho que ela está lá.

Ele se virou para Phoebe, que esperava timidamente ao seu lado. As calças do pai estavam encharcadas até as coxas. Ele pegou o braço de Phoebe e deu palmadas em sua bunda com tanta pressa e eficiência que ela só entendeu o que estava acontecendo quando acabou.

— Como você a deixou ir tão longe? — gritou ele, impotente. — Por que não me acordou?

Phoebe começou a chorar. Ela não sabia o motivo.

O pai voltou a chamar Faith. Gritou até quase não ter mais voz, e então tossiu repetidas vezes, sem conseguir parar, até que, para horror de Phoebe, ele se curvou e vomitou na água. Então limpou a boca e começou a gritar por Faith.

Ela estava nadando de volta. Phoebe viu os pequenos braços da irmã batendo no mar. O rosto de seu pai estava acinzentado; parecia à beira de um colapso. Ele se afastou da água, respirando com dificuldade. Phoebe se agarrou à sua perna, e distraidamente ele apoiou a mão em sua cabeça.

— Ela está voltando — disse ele. — Você consegue vê-la?

Por fim, Faith saiu da água, frágil e exausta, quase ofegante. Pelo olhar do pai, deve ter percebido que estava em apuros.

— Você disse que ia ficar olhando — comentou ela, sem confiança.

O pai deu um tapa no rosto dela, e a palma da mão fez um barulho molhado e alto em sua bochecha. Faith pareceu atordoada, e então seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não doeu — falou ela.

Ele bateu na filha novamente, mais forte dessa vez. Phoebe, de pé ali ao lado, começou a choramingar.

Faith estava tremendo, seus braços e pernas magrelos arrepiados. A cada respiração, suas costelas se destacavam como mãos segurando-a pela cintura.

— Não doeu — sussurrou ela.

O pai bateu na filha de novo, tão forte dessa vez que Faith se curvou. Por um momento, ela não se mexeu. Phoebe começou a chorar.

Então ele pegou Faith nos braços. Ela se agarrou a ele, soluçando. O pai estava chorando também, o que assustou Phoebe, pois ela nunca o tinha visto chorar.

— Como você pôde me dar um susto desse jeito? — perguntou ele, soluçando. — Sabe que o meu coração é seu, você sabe disso.

Ele falou como se o quisesse de volta.

Phoebe abraçou qualquer parte deles que conseguiu alcançar: as calças molhadas do pai, as panturrilhas escorregadias de Faith. Muito tempo pareceu passar enquanto eles ficaram assim.

Por fim, o pai baixou Faith na areia. Ela olhou para ele, os dentes batendo violentamente.

— Papai, você vai morrer? — perguntou ela.

Houve uma pausa.

— Claro que não — respondeu. — Não há nada de errado comigo.

— Você não está com medo?

— Não, não estou com medo. Por quê, você está?

Faith demorou um pouco a responder. Phoebe pensou no pai tossindo e vomitando nas ondas. Ela desejou não ter visto aquilo.

— Não — disse Faith devagar. — Não estou com medo.

Ele morreu um ano depois.

QUATRO

Depois da morte do pai, Phoebe parecia uma sonâmbula entre os outros alunos, extirpada do ânimo que os impulsionava a pular corda, jogar bola e queimado. Suas pernas pareciam muito pesadas. Até mesmo sua cabeça pesava. Ela queria tirá-la do pescoço e deixá-la em algum lugar.

Phoebe nunca acreditara que seu pai iria morrer. Depois que ele ficou doente, ela ia todos os dias à igreja com Faith e relaxava ao lado da irmã no banco, contentando-se em balançar os pés e olhar para o Senhor pendente e para as velas bonitas enquanto a irmã cuidava das orações. Phoebe quase nunca se dava o trabalho de rezar, e, quando o fazia, muitas vezes era com algum objetivo mesquinho: sua maior preocupação eram aquelas bonecas que vinham dentro de frascos de perfume de plástico, cada uma com um cheiro. Ela tinha Lilás e Lavanda, mas estava desesperada pela Rosa. Não se preocupava muito com o pai. Ela não tinha como ajudá-lo e, portanto, não era responsável; Faith estava agindo pelas duas. Phoebe saía da igreja sentindo-se renovada pelas preces febris da irmã, segura, como Faith parecia estar, de que qualquer cura que ela estivesse operando pudesse resultar apenas na recuperação do pai.

Depois que ele morreu, Faith parou de pentear o cabelo e um ninho de ratos gigantesco se formou na parte de trás. Ela não se importava. Lágrimas silenciosas desprendiam de seus olhos quando a mãe tentava escová-lo. Ela foi acometida por dores no estômago, o que levou o Dr. Andrews a limitar sua dieta a arroz cozido e biscoitos de água e sal. Ela perdia peso como quem tira peças de roupa. Ela desapareceu. E só então Phoebe percebeu o mundo brilhante e mágico que a velha Faith tinha criado. As brincadeiras de rua se formavam ao redor dela espontaneamente — estátua, batata quente, pique-bandeira — e duravam dias nas horas animadas entre a escola e o jantar. A casa deles fora um labirinto de passagens secretas que Faith nunca se cansava

de procurar, batendo no assoalho e xeretando molduras na crença zelosa de que a qualquer momento uma parede deslizaria para revelar cidades subterrâneas, baús de tesouro repletos de pérolas e prata. Barry tentou preencher a lacuna da ausência de sua irmã, tentou mobilizar os vizinhos para uma caça ao tesouro em um sábado, mas seu esforço fracassou. Ele não bastava. Aos poucos, a turma da vizinhança começou a se dispersar, e Barry se recolheu ao seu quarto, atormentado pelo fracasso.

Uma mesmice mortal se abateu sobre eles. O assoalho e as paredes da casa já não vibravam mais com passagens secretas: era apenas uma casa. A rua era uma rua, o quarto de Phoebe, um quarto, não uma colmeia de esconderijos. Sua mãe os abraçava o tempo todo, alisando seus cabelos, mas ela se movia como alguém debaixo d'água, tão pálida que Phoebe via veias azuis em suas têmporas. Ao perder o pai, eles tinham de alguma forma perdido uns aos outros: a porta de Barry estava sempre fechada, Faith ficava sozinha jogada em frente à TV. Por mais que tentassem ser alegres no jantar, por fim, o silêncio vencia, acabando com as conversas como o nevoeiro que oprimia a casa toda noite, ofuscando a visão das outras residências. Phoebe queria gritar, matar aquele silêncio para sempre, mas sentia-se soterrada sob a banalidade de tudo em sua vida: uma caixa de leite ou um tablete de manteiga eram tijolos colocados sobre ela, um de cada vez. Ela começou a fechar a porta do próprio quarto, perdendo-se entre *As Crônicas de Nárnia*, *Alice no País das Maravilhas*, *Peter Pan*, mundos mágicos que pareciam a Phoebe muito menos mágicos do que o mundo de Faith havia sido antes de o pai morrer.

Refazer os passos da vida do pai era uma das poucas atividades que Faith ainda achava proveitosa. Phoebe gostava de dar uma volta com ela pelos redutos de solteiro em North Beach.

— Papai se sentou neste mesmo banco — disse Faith na Washington Square, em frente à Igreja de São Pedro e São Paulo, cuja fachada branca ele adorava pintar. — Ele se deitou neste gramado.

E Phoebe compartilhava o assombro da irmã ao tocar exatamente as mesmas coisas que seu pai havia tocado. Ele se fora para sempre, mas estava em toda parte. Parecia um milagre.

Naquela época, os jovens se reuniam no Washington Square Park vestindo roupas coloridas, fumando e tocando violão. Faith era tímida demais para abordá-los, mas eles a fascinavam. Especulava que deviam ser pintores ou os poetas beatniks que seu pai tanto admirara. Ela usava Phoebe como um acessório, carregando-a nos ombros pelo Washington Square Park para ter uma visão melhor dos frequentadores boêmios. Depois que o pai morreu, aqueles eram os momentos mais felizes de Phoebe.

* * *

No mês de março seguinte, em 1967, a mãe deles partiu em sua primeira viagem de negócios a um festival de cinema em Tucson. Ela estava muito apreensiva ao deixar Phoebe, Barry e Faith sob os cuidados de uma velha amiga da vovó O'Connor chamada Sra. McCauley, uma mulher doce mas com problemas de audição que insistia que eles comessem tudo que estava no prato. Com um sábio abano da mão rechonchuda, a senhora M. (como eles a chamavam) desdenhava dos persistentes males de estômago de Faith e servia mais picadinho de carne enlatada no prato dela. Faith estava melhorando aos poucos; embora ainda frágil e bastante quieta, havia começado o ensino médio e tinha até mesmo um namorado, Wolf. Ela jantou na casa dele nas noites seguintes até a mãe voltar.

Depois do jantar, Phoebe andava para cima e para baixo no corredor silencioso, nervosa, passando pela porta do quarto do irmão, que estava sempre fechada. Uma noite, desesperada, ela bateu. Barry abriu alguns centímetros da porta e olhou para fora.

— Ei, Pheeb — disse ele pela fresta.

Ele se virou e voltou para dentro do quarto, deixando a porta entreaberta. Phoebe hesitou, mas depois decidiu que aquilo devia ser um convite para entrar. O quarto de Barry parecia estranho, com o tapete vermelho e o aquário borbulhante. Ela não conseguia se lembrar da última vez que o vira.

Barry se sentou à escrivaninha.

— O que foi?

— Nada.

Embora ela e o irmão tivessem apenas sete e doze anos, havia uma desconfiança entre eles que parecia sempre ter estado lá.

— O que você está fazendo? — perguntou Phoebe. — Dever de casa?

— Não, já terminei.

Ele estava examinando algo na escrivaninha. Quando Phoebe se aproximou, Barry se debruçou de forma protetora sobre o que quer que fosse, então ela foi até o aquário. Havia oito ou nove peixes lá, dois pretos com franjas e olhos bulbosos feios, seus favoritos.

— Posso dar comida a eles? — perguntou ela.

— Eu já dei.

— Ok.

Phoebe observou os peixes em silêncio, dominada pelo desespero. Plantas flutuavam em um canto do aquário, empurradas por bolhas prateadas que subiam até a superfície da água e desapareciam.

— Na verdade, Pheeb — disse Barry —, pode dar comida, se quiser. Alimente esses caras.

Com uma chavezinha, ele abriu uma gaveta embaixo do tanque, onde, para surpresa de Phoebe, ficava guardada a comida de peixe. Ela polvilhou alguns flocos na água limpa, ansiosa para não abusar daquele privilégio. Só quando os peixes engoliram aquela pequena quantidade ela ousou colocar mais.

— Viu, Bear? — disse ela. — Estão com fome.

Misteriosamente, a tensão entre os dois diminuiu. Phoebe começou a explorar o quarto do irmão, que, apesar da privacidade feroz de Barry, estava organizado como se ele esperasse uma audiência. Um terrário de formigas, uma casinha de fazenda sulista com uma plantação de milho em miniatura, o cérebro de uma criatura dentro de um pote, dinossauros de plástico brincando entre as árvores em miniatura e nuvens de algodão: tudo isso disposto em prateleiras e mais prateleiras.

Phoebe percebia os olhos escuros do irmão a seguindo, o prazer que ele sentia por ter capturado a atenção dela. A menina ficou mais ousada, aproximando-se das prateleiras, até tocando nas coisas, tomada por um desejo desesperado de agradá-lo. Ela perguntou sobre os aviões de carga e navios de guerra que ele havia construído, com a voz animada como se lembrava de a

mãe fazer quando Barry era mais novo e ainda mostrava seus projetos para a família.

— Tenho uma coisa que é melhor do que tudo isso — revelou ele, virando-se para a escrivaninha. — Mas é segredo. Você tem que jurar que não vai contar para ninguém.

— Juro sobre a Bíblia — declarou Phoebe.

Ela seguiu o irmão até a escrivaninha. Espalhadas sobre ela estavam folhas finas de papel amassado e de aparência antiga, cobertas com enigmáticos esboços azuis. Phoebe ouviu o irmão respirando atrás dela.

— São do papai — explicou ele em voz baixa. — Da faculdade de engenharia.

Phoebe olhou para os esboços. Sentiu Barry prestes a dar um pulo com a reação dela, e isso a deixou nervosa.

— Você vai tentar fazer um desses? — perguntou.

Todo o rosto dele se acendeu em um sorriso. Barry destrancou uma gaveta da escrivaninha e, com um floreio, tirou uma placa do tamanho de uma carteira com um emaranhado de botões e fios saindo. Um fio elétrico preto emergia de uma extremidade como o rabo de um rato, e Barry ligou aquilo em uma instalação elétrica acima da escrivaninha. Ele girou uma chave e uma luzinha azul piscou, acompanhada por um estridente barulho de sirene. Sorrindo febrilmente, Barry aumentou o volume. Ele transformou a sirene em um zumbido, e então se virou triunfante para Phoebe.

Ela olhou para ele com um ar interrogativo.

— O que é isso?

— Um gerador de som — disse Barry. — Na época em que o papai estava na faculdade, eram necessários tubos de vácuo para fazer essas coisas. Agora dá para usar transistores, por isso eles são muito menores e não quebram com tanta facilidade.

— Como você fez isso? — perguntou ela em meio ao zumbido.

— Foi difícil — contou Barry, satisfeito. — Tive que encomendar as peças de uma loja em Nova Jersey, a Edmund Scientific. E então só prestei atenção, sabe? Estudei os desenhos do papai.

Ele estava corado, os olhos escuros fixos naquela pequena máquina. Então girou um botão e o som tornou-se uma campainha alta.

— Pense nisso — gritou Barry mais alto que o barulho. — Sabe, quer dizer, pense nisso, Pheeb.

Ela estava impressionada: com o vestígio sussurrante do pai, que parecia ter sido flagrado contra sua vontade naquela geringonça estridente; com a própria proximidade frágil a Barry, que parecia estar em constante perigo.

— Vou fazer todos — disse Barry, inflexível. — Cada um deles.

Phoebe assentiu, sorrindo para o irmão. Sua cabeça doía. Por mais que ela quisesse compartilhar a admiração de Barry, queria que ele desligasse aquele troço. Ela tentou imaginar o pai ali, sua reação aos esboços e até à máquina de Barry. E ela sabia que ele não daria a mínima.

— Então, o que você acha? — perguntou Barry, inclinando-se.

— É ótimo — respondeu Phoebe.

Ela sentiu um impulso desesperado de fugir dele.

— Sério?

Com o pescoço esticado para a frente e as mãos finas e sujas, Barry parecia muito magro. Phoebe sentiu uma pontada de pena, de si mesma e do irmão.

— Sério, Pheeb? — perguntou ele. — Você não está só falando por falar?

— É demais — mentiu ela, sentindo-se prestes a chorar. — Papai ficaria tão feliz, sei que ele ficaria muito feliz.

— Você acha?

Ele estava sorrindo.

Phoebe assentiu com tristeza. A máquina de tortura gemia. Um leve cheiro de plástico derretido coloria o ar. Quando a Sra. McCauley bateu na porta para anunciar que estava na hora de Phoebe dormir, Barry desligou seu tesouro e o guardou.

A monotonia do quarto de Phoebe a atingiu como um golpe: papel de parede de ursos-polares, fileiras de bichos de pelúcia desbotados, uma cadeira de vime que estalava quando alguém se sentava nela. A Sra. McCauley prendeu os lençóis com firmeza ao redor da menina, como se colocasse o cinto de segurança para um passeio violento.

— Que bom, você e seu irmão fazendo companhia um ao outro — disse ela. — Ele precisa disso.

Phoebe virou-se de lado, ansiosa para dormir. A Sra. McCauley ficou algum tempo na cadeira de vime, cantarolando baixinho, e então saiu com

passos lentos e firmes.

* * *

Phoebe acordou na escuridão com ruídos no andar de baixo. Seu quarto ficava acima da cozinha e, por alguns minutos, ela permaneceu deitada sem se mexer, com medo de que ladrões tivessem invadido pela porta dos fundos e estivessem subindo a escada para matá-la. Então ouviu uma música. Curiosa, levantou-se da cama e, descalça e de camisola, se arrastou pela escada dos fundos, segurando o corrimão. Ouviu vozes desconhecidas; então, para seu espanto, escutou a risada da irmã.

Phoebe parou na porta da cozinha, espantada. A sala parecia escura como uma igreja, exceto por dezenas de velas brancas de Natal que derramavam suas luzes leitosas pelas paredes. Música de órgão soava do rádio. Faith e Wolf estavam apoiados no fogão, de costas para a porta, cercados por pessoas desconhecidas que pareciam fantasiadas: uma garota magra, de cabelo escuro como a Dama de Espadas em um vestido longo de veludo roxo; outra garota com mechas de cabelo louro esbranquiçado e um conjunto branco e brilhante. O homem mais próximo da porta usava uma cartola e uma calça jeans rasgada expondo uma abundância de pele bronzeada. Foi ele o primeiro a notar Phoebe.

— Saudações — cumprimentou, levantando a cartola. — Você precisa cortar o cabelo.

Phoebe olhou para ele, paralisada pela frase familiar. Então se lembrou das primeiras palavras do Chapeleiro Maluco para Alice no País das Maravilhas, uma cena que ela tinha lido justo naquela manhã.

— E você precisa aprender a não fazer comentários sobre as pessoas — disse Phoebe, lembrando-se da resposta de Alice. — Não sabe disso?

O rosto do homem ficou perplexo pela surpresa. Então ele jogou a cabeça para trás e riu com a boca aberta, sua língua arredondada do mesmo tom rosado que suas pernas bronzeadas. Todos se viraram.

— Quem é essa criança maravilhosa? — perguntou o Chapeleiro bronzeado.

Faith foi até Phoebe e ajoelhou-se ao lado dela. Ao se agarrar à irmã, Phoebe sentiu a pulsação acelerada de seu coração.

— Já é de manhã? — perguntou ela.

— Quase — respondeu Faith, sem fôlego. Suas bochechas estavam coradas. Um pequeno arco-íris havia sido pintado em cima de seu olho esquerdo e fazia uma curva em torno da bochecha. — Estamos preparando café da manhã para comer no telhado e ver o sol nascer.

— E a Senhora M.? — indagou Phoebe.

— Ela está dormindo — sussurrou Faith, cruzando os dedos. — Eu disse a ela que ia passar a noite na casa de Abby.

Os desconhecidos observaram Phoebe com gentileza, como se a mera visão dela ali de camisola fosse agradável de alguma forma. Ser o centro das atenções deu a Phoebe um prazer nervoso. Um homem estava usando uma capa de mágico de veludo vermelho e tinha na palma da mão duas bolas prateadas, que emitiam estalidos quando ele as rolava. O outro homem parecia Jesus, com a barba espessa e sandálias. Ele estava enrolando cigarros amarelos finos; ao acender um, o tabaco crepitou e estalou, então ele deu uma tragada e o ofereceu à pessoa ao seu lado.

— Que criança bonita — comentou Jesus, inalando a fumaça esquisita e adocicada.

Phoebe corou até o pescoço.

— Venha cá, linda — disse Wolf, puxando uma cadeira para perto do fogão. — Venha ajudar o chef.

Phoebe se aproximou dele com timidez. À luz de velas, Wolf parecia um líder guerreiro, muito bronzeado até mesmo nas mãos. Sua pele tinha um cheiro maravilhoso, como as botas de couro do pai de Phoebe quando ele as deixava no sol. Wolf ergueu a menina até a cadeira, colocando as mãos quentes em suas costelas. Phoebe notou que havia uma minúscula argola de ouro em sua orelha.

Os ovos estavam mornos, como se uma galinha tivesse acabado de botá-los. Phoebe quebrou uma casca reluzente, deixando a gema e a clara deslizarem em uma tigela de vidro. Wolf acrescentou legumes na panela com manteiga, e a mistura de cheiros tornou-se inebriante: fumaça doce de cigarro, legumes amanteigados, o aroma denso e oleoso das velas. A Feiticeira Branca

levantou-se da cadeira e começou a dançar, flutuando na música como se ela fosse líquida. O Chapeleiro bronzeado roncava suavemente, a cartola apoiada ao lado de sua cabeça na mesa da cozinha. A Dama de Espadas estava recostada no colo de um homem com uma camisa de arlequim, um Coringa que pertencia ao mesmo baralho de cartas que ela.

— Quem são eles? — sussurrou Phoebe para Faith.

Faith balançou a cabeça, olhando para a sala.

— Não sei — disse.

— Mas de onde eles vieram? Como você os encontrou?

— Eles nos encontraram — respondeu Faith. — Ou nós nos encontramos, eu acho. Estávamos todos no Invisible Circus, no Circo Invisível.

Fazia todo sentido: aquelas fantasias, o bom humor maluco de todo mundo. Phoebe amava o circo e estava magoada por sua irmã ter ido a um sem ela.

— Um circo com três picadeiros? — perguntou.

Faith sorriu, virando-se para Wolf.

— Era assim?

— Maior — respondeu ele. — Quatro picadeiros, eu diria. Talvez cinco.

— Cinco picadeiros! — exclamou Phoebe, virando as costas para eles, furiosa.

— Ah, não — disse Faith. — Ela acha que... Não, Phoebe, não era... Eles chamaram de circo, mas era só uma festa, uma grande festa em uma igreja. E aí ela foi fechada.

— Nenhum bicho? — questionou Phoebe, desconfiada.

— Não, nada disso — respondeu Faith. — Era mais como um parque de diversões para adultos.

Phoebe pensou no Playland, um antigo parque de diversões perto das ruínas de Sutro Baths, aonde o pai costumava levá-los: um túnel giratório que ninguém conseguia atravessar sem cair e machucar os joelhos, as rajadas de ar que saíam de pequenos buracos no chão. Havia pistas longas e perigosas de madeira polida que as pessoas desciam em sacos de batata e ficavam com marcas brancas nos locais em que a pele queimava na madeira. Faith e o pai adoravam ir ao Playland, mas debaixo daquela alegria empolgada Phoebe sentia uma essência sinistra.

Faith pegou as mãos da irmã.

— Alguma coisa está acontecendo — disse ela suavemente. — Consegue sentir?

— O quê?

— Não sei, mas eu sinto. Como esta vibração profunda.

Sua voz tremeu, como se a vibração estivesse percorrendo seu corpo.

— Do que você está falando? — perguntou Phoebe.

— Tudo está mudando. Tudo vai ser diferente.

As coisas já tinham mudado... demais.

— Gosto de como elas estão — disse Phoebe.

— Não, assim é melhor — rebateu Faith. — Isso é a história. Você não pode interrompê-la.

— O quê? O que é? — indagou Phoebe, assustada.

Faith passou os dedos trêmulos pelo cabelo.

— Não sei — disse ela. — Mas vai ser uma coisa grandiosa.

— Não tente explicar — falou Wolf baixinho, remexendo os legumes. — Ela vai saber quando tiver que saber.

— Está aqui — avisou Faith, fechando os olhos e sustentando as mãos suspensas perto dos seios. — Phoebe, você consegue sentir?

A menina virou-se para olhar ao redor da sala. A Feiticeira Branca, a Dama de Espadas e o Coringa estavam todos dançando, movendo os braços como nadadores. Phoebe tentou imaginar o que eles sentiam, suspensos na música quente e sedosa — parecia um prazer que ela mesma conhecera, uma vez, havia muito tempo. A música ficou mais rápida, pratos, vozes, risos. Velas projetavam as luzes nas paredes.

— Alguma coisa aconteceu — disse Faith. — Não sei o que foi.

Phoebe se viu sorrindo. Estava feliz, um delicioso calor começava na barriga e escorria para fora através de seus braços e pernas, como o sabor de um doce. “In the court of the Crimson King...”, cantavam os músicos no rádio, a cena lembrando um livro antigo, Sir Lancelot e Rainha Guinevere, Aladdin. Os corpos dos dançarinos ondulavam como chamas. *Onde estou?*, pensou Phoebe, lembrando-se de noites no parque de diversões em Mirasol, banhadas em luz colorida, cavalgando os ombros do pai tão alto que conseguia tocar as lanternas chinesas de papel com os dedos. Onde estou? Questionar-se dava uma sensação muito melhor do que saber a resposta.

— Consigo — disse Phoebe, estendendo os braços como se fosse equilibrar-se em uma corda bamba. Ela era Alice, sorvendo a poção e esperando para ver o que iria acontecer. — Estou sentindo.

— Papai adoraria isso, não é, Pheeb? Ele adoraria isso — comentou Faith.

Phoebe soube imediatamente que a irmã estava certa: o que quer que fosse aquilo, seu pai aprovaria sem reservas. Ela o imaginou encostando-se em um balcão, de braços cruzados, com um olhar de prazer ávido. Phoebe ficou na ponta dos pés, sendo erguida da cadeira por uma onda de alegria e clareza: sua irmã sabia o caminho, ela sempre soubera.

Ouviram passos na escada de trás. Barry apareceu na porta, completamente vestido. Ele ficou parado por um momento, assimilando as velas, os desconhecidos, a cozinha irreconhecível. Phoebe vislumbrou a cena através dos olhos do irmão e viu quão estranho e frágil era tudo aquilo, como tudo poderia desaparecer de repente que nem aquelas crianças saindo de Nárnia pelo guarda-roupa e voltando para suas vidas reais.

— Bear — disse Faith. — Estamos preparando o café da manhã.

Barry olhou para o relógio de pulso.

— Seis e meia da manhã — disse ele, acendendo a luz do teto.

A claridade brilhante e vazia os assustou, fazendo todos piscarem. Alguém baixou a música e os dançarinos pararam.

— Todas as velas de Natal da mamãe — observou Barry. — Todas usadas.

— Mas a gente pode comprar mais — retrucou Faith. — Falta quase um ano para o Natal.

Barry olhou-a com severidade.

— Acho que essas pessoas deveriam ir embora.

Wolf desligou o fogão e foi até Barry, jogando um braço sobre os ombros magros do rapaz.

— Vamos lá, cara — disse ele. — Este é um acontecimento raro.

Phoebe viu o conflito no rosto do irmão. Barry admirava Wolf, queria muito agradá-lo. Mas odiava ceder a Faith.

— Não é o meu acontecimento especial — rebateu ele, afastando-se de Wolf. — Ou da Phoebe. A gente só estava dormindo.

— Mas você pode fazer parte disso, Bear — falou Faith. — Olhe, Phoebe está nos ajudando a cozinhar. Você pode se juntar a nós também, por que

não?

Parecia menos um convite do que um apelo.

Wolf tentou tocá-lo de novo, mas Barry se esquivou, olhando com medo para os desconhecidos.

— O que está acontecendo, Faith? Você usou drogas?

— Ai, meu Deus — reclamou a Rainha de Espadas, erguendo-se para se sentar em um balcão e cruzando as pernas com desgosto.

Barry se encolheu. Então enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o chão.

— Quero que todo mundo vá embora — disse ele. — Agora. Ou vou chamar a polícia.

Wolf balançou a cabeça.

— Não é bem por aí.

— Barry, por favor — implorou Faith.

Mas, com a menção da polícia, o grupo despertou: a Feiticeira Branca puxou uma bolsa de macramê de debaixo da mesa, o Chapeleiro bronzeado ajeitou o cabelo e colocou de volta sua cartola. Faith sorriu suplicante para todos. Ela parecia frenética. Phoebe sentiu o desespero da irmã, seu medo de que a única coisa boa que ela tinha encontrado estivesse prestes a ser arrancada dela. *O Circo Invisível*, pensou Phoebe, *o Circo Invisível*, ela ia cantando as palavras para si mesma como um feitiço. Mas o grupo já estava de pé, pronto para ir embora.

— Phoebe — disse Barry da porta.

Seu próprio nome a assustou; ela tinha se esquecido de que estava presente na sala. Estava descalça, de pé em uma cadeira da cozinha. Da porta, Barry lhe estendeu a mão.

— Vamos lá, Pheeb — chamou ele. — Vamos esperar lá em cima.

Phoebe virou-se para Faith, desamparada, mas a expressão da irmã havia desmoronado como uma fronha deslizando para o chão. Ela tinha recuperado o semblante que cultivava havia meses, indiferente.

— Venha, Pheeb — disse Barry. — Está tudo bem agora.

Ele falou como se estivessem sozinhos, mas Phoebe sentiu os olhares de todos, exceto o de Faith, sobre si e ficou paralisada, querendo agradar todo mundo e se livrar daquele poder desconhecido. Ela se imaginou aprisionada entre os cadeados, gavetas e chaves de Barry — aquela máquina com som

horrível, os esboços esquecidos de seu pai —, enquanto o Circo Invisível deslizava para longe sem ela.

Barry deixou a mão cair, inquieto.

— Phoebe?

— Vou subir depois, Bear.

Algo desmoronou no rosto de Barry. Ele deu um passo para trás sob o batente da porta e hesitou do lado de fora. Phoebe olhou para os pés descalços, consciente de ter feito um movimento irreversível. Quando Barry se virou e correu para o andar de cima, ela ficou aliviada.

O grupo estava em polvorosa, eufórico. Alguém apagou a luz, outra pessoa aumentou o volume da música, e um frenesi de dança os dominou. As velas não haviam sido apagadas, agitavam suas luzes cor de mel com um fervor rebelde. Segurando os dedos quentes e bronzeados do Chapeleiro Maluco, Phoebe dançou sem timidez, a música sacudindo suas pernas como as bolhas que faziam as plantas se mexerem no aquário de Barry. Ela sentiu uma alegria doida, capaz de deixá-la sem fôlego.

— Rápido — gritou Faith quando a luz começou a aparecer no céu. — Rápido, vamos lá para fora.

Eles sopraram as velas e subiram a escada com seus pratos de ovos, percorrendo três lances e, por fim, o último lance estreito até o telhado. Irrompendo ao ar livre, se jogaram no granito escuro e comeram vorazmente, arrancando pedaços de dois enormes pães que Wolf tinha comprado em um caminhão que vendia produtos de padaria. O telhado era plano, e daquela altura uma vista espetacular se revelava, as costas recortadas de Sausalito e Tiburon, casas envidraçadas cintilando como minério. A Golden Gate era um esqueleto vermelho e esguio. O Mágico caminhou plantando bananeira, arrastando a capa atrás de si. O céu parecia mais próximo deles do que o normal. Phoebe se sentiu como se pudesse agarrar as nuvens gasosas cor-de-rosa.

O vento soprava através de sua camisola, gelando sua pele nua. Wolf largou o prato e pegou Phoebe no colo, esfregando os braços dela para aquecê-la. Ela se sentia muito pequena, como se o corpo de Wolf fosse uma mão e Phoebe, uma folha ou uma noz dentro dela.

— Pobre Phoebe — disse Wolf, segurando-a com firmeza.

Ela não sabia por que ele tinha falado aquilo, mas não o contradisse. Se Wolf soubesse como ela estava feliz, talvez a soltasse.

Faith correu pelo telhado, fazendo montinhos com pedaços de pão para as gaivotas. O vento sacudia a calça jeans em suas pernas magras, fazendo voar seu cabelo escuro e embaraçado. Quando os pães acabaram, ela se afastou do grupo e começou a pular sem sair do lugar, de frente para a baía e apenas pulando, com os braços estendidos para o céu, os pés batendo no cascalho. De início, todos a observaram, assentindo e sorrindo para aquele excesso de alegria. Os olhos de Phoebe se demoraram na irmã por muito tempo depois de os outros terem perdido o interesse. Ela não conseguia desviar o olhar.

Por fim, Faith parou de pular. Corada, ela se agachou no telhado ao lado de Phoebe e Wolf, uma tranquilidade caindo sobre ela como se fosse um véu. Os outros estavam adormecendo, entrelaçados como gatos. A Rainha de Espadas cantou uma canção de ninar.

— Talvez papai esteja vendo a gente — disse Faith baixinho, olhando para o céu. — Talvez ele esteja nos observando.

Phoebe olhou para cima. E sim, o céu e a luz do sol pareciam mais cheios do que nos outros dias, vivos com o olhar atento e bem-humorado do pai. Phoebe fitou o sol branco recém-surgido e se ofereceu. Não sozinha — sozinha ela não era nada —, mas como parte de Faith, uma pequena forma incluída na silhueta da irmã. Isso doeu. Todo o seu corpo doeu como se ela estivesse se dissolvendo. Phoebe manteve os olhos abertos enquanto pode, e então os fechou. A escuridão a confortou.

— Pobrezinha — disse Wolf, embalando-a para dormir.

Cinco

A mãe de Phoebe trabalhava para Jack Lamont desde 1965. Ele era um produtor de cinema, mais conhecido por *White Angel*, que ganhou o Oscar de melhor filme em 1960. Phoebe nunca tinha visto o filme.

Ela achava impossível gostar de Jack, embora ele fosse bonito com aquele bronzeado e olhos azul-claros. Uma terrível frieza exalava de sob sua pele que parecia quente. “Oi, Pheebs”, dizia ele quando ela entrava no escritório, e então seus olhos claros se afastavam e era isso, o momento de Phoebe tinha passado. Ela sempre seria a filha da secretária. “Ele é tímido, é só isso”, dizia sua mãe, mas não era só isso. Jack era um homem com total controle sobre a própria vida.

A mãe tinha começado a trabalhar meio expediente como datilógrafa para Jack quando o marido fora diagnosticado pela primeira vez. Mais tarde, ela se tornou assistente em tempo integral e agora, treze anos depois, efetivamente gerenciava a vida dele. Nenhuma decisão que Jack tomava era sublime ou mundana demais para não justificar o envolvimento dela: eliminar sócios de um acordo, escolher restaurantes na Riviera (aonde ela nunca tinha ido), resorts de golfe no México, presentes de aniversário e de Natal para os filhos que moravam longe. Phoebe se enchia de orgulho por um homem tão frio e centrado quanto Jack depender tanto de sua mãe, como se um simples toque dela garantisse boa sorte. No entanto, ela se ressentia da forma como a vida dele pairava sobre a de sua família, suas emergências estragando planos de longa data em um instante. Barry dizia que a mãe tinha todas as desvantagens de ser a esposa de Jack, sem os benefícios. “Benefícios!”, bufou a mãe quando ele lançou essa teoria. “Não há benefícios em ser casada com Jack.” Ele já tinha se divorciado três vezes e ainda estava envolvido em disputas jurídicas com a última ex-mulher. “Folha de pagamento” era seu termo para a imensa lista de enteados, ex-esposas e filhos que ainda sustentava; pelo

menos, dizia a mãe, era preciso admitir que o homem era generoso (“Culpa” era a justificativa mais severa de Barry). Quanto às mulheres, a mãe de Phoebe ainda almoçava com todas, exceto a terceira, que manteria distância até que as questões jurídicas fossem resolvidas. Jack se casava com mulheres interessantes, dizia sua mãe, embora os golpes dos divórcios o mandassem cambaleando para os braços reconfortantes de jovens atrizes doces e sem nada na cabeça.

A mãe de Phoebe reclamava do chefe, mas a menina sabia que ela amava o emprego. Estava coproduzindo um filme com Jack — seu primeiro —, um documentário sobre a vida de um dos heróis de Faith: Che Guevara.

* * *

A manhã de segunda estava submersa em um nevoeiro, como se a própria cidade continuasse sonhando. A mãe dirigia, Phoebe ia sentada inutilmente ao seu lado, como sempre. Ela ainda não tinha aprendido a dirigir. A mãe a desencorajava, mencionando o único carro que tinham, mas Phoebe sabia que o verdadeiro motivo era que ela temia pela segurança da filha. Não saber dirigir a deixava envergonhada. Como todas as restrições que sua mãe impunha, isso distanciava Phoebe dos colegas, mas ela aceitava da mesma forma que fazia em relação ao cigarro, observando com inveja os amigos soprarem perfeitos anéis sedosos, engolindo a fumaça em deliciosos tragos como se fosse chantilly.

— Estive pensando — disse Phoebe — em talvez ir a algum lugar.

A mãe olhou para ela.

— Tipo onde?

— Europa.

— Para quê?

— Ah, não sei. Só para viajar. Talvez começar a faculdade um ano mais tarde.

Elas ficaram em silêncio por um tempo.

— Isso parece um pouco inesperado — disse a mãe.

— Eu sei — falou Phoebe com amargura. — Porque nunca faço nada.

— Querida, você está prestes a começar a faculdade — retrucou a mãe, afastando o cabelo de Phoebe dos olhos. — Isso é alguma coisa.

— Todo mundo faz isso.

— E daí?

— E daí que não quero isso — rebateu Phoebe, assustada com a própria veemência. — Quero que algo de verdade aconteça comigo. Eu me sinto como um zumbi, juro por Deus. Como se não conseguisse acordar.

Houve uma longa pausa.

— Fico aliviada por estar dizendo isso, Phoebe — confessou a mãe, enfim. — Para ser sincera, ando preocupada com você.

Phoebe foi pega de surpresa.

— Por quê?

— Bem, ultimamente você está tão isolada... — disse a mãe, quase com vergonha. — Desde que acabou a escola você parece quase não ligar para ninguém, mesmo quando ligam para você.

— Mas encontrei o pessoal semana passada...

— E Celeste? Vocês se encontravam sempre. E você também não foi à formatura...

— Você disse que entendia!

— Eu sei — falou a mãe, pensativa. — Tenho sido grande parte do problema, se pararmos para pensar.

— Que problema? — gritou Phoebe.

— Sempre tive medo de você fugir por aí e alguma coisa acontecer... — explicou a mãe baixinho. — Eu prendi você. — Phoebe havia perdido o rumo. Ficou sentada em silêncio. — Sabe, eu não tinha planejado lhe dizer tudo isso ainda. Mas nos últimos tempos venho pensando seriamente em vender a casa.

— Jura? — perguntou Phoebe, sem entender.

— É que ela é tão grande, e em breve serei a única pessoa morando lá. Eu estava com medo de contar para você, na verdade — revelou a mãe, dando uma risada estranha.

Phoebe se endireitou no assento.

— Como assim? — perguntou. — Você quer dizer vender a nossa casa?

A mãe se virou para ela, preocupada.

— É só uma ideia.

— Como pode sequer pensar nisso? Em vender a casa? — A voz de Phoebe preencheu o carro.

— Eu não a vendi. Juro — disse a mãe, afobada. — Só pensei alto.

Elas estavam passando bem devagar perto do meio-fio, mas depois disso a mãe voltou à pista, como se para fugir do assunto. Phoebe estava enfurecida. Vender a casa era errado, a pior coisa possível.

— Então acho que posso ir — disse ela, incrédula. A mãe ficou inexpressiva. — Para a Europa — acrescentou Phoebe.

— Não, querida. Não. Eu quis dizer que entendo o impulso.

— Você pode vender a casa, mas eu não posso ir para a Europa?

A mãe balançou a cabeça, claramente intrigada.

— É uma má ideia, Phoebe, isso não é óbvio? De todas as coisas... isso?

Foi como no dia anterior, com o colar de prata. O mundo oculto estava lá, mas de repente a mãe não conseguia vê-lo.

— Você deixou Faith ir — disse Phoebe.

A mãe olhou para ela. Não foi uma boa coisa para se dizer. Um longo silêncio se instaurou entre elas enquanto paravam no cruzamento da Oak com a Masonic, onde Phoebe descia todas as manhãs para o trabalho. A mãe estava usando uma blusa de seda com um laço no pescoço, sua blusa no estilo de Diane Feinstein, como ela dizia. No parque Panhandle, figuras vestidas de roxo praticavam *tai chi* na grama molhada.

A mãe apoiou os cotovelos no volante.

— Só tirá-la desta cidade parecia uma dádiva de Deus. — Phoebe balançou a cabeça, ansiosa para concordar. — Pensei que Wolf pudesse cuidar dela — continuou a mãe. — Mas isso era pedir demais, até mesmo para ele.

Phoebe continuou assentindo, o movimento como de um palhaço saltando de uma caixa-surpresa.

— Isso faz sentido — disse.

— Você acha?

A mãe se virou para ela. Sob a luz crua da manhã, seu rosto parecia um pouco inchado, com os poros dilatados, como se tivesse sido ferido e nunca se curado completamente. Phoebe sentiu o peso de sua resposta.

— Faz — disse, abalada. — Mãe, faz total sentido.

O nevoeiro estava começando a se dissipar. As casas surgiam com as cores renovadas. Phoebe saiu do carro e acenou enquanto a mãe voltava a acelerar. Observou a parte de trás da cabeça pálida dela até o Fiat desaparecer, e então andou até o trabalho, cheia de um pressentimento vago.

* * *

A placa do cruzamento Haight-Ashbury havia desaparecido.

Os saudosistas eram os culpados, e sua zelosa remoção das placas de rua tinha finalmente convencido a cidade a parar de instalar novas. De dentro da cafeteria onde trabalhava, Phoebe muitas vezes via turistas atravessando a Haight Street com um mapa erguido, cientes de que estavam perto, muito perto, mas sem conseguir encontrar o ponto que buscavam.

Restava bastante coisa dos anos 1960: lojas de alimentos saudáveis com suas caixas de frutas, *head shops*, uma loja de ocultismo cheia de cabeças encolhidas e bolas de cristal coloridas. Mas a Milk and Honey, onde Phoebe trabalhava, não tinha nada em comum com esses lugares. Era uma cafeteria nova, cheia de corações em neon vermelho e azulejos brancos, e o proprietário e o gerente eram homens gays. Não sendo nem gay nem homem, Phoebe, é claro, ficava deslocada, mas essa sensação de alguma forma era mais fácil do que se sentir deslocada onde deveria se sentir à vontade. Ela ouvia com bastante interesse os relatos de seus colegas sobre crescer em cidades americanas conservadoras, onde tinham namorado líderes de torcida e feito piadas sobre bichas, fingindo uma vida enquanto sonhavam com outra. E ali estava. Eles haviam encontrado aquela vida prometida e nada poderia tirá-la deles agora, ou era o que parecia.

Um cara novo iria começar a trabalhar ali naquele dia, e Phoebe iria treiná-lo. Fazia mais de um ano que ela trabalhava na Milk and Honey, saindo da escola ao meio-dia para pegar um ônibus até a Haight Street. Exceto pelo gerente, Art, ela era a mais antiga.

O cara novo era bonito, o que explicava o bom humor excessivo de Art.

— Esta é Phoebe O’Connor — disse ele, apresentando-os. — Phoebe, Patrick Finley. Sugiro que vocês conversem sobre suas raízes irlandesas. — Phoebe e Patrick trocaram sorrisos forçados. Ele era alto, vestia calça jeans e

uma camiseta branca. Phoebe achava que ele não parecia gay, mas devia ser: ela nunca tinha conhecido um cara hétero trabalhando ali. — Phoebe vai treinar você — explicou Art a Patrick. — Ela é o nosso modelo de virtude, não é, querida?

Phoebe corou.

— Não exatamente.

— Bem, não, não se você contar todos os corpos enterrados embaixo da sua casa — brincou Art.

— Eles estão enterrados bem fundo — disse Phoebe, tentando entrar no espírito da coisa.

Mas a atenção de Art estava toda voltada para Patrick.

— Ela nunca fumou um cigarro — comentou ele. — Consegue acreditar?

— Nem uma vez? — perguntou com gentileza o rapaz desconhecido, encontrando o olhar de Phoebe.

Ela negou com um aceno de cabeça, sentindo-se mais tímida do que de costume. Os olhos do rapaz eram de um verde brilhante e voraz.

— Ela está treinando para ser freira — continuou Art. — Embora possa lhe dizer que já a vi bêbada.

Phoebe olhou para ele, alarmada. Na Feira da Haight Street, algumas semanas antes, ela tinha tomado vários copos de sangria sob o sol brilhante e começado a chorar enquanto observava o desfile colorido dos hippies — seus rostos e olhos cansados que pareciam desbotados por muitos amanheceres ofuscantes. Art havia abraçado Phoebe. “É uma longa vida, garota”, Phoebe lembrou-se de ele ter dito.

— Mas por que estou surpreso? Todos os católicos são bêbados — falou Art, piscando para ela. — Até mesmo os padres.

— Principalmente os padres — murmurou Patrick.

— O que faz você pensar que sou católica? — perguntou Phoebe, aliviada porque suas lágrimas de bêbada foram mantidas em segredo.

— Está estampado na sua cara, querida — disse Art, beijando a bochecha dela.

A correria da manhã começou. Phoebe sentia pena dos novos funcionários, aquela fase atrapalhada e incompetente, mas Patrick parecia acostumado. Ela imaginou que ele tivesse vinte e poucos anos. Phoebe lhe ensinou o carro-

chefe: o café latte, que ela fazia com tanta habilidade que o café e o leite formavam camadas separadas na caneca de vidro. Muitas vezes, esses esforços passavam despercebidos pelos clientes, que mexiam as obras-primas dela sem sequer parar para admirar aquelas camadas perfeitas.

Quando o movimento diminuiu, Patrick se afastou para um canto fora do campo de visão dos clientes. Tirou um Camel da mochila e bateu a ponta do cigarro no balcão.

— Posso? — perguntou.

— Claro. Todo mundo faz isso.

Ele acendeu o cigarro e fechou os olhos no instante em que a fumaça alcançou seus pulmões.

— Você é esperta por não fumar — disse ele, expirando. — É feio.

— Ah, não acho — rebateu Phoebe, sincera. — Adoro ver as pessoas fumando.

Patrick começou a rir.

— Está falando sério?

Phoebe assentiu, hesitante. Ela não teve a intenção de ser engraçada.

Patrick deu um trago profundo no cigarro, passando a fumaça da boca para as narinas.

— Estou surpreso que você não fume então — disse ele. — Não é como se houvesse uma lista de espera.

— Prometi a uma pessoa que não fumaria. — Esta era sua resposta de sempre.

Patrick apagou o cigarro, passando as mãos pelo cabelo escuro.

— Bem, essa pessoa lhe fez um favor.

* * *

Às duas da tarde, Phoebe pendurou o avental, penteou o cabelo e saiu da cafeteria para seu intervalo de almoço. Na esquina, um guitarrista dedilhava “Gimme Shelter” em um violão elétrico desgastado, com um amplificador catódico estalando ao lado. Ele usava um casaco preto de couro amarrado na cintura, uma calça boca de sino amarela e sapatos de plataforma sujos. As roupas pareciam mais velhas do que ele.

Reunidos ao redor do homem estavam os adolescentes vadios que povoavam a Haight Street. De vez em quando, um deles entrava na Milk and Honey para pedir uma fatia de limão, e só recentemente Phoebe aprendera que eles a usavam para diluir a heroína antes de injetá-la nas veias. Esses adolescentes eram mais novos do que ela, jovens demais para terem testemunhado os anos 1960, mas Phoebe sentia que eles estavam ligados àquela época de uma maneira que ela não estava, e os invejava por isso. Ela continuava lhes dando limões sempre que pediam, embora Art a tivesse proibido.

Phoebe seguiu para Hippie Hill, um monte de grama áspera na entrada do Golden Gate Park. Ela subiu o monte e se sentou com as pernas cruzadas, desembrulhando seu muffin e o café. Costumava ler durante o almoço: adorava ler e lia sem muito critério, vendo cada livro como uma espécie de receita, um argumento a favor de determinado estilo de vida. Mas naquele dia ela comeu mecanicamente, encarando as árvores. Vender a casa? Agora, depois de tantos anos? Era uma loucura.

E ela não estava "isolada". Tinha ido com um grupo na semana anterior assistir a *The Rocky Horror Picture Show*, e um pedaço de pão foi parar no seu cabelo, depois foi a uma discoteca na Broadway, na qual um homem que parecia uma enguia a encheu de drinques aguados em troca do privilégio dúbio de se contorcer em frente a ela na pista de dança agitada. Não estava "isolada". Só que, por mais que Phoebe tentasse se misturar aos seus colegas, aquilo parecia falso, como se ela estivesse murmurando a letra de uma música que nunca tinha aprendido, sempre um compasso atrasada. Na melhor das hipóteses, ela os enganava. Mas a oportunidade de se destacar, de impressioná-los da menor maneira possível, tinha passado. Na imensa escola pública em que cursou o ensino médio, Phoebe sentira-se reduzida a uma versão infantilizada de si mesma, como durante "conversas" na aula de francês — Onde está o gato? Você viu o gato? Olhe! Pierre dá um banho no gato —, tal era seu nível de fluência ao discutir bongos, bandas ou quão acabado alguém ficara em uma festa.

Ela não fora uma presença marcante na escola. Se alguém pensava em incluí-la, Phoebe era incluída, mas, se ela se levantasse no meio de uma festa e fosse embora, como fez muitas vezes, chamando um táxi para casa em meio

aos pegadores de panela brilhantes e ímãs de fruta da cozinha de alguém, poucos percebiam. Uma vez, quando lhe deram um pedacinho de ácido, Phoebe guardou-o no bolso (onde estava até hoje), mas ninguém notou. “Ei, você ficou bem com aquilo?”, perguntaram dias depois, porque, aparentemente, o ácido era poderoso e alguém tinha perdido a cabeça. Phoebe via a si mesma pelos olhos de seus colegas como alguém meio fantasmagórico, um esboço transparente cujos movimentos precisos eram impossíveis de acompanhar. Durante os intervalos, ela não tinha para onde ir. Muitas vezes, simplesmente vagava pelos corredores, fingindo estar distraída ou com pressa, temendo até mesmo fazer uma pausa por medo de que sua solidão primordial ficasse exposta. Uma estante de vidro cheia de troféus antigos ficava perto do portão principal da escola, com pratos rasos de prata de competições estaduais de natação e fitas desbotadas: estava tudo empoeirado, sem propósito, e ninguém olhava para aquilo. Usando como desculpa para parar de andar, às vezes Phoebe se detinha diante daquela estante, fingindo que um troféu chamara sua atenção — não sou nada, pensava ela, poderia desaparecer que ninguém perceberia —, enquanto seu rosto corava de vergonha ao olhar para os prêmios sem sentido e esperando o sinal tocar para voltar à sala.

Ainda assim, por mais torturada que Phoebe fosse por sua própria irrelevância, no fundo ela via a necessidade daquilo. Pois tudo que a cercava era quase irreal. E Faith?, lembrava-se ela ao andar pelos corredores sujos ou almoçar sozinha no refeitório que cheirava a hospital; e quanto à greve dos estudantes de 1968? Tudo havia sido esquecido. Até mesmo os professores que tinham presenciado mal pareciam se lembrar. Que pesadelo, diziam eles, revirando os olhos, as crianças de hoje são muito melhores. Mas e Faith O’Connor, que organizou a greve e discursou no pátio? Bem, talvez, respondiam. Vamos ver... Então eles semicerravam os olhos para a janela, tentando resgatar alguma lembrança turva que combinasse com as descrições enciclopédicas de Phoebe sobre a irmã. Mas, não, por mais incrível que pareça, ninguém se lembrava de Faith também. Eles não viam nada além do presente. E, às vezes, até Phoebe se esquecia, dançando ao som de Tasmanian Devils ou Pearl Harbor and the Explosions; por um momento, tudo, exceto o ambiente ao seu redor, escapava de sua mente. Mas algo sempre a trazia de

volta — a assustava, como quando se percebe que dormiu demais —, e Phoebe se lembrava de que sua vida atual não era nada além do produto de algo que tinha desaparecido, a ponto de os detalhes simplesmente se retraírem. A vida de Phoebe se retraía mesmo quando ela lutava para mantê-la intacta — ficando com um rapaz chamado Daniel no carro dele durante uma festa da escola, mal ouvindo a música sem graça que chegava até eles, deitados nos bancos da frente, o nevoeiro cristalizado como açúcar no para-brisa. Ela tinha gostado dele o ano inteiro. A respiração de Daniel em seu pescoço, as costelas estendidas debaixo dela como um leque, e de repente um mundo diferente parecia oferecer-se a Phoebe, carne e ossos, tudo o que ela queria era aquilo — ela pensou que sim, aquilo era suficiente —, mas até isso estava começando a escapar, ela escapava de Daniel mesmo enquanto o abraçava, como se algo de que ela precisava se lembrar fossem passos distantes nos cantos de sua mente.

— Ei, você ainda está aí? — perguntou ele, mas Phoebe não estava, mal conseguia entender a expressão assustada de Daniel quando ela se afastou, cheia de raiva, sentindo como se tivesse sido roubada.

Depois, como sempre, Phoebe ficou aliviada por ter escapado — mesmo quando Daniel evitou seus olhares nos corredores, porque ele era nada, tudo aquilo era nada. Ela tinha que resistir. Se Phoebe se perdesse em sua própria vida sem importância, seria como morrer.

* * *

Às seis e meia, Phoebe e Patrick penduraram seus aventais e saíram da Milk and Honey juntos. O sol estava baixo. Eles pararam do lado de fora. A rua estava vazia, flagrada no intervalo entre o dia e a noite.

— Obrigado pela ajuda — disse ele.

— Você foi muito bem.

— Não sei. O primeiro dia é sempre uma droga.

— Não, você foi bem.

Eles ficaram parados em silêncio. Phoebe se sentia deprimida, antecipando a noite vazia pela frente. Sua mãe estava ocupada.

— Estou de carro — anunciou Patrick. — Precisa de carona para algum lugar?

— Não, obrigada — respondeu ela, e depois se perguntou por que tinha negado. Seria melhor do que pegar o ônibus. Mas Patrick já tinha se virado.

— Ok. Até mais.

Phoebe ia para o mesmo lado, mas se sentiu idiota seguindo Patrick quando os dois tinham acabado de se despedir. Ela esperou fora da Milk and Honey, observando os funcionários do turno da noite chegando. Quando Patrick sumiu de seu campo de visão, ela foi para o ponto de ônibus na Haight Street com a Masonic. Estava tendo uma festa na Ocean Beach naquela noite, mas aquelas festas eram sempre iguais: surfe, uma fila oscilante de fogueiras dispostas por quilômetros na areia fria. Phoebe parou em frente a um orelhão e procurou uma moeda em meio às suas gorjetas. Discou o número do escritório de sua mãe.

— Querida, como foi o trabalho? — perguntou a mãe.

— Passou rápido. Mãe, não consigo me lembrar — mentiu Phoebe. — Você está ocupada esta noite?

— Estou, infelizmente — respondeu a mãe, baixando a voz. — Estamos com um diretor da Alemanha aqui.

— Vai até tarde?

— Não, apenas alguns drinques, mas talvez a gente saia para jantar, não sei. Por quê? Você está à toa?

— Na verdade, não. Tem uma festa.

— Bem, pode ser divertido. Por que não vai? — Phoebe não disse nada, lembrando-se das preocupações da mãe em relação a ela. — Bem, você é bem-vinda para se juntar a nós — continuou a mãe. — Gostaria?

A menina recusou. Ela podia dispensar uma noite com Jack Lamont. Além disso, devia ser um evento chique.

— Tudo bem, então, vejo você mais tarde. Se eu voltar cedo, podemos ver um pouco de TV. Ah, mas você já tem programa.

— Mas talvez eu esteja em casa mesmo assim. Vai passar *Kojak*.

A mãe ficou em silêncio por um tempo e depois disse:

— Querida, tem alguma coisa errada? Sua voz está esquisita.

— Estou na rua.

— Ok. Bem, divirta-se na festa. E, por favor, tome cuidado... Prometa que vai chamar um táxi para ir para casa. Eu pago a você depois.

— Mas... mãe?

— O quê?

— Que horas você deve voltar? Talvez eu não vá para a festa.

— Não tenho certeza, querida. Gostaria de poder responder, mas simplesmente não sei.

Phoebe não conseguia pensar em mais nada a dizer.

— Tudo bem — falou.

— Tchau. Nos vemos à noite.

— Tchau.

Phoebe seguiu devagar para a Masonic Street. De repente parou, virou-se e foi em direção ao ponto do ônibus que levava para o centro, para o escritório da mãe. Ela queria vê-la. Apenas vê-la, só por um minuto, e então iria para casa.

O ônibus chegou depressa, circulando por seus fios elétricos. Do alto de cada colina, Phoebe vislumbrava a região de East Bay piscando através da água. Aviões entorpecidos flutuavam no céu.

Ela desceu no centro. O ar estava denso, opaco. Sua mãe a advertira várias vezes que os carros batiam com mais frequência ao anoitecer do que em qualquer outro momento, e Phoebe atravessou as ruas com cuidado. A quase um quarteirão do escritório, ela ficou surpresa ao ver a mãe do lado de fora do prédio. Apenas de pé ali em seu terninho branco. Phoebe parou. A visão de sua mãe sozinha na rua, alheia à presença da filha, era estranhamente agradável. Phoebe sentiu um desejo infantil de se esconder — essa era uma das brincadeiras favoritas de Faith, esconder a si mesma e a Barry e Phoebe também em várias partes de um cômodo para que espionassem os pais; a louca esperança de ouvir coisas que eles não deveriam saber. É claro que sua mãe e seu pai ouviam os risos abafados e a rouquidão da asma de Barry.

“Onde estão essas crianças?”, rosnava o pai, fazendo o estômago de Phoebe se revirar com um medo delicioso. “Onde estão essas crianças, para que eu possa pendurá-las na janela pelos dedos dos pés?”

Phoebe se encostou em uma parede. Sua mãe estava de costas e olhava para o centro da cidade, onde uma lua de bolha de sabão havia ascendido entre

dois prédios. A mãe inclinou a cabeça para trás para observar melhor. Isso era estranho, vê-la observando a lua. Phoebe se sentiu um pouco culpada.

Outra pessoa saiu — Jack, foi o primeiro pensamento de Phoebe, mas então ela reconheceu a postura e o passo hesitante de Marty, o novo estagiário da mãe. Phoebe o havia encontrado duas vezes: ele era muito entusiasmado e determinado a fazer os próprios filmes. E tinha orelhas de abano.

Típico de Jack, pensou Phoebe, *deixar todo mundo esperando*. Ela conseguiu ver Marty melhor, apoiando o telefone entre o ombro e o queixo enquanto acendia um cigarro. Phoebe ouvia as vozes dos dois, mas não as palavras. Começou a parecer absurdo, ficar escondida ali enquanto a mãe conversava com um garoto pouco mais velho do que Phoebe. Ela queria sair de seu esconderijo e se juntar a eles, mas como explicar sua chegada? Dizer que tinha mudado de ideia e queria ir com eles, de calça jeans rasgada e camiseta manchada de fruta? Ela conseguia imaginar a reação de Jack.

Um carro parou ao lado da mãe — o próprio Fiat dela. Para surpresa de Phoebe, Jack saiu do veículo. Ele usava um blazer escuro e os botões brilhantes refletiam a luz do poste.

Os três ficaram ali conversando por alguns minutos. A voz da mãe de Phoebe era alta, ressoante. Jack só ficava rindo, o que não era do feitio dele. Phoebe começou a se sentir desolada, entocada em seu canto, furiosa com todos eles por terem-na deixado de fora. Ela desejou ter ido para casa.

Por fim, Marty entregou uma pasta a Jack e voltou para dentro do prédio. Jack e a mãe acenaram. Então ela se virou e olhou bem na direção de Phoebe, cujo coração se contraiu como um punho. Mas sua mãe não a viu. Ela se virou para Jack, que pegou suas mãos e as balançou. Então ele abraçou a mãe de Phoebe e a beijou na boca.

Phoebe ficou tão atordoada que conseguiu apenas observar a cena. Era possível que aquela não fosse sua mãe, afinal de contas; quando criança, Phoebe tinha se confundido em lojas de departamento, agarrando as pernas de mulheres desconhecidas que usavam saias que lembravam as de sua mãe. Um homem e uma mulher estavam se beijando — *eles podiam ser qualquer um*, pensou Phoebe, se enchendo de uma breve esperança caótica. Mas havia o Fiat, com os faróis ainda acesos, o esquerdo um pouco mais fraco: era o carro delas, sem dúvida. Tudo parecia incompatível, surreal. O beijo pareceu

durar muito tempo. Em seguida, Jack e sua mãe se abraçaram, encaixados como um só corpo sob a luz da rua. Phoebe fechou os olhos.

Quando olhou novamente, eles estavam entrando no carro. Jack foi para o banco do motorista. O para-brisa nublou os rostos dos dois. O carro se afastou do meio-fio atrás de um ônibus, indo na direção de Phoebe. Ela se virou para a parede, pressionando a bochecha no gesso, muito quieta, sem se virar até que o tráfego tivesse passado e a rua estivesse em silêncio.

Phoebe continuou imóvel por algum tempo. Sua mente estava curiosamente vazia. Ela começou a andar sem rumo, em direção à Polk Street, sentindo apenas uma sensação dormente, uma tontura, como se tivesse sido golpeada na cabeça.

Phoebe chegou a um quarteirão repleto de garotos de programa da idade dela ou mais jovens, grandes volumes entre as pernas e rostos cheios de acne. Um menino encostou-se a um parquímetro, fumando. Phoebe se aproximou dele.

— Posso pegar um cigarro? — perguntou ela.

De perto, o rosto do garoto parecia desigual, como se tivesse sido montado às pressas.

— Só tenho este — respondeu ele, puxando-o de trás da orelha. — Você quer? — Phoebe pegou o cigarro. As mãos do menino eram finas e sardentas. Tremiam um pouco. — Fogo? — perguntou ele.

Ela fez que sim com a cabeça, colocando o cigarro entre os lábios. Era sem filtro, e misturado ao tabaco havia um gosto oleoso do cabelo do menino. Ele acendeu um fósforo e segurou para ela. Phoebe deixou a fumaça vagar em sua boca.

— Obrigada — disse ela.

— Imagina.

Phoebe deu uma baforada, inalando suavemente. Uma onda de tontura a atingiu. Ela sorriu para o menino, que retribuiu seu sorriso, os dentes acinzentados, alguns faltando embaixo.

— Até logo — disse Phoebe.

Ele assentiu. Enquanto caminhava pelo quarteirão, Phoebe pensou ter sentido os olhos do menino sobre ela. No fim daquela quadra, ela se virou,

esperando interceptar o olhar dele. Mas o rapaz observava a rua, vendo o lento trânsito passar.

Seis

Phoebe caminhou depressa, tentando manter o vazio frágil em sua mente. Desceu a Polk Street até a O'Farrell, depois até a Tenderloin, onde prostitutas de hot pants e boás de plumas perambulavam até os carros com a arrogância desconfiada de domadores de leões. O ar cheirava a coisas doces e maduras apodrecidas. As mãos de Phoebe tremiam por causa do cigarro, e ela jogou a bituca na sarjeta.

Mas não parava de pensar na mãe.

Phoebe repassava a cena em sua mente repetidas vezes: a mãe e Jack abraçados à meia-luz; e ela invisível, observando-os. Aquilo tinha o poder terrível e fadado de um sonho.

Durante anos, quando se sentia ignorada na escola, Phoebe dizia a si mesma: sempre terei a minha mãe, e se imaginava de volta em casa, e pensava em como ela era engraçada e falante, em como estaria perdida sem Phoebe.

A menina subiu a Powell Street em direção à Union Square. O ar estava pesado com a neblina, e ela sentia pontos frios de umidade no rosto. O mar parecia tão próximo, escuro e profundo, as sirenes de neblina dos navios com seus gritos melancólicos e guturais. Phoebe olhou para as palmeiras ondulando acima da Union Square e sentiu um aperto no peito. Isso nunca teria acontecido com Faith.

E Phoebe viu, com uma clareza terrível, que no final das contas não conseguia ser interessante o suficiente para sua mãe, que fracassava em prender a atenção dela. Alguma falha dentro de si a tornava estranha para todos. Ela parou em uma esquina, arrasada por uma dor terrível. Era sua culpa, sua própria culpa. Ela tinha feito tudo errado.

Espere, pensou ela, *espere* — voltou a andar, mais depressa dessa vez —, talvez ela tivesse entendido mal, talvez o trato com a mãe fosse o de que cada

uma teria uma vida secreta e não contaria à outra, mas Phoebe não havia percebido — ela fracassara em viver a vida secreta e agora sua própria vida era só aquilo, uma centena de anos vazios que se estendiam inutilmente atrás dela.

Phoebe entrou na Union Square. Não era um lugar para se ir à noite. Ela se sentou em um banco e observou a praça vazia. Acima, uma névoa branca se arrastava. Como ela poderia recuperar o tempo perdido?

Uma jovem negra caminhou sem pressa para a praça com botas vermelhas até as coxas e uma peruca prateada. Quando ela estava a certa distância, Phoebe levantou-se do banco e a seguiu, subindo a Stockton Street. Ela já tinha feito isso outras vezes, seguido pessoas que sentia poderem levá-la a lugares obscuros e interessantes. Sempre a distância. A mulher se virou e entrou no saguão de um hotel perto da entrada do túnel Stockton, mas Phoebe seguiu pelo túnel branco e ecoante, ignorando os berros de garotos que passavam nos carros. Foi parar em Chinatown e desceu até a Broadway, embrenhando-se nas boates de striptease e nas livrarias pornôs que sempre tentava ver da janela do carro da mãe. O mundo noturno brilhava ao seu redor, com suas luzes coloridas e extravagantes, brilhantes demais para a vida comum, como vitrais. Phoebe passou pela Condor, boate onde a famosa Carol Doda dançava; pela Big Al’s, onde meninas de aparência cansada em saltos altos e biquínis ficavam na entrada à frente das cortinas de veludo vermelho, com música pulsando atrás delas. Phoebe se permitiu lançar apenas um olhar, sem querer chamar atenção, mas ansiava por observar as mulheres, afastar as cortinas e espiar lá dentro. Entre aquele mundo e sua própria vida cautelosa existia uma barreira, transparente e impermeável. Um dia Phoebe iria atravessá-la. Na Casbah, um homem de chapéu turco sussurrou promessas indecifráveis sobre as dançarinas do ventre que estavam lá dentro; punks detonados descansavam em frente à boate Mabuhay Gardens, correntes de alfinetes de segurança ligando seus narizes às orelhas. Que alívio seria finalmente atravessar, como andar na direção dos faróis em vez de saltar para o lado, entregando-se ao redemoinho luminoso de água sob a ponte Golden Gate. Rendição pura. E depois, a catarse. Phoebe estaria no lado oposto de sua vida.

Ela saiu da Broadway e entrou em um bar. Tinha um ar intimista, aveludado, como uma daquelas caixas de joias em que uma bailarina gira. Pequenas mesas redondas abarrotavam as sombras. Phoebe se sentou em um banquinho e pediu um martíni. Ela nunca havia tomado um, apenas o resíduo nas azeitonas que seu pai costumava lhe dar no clube, um choque vil e medicinal que ela enfrentava como preço a se pagar pela delícia da azeitona.

— Com gelo ou puro? — perguntou o barman.

— Com gelo.

Phoebe gostou de dizer aquilo. Havia chegado a hora de uma vida diferente, definitiva. Ao ver um pote de cebolas em conserva no bar, Phoebe acrescentou:

— Com cebolas também.

— Você quer um Gibson — disse o barman.

— Um martíni.

— Com cebolas é Gibson.

— Ah. Então sem cebolas.

— Quer dizer, posso fazer um Gibson para você. Só estou explicando.

Ele riu. O rosto de Phoebe ficou vermelho com o calor.

— Ok.

— Ok o quê? Um Gibson?

Ela fez que sim com a cabeça. Sentiu certo peso de atenção recair sobre si, mas não olhou ao redor. O barman colocou um copo triangular vazio no balcão e então parou com a chegada de outro homem, baixinho e bem-vestido em um terno marrom risca de giz. Sua companheira, uma mulher com o cabelo preso em um coque platinado, sentou-se em uma das mesinhas. Seu rosto parecia o de um gato curioso.

O homem de marrom direcionou o olhar para Phoebe.

— Você tem algum documento de identificação, senhorita?

Phoebe olhou para o barman. O homem de terno marrom fez o mesmo.

— Você tem que pedir a identidade, Eddie, sempre digo isso — falou ele. — Vocês são meus olhos e ouvidos.

Phoebe fuçou a bolsa em busca da carteira. Era difícil se sentir confiante apresentando sua identidade falsa, um documento amassado com a foto desfocada, com a improvável informação de que ela era uma jovem de vinte e

três anos de Las Vegas. O homem de terno marrom pegou o documento e o examinou sob a luz do bar. Suas mãos eram muito bem cuidadas.

— Não, não dá — disse ele, devolvendo a identidade a Phoebe.

— Ah, dê a bebida para a garota, pelo amor de Deus — disse a mulher com cara de gato. — Vai se aborrecer para quê, Manny?

Ele se virou para ela furiosamente e disse:

— Tenho policiais na minha cola. Junho é o pior mês, tem todas aquelas malditas formaturas no Hyatt.

A mulher inspirou a fumaça como um balão.

— Ela parece estar indo a um baile de formatura, Manny?

Phoebe deslizou do banquinho e foi até a porta, com um zumbido nos ouvidos. Um desastre, um completo desastre.

— Vá até o Paddy O'Shaughnessy, querida — gritou a mulher para ela. — Sansome e Jackson. Eles têm happy hour até as onze.

* * *

Phoebe não foi ao Paddy O'Shaughnessy, ela foi para casa e começou a fazer as malas. Uma determinação a dominara: fugir da cidade, do país, de sua vida. Do armário de seu antigo quarto, tirou uma mochila que sua mãe tinha comprado para uma excursão do colégio ao Parque Nacional de Yosemite, durante a qual uma chuva de poeira e agulhas de pinheiro caiu na lona à prova d'água da mochila. Phoebe abriu uma janela e chacoalhou a mochila no quintal, virando o rosto para o ar úmido e fechando os olhos.

O que ela poderia fazer? Poderia desaparecer.

Eles dificilmente notariam.

Phoebe começou a amontoar coisas que imaginava vagamente serem necessárias ao redor do mundo: o passaporte que tinha tirado para uma viagem ao México com a mãe, loção de calamina, o pedaço do ácido que lhe deram e estava guardado havia meses em um envelope branco. As pílulas anticoncepcionais que algum médico lhe receitara, remédio para tosse, um kit para picada de cobra, um livro de contos de Charles Dickens. Ela se deitou no chão e tateou sob a cama em busca da caixa de cartões-postais que Faith tinha enviado da Europa. Houve uma época em que Phoebe sabia recitá-los de cor,

mas a memorização havia atenuado seu efeito. Dois anos antes ela havia guardado os postais, determinada a não os ler de novo até que tivesse ido aos lugares onde haviam sido escritos. Puxou a caixa, colocou os cartões em um envelope pardo e os guardou na mochila.

Phoebe virou-se então para o painel de Faith, um frenesi de recortes de jornal amassados e amarelados pelo tempo. Embora ela os tivesse espanado com frequência ao longo dos anos, Phoebe raramente olhava seu conteúdo: matérias sobre a Ofensiva do Tet, a Marcha sobre o Pentágono, os assassinatos. Então ela teve o impulso de tirar os recortes dali, de protegê-los de quem pudesse entrar naquele quarto quando ela não estivesse mais lá. Começou a soltar as matérias de jornal. Algumas se desintegraram como cinzas em suas mãos. As páginas de revistas eram mais resistentes, o tiro que John F. Kennedy levou em uma série de frames — Jackie segurando a cabeça do presidente e depois rastejando com sua saia curta na parte de trás do carro em movimento —, cada momento tão paralisado, tão profundamente familiar, como imagens dos sonhos de Phoebe.

Ela pegou um recorte de jornal e o segurou nas mãos. PROTESTO DO PROJETO OAKLAND, UM ATAQUE SANGRENTO DE CASSETETES, GÁS, BOTAS. MUITOS FERIDOS. 20 PRESOS.

A manchete era datada de quarta-feira, 18 de outubro de 1967, e abaixo dela havia a foto de três policiais da tropa de choque batendo em dois manifestantes com cassetetes. Uma das vítimas, um menino, tinha acabado de ser atingido e estava caindo, os joelhos cedendo, a cabeça curvada: parecia estar se ajoelhando para rezar. Ao lado dele, Faith estava se projetando em direção aos policiais (como ela alegava)? Para se afastar deles? Era difícil dizer. Um cassetete estava a centímetros de atingir sua cabeça. A imagem tinha escurecido com o tempo, de modo que até o remendo hexagonal branco na coxa da calça jeans de Faith (sua prova irrefutável) havia derretido no fato básico da violência, cinco pessoas amontoadas no que se revelou um conflito histórico.

Phoebe se lembrou da inveja que sentira ao recolher sua lancheira e livros enquanto a irmã estava sentada à mesa da cozinha com um pano cheio de gelo na cabeça.

Barry estava debruçado sobre o jornal, com uma das mãos ao redor da fotografia como se aquilo fosse uma lição de casa que ele não queria deixar ninguém copiar.

— Essa é você? — perguntava ele, cético.

— Olhe para a calça jeans — disse Faith.

Ela tinha aparecido no jornal. Naquele momento, não estava indo à escola, mas ao médico.

— Posso ver? — pediu Barry.

Faith tirou o pano da testa e inclinou-se timidamente, mostrando a cabeça. Barry largou os livros e se aproximou dela, Phoebe logo atrás, na ponta dos pés para espiar o machucado.

— Uau — disse Barry com satisfação, afastando o cabelo de Faith para ver melhor. — Bizarro.

Phoebe tocou o galo na cabeça da irmã. Estava quente e úmido. Sob a pele ferida, ela sentiu uma pulsação.

— Isso só pode ser uma concussão — opinou Barry.

— Não senti quase nada — falou Faith com a cabeça baixa, e Phoebe notou a empolgação em sua voz. — Estava rangendo os dentes.

Barry segurou a cabeça de Faith nas mãos. Enquanto Phoebe pressionava o machucado com a palma, seus olhos desviavam várias vezes para a foto no jornal. Faith estava ali naquela cozinha, mas ela estava lá, também, nas notícias. Phoebe olhou para a foto: manifestantes e policiais, o cassetete descendo em direção à cabeça da irmã como uma varinha mágica.

* * *

Meses depois, Faith leu em voz alta para Phoebe sobre a greve geral em Paris — estudantes caminhando pelas ruas arrancando ponteiros de relógios públicos, parando o tempo, explicou Faith, porque o tempo *havia* parado literalmente e uma nova fase da história estava começando.

— Pense nisso, Pheeb! — falou a irmã, exaltada, saltando da cadeira e arrastando-a até o relógio da cozinha, do qual ela arrancou os dois ponteiros.

Depois disso, ela pareceu não saber o que fazer com eles. Guardou-os no bolso. Naquela noite, a mãe pôs uma caçarola no forno e foi conferir as horas.

— Meu Deus — disse ela —, o que aconteceu com nosso relógio?

Ele pendia na parede como se estivesse atordoado.

— Eu estava parando o tempo — explicou Faith.

Uma bolha de riso irrompeu do peito de Phoebe. E então todo mundo começou a rir, Faith mais do que todos.

— Se quebrar um relógio pudesse parar o tempo, não haveria um único sobrando — disse a mãe.

Faith tirou os ponteiros do relógio do bolso e os colocou em cima do balcão, como se fossem coisas inúteis, feito pernas de inseto.

— Eu te amo, mãe — disse.

* * *

Phoebe era ciumenta e ficava paralisada por tudo o que a irmã fazia, como namorar um Hell's Angel, que se chamava Zane, enquanto ela e Wolf estavam separados — todos ficaram chocados com o que Faith contara sobre os ritos de iniciação dos Angels, que incluíam matar um homem e beber o sangue da menstruação de uma mulher. Então Zane apareceu na casa deles com uma jaqueta de couro que gemia e rangia toda vez que ele se movimentava, como se estivesse viva. Ele pegou um litro de leite da geladeira e bebeu direto da caixa, engolindo em uma espécie de transe até esvaziá-la (o que era melhor, Phoebe argumentou mais tarde, do que colocá-la de volta na geladeira depois de já ter bebido dali). Então ele amassou a caixa com a mão e a colocou na lata de lixo com surpreendente delicadeza. A mãe proibiu Faith de vê-lo novamente, mas, com uma paixão acelerada pela adversidade, ela prometeu que se mudaria para Alameda, onde Zane morava com outros cinco Hell's Angels. Faith tinha dezesseis anos e meio. A mãe cedeu.

Para Phoebe a moto de Zane parecia a pura encarnação do mal, uma máquina prateada e preta que o próprio diabo poderia conduzir, bufando, latejando e arrotando fumaça azeda que flutuava para dentro da casa através das janelas. Com inveja e repulsa, ela observava a irmã subir na moto e ir embora, as mãos enterradas no couro grosso da jaqueta de Zane. Em um

sábado, enquanto a mãe estava no trabalho, Phoebe seguiu Faith até a rua e implorou para que a levassem junto.

— Querida, não, mamãe vai me matar — disse Faith, mas Phoebe insistiu, finalmente dirigindo seus apelos chorosos ao próprio Zane, até que ele mandou as duas calarem a boca e ergueu Phoebe sobre o assento.

No momento em que chegaram à rodovia, Phoebe ficou paralisada de terror — menos de se acidentar do que da velocidade em si, que parecia prestes a pulverizá-la. O vento batia em sua cabeça, sacudindo seu cabelo — que ela imaginou descolando-se do couro cabeludo em tufos — e forçando entrada em sua boca de modo que as bochechas batiam nos dentes. Ela tentou gritar, mas o vento empurrou sua voz de volta para a garganta, fazendo-a engasgar. Desesperada, Phoebe se agarrou à jaqueta de couro de Zane e até mesmo ao homem dentro dela, enquanto Faith a protegia por trás.

Ao chegarem a um penhasco, finalmente pararam. Os joelhos de Phoebe tinham travado e Faith teve que tirá-la da moto. O mundo parecia frágil o suficiente para quebrar. Phoebe olhou boquiaberta para a irmã, esperando algum reconhecimento do horror pelo qual elas tinham acabado de passar, mas as bochechas de Faith estavam coradas, os olhos, brilhantes. Com as pernas trêmulas, Phoebe seguiu a irmã e Zane até a beira do precipício, olhou para o mar cintilante e prometeu a Deus que nunca, nunca mais andaria de moto. No entanto, estranhamente, enquanto os minutos tranquilos passavam, Phoebe começou a se lembrar da velocidade terrível com um desejo perverso de experimentá-la de novo, não tanto com o cérebro quanto com os pulmões, estômago e pernas — partes irracionais de si mesma que tinham se ajustado ao ritmo rangente da máquina e agora ansiavam por ele. Aos poucos, seu desejo se aguçou, uma ânsia profunda e inexplicável pela mesma coisa que ela temia, pelo próprio medo.

— Vamos — pediu ela, enfim. — Vamos mais.

Ao ouvir essas palavras, o rosto de Zane abriu o primeiro e único sorriso verdadeiro que Phoebe já tinha visto nele. Ele se agachou ao lado dela, bonito, assustador, seus olhos estranhamente sem energia, como flashes recém-disparados. Seu hálito no rosto dela era ébrio, medicinal. Um tanto tímido, Zane perguntou a Phoebe a idade dela. Nove, respondeu ela. O garoto

começou a rir, um som inédito e enferrujado como a porta de um carro velho se abrindo e se fechando.

— Merda, nove anos — disse ele a Faith. — Ela vai acabar ficando mais louca do que você.

Na viagem de volta, ele realmente deixou a moto voar, se exibindo para a irmãzinha maluca da namorada maluca, inclinando-se em curvas tão drásticas que a orelha de Phoebe parecia quase tocar a calçada.

Nas semanas seguintes, Phoebe se deitou na cama pensando com inveja e pesar em Faith e Zane dividindo o mundo ao meio naquela moto, a violência da sua velocidade, o prazer relutante que subira de suas pernas através do estômago para, no fim, chegar à sua garganta, pressionando por trás da língua como medo ou náusea, mas que não era de todo ruim. Também era bom. Tudo se misturava.

* * *

Lembrando-se do tempo que passava com Faith, Phoebe pensava com frequência que elas tinham se aproximado de uma fronteira que, desde a morte da irmã, ficara fora de alcance. Às vezes, por acidente ou pura força de vontade, algo as impulsionava a atravessar essa linha. No entanto, por mais que Phoebe ansiasse pela intensidade daqueles tempos, sua própria vida se mantinha teimosamente separada do mundo dos eventos. Os governos, os exércitos, as redes de bandidos clandestinos — suas próprias existências pareciam impossíveis para Phoebe, vertiginosas. Como tudo isso havia se organizado? Quem estava no comando? Ela tinha a sensação de que as notícias aconteciam em outro mundo, longe da rua calma e pacata onde Phoebe vivia.

Com uma exceção: o sequestro de Patty Hearst tinha atraído Phoebe como nenhuma outra cobertura de imprensa em toda a sua vida. Ela tinha quatorze anos quando aconteceu, nunca sequer ouvira falar em William Randolph Hearst nem costumava ler muito mais do jornal do que a coluna do “Question Man”. Mas naquele inverno ela tinha esquadrinhado o *Chronicle* e o *Examiner* todos os dias por notícias da herdeira, discutindo a minuciosa evolução do caso com seus amigos ao telefone, até mesmo sonhando com ela.

Durante o ano que Patty esteve em cativeiro com o Exército Simbionês de Libertação, Phoebe e outras duas meninas passaram vários sábados procurando por ela, vasculhando os distritos de Sunset e Richmond, rindo loucamente enquanto espiavam através das cortinas de desconhecidos em busca de um vestígio da boina preta de Patty ou da sombra comprida de seu rifle. O relato posterior de Patty sobre estupro, tortura e lavagem cerebral tinha alterado pouco a visão de Phoebe sobre ela: uma garota sem graça e privilegiada que foi irresistivelmente atraída para uma fronteira invisível e que então a atravessou, indo parar em um mundo sombrio e transcendente.

* * *

Phoebe empilhou o conteúdo do painel na caixa onde guardava os cartões-postais de Faith e a deslizou de volta para debaixo da cama. Então ficou de pé no meio do quarto de Faith e ouviu os sinos de vento da irmã. Ela ouviu a porta da frente se abrir — era isso? Sim! Phoebe seguiu depressa para o corredor, debruçando-se sobre o corrimão para escutar os passos da mãe... sim? Mas não, era só a árvore batendo no telhado. Mas, espere, aquele não era o carro de sua mãe? Phoebe ouviu, cada nervo treinado na rua à espera do som de pneus, o solavanco da porta da garagem que começava a se abrir. Seu falso alívio trouxe consigo um terrível vazio. Phoebe voltou para o quarto de Faith, percebendo, enquanto examinava a mochila cheia pela metade e as pilhas de roupas, que não tinha vontade de ir a lugar algum. Ela estava mentindo, armando-se com a esperança de desmascarar sua mãe, forçando-a a desistir de Jack e a voltar para Phoebe.

Indignada, Phoebe voltou a arrumar a mochila. Guardou o vestido branco sem manga que nunca conseguia usar em São Francisco por causa do frio, um frasco de Chanel Nº 5, cadarços extras. Short... As pessoas usavam short na Europa? Rímel, embora sua mãe dissesse que ela não precisava, pois seus cílios já eram muito escuros. Então sentou-se à escrivaninha e escreveu uma carta para a Universidade de Berkeley anunciando sua decisão de adiar a matrícula até o ano seguinte. Phoebe fechou a carta e a selou. Mas tudo aquilo parecia preventivo, como seu pai mantendo uma mala feita para levar ao hospital depois de ter ficado doente — “Quantas vezes chove quando você

leva guarda-chuva?”, dizia ele, tentando parecer jovial —, na esperança de que se preparar para ir o protegesse de precisar ir.

Phoebe deixou a mochila no quarto de Faith e desceu para a sala de estar. Seu pai tinha sido um ávido colecionador: gravuras de iates no rio Connecticut, jogos de gamão em marfim, relíquias de um país aristocrático com o qual nem ele nem ninguém que Phoebe conhecia tinha a menor ligação. Ela andou pela sala. Sua mãe estava fora com Jack. Phoebe tocou um relógio de ouro sob uma cúpula de vidro e uma caixa esculpida que protegia um par de falsas pistolas de duelo. Ela abriu o armário onde a porcelana de casamento de seus pais estava guardada e pegou um prato com ovos de mármore de Florença. Segurou os ovos em seu alabastro, esperando o sussurro, o crescimento da promessa subir de baixo da casa e erguê-la. Mas a casa estava fria.

Levou os ovos de mármore à poltrona do pai e se deitou. Foi tomada pela exaustão. *Vou dormir aqui*, pensou ela, embalada pelas sirenes de neblina, e sentiu um silêncio repentino. Colocou um ovo sobre cada olho, a sensação densa do mármore frio, derradeira de alguma forma, como moedas nos olhos dos mortos.

Sete

Phoebe ficou chocada ao encontrar a mãe na cozinha na manhã seguinte, como sempre, lendo o *Chronicle* em seu robe branco felpudo.

— Aquilo foi muito estranho — disse ela, olhando para cima quando Phoebe apareceu na porta.

— O quê?

Phoebe estava alerta.

— A noite passada. Encontrar você dormindo na poltrona.

— Meu Deus, esqueci.

— Eu sabia que você estava em casa porque sua bolsa estava perto da porta, mas não encontrava você em lugar algum — disse a mãe. — Fiquei totalmente apavorada.

— Quando foi isso?

— Não sei direito. Bem tarde.

Algo com certeza deveria estar diferente, mas tudo parecia como de costume: o cheiro do café, as melodias de Bach ecoando ordenadamente do rádio. KDFC San Francisco, KIBE Palo Alto, *Your Radio Concert Hall*.

— O que você estava fazendo lá embaixo? — perguntou a mãe.

— Pensando.

Phoebe sentou-se. O mingau de aveia borbulhava no fogão.

— Você foi para a festa?

Phoebe negou com a cabeça. Ela olhou para as manchetes: Opec promete não aumentar os preços em 1978, Otan planeja bilhões a mais para defesa. Uma foto granulada de Aldo Moro, o ex-primeiro-ministro da Itália assassinado por terroristas das Brigadas Vermelhas no mês anterior. Phoebe se lembrava apenas vagamente da história, mas o rosto desfocado e granulado do homem morto a atingiu de forma pungente.

— Olha só — disse. — Coitado.

A mãe estava mexendo o mingau de aveia.

— Quem?

— Sr. Aldo Moro. Eles o sequestraram e, quando os prisioneiros não foram libertados, atiraram nele e o deixaram na rua.

A mãe balançou a cabeça, colocando o pão na torradeira. Foi até a janela e se espreguiçou, a coluna estalando de leve. O som fez Phoebe olhar para ela. Notou a pulseira fina de ouro deslizando no pulso da mãe, que erguia os braços acima da cabeça. Devia ter dormido com a joia.

— Olhe. O sol — disse a mãe, bocejando.

— Acho que você não se importa de verdade.

— Com o quê?

— Aldo Moro.

Ela se virou para a filha.

— Que tipo de pergunta é essa? É terrível, sim, mas não tenho sentimentos pessoais em relação a isso. Por quê, você tem?

A mãe parecia incrédula. Phoebe não disse nada. Com o coração acelerado, levou o café da manhã para a mesa, cereais quentes e torradas, uma jarra de leite, o açúcar mascavo em um prato de cerâmica azul. Em cada gesto de sua mãe, Phoebe sentia um afastamento, a perda de alguma influência que exercera sobre ela antes. Sentia-se incapaz de impedir aquilo.

A mãe voltou a atenção para o jornal. Enquanto ela lia a coluna de Herb Caen, Phoebe olhou para a gola macia do robe dela, os contornos sombreados dos seios. No sótão, ela havia encontrado alguns nus antigos que o pai pintara de sua mãe nos anos 1950 e fora surpreendida pela estranha pele pintada da mãe, os mamilos luminosos, abdome e quadris que pareciam fluir, como se a pele estivesse realmente se movendo. Não era o mesmo corpo que Phoebe vira encharcado após um banho ou prendendo a respiração para fechar o zíper de uma saia.

— Coma uma torrada — disse a mãe, empurrando o prato.

Ela tinha passado para a coluna de Art Hoppe.

Phoebe levou um pedaço até a boca, desejando que a mãe erguesse o olhar.

— Alguma coisa engraçada aconteceu ontem à noite? — perguntou ela.

A mãe a olhou. Phoebe viu o cansaço em seus olhos.

— Engraçada como?

— Você sabe, de vez em quando Jack é engraçado. Tipo, ele faz coisas engraçadas.

A expressão da mãe continuou inabalada.

— Não. Nada engraçado aconteceu.

Phoebe notou que aquele era o caminho errado, mas não conseguiu parar.

— Sabe, como aquela vez que ele apagou o cigarro no meio do bife daquele cara, ou...

— Jack não é um palhaço, Phoebe, está bem?

A torrada virou areia na boca da garota. Ela se levantou. Os pratos balançaram em suas mãos enquanto ela os levava para a pia.

— Me desculpe — disse a mãe. — Só estou de saco cheio das piadas sobre Jack, você não? Depois de todo esse tempo... — Phoebe começou a chorar. — Querida — chamou.

Phoebe parou de pé na cozinha e ficou chorando. A mãe levantou-se da cadeira e envolveu a filha em um abraço reconfortante e familiar.

— Ei, não foi tão ruim assim — disse ela. — Estou cansada e perdi a paciência, só isso.

— Estou cansada, também — falou Phoebe, soluçando.

Sua mãe a abraçou por mais um instante, e então a soltou.

— Você parece muito tensa — comentou ela. — Tem alguma coisa errada?

Phoebe negou com um aceno de cabeça, com vergonha de ter chorado.

— Tenho que ir — avisou a menina. — Disse a eles que chegaria cedo hoje.

— Vamos jantar hoje — sugeriu a mãe. — Vamos vestir roupas chiques e ir a um lugar legal, beber um bom vinho. Não temos feito muito isso nos últimos tempos.

Phoebe sentiu o olhar ansioso da mãe sobre si.

— Pode ser — respondeu, ajeitando o colete, que ela usava mesmo no verão.

— Se você quiser — disse a mãe. — Mas, se tiver outros planos, podemos esperar...

Ela estava à procura dos olhos da filha.

— Não tenho plano nenhum — respondeu Phoebe.

* * *

Ela iria trabalhar com Patrick de novo. Phoebe acenou para cumprimentá-lo e vestiu o avental sem dizer uma palavra. Ele entendeu o recado. Trabalharam na correria da manhã em silêncio.

Durante uma calmaria, Patrick dividiu um cigarro com Art.

— Posso pegar um? — pediu Phoebe.

— Claro, querida — respondeu Art.

— Não, estou falando sério.

Patrick inclinou a cabeça, tirou um Camel com filtro da mochila e entregou-o a Phoebe. Ela sentiu os olhos de ambos sobre si enquanto o acendia. Inalou profundamente, sentindo um golpe de tontura. Quando ergueu o olhar, os homens ainda a observavam. Art parecia preocupado.

— Então, estou fumando — disse Phoebe. — E daí?

— E a sua promessa? — perguntou Patrick.

Phoebe se apoiou de leve no balcão.

— Promessa?

— De não fumar.

A informação pareceu levar um tempo até chegar a ela.

— Ah — disse. — Foi quebrada.

Phoebe passou o intervalo do almoço ao telefone no escritório de Art. Ela ligou para o advogado do pai, Henry McBride, que ela lembrava vagamente de ter conhecido quando criança. Venha até o escritório, disse ele, assine os documentos a qualquer hora. O cheque de cinco mil dólares chegaria cerca de duas semanas depois.

— Não tenho como pegá-lo hoje? — perguntou Phoebe. — Ou amanhã?

Henry McBride riu. Phoebe imaginou como ele devia ser: cabelo branco, nariz vermelho de quem bebe muito.

— Desculpe, minha querida — disse ele.

Phoebe ligou para a Laker Airways, cujos voos para Londres estavam lotados até o fim do verão. Sozinha, ela poderia ficar na fila de espera, explicou o atendente, mas ele não podia garantir nada. Phoebe voltou a trabalhar, sentindo-se estranhamente aliviada; no momento, pelo menos, parecia não haver como sair da cidade.

Ela compartilhou outro Camel com Patrick quando o turno deles terminou.

* * *

Por muito tempo, Phoebe tinha visto a si mesma como a única plateia para a beleza antiquada de sua mãe, uma sutileza desperdiçada pelos tolos com quem ela saía e pelos Don Juans para quem ela não era ninguém, uma mulher de meia-idade com delineador. Mas naquela noite Phoebe sentiu que sua mãe recebeu uma forte atenção de cada homem que encontraram, desde o jovem manobrista que estacionou o carro delas até o garçom, que não desviava o olhar do rosto da mãe enquanto enumerava os pratos especiais. Par após par de olhos úmidos, Phoebe notou o que os atraía: uma nova vivacidade destacava os traços da mãe, dissolvendo sua melancolia habitual como uma névoa se dissipando ao redor dela. Seu longo pescoço despido e seus pulsos delicados pareciam muito expostos. Phoebe queria escondê-los.

— Um Sancerre? Que tal? — perguntou a mãe.

Phoebe assentiu. O restaurante era novo para ela, um lugar movimentado e elegante na Union Street, com garçons franceses e pratos especiais rabiscados com desleixo em pequenos quadros-negros apoiados em cada mesa. *Sem dúvida, a mãe havia ido àquele lugar com Jack*, pensou Phoebe, sentindo uma necessidade súbita e desconfortável de entretê-la.

— Como está o trabalho? — perguntou, passando cuidadosamente manteiga no pão.

— Bem, está ótimo...

— Vocês estão...

— Estamos...

— Vá em frente...

Elas compartilharam uma risada nervosa, ambas dando um gole no vinho.

— Eu ia dizer que nós vamos fazer a primeira edição do material bruto do projeto Che Guevara na semana que vem. Então estou empolgada.

— Uau — exclamou Phoebe, oprimida pelo uso frequente que sua mãe fazia da palavra “nós”.

Elas estudaram o cardápio e fizeram o pedido, e então a mãe ajeitou os talheres pesados de prata ao lado do prato.

— Tenho outras novidades — disse ela, obviamente nervosa. — Notícias surpreendentes, acho.

Os batimentos cardíacos de Phoebe estavam irregulares. Ela seria comunicada. Um medo terrível a dominou. Não queria ouvir aquilo, nem naquele momento nem nunca.

O garçom chegou para servir mais vinho, e Phoebe foi ao banheiro. Pelo espelho ela viu seu rosto branco e seus olhos nervosos acinzentados e se perguntou do que tinha tanto medo. Finalmente voltou para a mesa, cortando caminho entre os casais até a figura solitária de sua mãe. Estava tocando jazz, mas o som lembrava o de insetos batendo em uma lâmpada.

As entradas tinham chegado. Phoebe atacou seu *foie gras*, mal levantando os olhos do prato. Ela deu uma garfada para a mãe, que comeu distraidamente. O prato dela estava intocado.

— Mãe, por que você não está comendo?

A mãe deu uma risada tensa.

— Estou com medo — disse ela. — Não é engraçado?

— De quê?

— De contar a você. A minha novidade.

Phoebe estava corada por comer rápido demais. Suor escorria de suas axilas, chegando até o vestido de seda.

— Então talvez você deva esperar.

Sua mãe a avaliou.

— Essa é uma sugestão estranha.

Não havia mais jeito. Phoebe deixou o último pedaço de *foie gras* deslizar pela garganta e limpou a boca devagar.

— Não importa — disse. — Eu sei o que é.

— Acho que você não sabe, Phoebe.

— Jack? — A garganta dela estava seca. — Você e Jack?

A mãe inclinou a cabeça como se a filha tivesse falado alto demais.

— Caramba — murmurou ela, erguendo o garfo para espetar sua salada de caranguejo. Phoebe esperou inquieta a pergunta de como ela sabia, mas a mãe parecia agitada demais para questionar. — Bem, meu grande anúncio já era — disse ela dando uma risada vazia.

Phoebe desejou ter simplesmente fingido surpresa. As duas ficaram bastante tempo em silêncio.

— Faz quanto tempo? — perguntou Phoebe, por fim.

— Mais ou menos um mês. Um pouco menos. No começo eu mesma não acreditei. Queria ter certeza de que era algo real antes de contar para você, eu não iria chocá-la à toa.

— Uau — exclamou Phoebe. — Você e Jack.

— Imagino como isso deve parecer bizarro — continuou a mãe, mais confiante. — Depois de tantos anos, de todas as minhas piadas e reclamações sobre ele. Mas acho que quando você nos vir juntos... Ele é um homem maravilhoso, não consigo nem dizer como ele me faz feliz.

Não havia necessidade. Diante dos olhos de Phoebe, estava ocorrendo uma metamorfose, sua própria mãe fundindo-se perfeitamente com uma estranha glamorosa de fotografias antigas. Pelo visto, aquela outra mulher tinha ficado à espera todos aqueles anos, debaixo da melancolia de sua mãe. Ela estava esperando seu momento.

— O que pensei — disse a mãe, começando enfim a comer — foi que talvez nós pudéssemos fazer algo juntos neste fim de semana, ir a algum lugar legal, Monte Tamalpais ou Stinson, Barry pode levar a gente...

— Barry também sabe?

— Contei a ele hoje. Nós almoçamos juntos.

— Aposto que ele ficou animadíssimo — comentou Phoebe, surpresa com o tom amargo em sua voz.

A mãe pareceu assustada.

— Ele ficou feliz por mim — disse ela, e depois fez silêncio. — Mas, então, o que você acha? — perguntou, hesitante. — Um passeio a algum lugar, nós quatro?

— Parece ótimo — disse Phoebe. — É só que é tão... estranho. Você e Jack.

A mãe pegou a mão suada da filha entre os próprios dedos longos, lisos e frios como ataduras.

— Eu sei, querida — disse ela. — Acredite em mim, se alguém tivesse me falado há um ano que isso iria acontecer, eu diria que era impossível. Mas acho que se você nos vir juntos... — O olhar de Phoebe deve tê-la

desencorajado, pois ela soltou a mão da filha. — Por favor, abra o coração — disse ela. — É tudo o que peço.

— Vou tentar.

— Querida, você faz parecer como se eu estivesse pedindo a sua permissão — disse a mãe com delicadeza. — Você sabe que não é o caso.

— É claro — disse Phoebe com tristeza. — Quem se importa com o que eu penso?

Sua mãe a observou em silêncio. Phoebe vislumbrou a si mesma através dos olhos dela: um problema, uma ruga com que lidar. Encheu-se com uma frustração súbita e furiosa.

— Então, o que acontece com papai? — perguntou ela. — Ele simplesmente cai no esquecimento?

— Phoebe, seu pai morreu treze anos atrás! Acho que por qualquer padrão este seria considerado um período de luto respeitável.

Apesar de tudo, Phoebe sorriu. A mãe também. *Já está acabado*, pensou Phoebe, *nada disso faz diferença alguma*. Ela sentiu uma onda de pânico.

— Mas como você pode olhar para alguém como Jack, depois do papai? — perguntou ela em tom choroso.

Uma rara e inconfundível expressão de raiva surgiu no rosto da mãe.

— Isso mostra como você conhecia pouco seu pai — disse ela.

— Eu não conhecia o meu próprio pai?

— Não se você pensa que ele era perfeito.

— Não penso isso. Mas Jack...

Ela foi silenciada pela chegada dos pratos principais. Phoebe olhou para os caranguejos de casca mole, sem reconhecimento.

— Olhe — disse a mãe em voz baixa. — Você adorava seu pai e era uma menininha quando ele morreu, tudo bem. Nunca questionei isso. Mas você não faz a menor ideia de que tipo de marido ele era, então, por favor... — Ela fechou os olhos. — Por favor, não venha me julgar.

— Você e papai não eram felizes?

— Não estou dizendo isso! Nós éramos apaixonados, tivemos momentos maravilhosos, mas ele era um homem difícil e tínhamos problemas como todo casal. Você não tem o direito de compará-lo a Jack, a quem você mal

conhece, como se seu pai fosse um ideal perfeito. Garanto a você que ele não era.

Phoebe olhou para as próprias mãos, lembrando-se da cama quente de seus pais com aquele cheiro leitoso de sono, de como era confortável se deitar lá.

— Você se sente culpada — falou. — É por isso que está dizendo essas coisas.

— Culpada? Por namorar outro homem depois de treze anos?

O pai irrompendo pela porta da cozinha, sem fôlego, o barulho de tubos de tinta novos em sua pasta, o jantar esfriando na mesa. A esperança e a tensão no rosto dele.

— Porque ele nunca conseguia pintar — disse Phoebe, e então sentiu certo alívio.

Durante toda a vida ela soubera disso, todos sabiam. Mas ninguém havia falado.

O rosto da mãe se contraiu. Ela espetou o peixe e, em seguida, pousou o garfo na mesa. Phoebe sentiu que a alegria despreocupada tinha ido longe demais. Uma briga seria inevitável naquele momento, e ela queria isso. Ela queria brigar com a mãe.

— Acho que é melhor mudar de assunto — sugeriu a mãe. — Ou daqui a um minuto vou dizer algo de que vou me arrepender.

Elas se encararam. A raiva pesava no ar.

— Vá em frente — incitou Phoebe. — Diga.

A mãe apertou os olhos e tomou um gole de vinho.

— Você já observou as pinturas do seu pai de perto? — perguntou ela.

— Como assim?

— Phoebe, elas são ruins. Ele era um péssimo pintor. Havia paixão em abundância, era bonito de assistir, mas ele tinha zero talento. Por que outra razão você acha que ele nunca fez uma única exposição em uma galeria nem vendeu uma pintura sequer, pelo amor de Deus, a não ser para os meus pais? Você acha que ele foi o primeiro pintor no mundo que teve que trabalhar para sobreviver? — Ela fez uma pausa, respirando trêmula. Phoebe ouvia sem dizer nada, espantada. — Eu nunca teria dito isso a você, Phoebe... E não falei, esse tempo todo. Mas você me culpar, culpar a nossa família pelo fato de o seu pai não ter sido bem-sucedido como artista, bem, isso é

simplesmente errado. Não posso deixar você pensar assim. Ele inventou esse mito para consolar a si mesmo.

— Não acredito em você — disse Phoebe em voz baixa. — Não acredito que ele não sabia pintar.

— A prova está pendurada em todas as paredes da nossa casa.

Phoebe sentiu-se tomada por uma tontura súbita. Algo que ela não era capaz de parar havia começado. Sua alegria se dissipou, deixando-a assustada com a raiva da mãe, com sua própria vontade opressiva de levar as coisas adiante, de puni-la.

— Vamos para casa — disse ela.

— Ótimo.

Elas ficaram em silêncio enquanto a mãe pagava a conta. As refeições intactas foram retiradas. De volta ao carro, a mãe fixou o olhar no asfalto, os brincos azuis balançando a cada curva. Phoebe viu o brilho perolado de sua maquiagem — não para Jack, não para qualquer um, só para Phoebe — e se arrependeu por ter perdido aquela noite, por tê-la desperdiçado. Que esperança havia agora de ganhá-la de volta? Phoebe examinou o rosto triste da mãe à luz dos postes e sentiu somente pena. Aproveitar aquela oportunidade com Jack... Por que não? Levar Phoebe para jantar e lhe contar a grande novidade, para comemorar. Restaram apenas as cinzas da decepção de uma noite arruinada.

Phoebe queria pedir desculpas. Ela abriu a boca mais de uma vez, desejando que as palavras saíssem, mas um peso parecia empurrá-las de volta para dentro. Muita coisa havia acontecido; pedir desculpas naquele momento significaria aceitar a coisa terrível que a mãe dissera sobre seu pai. Impossível! Se seu pai não sabia pintar, então onde estava o sentido da vida dele? Até mesmo tentar imaginá-lo sob esse novo e vergonhoso prisma deixava Phoebe tonta. Não podia ser. Simplesmente não podia ser.

A mãe foi na frente até os degraus estreitos da garagem, os saltos altos batendo nas tábuas nuas, a barra do casaco balançando a cada passo. Em casa, ela se virou para Phoebe.

— Querida... — chamou.

Phoebe se aproximou dela. As duas ficaram por algum tempo no patamar escuro, abraçadas em silêncio. A menina respirava o perfume cítrico da mãe,

seu pó de arroz, o calor de sua pele.

— O que eu disse sobre o seu pai — falou a mãe, ainda abraçando Phoebe. — Sinto muito por ter falado aquilo.

— Você quer dizer que não é verdade? — A mãe hesitou, e os braços de Phoebe a soltaram. — Você não sente muito — notou ela.

Elas se afastaram, mas devagar. Na escuridão, Phoebe viu apenas o contorno suave do rosto da mãe.

— Eu sinto muito ter falado algo que você não precisava ouvir, só porque eu estava com raiva — explicou a mãe, pendurando o casaco no corrimão. — Mas não vou ficar aqui e mentir para você, Phoebe. Sinceramente, aos dezoito anos talvez seja melhor você saber que seu pai não era um pintor talentoso do que achar que ele era uma espécie de mártir. Garanto a você que se aquele homem tivesse continuado solteiro até morrer, ele teria se tornado um engenheiro. Porque isso, isso sim, era o que ele realmente fazia direito.

Ela subiu as escadas para o segundo andar, e Phoebe a seguiu.

— Você não tem como ter certeza — gritou ela. — Apesar de tudo que sabe, se ele tivesse ficado solteiro, talvez ainda estivesse vivo!

— O que você quer dizer?

— Você sabe o que quero dizer!

Elas se encararam no corredor do andar de cima. Havia uma luz irradiando de um canto do quarto da mãe, onde Phoebe a deixara acesa após pegar uma meia-calça emprestada.

— Não tenho a menor ideia — disse a mãe. — Diga.

— Porque a IBM o deixou doente — irrompeu Phoebe, com raiva do tremor em sua voz.

A mãe bufou, virando-lhe as costas.

— Isso é ridículo — disse, indo para o quarto.

Phoebe a seguiu. Estava enlouquecida. Como podia ser ridículo? Essa era a história de seu pai. A cada movimento, a cada gesto — durante anos —, sua mãe havia confirmado isso.

— Mãe — chamou ela. — Não acredito no que você está dizendo.

— Não acredito no que *você* está dizendo — rebateu a mãe. — Está me dizendo que seu pai teve leucemia, uma doença do sangue, por trabalhar

como gerente na IBM? Por causa de produtos químicos ou algo assim? O que você está dizendo?

— Não! Você sabe! — Phoebe estava gritando. — Todo mundo sabia, porque ele... — Explicar parecia inútil. — Não produtos químicos, mas...

— O quê? Radiação?

— Não! Não! Porque ele odiava trabalhar lá.

— Ah, por favor — disse a mãe. — Poupe-me.

Phoebe sentiu como se tivesse apanhado. A mãe sentou-se na cama e tirou os sapatos. Arrumou-os lado a lado no piso encerado.

— Isso é loucura — disse Phoebe. — Todo mundo sabia. Papai sabia, Faith sabia...

— O que Faith sabia não tem importância — retrucou a mãe dando uma risada triste e amarga. — Ela acreditava no que ele quisesse, coitadinha.

Ela se levantou da cama e guardou os sapatos em uma prateleira na parte de dentro da porta do armário.

— Faith não acreditava em tudo — disse Phoebe.

— Ah, não estou culpando ela — explicou a mãe, abrindo o zíper lateral de seu vestido. — Nem de longe. As crianças sempre pensam que os pais são deuses. O que mais elas sabem? É nosso trabalho manter a verdade em perspectiva, caso contrário você acaba amando seus filhos pela maneira como eles fazem você se sentir em relação a si mesmo. E isso não é amor, é egoísmo puro e simples.

— Do que você está falando?

— Estou dizendo que seu pai usava Faith para reforçar todos os tipos de mitos sobre si mesmo... Essa era a principal função dela na vida dele.

Phoebe olhou para a mãe. Ela tinha consciência de que as duas estavam deslizando, flutuando em algum lugar perigoso. Estava perdida, mas cada passo desconhecido tinha a própria lógica estranha, e contra isso Phoebe sentia-se impotente.

— Papai a amava mais do que qualquer coisa — disse a menina, balançando a cabeça.

— Não há dúvida. Mas, se a tivesse amado menos, ele teria sido um pai melhor.

— Por quê?

— Ele a fez responsável pela felicidade dele. Era um fardo pesado demais... para qualquer um, sobretudo para uma criança. Não que Faith não tentasse, só Deus sabe, posando para ele horas a fio... Às vezes, eu pensava: ele não está pintando Faith coisa nenhuma, está pintando a si mesmo, Gene O'Connor, o grande artista não reconhecido, diretamente no cérebro dela. E isso ele fez muito bem, tenho que admitir. No final das contas, ela foi sua obra-prima.

Phoebe sentiu o pânico a cercando. Ela olhou ao redor da sala, mas os objetos familiares de suas vidas pareciam contaminados, irreconhecíveis. Até sua mãe parecia alterada, uma estranha, como a mulher nua nas pinturas de seu pai.

— Se ele ainda estivesse vivo, tenho certeza de que tudo daria certo — continuou a mãe. — Faith iria se rebelar, em algum momento, e ela e seu pai teriam se redescoberto em diferentes condições. Mas Faith nunca teve essa chance, ela era completamente dependente do pai quando ele morreu, completamente, totalmente incapaz de viver sem ele.

A cabeça de Phoebe latejava. Ela sentiu uma vontade selvagem e animal de se defender.

— Você tinha ciúmes — disse Phoebe, instintivamente. — Do modo como ele amava Faith.

Elas ficaram em silêncio.

— É verdade — admitiu a mãe, em um tom de voz diferente. — Tinha.

E isso pareceu entristecê-la, cansá-la de alguma forma.

— Você tinha ciúmes.

— É claro que eu tinha. O amor neurótico é tão poderoso que às vezes ele ofusca todo o resto. Sim, eu tinha ciúmes, Barry com certeza tinha. Você também, eu acho, embora pareça não se lembrar disso.

— Eu não — disse Phoebe.

— Então está bem.

Era claro que ela estava cansada de falar. Sentou-se pesadamente na cama com seu robe felpudo, como se estivesse esperando Phoebe sair. Mas a menina não iria embora, não até que a mãe encontrasse uma maneira de contra-atacar. Havia algo de que ela precisava se lembrar, alguma fraqueza recente da mãe. E então ela lembrou: o dia anterior no carro quando elas falaram sobre a ida de Faith para a Europa. A mãe se explicando para Phoebe

e, em seguida, perguntando se ela tinha entendido. O peso anormal de sua resposta.

— Você a deixou ir — disse Phoebe. A mãe olhou para ela, assustada. Um arrepio surgiu no couro cabeludo de Phoebe e desceu por sua coluna. — Você a deixou ir. — A mãe levou as mãos ao rosto. E Phoebe soube que havia encontrado o pior medo dela. Encontrado e dito em voz alta. — Deixou — continuou, espantada. — Você a deixou ir.

A mãe abriu a boca para falar. Então alguma coisa desmoronou no seu rosto e ela começou a chorar, com a cabeça apoiada nas mãos. De início Phoebe a olhou com frieza. *Tudo bem*, pensou, *deixe-a chorar*. Mas o desespero da mãe logo despertou nela uma culpa constrangida.

— Mãe — chamou Phoebe, parada inutilmente a poucos passos de distância, com medo de chegar perto.

A mãe não parava de chorar. A menina se lembrou de como ela estava no início da noite, o bom humor transbordante — acabado, para sempre, pelo que parecia. Phoebe o havia minado. Pensou em Claude, anos antes, o grande e risonho Claude, em como sua mãe ria quando ele estava lá, ria sem parar, e então Faith morreu e as risadas também morreram. Quando pensava em Claude, Phoebe tinha que lembrar a si mesma que ele ainda estava vivo em algum lugar.

— Mãe — chamou ela mais uma vez, aproximando-se.

Ela sentia uma pressão terrível no peito. Tudo tinha desmoronado. E agora a pessoa que havia deixado tudo em pedaços estava em pedaços também.

Sua mãe ergueu a cabeça, lágrimas e maquiagem manchando seu rosto.

— Vá embora, Phoebe. — Mas ela não se mexeu. Tinha que haver uma maneira de desfazer aquilo, de voltar atrás. — Por favor, vá.

A mãe soluçou, acenando para Phoebe sair com o rosto meio escondido, como se estivesse com vergonha de ser vista. Quando Phoebe não se mexeu, a mãe levantou-se subitamente da cama e a empurrou, as mãos trêmulas nos ombros da filha.

— Por favor, vá — pediu ela. — Me deixe em paz, por favor.

— Espere — disse Phoebe. — Mãe, espere...

Ela ergueu as mãos, mas sua mãe continuou a empurrá-la, uma confusão de braços trêmulos.

— Por que você não sai? — Ela soluçou. — Há algo mais que queira dizer? Eu fiz mais alguma coisa? Por favor, apenas diga e vá embora.

Dizer aquilo a fez engasgar. Ela começou a tossir, tapando a boca com uma das mãos e depois virando-se de costas para a filha em uma demonstração de educação involuntária. Uma onda de náusea atingiu Phoebe ao som de sua mãe tossindo de maneira indefesa.

Quando enfim a mãe voltou a se endireitar, ela parecia ter tossido para longe o medo e a histeria. Encarou Phoebe com tranquilidade.

— Você está certa — disse ela. — Está certa, eu a deixei ir. Mas não foi naquela ocasião. — Phoebe ouviu com medo. — Eu a deixei ir quando permiti que ele a sufocasse. Porque foi isso que ele fez. — Ela encarou Phoebe com um olhar equilibrado e havia uma espécie de força em seu rosto. — Eu vi acontecer — continuou. — Começou assim que ela nasceu. Ele a sobrecarregava. Soube por todo aquele tempo que isso estava errado. Mas ela parecia florescer. Ainda assim, eu deveria ter impedido. — Ela fez uma pausa, olhando muito calma para Phoebe. — Você está entendendo? Está ouvindo? — Phoebe apenas olhava. — Bem, é isso — concluiu a mãe, respirando fundo. — É isso.

Mas Phoebe não sentiu nada. Apenas quando se viu no corredor, com a porta branca do quarto da mãe fechada atrás de si, foi que teve consciência de que havia saído do cômodo.

Oito

Durante toda a manhã Phoebe ficou pensando se deveria deixar um bilhete. Ela pensou enquanto enviava a carta para a Universidade de Berkeley, e depois enquanto esperava em um reservado rosa e laranja do Zim no Laurel Village pela abertura do banco Gibraltar Savings; ela pensou enquanto voltava para casa caminhando na leve névoa cinza com todo o conteúdo de sua conta bancária — mil, quinhentos e trinta e oito dólares, poupados após um ano de trabalho na Milk and Honey — em cheques de viagem. Só a passagem de ida e volta da Laker Airways custaria quase quinhentos dólares. Por quanto tempo era possível viver com mil dólares?, perguntava-se Phoebe. Bem, pelo maior tempo possível, e depois disso talvez ela encontrasse alguma maneira de conseguir seus cinco mil.

Phoebe tinha ficado acordada durante a maior parte da noite. Chegou a cogitar ligar para alguém e pedir dinheiro emprestado. Barry tinha muito, é claro, ou sua amiga Celeste, que trabalhava em uma agência de viagens. Mas todos pareciam tão distantes, como se houvessem conhecido Phoebe anos atrás e ela não tivesse mais nenhuma intimidade com eles. Como se ela já tivesse partido.

A mãe saiu de casa bem antes das sete da manhã. Da cama, Phoebe ouviu seus passos leves, a porta da frente suavemente se fechando. A mãe queria apenas fugir da filha. E seu desejo seria atendido.

Finalmente, Phoebe escreveu um bilhete em uma folha grossa do papel de carta de sua mãe. *Querida mamãe,* ela escreveu:

1. Sinto muito.

2. Eu te amo.

3. Vou embora agora porque é *a melhor coisa.*

4. Vou tomar cuidado.

Com amor,
Phoebe.

Estava feito. Tudo estava feito. Ela só precisava ir para o aeroporto.

O ônibus até o aeroporto saía da O'Farrell Street, em Tenderloin. Phoebe ligou para a empresa de táxis De Soto, que nos últimos tempos tinha avançado lentamente ao lado da Veteran's na hierarquia de seus afetos. Ela chamava táxis havia anos nas festas das quais queria fugir, em cabines de telefone enevoadas acima da Ocean Beach. Mas ela sempre ia para casa. Parecia estranho dar aquele endereço como seu ponto de partida.

Phoebe deixou a mochila perto da porta da frente e sentou-se na poltrona para esperar. Ouviu o telefone tocando na cozinha. Sem dúvida era Art ligando para saber por que ela não tinha aparecido no trabalho. O telefone tocara a manhã inteira. Mas acabou parando, e, enquanto Phoebe esperava o táxi, ela começou, pela primeira vez desde que viu sua mãe com Jack, a ter esperança. Finalmente ela estava partindo, indo para o mundo. Phoebe se levantou, ansiosa para dar uma última olhada na casa, fixá-la em sua mente. Circulou pela sala de estar, olhando para um ovo de avestruz no pedestal de ônix, um cavalo de vidro soprado, os ovos de mármore de Florença, e de repente sentiu um pulso fraco dentro da casa, sob o assoalho, abaixo da terra, e entendeu que ela não estava indo embora, no final das contas, estava apenas afundando cada vez mais na casa, entrando em seu mundo oculto. Como se, depois de anos de cutucadas, bisbilhotices e batidas, uma parede houvesse, enfim, se aberto e ela estivesse entrando.

PARTE DOIS

Nove

Londres parecia tropical. Denso, o ar úmido filtrava a luz do sol em um amarelo aguado. Sinos de igreja tocavam por toda parte.

Com um mapa que havia comprado no aeroporto, Phoebe guiou-se por entre o emaranhado de ruas. Estava exausta. Chegara naquela manhã no voo noturno da Laker, depois de sua segunda noite seguida sem dormir.

Teve dificuldade em encontrar o albergue, em parte porque o prédio era alto e branco como todos os edifícios em Kensington, brilhando com tinta que parecia fresca. Quando finalmente encontrou o albergue, às onze da manhã, ele já tinha fechado para check-in. Mas um homem a deixou entrar para guardar a mochila e usar o banheiro, onde ela jogou água debaixo dos braços e escovou os dentes.

A exaustão de Phoebe deixava as coisas desfocadas e em movimento. Ela gostou. Havia um aroma de plantas no ar, um cheiro inebriante de árvores floridas. Isso a fez se sentir bêbada.

As ruas de Kensington faziam curvas; Phoebe tinha que ficar conferindo o mapa. Fazia isso com discrição, sem querer parecer uma turista. Em seus óculos escuros, ela se sentia incógnita. Estava com os cartões-postais de Faith na bolsa, com a foto da irmã, um pequeno caderno para registrar o progresso da viagem, seu passaporte, mais de vinte libras, mil dólares em cheques de viagem e o pedaço de LSD em um pequeno envelope branco. Por mais que Phoebe estivesse cansada, uma energia maníaca a dominava ao caminhar. Os táxis pareciam limusines. Parques ovais minúsculos estavam enfiados entre amontoados de prédios, cercados por portões trancados. Espiando através dos arbustos, ela via o brilho de grama molhada e galhos compridos avermelhados. Uma vez ela escutou a batida suave de bolas de tênis e viu uma parte da perna branca de alguém.

Em Knightsbridge, Phoebe olhou através de vidraças brilhantes e viu lenços de seda serem usados como abanadores, viu gravatas e peixe defumado, senhorinhas ainda usando sobretudos e bebendo chá, seus cabelos levemente azulados, como leite desnatado. Era a Inglaterra. Para onde quer que olhasse: Inglaterra. Vendedores de tabloides berravam manchetes cercados de tocos molhados de charutos enquanto os ônibus vermelhos de dois andares passavam. Era possível pegar um avião e descer na Inglaterra. Aquilo era milagroso.

Porém, o que mais impressionou Phoebe foi a luz, que parecia jorrar em todas as direções ao mesmo tempo, formando pontos brilhantes nas janelas e folhas, saturando as cores a uma intensidade surreal. Ela sentiu que conseguia *ver* pela primeira vez em meses, como se a neblina que engolia São Francisco todas as noites houvesse envolvido também a sua mente, obscurecido seus pensamentos e agora tivesse se dissolvido. O que restava era aquela luz, a clareza hipnotizante que fez Phoebe sentir ter chegado a uma terra diferente. Era exatamente como ela esperava.

> *Queridos mamãe, Phoebe e Barry, a primeira coisa que fizemos foi ir até a Harrods como você disse, mãe, que lugar alucinante!! Você estava certa, essa Praça de Alimentação é muito intensa. Aposto que eles não mudaram desde os anos 1950, quando você e papai vieram. Wolf e eu recebemos alguns olhares engraçados, isso eu posso afirmar. As pessoas em Londres são muito irritadas, elas não gostam de calça jeans com remendos, mas quando tirei minha jaqueta de bolinhas foram mais legais comigo. Nós mandamos um bolo pra vocês que talvez já tenham recebido. Espero que não tenha estragado, eles prometeram pra gente que continuaria fresco. Tem passas. Com amor, Faith*

Dentro da Harrods, Phoebe se viu escrutinando a multidão em busca de um rosto familiar. Ela se sentia bem-vinda, aguardada, se não por uma pessoa, então pela cidade em si. Era tão raro que sua própria presença parecesse importante que aquela sensação a deixava elétrica. Ela se sentiu quase chapada ao entrar na Praça de Alimentação, salões com colunas exuberantes

que pareciam ter teto de vidro e ser inundados pela luz do sol. As paredes eram de azulejos esmaltados laranja, verde e azul-turquesa. Havia carnes em exibição em tábuas de mármore, recheadas com ervas, amarradas com barbante como pacotes preciosos, enormes fígados reluzentes e vitelas pálidas, pernas de cordeiros, carne de veado, bifes sangrentos, galinhas-d'angola com as peles soltas e aveludadas dobradas suntuosamente em torno de cada peito e asa. A própria comida parecia emitir luz. Homens com chapéus de palha ficavam atrás dos balcões, segurando facas compridas.

Phoebe foi até a padaria. Bolos tão grandes quanto chapéus, cobertos com glacê, enfeitados com coco ralado ou raspas de chocolate, cravejados com passas gordas, bolos cujas coberturas brilhavam como o branco reluzente das casas em Kensington. *Nós mandamos um bolo pra vocês que talvez já tenham recebido. Espero que não tenha estragado, eles prometeram pra gente que continuaria fresco...* Ali estava. Faith e Wolf tinham estado naquela mesma loja oito anos antes, naquele exato salão, seus pés calçados em sandálias tinham pisado aquele mesmo chão de mármore cinza, talvez tocando o local onde Phoebe estava. Ela sentiu uma espécie de assombro. Naquele momento, um alto-falante ganhou vida.

"Atenção, todos os clientes", disse uma mulher com sotaque inglês. "A loja deve ser evacuada. Por favor, dirijam-se à saída mais próxima o mais depressa possível."

Um silêncio pairou sobre o lugar. "Pedimos que todos os clientes deixem o local imediatamente. A loja deve ser evacuada. Por favor, dirijam-se..." As pessoas começaram a pegar suas bolsas e a saírem rapidamente do salão. Phoebe olhou ao redor, confusa. "Atenção, todos os clientes..." A loja estava encerrando o expediente? Claro que não. Confusa, Phoebe seguiu a multidão até uma área central cheia de balcões espelhados com cosméticos, onde centenas de clientes já estavam reunidos. Ela ouviu os sussurros concisos e cúmplices de pessoas em perigo e sentiu um arrepio de medo. Havia alguma coisa acontecendo. Uma luz vinha da rua, mas o gargalo de clientes saindo obrigou Phoebe a parar a certa distância das portas. Ela começou a ficar nervosa. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se estranhamente livre de qualquer perigo real. "Todos os clientes devem se dirigir à saída mais próxima. O prédio..."

— O que está acontecendo? — perguntou Phoebe ao homem ao seu lado, que carregava um pão redondo sob o braço.

— Ameaça de bomba, imagino — disse ele. — Acontece com certa frequência.

— Uau, uma bomba! — exclamou Phoebe. Todo mundo parecia tão dócil. — Mas acho que *ameaça* não significa que exista uma bomba de verdade.

— É raro — concordou o homem. — Mas não se esqueça de que elas realmente explodem de vez em quando.

Por seu meio sorriso, Phoebe sentiu que ele a estava provocando e tentou assumir um ar de indiferença. As portas pareciam muito distantes.

— Você é americana — observou o homem em seu sotaque britânico.

— Sou — disse Phoebe. — Cheguei hoje de manhã.

— Não há muitos terroristas nos Estados Unidos, então.

— Terroristas? — repetiu Phoebe, assustada. — Não. Bem, quer dizer, Patty Hearst era uma terrorista...

Ele franziu a testa.

— Quem é essa?

— Ela era uma herdeira rica, mas então foi sequestrada por terroristas e acabou se tornando uma terrorista também. Foi incrível — disse Phoebe, tomando consciência enquanto falava de que aquilo não parecia especialmente incrível. O homem não disse nada. — Há muitos terroristas em Londres? — perguntou ela.

— Temos a nossa cota. Mas, veja só, os franceses são piores; lá, bombas explodem toda vez que você vira uma esquina.

Um cheiro de ansiedade e humanidade enchia o vasto salão. Phoebe queria fugir. O homem tinha um ar gentil, resignado. Ela imaginou os filhos pulando em cima dele como macacos antes que ele conseguisse largar o pão.

— Então... o que eles estão tentando fazer? Os terroristas em Londres — perguntou ela.

— Depende do terrorista. O IRA odeia os britânicos e ponto final. Os palestinos querem a libertação de reféns ou estão se vingando de alguma outra coisa terrível. E há também os jovens espalhados pela Europa que não têm noção de nada, apenas detestam o capitalismo e tal. Fazem bombas e carregam armas por aí... Essa é a parte de que eles realmente gostam.

— Sem dúvida eles têm razões melhores do que essa — rebateu Phoebe, sentindo uma estranha vontade de defender os terroristas.

— Evitar o tédio? — disse o homem dando uma breve risada. — Melhor razão do mundo.

Finalmente eles se aproximaram das portas. Phoebe sentiu uma súbita e estranha relutância em deixar o perigo para trás. Ela imaginou os terroristas observando aquela comoção de algum lugar escondido e queria ir mais devagar para se exibir para eles, ostentar seu destemor.

Por fim, eles foram empurrados através de uma porta até a rua. Phoebe olhou ao redor em busca do homem com quem tinha conversado, pensando que ele talvez tivesse parado para compartilhar com ela o triunfo da fuga. Mas ele havia desaparecido. A multidão, ainda fluindo das portas atrás dela, forçou Phoebe a prosseguir. Policiais lotavam a calçada, capacetes pretos amarrados sob o queixo, como gorros. Phoebe desacelerou, resistindo ao ímpeto da multidão. Os clientes ainda saindo da Harrods eram prensados pelos curiosos que tentavam chegar mais perto. Os avisos irritados dos policiais não ajudavam muito a reprimir o desejo da multidão de se aproximar da confusão. E Phoebe também o sentiu: ali estava o mundo dos acontecimentos, um lugar que ela conhecia apenas por fotografias, por matérias de jornal. Da noite para o dia ela tinha chegado a ele.

> *Está vendo esta lagoa, bem, acredite ou não a gente foi nadar nela, a água estava muito limpa, só um pouco verde por causa das algas. Os patos não ficaram com medo, eles vieram grasnando direto até a gente. Mas os policiais ingleses surtaram totalmente e cerca de oito deles fizeram uma fila gritando para a gente sair com aqueles chapéus ovais cobrindo os olhos, e nós dissemos Não, Não vocês deveriam entrar na água, está tão boa, faria bem a vocês, mas eles ficaram apitando e gritando até que finalmente a gente saiu com os patos nadando atrás. Que dia louco, eu estava tão feliz!! Com amor, Faith*

As árvores do St. James’s Park pendiam como cortinas de veludo, pesadas e densas, a luz do sol escapando entre as folhas e inundando a grama brilhante.

Phoebe foi até a beira d’água e olhou para os patos, suas plumagens vivas e brilhantes como fantasias.

Ela circundou a lagoa. Era grande, pontes curvas passavam por cima das partes mais estreitas. No meio, um jato d’água disparava em linha reta em direção ao ar. Uma excitação nervosa percorreu Phoebe. Seguir as indicações de Faith a enchia de uma grande expectativa, embora ela não soubesse pelo quê. Objetos pareciam saltar para ela, cheios de significado.

Phoebe comprou um sanduíche de presunto, um bolo de chocolate e uma maçã verde. Levou sua bandeja para uma pequena mesa de pedra ao ar livre e devorou a comida, faminta. Depois de terminar a refeição, abriu o caderno e escreveu: “2 de julho de 1978. Na Inglaterra, tudo é mais real. O dinheiro é colorido, as moedas são pesadas como ouro de verdade, os parques são mais verdes, as pessoas têm sotaques bonitos. Há terroristas por toda parte e ameaças de bomba. Nada é do jeito a que estou acostumada. Este é o mundo real e estou me sentindo totalmente viva, pela primeira vez na história.”

Comer deixou Phoebe exausta. Ela encontrou uma cadeira vazia na grama e sentou-se, tirando os postais de Faith da bolsa e abrindo-os nas mãos como um baralho. Havia dezoito no total. Phoebe olhou para o cartão-postal do St. James’s Park e em seguida para o próprio parque. Uma parte dela não acreditara que conseguiria se sentar ali de verdade, como se os lugares reais fossem desaparecer, feito miragens, assim que ela chegasse a eles. Naquele momento, pela primeira vez em anos, o chão parecia muito sólido debaixo de Phoebe. Ela deixou os olhos se fecharem, o calor do sol batendo nas pálpebras; sons de pássaros, crianças e do tráfego distante a fizeram adormecer.

* * *

Phoebe despertou às seis e meia com a garganta seca. Mais cedo, um garoto a havia acordado para receber o pagamento pela cadeira, mas seu sotaque era difícil de entender e houve certa confusão antes de ela conseguir entregar a moeda certa. Os cartões-postais de Faith estavam espalhados pela grama. Phoebe esforçou-se para recolher todos, com medo de que algum pudesse ter sido levado pelo vento — mas não, todos os dezoito estavam lá. Ela os

guardou de volta no envelope. Uma população fantasmagórica de cadeiras de pano vazias se espalhava pelo gramado. O céu tinha ficado nublado. Tremendo de frio, Phoebe se levantou.

Ela saiu do parque depressa, com a impressão de ter perdido algo, de ter deixado passar alguma coisa importante. Logo se viu sob os trilhos superiores da estação Charing Cross, a névoa iluminada pela luz esverdeada dos restaurantes de peixe com fritas. Trabalhadores ferroviários em uniformes azuis e botas jogavam nas sarjetas cigarros fumados pela metade. A fala deles, assim como a do menino que a acordara no parque, era impossível de decifrar. Das portas da estação vinham um cheiro úmido, como um hálito, e um jorro de tráfego humano. Phoebe ficou nas sombras e assistiu. Ninguém reparou nela. Ela olhou para o mar de rostos que se aproximavam e esperou por um no qual focar, para ser destacado como em uma cena de filme. Muitas pessoas passavam pelas portas, apressadas para chegar em casa. Finalmente, ela se afastou.

O albergue estaria aberto agora. Phoebe pegou o metrô até a estação Gloucester Road, onde um indiano em uma barraca de frutas exibia uma pirâmide de figos polvilhados de açúcar de confeiteiro. Havia maçãs vermelhas enfileiradas, cada uma envolta em um lenço de papel.

Árvores balançavam e se curvavam com o vento. Parecia que ia chover. Phoebe olhou para o céu pesado e pensou na casa dos avós, em St. Louis, na promessa de uma tempestade violenta, galhos e folhas correndo pela grama como se em busca de um esconderijo. “Vai ser terrível”, diziam as pessoas, mas sempre com certa empolgação pela ideia de assistir à tempestade chicoteando nas janelas.

Phoebe caminhou na direção do albergue. Passou por uma pequena igreja de pedra, dentes-de-leão se agitando no cemitério do local. A rua comprida e tortuosa ficou embaçada. Ela parou para esfregar os olhos e de repente sentiu que a irmã estava muito perto, não uma memória ou um eco, mas a própria Faith rindo, se aproximando. O que mais além da presença da irmã podia explicar a excitação que Phoebe sentia desde que chegara a Londres, a intensificação da promessa? Era Faith que trazia esses sentimentos, que sempre trouxera. E Phoebe soube, então, que sua jornada só estaria completa quando a irmã enfim se revelasse. Faith simplesmente apareceria, irromperia

do nada, da mesma forma quando ela perdia a paciência durante o pique-esconde, acabando com a quietude ao saltar de trás de uma cortina ou de baixo de um sofá, anunciando: “Acabou o tempo, você não conseguiu me encontrar.”

Uma frieza invadiu os pulmões de Phoebe, como se inalasse hélio de um balão. Ela congelou no meio do passo. Do outro lado da rua, uma casa alta e excêntrica saltou até ela em flashes de tijolo laranja. Phoebe vasculhou o ar granuloso, meio que esperando ver a forma familiar de uma garota magra e saltitante de cabelo escuro. Uma idosa passou mancando, segurando um guarda-chuva preto com babados, e, quando a mulher passou, o mesmo aconteceu com o sentimento, como uma rajada de vento. Phoebe voltou a caminhar, com uma fraqueza nas pernas e um estranho sabor amanteigado no fundo da garganta. Estava chovendo. Quadrados amarelos de luz surgiram no interior das casas. De uma janela alta veio o som de um piano, cujas notas caíam devagar, sólidas como folhas, e então desapareciam. A sensação da chuva era muito boa, o vestido molhado grudando nas pernas de Phoebe. Sua antiga vida tinha chegado ao fim. Terminados para sempre, os anos sozinha em São Francisco, anos de espera, à procura de um sinal, tinham flutuado para longe como a mais fina casca seca, deixando Phoebe recém-nascida em uma terra estranha.

Dez

Queridos mamãe, Phoebe e Barry, Amsterdã é o máximo do máximo. Londres não foi nada comparada a isso. Wolf e eu estamos em um prédio vazio que está sendo ocupado há meses. Os policiais não fazem nada, pelo contrário, eles são os nossos anjos da guarda. Somos como uma família, tudo é espiritual, e quando alguém vai embora talvez a gente nunca mais veja essa pessoa, mas não importa, pois mesmo nesse pouco tempo a gente consegue amá-la. À noite, as estrelas são muito bonitas. Com amor, Faith

Phoebe passou uma semana em Londres. Contudo, quanto mais tempo ela ficava, mais a emoção do lugar parecia esmaecer. Ela começou a temer que sua própria presença estivesse apagando a da irmã, turvando-a até torná-la irreconhecível. Não bastava apenas ir aonde Faith tinha ido, ficar ali, cercada de outros turistas, grupos de crianças cantando... não bastava. Phoebe tinha medo de que a própria natureza hesitante a tivesse impedido de dar um salto decisivo, de mergulhar totalmente no perigo e na intensidade daquele primeiro dia, com a ameaça de bomba. Ela saiu de Londres decidida a se esforçar mais.

Chegou a Amsterdã pela manhã com duas irmãs australianas, Diana e Helen, as quais conhecera no barco durante a noite. As três deixaram as bagagens no guarda-volumes da estação de trem — o check-in no albergue só abria à tarde — e caminharam até a Dam, a praça central de Amsterdã. Phoebe notou um grupo de jovens dormindo nos degraus da escada circular em torno do Memorial Nacional aos Mortos, um obelisco branco gigantesco que lembrava uma coluna de sal. Ela observou com interesse enquanto eles despertavam, tossindo, enrolando cigarros e enfim cambaleando para ficar de pé e alongando os braços magros para o céu até suas camisetas com estampas

tie-dye levantarem e suas barrigas encolhidas encontrarem o sol. Ela sentiu uma explosão de emoção. Aquelas pessoas eram hippies.

Durante toda a manhã Phoebe pensou naqueles hippies dormindo enquanto andava com Diana e Helen pelo Rijksmuseum, observando pinturas de burgueses de olhos úmidos em golas de renda engomadas. Às duas e meia, as irmãs retornaram à estação para pegarem as mochilas e Phoebe aproveitou a chance para escapar delas. Dizia-se que o albergue lotava rápido, e elas queriam estar lá quando ele abrisse.

— Se der, guardamos um lugar para você — ofereceu Helen, a irmã mais nova, sempre muito gentil. — Vamos deixar o seu nome na recepção.

— Ótimo — disse Phoebe, assentindo, sorrindo e desejando que elas partissem.

> *Queridos mamãe, Phoebe e Barry, Wolf foi embora, mas não sinto saudade dele. Fui feita para viver em Amsterdã. A loucura aqui vai além de qualquer limite. Talvez eu me torne uma cidadã holandesa. Brincadeirinha hehe. Com amor, Faith*

O número de hippies na praça Dam aumentara desde a manhã. Phoebe parou na tenda de um florista, observando-os descansar apoiados no obelisco e se locomover em grupos, alguns entrando e saindo da praça apressados como traficantes de drogas. Um homem com dreads tão grossos quanto punhos tocava uma guitarra rouca; uma menina loura se apoiava nele, com o cabelo embaraçado brilhando como trigo cortado. Phoebe sentiu a mesma admiração invejosa que sentira dos garotos da Haight Street que pediam limões. Ela queria estar do lado deles.

Phoebe procurou a foto de Faith na bolsa. Não era impossível que uma daquelas pessoas se lembrasse de sua irmã. Mas ela estava arrumada demais. A saia longa e as sandálias de couro eram ridículas, insuficientes, e a timidez parecia uma mão apertando o pescoço de Phoebe. O espaço entre ela e aqueles ciganos se agigantava, era inavegável.

O vendedor de flores olhou com curiosidade para Phoebe por cima dos baldes de tulipas vermelhas. Ela saiu da tenda e cruzou a praça em direção ao grupo, com a foto de Faith na mão. Porém, no último instante, perdeu a

coragem e desviou para longe dos ciganos e para fora da praça Dam, entrando em uma rua estreita que levava até o canal. Seu coração estava acelerado; parecia não haver espaço para o ar em seu peito. Ela foi até o canal e parou em uma ponte a fim de se recompor. *Ok,* pensou ela. *Ok. Daqui a um minuto eu volto*.

A poucos metros dali, havia um cara que Phoebe reconheceu como um dos corpos adormecidos que ela observara ressuscitar na praça Dam naquela manhã. Phoebe olhou para ele disfarçadamente. Seu perfil era obscurecido pelo cabelo, um louro ondulado que poderia ser angelical se não fosse tão ralo. Ele tinha dois cordões sujos amarrados no pulso. Estava se inclinando sobre a ponte, olhando para a água.

— Com licença — disse Phoebe.

O homem saltou de forma tão brusca que Phoebe também deu um pulo. Ele começou a rir, um riso duro, rouco, que lembrava mais uma tosse. Seu rosto parecia estranhamente pequeno, quase murcho, um rosto de criança no corpo de um adulto. No entanto, ele não aparentava ser jovem.

— *Goh, wat hib ga me bang gemaakt!* — disse ele.

Phoebe foi pega de surpresa. Ela não havia considerado o fato de que aquelas pessoas poderiam falar outra língua.

— Desculpe, eu não entendo — falou ela.

— Americana? — Olhou interessado para ela. Quando Phoebe assentiu, ele completou, entusiasmado: — Americana é melhor.

— Obrigada — disse Phoebe, intrigada.

— Em seguida vêm os australianos, neozelandeses, e então os sul-africanos. Ah, e israelenses também são ótimos.

— Você conhece todos eles?

— Claro. Todo mundo vem a Amsterdã.

Ele se virou de novo para a água, encarando o canal como se alguma preocupação estivesse escondida ali.

— Então... você mora aqui? — perguntou Phoebe.

— É. Estou morando aqui.

Eles ficaram em silêncio. O homem olhou o canal de cima a baixo. Phoebe colocou a foto de Faith na frente dele. Nela, sua irmã estava rindo, a boca

aberta, um colar de conchas brancas pendendo torto do pescoço. As conchas eram de Fiji; seus avós tinham enviado um colar para cada uma.

— Você conheceu essa garota? — perguntou Phoebe.

O homem pegou a foto e a examinou. Suas unhas eram excepcionalmente compridas para um homem. Ele olhou para Faith e depois para Phoebe.

— É você?

— Não, minha irmã. Ela veio para Amsterdã oito anos atrás.

— Oito anos — comentou ele, dando aquela risada rouca. — Fala sério, oito anos atrás eu era isso. — Ele levou a mão até a coxa, indicando a altura de uma criança.

— Ah. Pensei que você fosse mais velho.

— Todo mundo pensa — disse ele, orgulhoso. — Na verdade, tenho dezoito anos.

— Eu também — respondeu Phoebe.

Houve um silêncio constrangedor. O cara voltou a olhar para a água. Phoebe guardou cuidadosamente a foto na bolsa. De repente, ele se virou para ela.

— Você tem um tempinho? — perguntou, torcendo o antebraço como se consultasse um relógio. Mas ali havia apenas os dois cordões sujos.

Phoebe hesitou.

— Para quê?

— Podemos ir visitar Karl. Ele está em Amsterdã há mais de dez anos. Conhece todo mundo que vem para cá.

— Claro — disse Phoebe. — Sim, eu gostaria de conhecê-lo.

— Uma pequena caminhada. Tudo bem?

Ela sentiu uma sombra de ansiedade.

— Tudo bem.

— Então, por favor, venha.

Ele lançou um último olhar para o canal e então começou a se distanciar depressa do centro da cidade. Lutando contra sua relutância, Phoebe o acompanhou.

— Nico — respondeu ele quando ela perguntou seu nome.

A ansiedade de Phoebe foi diminuindo conforme os dois caminhavam. Ao longo dos cintilantes canais esverdeados, as casas estreitas pareciam

irregulares, como se estivessem flutuando. Canteiros de flores vibrantes pendiam das janelas. O dia estava quente, flocos de penugem branca boiavam com delicadeza sobre a água.

Nico andava em silêncio. Por duas vezes, ele e Phoebe passaram por grupos de jovens que claramente pertenciam ao mundo dele, e ambas as vezes os desconhecidos se comportaram de forma idêntica: murmuraram algo para Nico e fitaram Phoebe enquanto os dois passavam. Ela tinha uma sensação desconfortável de que eles reconheciam sua situação, de algum modo.

— Quem eram eles? — perguntou Phoebe após o segundo encontro.

Nico apenas deu de ombros.

— Ah. Pessoas — respondeu.

Depois de uma série caótica de curvas, eles chegaram ao que parecia ser um bairro estudantil. Todos os prédios exibiam camadas de cartazes rasgados, e jovens sentados de pernas cruzadas bebiam cerveja de garrafas escuras nas calçadas em frente aos bares.

— Não falta muito — assegurou Nico.

Eles viraram numa rua mais calma. Havia lixo boiando no canal, garrafas de plástico, folhas de jornal encharcadas. Uma boneca de cabeça para baixo, as pernas cor-de-rosa projetando-se do verde turvo. As casas ali pareciam mais irregulares do que aquelas mais perto da praça Dam, como se estivessem flutuando na água. Phoebe teve que acelerar o passo em alguns momentos para acompanhar Nico. Mais uma vez, a ansiedade a invadiu: como ela encontraria o caminho de volta?

Fizeram outra curva e o canal desapareceu. A rua se estreitou. Nico parou abruptamente.

— Ok — disse o rapaz.

— Espero que ele esteja em casa — falou Phoebe.

— Sim, também espero.

Eles subiram alguns degraus até uma porta de madeira vermelha com um painel de vidro no centro. Nico tocou a campainha. Ele fez isso de uma maneira específica: dando dois toques curtos e um longo, depois outro curto. Cada toque seguido de uma pausa, como se fosse algo aterrissando em um caminho longo.

Phoebe ouviu um ruído vindo do alto e ergueu os olhos, vislumbrando um cabelo escuro numa janela. Um instante depois, a porta da frente se abriu como se tivesse sido liberada por um gancho. Nico a escancarou para uma sala fria e empoeirada. O chão era um mármore de aparência grosseira coberto de folhas secas.

— Então — disse Nico, guiando o caminho até uma escada estreita. Phoebe o seguiu, nervosa mas determinada. Não havia mais como desistir; ela se odiaria se perdesse aquela oportunidade. No segundo lance Nico parou, ofegante. — Por favor — disse ele, apontando para Phoebe ir na frente.

Lances de escada se repetiam. Por fim, no que parecia ser o sexto ou sétimo andar, a escada acabou. Nico parecia praticamente destruído pela subida. Gotas de suor brilhavam através dos pelos de suas sobrancelhas, e ele respirava em arquejos rasos e rápidos. Phoebe concluiu que ele devia ter alguma doença.

— Ok. — Ele ofegou. — Vamos lá encontrar Karl.

— Ótimo — assentiu Phoebe, ansiosa por uma companhia diferente.

Nico bateu na porta, gritando algo em holandês. Logo a abriram, e Phoebe vislumbrou traços impressionantes e quase femininos no rosto do anfitrião, que se virou sem dizer uma palavra e os conduziu por um corredor estreito. Nico e Phoebe o seguiram até uma sala que na mesma hora lhe pareceu um lugar onde alguém tinha vivido por muitos e muitos anos. No centro da sala havia uma grande máquina de costura preta sobre uma mesa, rodeada de tecidos brilhantes embolados em uma pilha tão alta que parecia prestes a soterrar a própria máquina. O restante da sala estava coberto de plantas, hera em torno das janelas, lírios flutuando em uma banheira rasa e longas videiras em vasos pendurados nas paredes. Uma brisa levava o cheiro das algas do canal para dentro da sala e fazia as folhas e caules tremerem suavemente.

— Bem-vinda, bem-vinda — disse o anfitrião com um sorriso largo. Ele era bonito, de pele morena e com uma inclinação asiática nos olhos. Usava calças turcas bem largas amarradas por uma corda colorida e uma camiseta preta de manga curta. Ele encorajou Phoebe: — Por favor, sente-se.

Tapetes orientais cobriam o chão e um caleidoscópio de dourados, vermelhos e azuis sobrepostos de maneira caótica desaparecia perto das janelas por baixo de vários travesseiros empilhados como uma espécie de

cama. Phoebe escolheu uma almofada na ponta desse amontoado e sentou-se de pernas cruzadas.

Karl falou bruscamente com Nico em holandês. Com presteza militar, o rapaz virou-se e desapareceu passando por uma cortina de miçangas, em outra sala, onde Phoebe o ouviu abrir armários e uma torneira.

Karl sentou-se à máquina de costura.

— É a primeira vez que você vem a Amsterdã? — perguntou ele educadamente.

Phoebe disse que sim. Dava para ver os músculos nos braços de Karl enquanto ele remexia a montanha de tecido. Seu cabelo caía no peito, pesado e escuro como cabelo de asiáticos, embora fosse ondulado. Phoebe calculou que ele deveria ter uns quarenta anos.

— O que você está costurando? — perguntou ela.

— Tudo — respondeu ele. — Sou alfaiate.

Seu sotaque era estranho para Phoebe; com certeza não era holandês porque não se parecia em nada com o de Nico. Seu inglês soava britânico, na verdade, mas por baixo havia um sotaque mais profundo que envergava as palavras.

Karl tirou um colete de veludo verde da montanha de tecido, passou uma linha por uma agulha e começou a costurar um botão quadrado amarelo na peça. Nico voltou para a sala com três cervejas, fios de vapor saíam do gargalo das garrafas. Karl se dirigiu rispidamente a ele em holandês e o menino respondeu com obediência, parecendo prestes a devolver a terceira garrafa de onde quer que ela tivesse vindo. Mas então Karl acenou e sorriu com uma tranquilidade repentina. Nico afundou nas almofadas perto de Phoebe, colocando as mãos em torno de sua garrafa como se a protegesse.

— Você está viajando sozinha? — perguntou Karl, terminando de costurar o botão amarelo e cortando o fio com os dentes.

— Não — disse Phoebe instintivamente. — Minhas amigas estão no museu.

Nico começou a tagarelar em holandês. Karl ouviu com mais paciência do que demonstrara ao amigo até então, assentindo enquanto costurava e fazendo algumas perguntas. Phoebe também ficou ouvindo, na esperança de

escutar alguma palavra familiar, conseguir alguma pista sobre o que eles estavam falando.

Então Nico empurrou-a pelo braço.

— Mostre a ele — disse. Phoebe olhou para o rapaz. — A foto.

Ela tinha esquecido. Depressa, Phoebe pegou a foto de Faith e a levou até Karl na máquina de costura. Ele olhou para a imagem brevemente e assentiu.

— Claro — disse. — Eu me lembro.

— Você se lembra? — perguntou Phoebe.

— Ela esteve aqui há alguns anos, não foi?

O coração de Phoebe acelerou.

— Há oito anos.

Karl pressionou o pedal que operava a máquina de costura e começou a passar um pedaço de tecido azul por baixo da agulha. A máquina era uma antiga Singer preta, curvilínea como a cintura de uma mulher, o nome da marca em letras douradas.

— Então... você a conheceu — disse Phoebe, induzindo-o a continuar.

— Conhecê-la, não, não conheci. Eu me lembro dela — respondeu Karl. — As pessoas iam e vinham o tempo todo, mas dela eu me lembro. — Depois de um momento, ele acrescentou: — Morreu?

Phoebe o encarou.

— Como você sabe?

— Se ela estivesse viva, por que você viria a mim com uma fotografia na mão? — Ele abriu um sorriso branco, sua agulha devorando o tecido com avidez. — Overdose?

— Ah, não — rebateu Phoebe, mas parou logo antes de revelar a verdade. Em seguida perguntou, intrigada: — Então, o que você achava dela?

Karl virou o tecido sob a agulha para puxá-lo em outra direção.

— Sabe, havia tanta gente — respondeu ele. — Ela era uma garota legal. Divertida, meio maluca. Bonita. Muitos namorados.

— Ela esteve aqui alguma vez?

Karl acionou o pedal, acelerando os ruídos cadenciados da máquina até parecerem mais altos do que a conversa. Quando tirou o pé do pedal, a sala ficou em silêncio. O homem fechou os olhos.

— Sim. Acho que sim — respondeu ele, voltando a abrir os olhos. — Eu me lembro dela ali.

Ele apontou para as almofadas sob as janelas. Quando se virou, Phoebe levou um susto ao ver Nico, de quem ela tinha esquecido completamente. Ele estava ereto e pálido. Karl riu para ele, murmurando alguma coisa em holandês.

— Ela esteve mesmo aqui, nesta sala? — perguntou Phoebe, muito feliz. — Não acredito.

— Não estou afirmando com certeza, você entende? — retrucou Karl, retomando a costura. — Ela esteve aqui talvez por um minuto.

Mas um minuto era o suficiente, um minuto era tudo. Atordoada, Phoebe observava as mãos de Karl remexendo as sedas e os linhos.

— Ela esteve aqui — repetiu.

Embora ainda estivesse alto, o sol parecia cansado. Karl abriu uma pepita enrolada em papel-alumínio e quebrou um pedaço de algo marrom e úmido. Colocou-o na tigelinha de cobre de um longo cachimbo chinês, acendeu-o, inspirou, aspirou e passou o cachimbo para Phoebe. O cheiro era estranho. Ela pegou o cachimbo e inalou profundamente a fumaça suave e doce. Só Deus sabia o que era aquilo. Ela retornou ao seu lugar nas almofadas e passou o cachimbo para Nico, que o aceitou sem entusiasmo. Karl não retomou a costura. Ele se inclinou sobre a pilha de tecidos e encarou Phoebe pelo que pareceu ser a primeira vez. Mesmo assim, seu olhar continuava ausente, como se seu rosto fosse apenas um local de descanso para os olhos.

— Você sente falta daqueles tempos? — perguntou Phoebe.

— Que tempos?

— Você sabe. Os anos 1960.

O termo soava bobo. Karl tragou o cachimbo com os olhos semicerrados.

— Era bom — disse ele, inalando fumaça. — Como se apaixonar. Claro, você quer o começo. Mas já sabe como vai ser o final.

Phoebe pegou o cachimbo. A fumaça parecia suave em seus pulmões.

— Qual é o final? — perguntou.

Karl deu de ombros.

— Como o final de tudo — respondeu ele. — Se vai longe demais, vira o oposto.

Phoebe ficou intrigada com aquilo. Ela tentou passar o cachimbo para Nico, mas o garoto o rejeitou com um aceno impaciente. Ele parecia mal. Phoebe de repente ficou muito chapada, e de uma forma que ela não reconhecia. A sala parecia borrada. Ela piscou para endireitar a visão.

— O oposto de quê? — perguntou, com a voz parecendo flutuar a distância.

Karl ergueu uma pilha de retalhos do colo e a colocou no chão. Então falou com súbita intensidade:

— Você quer a paz e finalmente pega em armas para encontrá-la. Usa drogas para abrir a mente de forma que tudo entre... Depois você pensa apenas em onde conseguir mais uma dose. Você ama viver, mas morre, morre e morre... Tantos mortos daquela época — divagou ele. — Como sua irmã.

Quando Karl olhou para Phoebe, algo se abriu em seus olhos feito o obturador de uma câmera, como se, por um momento, ele realmente pudesse vê-la.

Então desviou o olhar. Phoebe tragou longamente a fumaça acetinada do cachimbo. O cheiro de peixe do canal encheu a sala. *As coisas se tornavam seus opostos*, *sim*, pensou ela, *fazia sentido*. A voz de Karl soava como um oráculo, a única e absoluta voz da verdade. *Opostos*, pensou ela, *sim*...

Nico interrompeu suas divagações. Saiu abruptamente de onde estava sentado e engatinhou até Phoebe sobre as almofadas, o rosto pálido, úmido de suor. Irritada, ela tentou se afastar, e só conseguiu isso por pouco, seus movimentos mais lentos por causa da droga.

— Olhe — disse Nico, com um sorriso nervoso. Ele ainda estava de quatro, impelindo o rosto na direção de Phoebe. Ela sentiu um terrível cheiro doce em seu hálito e pensou em hospitais, o cheiro doce que disfarça a morte. — Então, olhe, ok? — continuou ele. — Eu trouxe você aqui.

Phoebe virou-se para Karl, esperando que ele repreendesse Nico por aquele comportamento grotesco, mas o homem estava revirando sua pilha de tecidos com concentração renovada.

— É — admitiu ela a Nico. — Você me trouxe...

— Então, agora, se você tiver algum dinheiro, eu não tenho nenhum.

— Dinheiro! — exclamou Phoebe. Ela se virou novamente para Karl, mas era evidente que ele tinha se retirado daquela discussão. — Por que eu

deveria lhe dar dinheiro? — perguntou ela, em um tom mais rabugento do que gostaria.

— Porque como você teria vindo aqui sem mim, hein? — questionou Nico em uma voz alta e trêmula. Ele parecia prestes a explodir.

Karl voltara a costurar, estava encapsulado no zumbido da máquina. Era evidente que antecipara aquele momento, concordara com ele de antemão. Algum plano maior começava a se revelar. Phoebe sentiu um estremecimento terrível de compreensão, como se parte dela tivesse sabido o tempo todo e sido silenciada. Sozinha em um apartamento com dois homens desconhecidos, em um país estrangeiro. Seu coração saltou contra suas costelas, mas seu cérebro frustrado ficou para trás, embotado pela droga.

— Bem... quanto? — perguntou ela a Nico.

— Talvez, vamos ver, cinquenta florins?

Phoebe estava muito chapada para fazer contas. Aquilo parecia muito. Ela abriu a bolsa e tirou a carteira. Somente setenta florins restavam do dinheiro que ela havia trocado na estação naquela manhã.

— Aqui — disse ela, entregando a Nico duas notas de vinte e cinco florins.

Através do fluxo sonolento de seus pensamentos, algumas preocupações cortantes estavam começando a penetrar (tempo, os bancos, pagar o albergue) como o formigamento de um braço dormente recuperando a sensibilidade. O mais doloroso, contudo, ainda era a mágoa pela traição de Karl, por sua complacência em abandoná-la àquele parasita.

Com dinheiro na mão, o choroso Nico tornou-se um homem de ação. Ele se esticou até uma prateleira oculta por uma samambaia e abriu a tampa de uma caixa preta laqueada. Uma pressão súbita invadiu a sala. Phoebe a sentiu fisicamente, uma onda de enjoo, uma palpitação no coração. Mas ela estava com medo de se mexer, de chamar atenção para si mesma da menor forma, temendo provocar uma explosão.

Nico voltou para as almofadas segurando uma seringa. É claro, pensou Phoebe. *Claro*. Ela encarou o tapete, ouvindo o murmúrio da máquina de costura de Karl. Ali estava o submundo, ali estava; depois de uma vida vendo-o apenas de relance, Phoebe fora parar bem no meio dele. Uma sensação de inevitabilidade profunda abateu-se sobre ela. Nico sentou-se nas almofadas ao lado dela, segurando uma colher de chá na qual pingou o

líquido de um conta-gotas. Então acendeu um isqueiro de plástico e posicionou a chama embaixo da colher. Uma queimação leve e doce encheu o ar.

Karl levantou-se e ajoelhou-se ao lado de Nico. Encheu a seringa com o líquido da colher, puxou o cinto de corda de sua calça turca e atou-o com firmeza no braço do rapaz, logo acima do cotovelo. Então pegou o antebraço de Nico nas mãos e o segurou, tocando as pequenas erupções de feridas com a gentileza de um médico. Phoebe virou o rosto, seu espanto eclipsado pelo horror, mas, à medida que os segundos passaram, ela se sentiu compelida a olhar de novo. Então se virou de volta. De maneira suave, quase amorosa, Karl empurrou a agulha no braço de Nico.

Karl pressionou o êmbolo para baixo. Os olhos do rapaz se fecharam e ele suspirou. Quando Karl retirou a seringa, havia sangue no fundo. Ele a deixou no parapeito de uma janela. Nico olhou para Phoebe com uma expressão tão pacífica que, pela primeira vez durante todo o dia, ele aparentava sua idade verdadeira.

— Tim-tim, ok? — disse ele em voz baixa.

Nico não conseguia manter os olhos abertos, apesar de seus esforços corajosos. Por várias vezes eles se fecharam enquanto o rapaz balançava para a frente devagar, se recompunha, caía para trás, depois para um lado e se endireitava de novo. Ele parecia um joão-bobo.

Karl aproximou-se de Phoebe. Ela notou que não havia feridas em seus antebraços cheios de longas veias. Ele tocou o ombro de Phoebe com a mesma gentileza com que tocou o braço de Nico. *Não*, pensou Phoebe, *não*, mas ela estava tão cansada, a droga tinha minado toda a energia de seu corpo, e no momento parte dela desejava, como Nico, fechar os olhos e se entregar. Karl empurrou-a para trás nas almofadas, acariciando seu cabelo e olhando pela janela aberta, onde um sino de igreja tocava. Então, com um movimento rápido e sem esforço, ele se deitou em cima dela. Phoebe ficou imóvel, menos paralisada do que entorpecida. Alguém estava lhe dando instruções; ela se esforçava para ouvi-las. Nico continuava balançando de um lado para outro, oscilando entre o sono e a vigília. Phoebe desejou poder deitá-lo no chão. Karl começou a beijá-la, empurrando a língua bem fundo na boca de Phoebe, pressionando o corpo na perna dela. Sob as janelas, ela ouviu

crianças. Phoebe queria que Karl parasse, mas a eficiência feroz dos desejos dele parecia abafar os seus próprios. Em um único gesto suave, ele levantou a saia dela e afastou a calcinha para o lado. Phoebe sentiu a mão dele.

Ela gritou, e a mão se afastou. Os olhos de Nico se abriram. Ele olhou para Phoebe, parecendo prestes a falar, mas então voltou a dormir, impotente.

— Ei — disse Karl, movendo o corpo para o lado de Phoebe. — Ei, relaxe.

Ele tocou a coxa nua dela. Ela viu o contorno de seu pênis através das calças turcas e começou a tatear em busca de apoio, tentando se levantar e sabendo, mesmo em seu estado turvo, que ninguém iria salvá-la. Mas ela não conseguia ficar de pé; Karl estava dificultando seu equilíbrio.

— Ei — repetiu ele, como se Phoebe fosse um gato perdido entre as almofadas.

E mesmo naquele momento ela queria acreditar que ele era bom de alguma forma, se ela conseguisse... encontrar o equilíbrio... A respiração de Karl em seu ouvido.

— Não. — Ela agarrou as almofadas, a luta lhe dando foco; por um instante o torpor clareou e ela sentiu uma carga lúcida de terror. — Não! — Ela tinha que ficar de pé, um som se movia através dela, indo em direção à garganta. Ele surgiu dolorosamente, como uma bolha estourando. — Pare — gritou, um som estrangulado, e então mais alto: — Pare!

Ela estava lutando contra Karl, tentando se levantar desajeitadamente, mas ele apenas riu e se inclinou para trás, olhando para ela, sem nem mais tentar, sua risada mais surpresa do que cruel por uma coisa boba e sem importância estar dando tanto trabalho.

— Saia daqui — disse ele.

Pegando sua bolsa, Phoebe cambaleou pelo corredor estreito, passou por fotografias e desenhos em vidros empoeirados, o caleidoscópio sombrio da vida de Karl. Abriu a porta e desceu a escada curva até o hall, meio esperando que ele a perseguisse, mas não, ele não faria isso. Do lado de fora, a luz irrompeu dolorosamente em seus olhos e Phoebe titubeou, pensando que talvez estivesse passando mal. Ela sentia uma dor entre as pernas, uma queimadura, como se Karl a tivesse esfregado.

Phoebe virou numa esquina e correu cambaleando ao longo do canal até ficar sem ar. Quando percebeu que as pessoas olhavam para ela, desacelerou

para uma caminhada. Sentiu um horror de ser descoberta, como se estivesse fugindo da cena de um crime que ela mesma cometera. Por algum tempo vagou sem rumo, tentando normalizar sua respiração em pânico. Pensou em ir à polícia, mas Phoebe tinha esquecido até mesmo onde Karl morava, na verdade nunca soubera — sem dúvida por causa de todas as voltas e curvas que ela e Nico tinham feito no caminho. E, de qualquer forma, o que ela teria para denunciar? As drogas eram legalizadas em Amsterdã, até onde ela sabia, e Nico não tinha lhe roubado, ela dera o dinheiro por vontade própria. Mas por quê? Por que não deixou o apartamento naquele momento, quando as coisas começaram a mudar? Por que ir até lá, afinal? Era o próprio comportamento, mais do que o deles, que Phoebe não suportava lembrar... Tão vulnerável, tão fácil. Ela estava percebendo com uma clareza dolorosa. E era óbvio que eles tinham percebido também. Para pessoas como eles, uma fraqueza como a dela deve ser evidente, deve exalar como um cheiro.

Abaixo de tudo havia um único medo terrível, pior do que a agulha ou do que Karl tinha feito a ela: a possibilidade de que ele houvesse mentido sobre Faith e não a tivesse conhecido de verdade. Esse pensamento passou pela mente de Phoebe e abandonou-a na mesma hora. Não era possível. Ela tinha visto em seus olhos que ele estava falando sério.

Ainda assim, a aventura tinha sido um fracasso. Um desastre absoluto. Isso nunca teria acontecido com Faith.

* * *

Depois de quase uma hora perambulando sem destino, Phoebe pediu indicações de como voltar à estação de trem e conseguiu chegar lá. Descobrir que sua mochila continuava no guarda-volumes pareceu a ela nada menos do que um milagre. Eram sete da noite e ela tinha perdido o check-in do albergue havia horas. Rezou para que Diana e Helen tivessem reservado um lugar para ela.

O albergue estava lotado.

— É por ordem de chegada — disse o rapaz atrás do balcão, e reservar lugares não era permitido. Os viajantes que descansavam perto da mesa do

check-in pareciam propagandear sua felicidade. — Há muitos albergues em Amsterdã — lembrou o rapaz atrás do balcão.

Phoebe voltou para a rua. Suas mãos tremiam enquanto ela virava as páginas do guia, circulava nomes de outros albergues e procurava suas localizações no mapa. Ela marcou três pontos, então descansou no meio-fio, arrasada pela perspectiva de dar mais um passo com a mochila pesada. Sua mente voltava toda hora ao apartamento de Karl, como se para diminuir o horror pela repetição, para encontrar alguma forma de salvar aquela lembrança.

Por fim, Phoebe se levantou. Embora o céu ainda estivesse claro, já era noite, o ar pesado com uma terrível sensação de ser tarde demais. Ela andou dez minutos até chegar a outro albergue e constatou que aquele também estava lotado; sem hesitar, deu a volta e começou a se arrastar em direção a um terceiro, que ficava no caminho para a estação de trem em uma avenida larga e vazia. Bondes bege passavam sem ninguém, chacoalhando. O andar inferior desse albergue era um bar aberto ao público. Phoebe se embrenhou pelas mesas até o proprietário, cujas mãos brilhavam segurando algo da cozinha. Ele as enxugou, deixando marcas no avental. Sim, tinham uma cama; Phoebe quase se curvou de alívio. O filho do proprietário, um ruivinho insolente de uns doze anos, levou Phoebe até um quarto cheio de beliches. Cheirava a mofo. Ela queria muito abrir uma janela.

Phoebe ficou com a cama de cima de um beliche no final do quarto, ao lado de uma janela de vidro ondulado. Uma moldura de poeira cercava cada vidraça como se fosse geada. Com cuidado, Phoebe abriu o saco de dormir por cima do colchão e apoiou a mochila no parapeito da janela. O chuveiro ficava no final do corredor e era preciso pagar para usá-lo; não havia portas nem cortinas nas cabines, mas o banheiro estava vazio. O piso parecia pegajoso. Phoebe voltou ao bar e pagou pela cama e por um banho. O proprietário estava fumando um baseado tão grosso quanto um dedo e ofereceu um trago a ela, que recusou educadamente. Deixaria Amsterdã no dia seguinte.

Um banho longo e vigoroso melhorou um pouco seu ânimo. Eram oito e meia, e, através do vidro opaco ao lado da cama, Phoebe viu a escuridão

enfim cair. Ela tirou tudo de valor que havia na mochila, inclusive o frasco de Chanel Nº 5, e enfiou na bolsa. Saiu do albergue.

* * *

Da janela de uma cafeteria, Phoebe observou a noite cair sobre Amsterdã. Comendo um sanduíche e bebendo uma cerveja, ela percebeu que gostaria de ter companhia. Isso era estranho, pois até então ficar sozinha não parecera com estar sozinha. Ela havia sido amparada — quase sufocada — por seu senso de propósito. Mas, no momento, se sentia fraca, transparente. Ansiava por ligar para a mãe, mas isso era impossível, como se sair de casa tivesse fechado essa porta para sempre.

Havia uma pequena prateleira com cartões-postais sobre o balcão da cafeteria, e Phoebe comprou um do Memorial Nacional aos Mortos, onde tinha visto pela primeira vez os hippies dormindo.

"Querida mamãe", escreveu. "Só quero lhe dizer que estou bem. Espero que você também esteja." Parecia ridículo, artificial. Phoebe desejou ter coragem para escrever: "Está tudo ótimo, estou me divertindo muito", mas a farsa parecia grande demais para levar adiante. "Com amor, Phoebe", finalizou. O homem no balcão lhe vendeu um selo. Ela já não tinha quase nenhum dinheiro holandês sobrando.

Em frente à cafeteria Phoebe colocou o postal na caixa do correio. Estava escuro e as ruas naquela parte da cidade eram sinistramente silenciosas. Phoebe estava curiosa para ver as prostitutas de Amsterdã no famoso bairro da luz vermelha, mas já não conseguia reunir nenhum entusiasmo verdadeiro. Ainda assim, sentia-se desesperada para estar entre pessoas. O pensamento de que podia encontrar Nico ou Karl a assombrava enquanto ela seguia o fluxo até uma área mais animada da cidade, onde prostitutas recostavam-se como manequins de lojas de departamentos atrás de janelas de vidro, mascando chicletes, lendo, fazendo as unhas, como se não notassem a plateia boquiaberta na rua. Uma mulher em um biquíni de couro preto falava ao telefone, enrolando o fio preto na panturrilha. De vez em quando uma porta para um desses salões se abria, liberando uma lufada de música e em geral um homem; ambos se demoravam por um tempo antes de se dissolver na

noite. Para Phoebe, tudo parecia escasso, os restos de algo melhor que havia passado. O que Karl dissera sobre os opostos parecia se encaixar em tudo em Amsterdã; a cidade toda havia se transformado, apodrecido nos oito anos desde a visita de Faith. Até mesmo Karl: com certeza sua vida um dia consistira em algo além de injetar drogas em viciados e molestar meninas estrangeiras em seu apartamento. Ele era seu melhor exemplo.

Phoebe sentiu uma mão em seu ombro e gritou, virando-se para deparar com Helen, a mais nova das irmãs australianas que conhecera no barco na noite anterior.

— Desculpe — disse Phoebe. — Meu Deus, me desculpe.

Ela abraçou a garota. Helen ficou tensa, mas então relaxou, retribuindo o abraço de Phoebe.

— Tentamos reservar um lugar para você — contou ela —, mas aquele sujeito idiota não deixou.

— Encontrei outro albergue — explicou Phoebe. — É meio nojento.

— Bem, veja, estamos todos no pub pelo qual você acabou de passar — disse Helen. — Batemos na janela, mas você estava andando muito rápido. Venha tomar uma cerveja com a gente.

O bar estava lotado de jovens fumando cigarros. Diana, a irmã de Helen, estava em uma mesa com dois americanos que Phoebe julgou serem universitários. Ela se sentou. Os americanos participavam de um jogo que envolvia moedas e canecas de cerveja.

— Você é da Austrália também? — perguntou um deles a Phoebe.

Ela balançou a cabeça.

— Sou americana.

— De onde?

— São Francisco.

— Foda. Adoro essa cidade, cara.

Phoebe sorriu. Sentia-se profundamente separada daquelas pessoas, como se a experiência que vivera naquele dia tivesse criado um abismo definitivo entre ela e seus colegas. Ela queria superar aquilo.

— O que você fez durante a tarde toda? — perguntou Helen.

— Cervejaria Heineken — respondeu um dos rapazes. — Além disso, visitamos a casa de Anne Frank.

— A pergunta foi para Phoebe — explicou Helen, rindo.

Todos olharam para ela. Phoebe entrou em pânico sobre o que dizer, e de repente sentiu raiva de Helen por tê-la colocado naquela situação.

— Nada — disse ela, desinteressada. — Só andei por aí.

Ela viu a expressão confusa de Helen. Houve um momento de silêncio, e então os meninos voltaram ao jogo de bebida. Diana e Helen abriram o guia *Let's Go* e se debruçaram sobre ele, planejando o próximo dia em Amsterdã. Phoebe ficou sentada em silêncio, bebendo uma cerveja. Bastava apenas estar perto deles.

* * *

Mais tarde, deitada em sua cama e olhando para a janela escura, Phoebe pensou de novo nos cartões-postais de Faith. *À noite, as estrelas são muito bonitas*, escrevera a irmã.

Phoebe tinha se esquecido até mesmo de olhar.

Onze

Queridos mamãe, Phoebe e Barry, de Namur, Wolf, eu e mais umas pessoas fomos para Reims, na França...

Phoebe seguiu os cartões-postais da irmã de Amsterdã a Namur, na Bélgica, onde passou uma semana. Em sua própria companhia, ela se sentia inibida, quase tímida. Todas as noites, após o jantar no albergue, Phoebe demorava-se na mesa e, então, temendo ficar sozinha, ia para a sala barulhenta até a hora de dormir.

... porque alguém conhecia esse francês em Reims com quem poderíamos ficar. Bem, o pobre francês não tinha ideia de que estávamos indo para lá e o apartamento dele é tão pequeno...

Quando voltou para o quarto e se olhou no espelho, o rosto de Phoebe lhe parecia estranho, encovado, os olhos maiores, mais escuros. Ela até gostou das mudanças, mas o próprio reflexo a assustou.

...que está meio lotado, mas fico pedindo por favor para as pessoas serem organizadas e elas são. P.S. A pronúncia de Reims em francês parece alguém bufando!

Era hora de continuar — já estava atrasada —, mas Phoebe não conseguia se obrigar a ir. Reims, pensou, Reims, e tentou se sentir animada. Ela gostaria de ter alguém com quem ficar.

———

No segundo dia na Bélgica, Phoebe alugou uma bicicleta preta e robusta e pedalou na margem do rio até Dinant, uma cidadezinha próxima, que Faith havia mencionado nos cartões-postais. Lá, deixou a bicicleta na estação de trem e, ainda seguindo os passos de Faith, subiu uma rua estreita até as casas sumirem e ela avistar um mar de terras. As colinas subiam e desciam em ondulações cobertas de relva, arcos de verde vibrante. Pedrinhas prateadas enchiam a estrada. Phoebe viu cavalos marrons e cinza como seda, com os traseiros salpicados de branco. As colinas mais distantes estavam cravejadas de ovelhas.

Uma cidade surgiu ao longe. Ao chegar lá, Phoebe se espantou com o silêncio, nada mais que uma rajada de vento passando por casas que pareciam vazias. Ela entrou em uma lojinha e comprou uma barra de chocolate branco de uma senhora que usava um lenço de seda e maquiagem pesada e extravagante. Quando saiu da loja, Phoebe ficou surpresa ao deparar com várias crianças esperando por ela.

— O-lá. O-lá — disseram elas, acentuando a primeira sílaba de forma que parecia menos uma saudação e mais uma espécie de refrão, como o canto de um pássaro.

Eram cinco meninos, o mais novo com uns cinco ou seis anos, o mais velho, talvez, com quatorze. Todos eram magros e morenos. Como a própria cidade, seus rostos pareciam ter sido moldados pelo vento incessante.

— O-lá, o-lá, o-lá — chamaram eles, como se gostassem de dizer aquilo.

— Olá — respondeu Phoebe.

Ela lhes ofereceu a barra de chocolate, mas os meninos negaram com a cabeça e se afastaram, tímidos. Suas bicicletas estavam encostadas perto da porta da loja, e o garoto mais velho montou na sua e deu algumas pedaladas. Os meninos menores subiram nas próprias bicicletas e o seguiram. Quando olharam de novo para Phoebe, ela acenou para eles, aliviada por vê-los ir embora. Crianças a deixavam nervosa. Ela estava acostumada a ser a mais nova, notada apenas às vezes, seguindo os exemplos dos outros em vez de ela mesma dar algum.

Phoebe continuou passeando pela vila. A estrada fazia uma curva para fora da cidade e descia uma colina. Os jovens ciclistas não estavam muito à frente. Phoebe diminuiu a velocidade na esperança de que eles desaparecessem de

vista, mas os meninos também desaceleraram, até que ficou claro que estavam esperando por ela.

— O-lá, o-lá — disseram eles quando Phoebe se aproximou.

Ela se forçou a sorrir.

— *Avec moi*? — perguntou ela com incredulidade fingida, na esperança de desencorajá-los.

Os meninos a cercaram em uma espécie de bando. Alarmada, Phoebe se perguntou se seu "*avec moi*?" tinha sido confundido com um convite. Ela saiu da cidade com seus cinco companheiros a reboque. Eles conversavam entre si, ziguezagueando com suas bicicletas na estrada de pedrinhas prateadas para não ultrapassá-la. Era estranho não ser capaz de falar com eles. Phoebe se sentiu como uma má anfitriã.

A estrada se escondeu debaixo de árvores altas, e pouco tempo depois eles estavam em um bosque. O vento assobiava nas folhas.

— Dinant? — perguntou Phoebe, apontando para baixo na colina.

— *Oui, oui* — entoaram os meninos.

O mais velho pedalava perto de Phoebe.

— *Pourquoi est-ce que vous êtes seule*? — perguntou ele.

— *Je ne comprends pas* — respondeu Phoebe, tão hesitante que não havia como o menino duvidar dela. Ela havia trocado o francês pelo espanhol no oitavo ano.

— *Pourquoi est-ce que vous êtes seule*? — repetiu ele, mais devagar dessa vez.

Phoebe balançou a cabeça, envergonhada, e forçou um sorriso.

— Eu não entendo — disse ela.

— *Pourquoi est-ce que vous êtes seule*? — repetiu outro menino, dessa vez mais alto, obviamente compartilhando o equívoco de que a repetição combinada ao volume tornaria a mensagem mais compreensível.

Phoebe forçou o cérebro. Ela tinha aprendido a palavra "*seule*", mas o que significava? Então lembrou. Sozinha. Os garotos estavam perguntando por que ela estava sozinha. Phoebe fingiu não entender. Sentiu como se eles tivessem vislumbrado algo vergonhoso nela.

O menino mais novo pedalava perto de Phoebe e sorriu para ela, revelando um buraco onde os quatro dentes da frente acabariam nascendo. Disse algo

em francês, balbuciando as palavras, ainda com aquele sorriso desdentado de boca aberta. Como Phoebe não respondeu, ele continuou falando, zombando dela, pensou Phoebe, se exibindo para os mais velhos à custa dela.

— Eu não entendo! — gritou Phoebe. — Eu não entendo. Por favor, parem de falar comigo! — gritava ela, à beira das lágrimas.

O rosto da criança ficou totalmente inexpressivo. Ele parou de pedalar de repente e os outros fizeram o mesmo, em um único movimento. Encararam Phoebe com olhos sombrios e sérios. Na mesma hora ela percebeu que aquilo que interpretara como zombaria não passava de animação, entusiasmo com a aventura de acompanhar uma garota americana a Dinant. Eles pareciam magoados, como se Phoebe, sem avisar, tivesse ficado contra eles. Suas palavras afiadas pendiam ali, presas nas árvores.

— Sinto muito — disse Phoebe. Ela queria dizer isso em francês, mas não conseguia encontrar as palavras. — Sinto muito. — Os meninos a observavam com rostos solenes e tristes. — Sinto muito! — gritou com mais urgência.

Contudo, ao som de sua voz elevada, os cinco garotos se viraram e começaram a pedalar depressa para o outro lado, colina acima. O mais novo, que estava descalço, ficou para trás. Ele olhou com medo para Phoebe, suas perninhas minúsculas se esforçando freneticamente sobre os pedais. Por fim, ele se levantou para pedalar com mais força, fez uma curva e sumiu de vista.

Phoebe caiu em prantos. Durante vários minutos, ela ficou chorando no meio da estrada, os soluços engasgados e sufocantes da infância. Havia algo errado; havia algo errado mas ela não sabia o quê. Estava sozinha no meio do nada, se comportando de maneira estranha, sem ninguém por perto para ajudá-la, e só queria fugir de quem estivesse por perto. O vento agitava e balançava as folhas acima de Phoebe. A estrada parecia muito vazia. Será que algum carro já havia passado por ela, ou seu único propósito era embelezar a paisagem?

Phoebe olhou para a terra às margens, tufos de grama surgindo de uma encosta castigada pela chuva. Ela agarrou um tufo e o puxou. O solo seco e empoeirado permitiu que se soltasse com facilidade. Phoebe jogou a grama na estrada e se apoiou na ribanceira, descendo depressa. Seu estômago se

revirou com o tênue princípio do medo. Árvores, estradas, casas de pedra com persianas fechadas; tudo aquilo a enchia de pavor.

Phoebe caminhou sem pensar. A possibilidade de pânico pairava muito próxima, como um gato se esfregando em suas canelas. Ela manteve os olhos na calçada. O ritmo de seus passos parecia a articulação de uma única pergunta: O que estou fazendo aqui? O que estou fazendo aqui? Eu poderia estar em qualquer lugar.

Ainda assim, ela manteve certa distância do pânico. Tudo seria revelado, disse a si mesma, quando ela encontrasse um modo de se esforçar o suficiente.

> *Queridos mamãe, Barry e Phoebe, Wolf e eu estamos juntos de novo GRAÇAS A DEUS!! Falam francês na Bélgica, vocês sabiam? Todos os dias a gente come um doce novo. As pessoas têm vidas simples e boas, e vemos as mulheres irem às compras com suas sacolas. Mas é um defeito meu e às vezes fico entediada. Com amor, Faith*

Enfim, Phoebe chegou a Dinant. Cansada demais para voltar a Namur, ela esperou o trem. Estava quase anoitecendo, o ar de um azul luminoso. Ela estava sozinha na plataforma. Quando o trem chegou, o condutor a ajudou com a bicicleta, uma cortesia que inundou Phoebe de gratidão. Ela desabou em um assento, desejando que a viagem durasse para sempre. O trânsito puro parecia preferível a estar de fato em algum lugar. Apesar de tudo, ela começou a cochilar, com a cabeça balançando para a frente e para trás, batendo na janela, como tinha acontecido com a de Nico em Amsterdã. Com medo de perder a parada, Phoebe se forçou a ficar de pé o resto da jornada.

* * *

Finalmente, depois de uma semana em Namur, Phoebe fez a mala e se despediu de Guy, o gerente do albergue. Ele lhe deu três beijos. como fazia com todos os hóspedes, esquerda, direita, esquerda, mas havia certa frieza em seus olhos, pensou Phoebe, como se ele já a tivesse esquecido.

Ela chegou à estação de trem de Reims às seis e meia. A luz era espessa de poeira. Um homem passou de bicicleta com uma longa baguete amarrada. *França*, pensou Phoebe. *Estou na França*.

Sentindo-se como Quasímodo sob a mochila, ela se orientou com o mapa até chegar a um grupo de arranha-céus bege fora do centro da cidade. Entre eles havia grandes trechos de calçada pontilhados com bancos e árvores delgadas que sugeriam um parque, mas sem densidade suficiente para ser um. O albergue ficava em um desses arranha-céus, mas Phoebe tinha uma estranha sensação de ser a primeira e única "jovem" a se hospedar nele. Todos no saguão lotado falavam francês e pareciam morar ali.

No décimo segundo andar, ela seguiu uma faixa de carpetes verde-azulados entre paredes de concreto até o quarto 1203. Parecia um quartinho de hotel, cama dobrável, mesa de fórmica, mesinha de cabeceira, carpete dentro e fora do cômodo. Phoebe sentiu uma onda de mal-estar. O lugar estava todo errado. Ela abriu a janela para observar um grupo de meninas pulando corda na calçada lá embaixo. O som da corda batendo no concreto ricocheteava entre os edifícios. As crianças estavam cantando uma música que Phoebe reconhecia, embora não lembrasse a letra. Ela fechou a janela, depois a abriu de novo, escutando a música. Debruçada sobre a pequena pia, jogou água no rosto e secou com uma toalha branca áspera. Trocou rapidamente de roupa e saiu.

* * *

Àquele horário, as lojas estavam fechadas. Os franceses estavam se sentando para jantar em restaurantes com mesas ao ar livre — velas, taças de vinho meio cheias, talheres cruzados a esmo sobre os pratos. Eles se inclinavam para a frente, gesticulando com os cigarros. A cena pitoresca deixou Phoebe mais animada. *É isso!*, pensou ela por um momento, e decidiu fazer um agrado a si mesma com um jantar chique.

Phoebe escolheu um restaurante afastado da rua, com paredes verde-escuras. A toalha de mesa era branca, os talheres, pesados e de prata. Uma fatia de limão flutuava em seu copo d'água, mas o que mais animou Phoebe foi a rosa solitária no fino vaso de cristal. Ela se inclinou para trás,

deleitando-se em sua própria sofisticação, desejando que alguém estivesse ali para vê-la em Reims, na França, jantando sozinha em um restaurante elegante.

O garçom apareceu; era um rapaz bonito com cabelo louro comprido. Quando Phoebe explicou com hesitação que iria jantar sozinha, ele removeu o outro conjunto de pratos da mesa com um floreio. A maioria das mesas estava ocupada por várias pessoas, e para onde quer que Phoebe virasse o rosto, seu olhar encontrava o de alguém. Ela pensou em pedir para mudar de mesa, mas temia a reação do garçom. Pegou o saleiro e revirou-o na mão, examinando-o.

O garçom trouxe o vinho. Para Phoebe, ele havia começado a exercer suas funções com grande exagero, tirando a rolha da garrafa como um mágico que se prepara para fazer surgir uma pomba de suas mãos. Um olhar fulminante não conseguiu acabar com a diversão do rapaz. Phoebe deu vários goles, desejando aquela entrega, aquele relaxamento bem-vindo, mas pareceu acontecer o oposto: seu foco se aguçou, como se ela tivesse colocado óculos de alta potência que lhe permitiam ver claramente os olhares piedosos que os outros clientes lançavam em sua direção. Sua salada de endívia poderia ser de ervas daninhas arrancadas do meio-fio; o prato de frango, uma perna da mesa. Ela se imaginou quebrando os pratos no chão, gritando para todo o salão: Não sintam pena de mim! Não veem que estou aqui por um motivo?

Phoebe terminou o vinho e pediu a conta, que lhe pareceu alta demais. Ela pagou mesmo assim e saiu, sem erguer a cabeça até alcançar a rua. Ao longo da ampla avenida, pessoas passeavam, aproveitando a noite quente. Phoebe andou com os braços cruzados. A comida caiu mal em seu estômago.

Um passo, outro passo; como uma máquina, se arrastou de volta ao albergue, o último lugar na Terra onde queria estar. Seus batimentos cardíacos aceleraram; ela começou a suar. Foi direto para o décimo segundo andar e acendeu a luz do quarto. Não havia cortina, e postes de luz amarela na rua lá embaixo davam à escuridão uma tonalidade sulfurosa. Eram nove e vinte. O quarto parecia minúsculo. Era tão sem graça — Faith teria feito algo para deixá-lo mais animado, comprado flores no centro da cidade ou alguma coisa assim. Faith odiava quartos chatos e tinha escandalizado a avó O’Connor certa vez, ao prender todas as suas calcinhas coloridas nas paredes

do quarto que ela e Phoebe dividiam em Mirasol. Phoebe tirou da mochila as poucas bijuterias que levara, presilhas de cabelo, o frasco de Chanel Nº 5, e os espalhou pela mesa de cabeceira, pelo parapeito da janela e pela mesinha.

O banheiro ficava perto do elevador. Phoebe parou no corredor escuro e tentou ouvir algum movimento, com a intenção de bater na porta de alguém e pedir uma aspirina. Mas não ouviu o menor ruído de qualquer movimento, como se ela fosse a única habitante do décimo segundo andar.

Phoebe colocou sua camiseta de dormir, apagou a luz e deitou-se na cama com os braços cruzados. O teto era feito de quadrados brancos que emitiam uma luz fraca. Seu coração batia forte nos ouvidos. Havia alguma coisa errada. Phoebe pensou que havia fracassado, mas em quê? Ao se imaginar na Europa, ela sempre visualizara outra pessoa, diferente até mesmo fisicamente, uma loura alta com uma resposta para tudo — como se, ao longo daquela viagem, ela não apenas abandonasse sua antiga vida, mas também deixasse de existir como ela mesma. *Sim*, pensou, d*evia deixar Phoebe O'Connor para trás e renascer como uma garota bonita e misteriosa*. Contudo, o oposto havia acontecido: seus próprios limites estreitos a haviam confinado, mantendo a distância tudo o que era real.

Ela sentiu as saliências de suas costelas. *Se pelo menos eu conseguisse me acalmar,* disse a si mesma, mas seu pânico crescia a cada segundo. Passou pela cabeça de Phoebe que, independentemente de qual fosse a droga que ela tinha fumado em Amsterdã com Nico e Karl, aquilo danificara seu cérebro. Ela encarou as paredes, agitada com a vontade de ligar para a mãe, mas não tinha ideia de onde encontrar, àquela hora, um telefone que fizesse ligações internacionais. Phoebe pulou da cama e tateou dentro da bolsa no escuro até encontrar o envelope com o pedaço de ácido. Nos últimos dias ela vinha se perguntando se deveria simplesmente tomar o ácido, engoli-lo — talvez isso a mandasse cambaleando até uma última porta crucial, como Alice ao passar pelo buraco de rato. Mas Phoebe não conseguia tomá-lo: tinha muito medo.

Ela rastejou para debaixo das cobertas e se encolheu. *Basta passar por esta noite,* pensou ela, mas seu corpo tremia, seus dentes batiam, o coração pulsava em seus tímpanos. Aos poucos, ela se viu pensando em sua casa, a névoa serpeando como sonhos ao redor da Golden Gate e dos edifícios brancos do centro. O nevoeiro pousando sobre eucaliptos, tão macio, quase

líquido ao cair na janela do quarto, ofuscando a visão de todas as outras casas e até mesmo das árvores, como se Phoebe estivesse no mar aberto, cercada por nada, até que não havia mais o que fazer a não ser fechar os olhos.

> *Queridos mamãe, Phoebe e Barry, ontem fomos a Épernay onde fabricam todos os tipos de champanhe e nós fizemos um passeio legal pelas caves da Dom Pérignon e nos demos ao luxo de comprar duas garrafas para nosso pobre anfitrião em Reims, mas adivinhem só? Ele não gosta de champanhe! Então nós mesmos bebemos! Wolf foi embora de novo. Sinto saudade dele, só que não nos damos bem, mas sinto falta dele mesmo assim. A vida é tão louca! Com amor, Faith*

Phoebe acordou na manhã seguinte sob um pedaço de céu cinzento. O pânico tinha passado. Ela ficou deitada por um bom tempo antes de se vestir e esconder a mochila debaixo da cama. Guardou as coisas de valor na bolsa, trancou o quarto e foi até a estação de trem para fazer a viagem de um dia até Épernay.

No trem, a esperança incansável de Phoebe aumentou novamente. Talvez o terror da noite passada tivesse sido um teste final, e então, em Épernay, algo maravilhoso se revelaria.

Na vinícola Möet & Chandon, Phoebe fez uma visita guiada em inglês, ouvindo com interesse apaixonado sobre como as garrafas eram armazenadas em determinados ângulos e giradas para deslocar os sedimentos, como se a solução para seus problemas estivesse escondida entre aqueles túneis úmidos com musgo acinzentado brotando das paredes. Foi uma longa visita e, quanto mais tempo passava, mais Phoebe temia o fim, o retorno a seu próprio cuidado irresponsável.

Ela entornou a degustação de Dom Pérignon e ficou parada com a taça vazia na mão, envergonhada, enquanto os colegas de língua inglesa bebiam as suas em pequenos goles.

— Por favor — disse o homem ao lado de Phoebe, oferecendo-lhe a própria taça de champanhe. Ele tinha sotaque. — Eu não provei.

Phoebe agradeceu, comovida com a gentileza. Então bebeu o champanhe. Era um homem jovem. Os olhos dele lembravam os de Barry, as mesmas íris

escuras quase indistinguíveis das pupilas.

Quando a visita se dispersou, Phoebe caminhou devagar de volta para a estação. Épernay era repleta do aroma ácido de uvas, o qual parecia emergir da calçada, das vitrines e até do mato que crescia ao longo da estrada. O champanhe havia deixado Phoebe um pouco tonta. Eram apenas duas e quinze da tarde, e o dia vazio se estendia à sua frente. Do outro lado da rua, ela notou o jovem que lhe dera o champanhe andando na mesma direção. Seus olhares se encontraram.

— Você vai pegar o trem para Reims? — perguntou ele em meio ao silêncio empoeirado.

— Vou — respondeu Phoebe. — E você?

O rapaz atravessou a rua. Ele se chamava Pietro e estudava na Universidade de Turim. Havia chegado a Reims naquele dia, vindo de Paris, e à noite pegaria o trem noturno para Madri.

Animada, Phoebe explicou que estava indo para a Itália encontrar sua irmã mais velha. A mentira saiu com tanta facilidade, trazendo consigo tamanho prazer, que Phoebe se perguntou por que algum dia dissera a verdade.

— Ela mora na Itália? A sua irmã?

— Em Roma. Já faz oito anos — respondeu Phoebe. — Ela escreve livros.

— Ah, escritora — comentou Pietro, assentindo. Ele parecia impressionado. — Talvez eu tenha lido alguma coisa dela.

— Bem, não. Porque o primeiro está sendo lançado agora. Na verdade, três livros dela estão sendo publicados de uma vez só.

— Três! — Ele parecia espantado.

— Ela escreve rápido — explicou Phoebe, corando.

Pietro parou de andar e tirou da mochila um caderninho e um lápis verde.

— Por favor, me diga o nome dela — pediu ele.

— Faith. Faith O’Connor.

— Faith O’Connor — repetiu o rapaz, anotando devagar. — Vou encontrar os livros dela.

O trem só chegaria em vinte minutos, então Phoebe e Pietro pediram *croque-monsieurs* em um bar e comeram do lado de fora, nos degraus de concreto quente. Phoebe achou que eles deviam parecer companheiros de viagem, talvez até mesmo um casal. Ela notou a própria voz se tornando uma

risada, enquanto balançava a cabeça, cada minúsculo gesto semelhante à dor doce de um músculo tentando se exercitar.

— Por que você veio a Reims? — perguntou ela, provocando. — Pelo champanhe?

Pietro sorriu, aparentemente sem entender.

— Eu dei a você, não foi? O champanhe — rebateu ele. — Não, vim por causa da catedral.

— Catedral?

Pietro pareceu chocado.

— A Catedral de Reims. É extraordinária, a mais bonita da Europa.

— Acabei de chegar aqui — explicou Phoebe, envergonhada.

Em algum lugar na cidade, um sino começou a tocar. Os olhos de Pietro foram preenchidos com uma suavidade que Phoebe achou difícil de encarar.

— Então, você está aqui... Por quê? — perguntou ele.

— Minha irmã me disse para passar aqui — respondeu Phoebe. — Ela adorou Reims.

Pietro sorriu.

— Sua irmã — disse ele. — Aposto que ela viu a catedral.

No trem, eles se sentaram lado a lado, passando por campos suaves que se inclinavam e oscilavam como se alguém derramasse água sobre eles. Onde os grãos foram cortados, sobraram restolhos afiados que brilhavam que nem vidro quebrado à luz do sol. As roupas de Pietro estavam limpas, mas manchadas, como se ele tivesse poucas peças e as usasse com frequência. Apesar de sua leveza física, o garoto emanava uma espécie de força.

— Você parece mais velho do que um universitário — disse Phoebe.

Pietro inclinou a cabeça. Ela repetiu a frase mais cuidadosamente.

— Ah! Sim — respondeu ele. — Fiquei sem estudar por alguns anos. Agora eu voltei, mas, sim, sou mais velho.

Phoebe perguntou por que ele tinha parado de estudar. Pietro hesitou, e ela ficou com medo de ter sido intrometida.

— Eu tinha algumas crases — disse ele, por fim.

Phoebe franziu a testa.

— Crases?

— *Crisi*? Crise? Sabe?

— Ah, crise — falou Phoebe. — Claro.

— Crise — repetiu Pietro lentamente. Ele bateu na cabeça com um dedo. — Crise.

— Uma crise na sua cabeça? No seu cérebro? — Phoebe não conseguia conter a ansiedade na voz.

— *Si* — disse Pietro, e então pareceu refletir. — Não, não é isso. Não na cabeça. Na minha palma. Está entendendo?

— Na sua alma — corrigiu Phoebe. Ela não acreditava no que estava ouvindo. — Mas você parece bem agora — disse ela com cuidado. — Quero dizer, parece estável.

— Agora estou bem — confirmou Pietro.

Phoebe queria fazer mais perguntas, porém sua própria fragilidade parecia muito óbvia, pesando cada palavra. Mas ela não tinha mais medo de ser intrometida. Havia algo de público em Pietro, como se os acontecimentos da vida dele estivessem disponíveis para debate.

— Como você conseguiu isso? — perguntou ela. — Ficar bem, quero dizer.

Pietro levou o punho ao coração.

— Jesus Cristo — disse ele. — Eu o encontrei e estou salvo.

Phoebe o encarou.

— Você é padre?

— Missionário. Estou apenas começando, em Madri.

Phoebe queria dizer a Pietro que era católica, mas tinha vergonha por não ir à igreja havia muito tempo.

— Como... como você O encontrou? — perguntou ela.

— Ele veio — respondeu Pietro. — Veio até mim.

— Quer dizer que você O viu? — A voz de Phoebe estava abafada.

— *Non* "vi" — disse Pietro, colocando as mãos sobre os olhos. — Vi.

Então, ao posicionar as mãos sobre o peito, ele as moveu como duas portas se abrindo para algo entrar.

— Você ficou com medo?

Ele sorriu.

— Quando não O vejo, aí sim fico com medo. — Depois de um momento, ele acrescentou: — Ainda estou com medo, *si*, mas *no* estou sozinho. Não estou sozinho — corrigiu-se.

Phoebe olhou pela janela. Abaixo de uma camada de nuvens finas e esgarçadas, o céu era puro azul.

— Minha irmã era religiosa — disse.

— Sua irmã. *A Roma*.

Phoebe sentiu como se, ao mentir sobre Faith, estivesse maculando Pietro sem que ele soubesse.

— Sim — concordou ela, dessa vez ansiosa para ser sincera. — Nosso pai estava muito doente e minha irmã começou a estudar para a Crisma. — Phoebe falava devagar e formalmente para que Pietro a entendesse, e isso conferia às suas descrições a pureza e monumentalidade dos eventos sobre os quais ela lera. — Nós íamos à missa todos os dias — contou.

— Você também... você a acompanhava?

— Sim.

Jesus na cruz, Suas costelas como um par de asas dobradas. A mente de Phoebe tinha vagado para longe do padre — uma prova de ortografia, um jogo de queimado que ela vencera no recreio —; nenhum evento era profano demais para suportar a contemplação na casa de Deus. Apenas na Santa Ceia ela enfim voltou a atenção para o sermão, a tempo de partirem a hóstia — o corpo de Cristo naquele disquinho achatado! Phoebe imaginava que aquilo tinha um sabor amanteigado, doce, e durante anos assistira com inveja a adultos e crianças mais velhas se levantarem dos bancos no final da missa para compartilhar aquele maravilhoso alimento. Ao saírem do altar, Phoebe examinava seus rostos em busca de sinais de transformação. Mas as expressões deles não revelavam nada.

Quando Phoebe finalmente fez sua Primeira Comunhão — com anos de atraso, sendo mais alta do que as outras meninas e usando o modelo de vestido errado —, ficou desconcertada ao descobrir que a hóstia não tinha gosto algum. Grudou no céu da boca como um papelão, e então derreteu. Quanto à promissora onda de intensidade que Phoebe sentiu ao se afastar do altar, aquilo se revelou nada mais do que o poder vertiginoso de seu desejo para que algo acontecesse. No momento em que ela saiu da igreja, a sensação já tinha passado.

— Seu pai — disse Pietro. — Ele está bem hoje?

Phoebe hesitou, seduzida por outras histórias que poderia inventar. Mas mentir para alguém tão religioso parecia profundamente errado. Era quase como mentir para Deus.

— Ele morreu — contou ela. Como se morrer tivesse sido sua única realização.

— Sinto muito.

Phoebe deu de ombros. Essas conversas sempre a incomodavam; no final, ela se sentia obrigada a reduzir o peso da morte do pai, só para fazer as coisas recuperarem um tom mais alegre.

— Foi há muito tempo — disse ela.

Os dois ficaram sentados em silêncio. O campo deu lugar à cidade, edifícios modernos, roupas esvoaçando nos varais de terraços abarrotados. Em breve a viagem chegaria ao fim, e eles seguiriam caminhos diferentes.

O trem sacudiu e balançou ao chegar à estação em Reims. Phoebe se sentiu tonta ao saltar; da plataforma, Pietro segurou a mão dela e a ajudou gentilmente a descer. Ela ouviu os sinos da igreja, repiques altos e ressonantes como objetos pesados caindo na água.

— Tenho algumas horas livres antes de pegar meu trem — disse Pietro quando eles chegaram à rua. — Se você não estiver ocupada, posso lhe mostrar a catedral.

— Ah, sim! — exclamou Phoebe, grata por aquele adiamento.

Ele a levou para uma área mais antiga e residencial da cidade, com construções de pedra de quatro ou cinco andares e varandas com grades baixas. Dezenas de pássaros barulhentos pulavam entre as árvores, agitados.

Na extremidade de uma praça, a catedral sumiu de repente diante deles. Phoebe nunca tinha visto nada parecido com aquilo: um imenso favo de mel de nichos, fendas e estátuas, cumes de pedra cinza se elevando como estalagmites em direção ao céu. Ela e Pietro atravessaram a praça, pombos indolentes voavam sem animação, saindo do caminho deles. As portas maciças e arredondadas da catedral eram margeadas por figuras esculpidas, dispostas umas sobre as outras, subindo, subindo, e ao redor do topo, onde os santos infelizes pareciam passageiros presos em uma roda-gigante.

— Aqui é a fachada oeste — explicou Pietro. — Ali você pode encontrar... — Ele apontou para o alto da porta esquerda — ... o Anjo Sorridente. É uma

imagem famosa, talvez você tenha visto fotos.

Com aquele sorriso dissimulado e beatífico, o Anjo Sorridente poderia ter sido irmão da Mona Lisa. Dois pombos se empoleiravam em sua cabeça.

Phoebe e Pietro entraram na catedral por uma pequena porta retangular esculpida no portal da direita. Um vasto espaço revelou-se à volta deles, carregado de um cheiro cavernoso de pedra molhada. Phoebe seguiu Pietro ao longo da ala central, sentindo o frio das pedras através das solas dos sapatos. Pares de colunas caneladas se erguiam até o teto e se curvavam de volta para o chão como as costelas de um animal gigante. Phoebe sentiu os movimentos de sua respiração. O ar escuro era riscado com linhas coloridas dos vitrais: roxo, vermelho, dourado, poças de cor no chão de pedra. O grande silêncio era como um suspiro, o sussurro que se ouve dentro de conchas.

Eles atravessaram os corredores, Pietro apontando para pinturas e estátuas de uma maneira ao mesmo tempo reverente e familiar, como se aqueles santos fossem membros de sua família.

— Aqui está São Sebastião — sussurrou ele. — Foi um soldado no exército de Diocleciano e levou flechadas por ser cristão. Quando se recuperou, foi espancado até a morte.

O sotaque, combinado às frases simples que dizia, fazia o discurso de Pietro soar bíblico aos ouvidos de Phoebe, a maneira mais simples, mais verdadeira, com que algo poderia ser dito.

Eles pararam diante de um conjunto de tapeçaria com cenas da vida da Virgem Maria.

— A Visitação — disse Pietro sobre uma imagem que Phoebe não reconheceu: duas mulheres conversando na soleira de uma porta. — Quando Maria descobre que vai gerar o Filho de Deus, ela faz uma visita à sua prima Isabel.

Phoebe achou aquilo bonito: Maria correndo para contar à prima sua grande notícia. Observou os ricos tecidos cor de salmão e tentou ouvir, mas o murmúrio da catedral parecia ter ficado mais alto, fluindo de debaixo do chão como se uma máquina gigantesca zumbisse sob a pedra.

— A catedral — dizia Pietro — é uma Bíblia em três dimensões. Todas as janelas, todas as estátuas, contam uma parte da história...

Mas Phoebe não conseguia escutar, o barulho era muito distrativo, um rebuliço animado e familiar como um pátio de escola durante o recreio. Uma onda de prazer percorreu seu corpo, ela sentiu um calor suave no estômago e uma deliciosa tranquilidade nos membros.

— Desculpe — disse Pietro. — Eu falo demais.

— Não — disse Phoebe, fechando os olhos.

— Podemos ficar em silêncio.

Ela sorriu. Parecia ser seu primeiro sorriso verdadeiro em dias, semanas. Ela abriu os olhos e encarou Pietro.

— Você está sentindo alguma coisa — comentou ele, pensativo.

Eles ficaram em silêncio. O sorriso permaneceu no rosto de Phoebe, os cantos de sua boca se erguendo inadvertidamente. Nos olhos de Pietro, ela viu uma força feroz e ardente.

— Estou sentindo — sussurrou ela. — Ao meu redor.

— Ele está aqui, *si*. Com a gente — disse Pietro.

De forma gentil, com o braço mal tocando suas costas, Pietro guiou Phoebe até um dos bancos da igreja. Eles se sentaram lado a lado na madeira antiga, que rangeu. Phoebe sentiu o cheiro do verniz. Um órgão tocava; hinos que ela reconhecia vagamente entravam em colapso no meio, mudavam de tom e recomeçavam, cada nota aleatória ecoando e flutuando até o teto, prolongando-se lá em cima antes de se derreter em um som maior. Phoebe sentiu o sedoso pulsar do sangue nas veias. Pietro se ajoelhou para rezar, pressionando a testa nas mãos entrelaçadas. Aquela posição parecia tão extrema, como se alguém tivesse empurrado sua cabeça para baixo, obrigando-o a fazer uma prece. Ele não parecia resistir. Apenas deixou-se curvar, como Faith tinha feito dia após dia na igreja, na época em que o pai delas estava doente.

Phoebe percebeu que respirava em sintonia com a flexão suave das costelas da catedral. Aos poucos, a fronteira entre seu corpo e o da igreja começou a se dissolver, e a própria Phoebe foi se dissolvendo, derretendo naquele suspiro vasto, e que felicidade era ser absorvida, entregar-se! O cumprimento de sua jornada. Phoebe pensou no cumprimento de toda a sua vida enquanto trechos de orações da sua infância começaram a surgir na mente. Ela as sussurrou em voz alta:

— Ave Maria, cheia de graça. Pai Nosso, que estais no Céu. Corpo de Cristo. Cordeiro de Deus, que tirai os pecados do mundo, tende piedade de nós.

Cada oração como o vislumbre de um desfile esplêndido e sagrado que culminara na morte de Faith: as brincadeiras da infância, o eco de guitarras elétricas, Faith organizando seu rosário no formato de coração na mesma mesa de vidro onde apenas um ano mais tarde ela esfarelaria com os dedos um pedaço verde de maconha até virar pó, fazendo um montinho sobre o vidro antes de enrolar baseados brancos e finos. Faith em profunda oração, enquanto Phoebe sonhava ao lado dela; voltar para casa depois do cheiro doce e inebriante da doença do pai.

Um padre atravessou o altar, com longas vestes brancas que o faziam parecer flutuar. Pietro terminou de rezar e voltou a ocupar seu lugar no banco ao lado de Phoebe. A preocupação criou uma ruga no rosto dele. Só nesse momento ela percebeu que estava chorando e que seu rosto estava molhado.

— Você tem algumas dores, Phoebe — afirmou Pietro.

— Eu tinha — corrigiu ela em uma voz sonhadora e distante. — Mas já passou.

— É bom que você vá até sua irmã — disse ele.

Phoebe assentiu. Ela estava flutuando como o padre, suspensa em líquido quente.

— Quando você pode ir? — insistiu Pietro. — Talvez hoje. Talvez a gente possa andar juntos até a estação. Sua mala está lá?

Phoebe se virou, olhando direto para o rosto dele.

— Eu menti para você — confessou ela. — Minha irmã está morta.

Ela notou uma fraca reação em algum ponto dos olhos de Pietro, um despertar infinitesimal.

— Você está sozinha?

— Estou — respondeu ela, sorrindo porque algo tinha se aberto e o mundo fluía para dentro dela.

— Vamos sair, Phoebe — chamou Pietro, de pé, levando-a pela mão. — Daqui a pouco vou pegar o trem, já tenho o bilhete, mas precisamos conversar.

Ele a levou para fora da catedral. Lá, Phoebe deparou com uma metamorfose feliz: tudo era doce aos seus olhos. Até mesmo os meninos magrelos chutando uma bola de futebol pela praça pareciam pacíficos como camundongos. *Filhos de Deus,* pensou Phoebe, *somos todos filhos de Deus*.

Pietro escolheu um banco e eles se sentaram. Ela respirou lenta e profundamente, apreciando o toque dos pulmões em suas costelas, a passagem acetinada do ar pela traqueia. O barulho distante da construção soava feito música. Como aquele mundo podia tê-la assustado tanto?

Pietro tentou falar, e então se deteve, frustrado.

— Queria ter o inglês um pouco melhor — disse ele, desesperado. — Estou tentando ajudá-la, Phoebe.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Você me ajudou.

O rapaz balançou a cabeça.

— Não é bom que você esteja sozinha.

— Não importa — retrucou Phoebe. — Está tudo bem.

Ele olhou para as próprias mãos.

— Muito rápido — disse, e estalou os dedos. O barulho assustou Phoebe. — Muito rápido.

Pietro parecia estar com medo. Phoebe virou-se para ele, cheia de tristeza.

— Eu gostaria que você fosse feliz — afirmou ela. — Você fez tudo ficar bem.

— Não fiz nada — rebateu Pietro.

Mas estava na hora de ele ir. Os dois correram, sem fôlego, sob o crepúsculo.

— Eu queria poder ficar aqui, Phoebe — disse. — Mas eles compraram minha passagem e alguém vai me encontrar na estação.

Phoebe sentiu o aroma de jantares exalando das janelas abertas. Toda vez que eles atravessavam uma rua, Pietro a segurava pelo braço, olhando ansioso para os dois lados.

As pessoas já estavam embarcando no trem. Apressado, Pietro pegou sua mala e correu com Phoebe até a plataforma. Na entrada, ele segurou as mãos dela e as apertou com firmeza, olhando-a nos olhos.

— Vou rezar por você, Phoebe — disse ele. Mais uma vez se esforçou para encontrar as palavras. — É preciso tempo. — Foi tudo o que conseguiu dizer. — *Non* tenha medo.

— Não estou com medo — retrucou ela.

Ele sorriu, aflito. Não tinha sido isso o que Pietro quis dizer. De repente, ele começou a remexer sua mala, velha e desgastada, do tipo que um caixeiro-viajante teria.

O rapaz copiou de uma página do caderno grande para outra, usando o mesmo lápis verde com o qual anotara o nome de Faith. Então arrancou a segunda página.

— Aqui está o telefone. Três, quatro, um é Madri, hein? Não sei o que acontece com o telefone lá, mas você sempre pode deixar alguma mensagem, por favor, você vai ligar se tiver problemas? Pietro Santangelo. Sou eu, hein? Você vai se lembrar? Aqui, eu anoto.

O lápis tremia em sua mão. O apito do trem soou.

— Vá... vá! Eu vou me lembrar — disse Phoebe.

Pietro se virou e andou depressa pela plataforma até o trem. Phoebe se deu conta de que tinha achado que ele talvez fosse dar um abraço nela, e ansiou pela sensação de estar tão perto assim de alguém por um instante. Quase na mesma hora, o trem começou a se afastar. Phoebe observou as janelas, pensando que talvez uma delas se abriria, que Pietro acenaria. Mas ele não deve ter tido tempo.

Ela se virou e caminhou lentamente pela estação até a rua, refazendo os passos que dera na noite anterior em direção ao complexo de arranha-céus onde ficava o seu albergue. Tudo parecia transformado, vasto e espetacular.

Phoebe foi até o lugar onde tinha visto as meninas pulando corda e se deitou de barriga para cima em um banco de concreto. Olhou para o céu. Estava pálido no lado onde o sol havia se posto e ia ficando mais escuro à medida que os olhos dela se moviam na direção contrária. Phoebe pensou naquelas crianças, na música que elas cantavam enquanto pulavam, e de repente, sem esforço, lembrou-se da letra:

Srta. Mary Mack, Mack, Mack,
Toda vestida de preto, preto, preto,

Com botões de prata, prata, prata,
Por suas costas, costas, costas.
Ela pulou tão alto, alto, alto.
Ela tocou o céu, céu, céu.
E nunca mais voltou, voltou, voltou,
Até o Quatro de Julho, mentira, mentira.
Srta. Mary Mack...

Phoebe olhou para o céu, cantando baixinho para si mesma. Pensou em como ainda era jovem, em todas as coisas que ainda não haviam acontecido. Sentiu sua conexão com as estrelas e os planetas, com os velhos fumando charutos no banco ao lado, com as pessoas em iates, favelas e florestas e, acima de tudo, com Pietro Santangelo, que a salvou. *Esperança*, pensou Phoebe. *Sempre há esperança*. Uma parte dela continuava com ele, Pietro Santangelo, passando pelos campos brilhantes de restolhos que eram obra de Deus, observando o céu escurecer.

Doze

Paris, uau!!
Com amor, Faith

Phoebe sentou-se em um dos bancos da frente na Notre-Dame com o envelope branco na mão. O ácido estava em um minúsculo quadradinho branco de cartolina e era menor do que sua menor unha. Nele, havia o desenho de um Mickey Mouse vermelho de suspensórios, com um dedo gordo na boca como se contivesse um sorriso. Phoebe o achava ameaçador, mas talvez o Mickey Mouse sempre tivesse sido assim.

Ela viajara a Paris depois que ficara claro que nada do que fizesse poderia reviver o feitiço lançado por Pietro Santangelo e pela Catedral de Reims. Phoebe percebeu que o sentimento havia desaparecido assim que acordou no dia seguinte naquele quarto de concreto e na mesma hora saiu correndo sob chuva forte até a Catedral de Reims, só para encontrá-la fria e escura. Ela havia tentado se ajoelhar, ficar de pé, rezar, descer lentamente a ala central da igreja com os olhos fechados e então se virar para o altar e abri-los para encarar com toda a força a rosácea. Mas não havia mais qualquer sussurro. O cabelo molhado de Phoebe pingava no chão de pedra.

Ela tomara um trem para Paris e chegara no fim da tarde anterior. Pagou por um pequeno quarto azul ao lado da Place Saint-Michel, que tinha uma cama macia e uma janela com vista para a rua. Comprou um sanduíche de falafel, escreveu outro cartão-postal para a mãe e foi direto dormir.

Outro fracasso. Até Pietro Santangelo tinha notado, mesmo ele havia reconhecido o que quer que fosse que impedia Phoebe de dar o salto final, crucial. Durante toda a manhã ela sentira a impaciência crescente da irmã, imaginando o olhar inquieto de Faith quando as coisas aconteciam depois que

sua mente já tinha se distanciado delas. Naquele momento, Phoebe sentia que seu tempo estava prestes a se esgotar.

Com cautela, ela pegou o quadradinho de ácido e o pressionou na língua. Não tinha gosto, apenas uma leve doçura no fundo da garganta. Ela mastigou até ficar pegajoso, então engoliu.

Dois minutos, cinco minutos. A ansiedade comprimia o estômago de Phoebe. O vitral manchado de azul da catedral e os passos ecoantes dos turistas a lembravam da imensa piscina coberta onde ela tivera aulas durante a infância: o cheiro químico e quente, as dezenas de crianças desconhecidas e as pernas magras e peludas do instrutor, que usava um apito dourado enterrado nos pelos do peito, o qual ele assoprava para fazer os alunos pularem na água. Olhando assustada para a água cintilante de aparência viscosa, temendo aquele apito... Com certeza, quando mergulhasse na profundeza pegajosa da água, Phoebe não voltaria à tona.

Depois de quinze minutos, ela saiu da Notre-Dame e foi para o ar livre. *O ácido pode não funcionar*, pensou. Afinal, Phoebe o tinha ganhado meses antes. Será que ácido durava aquele tempo todo? O troço era tão pequeno.

Seguindo o mapa, ela pegou a Rue de la Cité e cruzou o rio Sena, depois caminhou em direção ao Louvre pela Rue de Rivoli. Manequins femininos em tamanho real decoravam languidamente as vitrines, e, acima delas, os braços pendiam, com roupas penduradas sobre eles.

> *Queridos mamãe, Phoebe e Barry, meu francês é horrível, mas felizmente temos um amigo que traduz. Todo mundo em Paris continua falando sobre as manifestações de dois anos atrás, quando arrancaram os paralelepípedos das ruas, os jogaram na polícia e construíram barricadas como na Revolução Francesa. O país inteiro entrou em greve por literalmente duas semanas, ninguém trabalhou nem estudou eles apenas vagaram pelas ruas conversando. Ninguém trancou as portas, pessoas dormiram em casas de desconhecidos e se apaixonaram e arrancaram os ponteiros dos relógios porque o tempo estava parado (Lembra mãe?). Todo mundo diz como aquele foi o momento mais incrível de suas vidas e como foi deprimente quando a coisa toda enfim terminou e eles eram apenas estudantes de novo, e*

tinham que fazer provas, arranjar empregos e tudo o mais. Algumas pessoas dizem que quase desejam que aquilo nunca tivesse acontecido para que não soubessem como as coisas poderiam ser e eles ainda pudessem estar felizes. Com amor, Faith

Narcisos em papel branco.

Garçons agitando panos brancos sobre mesas de restaurante.

No fundo do estômago de Phoebe, algo estava se desenrolando devagar. Quando ela esfregou os olhos, uma névoa elétrica pairava no ar. *Meu Deus*, pensou, *vai realmente funcionar*, e sentiu um arrepio de medo.

Da Rue de Rivoli, ela virou na enorme Avenue de l'Opera, mas, antes de chegar à própria Ópera, Phoebe pegou a direita em uma rua menor, Rue des Augustins, depois a esquerda e logo estava perdida em meio a uma teia de ruazinhas estreitas que subiam até alguma espécie de área comercial. Uma loja continha nada além de prateleiras de camisetas turquesa com leões rugindo na frente. Outra estava abarrotada de chapéus brancos de marinheiro. As roupas berrantes e baratas hipnotizavam Phoebe, como se os olhos dela ansiassem justamente por aqueles pentes de franjas douradas e pérolas falsas, colares de gemas feitas de plástico.

— Camisetas azuis — disse Phoebe em voz alta, atordoada pelo poder da palavra e do objeto combinados. — Chinelos brancos. — A frase sussurrava através de seus lábios. — Sandálias brancas... — Mais brancas e mais delicadas do que qualquer par de sandálias que ela já vira.

Phoebe começou a sentir o olhar de outra pessoa sobre ela, assimilando seus movimentos, aprovando. *Fiz a coisa certa*, pensou com animação e depois parou, distraída pela pele fluida e translúcida de seus braços, as unhas opalescentes.

Pouco a pouco, a paisagem foi se achatando em duas dimensões, como campos de livros infantis ou pinturas religiosas. Cavalos de cobre saltavam dos telhados. Phoebe olhou para o céu azul e riu, sabendo que a irmã estava por perto, sentindo a paixão e o humor de Faith e se perguntando por que não tinha engolido o papelzinho branco assim que chegou à Europa e poupado a si mesma de tanta tristeza.

Queridos mamãe, Phoebe e Barry, ontem em um castelo fora de Paris Wolf e eu pulamos essas cordas de veludo que impedem você de ir aonde não deve. E nós andamos pelas salas que ninguém nunca vê, elas eram tão bonitas e tranquilas com móveis forrados de seda e coisinhas de vidro que dava para pegar. Fingimos que realmente morávamos lá e nos deitamos em uma cama de dossel com pilares esculpidos mas talvez a gente tenha acionado algum tipo de alarme silencioso porque um guarda entrou correndo totalmente frenético e expulsou a gente, mas ainda assim valeu a pena (Wolf não acha). Mas às vezes acho que essas cordas de veludo estão por toda parte no mundo, a gente só não consegue vê-las. Em Paris fico pensando onde fica a melhor e mais intensa parte de Paris, onde fica o centro absoluto de Paris e eu não consigo responder com exatidão, estou presa do lado de fora das cordas de veludo e simplesmente as odeio, fico tão furiosa quando tudo o que vejo são as mesmas coisas normais que todo mundo vê. Eu gostaria de poder ultrapassar essas cordas, como nos castelos, mas o problema é que, em Paris, ao contrário de um museu, as cordas são invisíveis, você não é capaz de dizer onde é a entrada ou a saída. Então você continua tentando. Com amor, Faith

O mundo se embaralhava, ordenava e desordenava em torno de Phoebe. A calçada pontilhada vertia, colina abaixo, galões de areia solta. Ela pulou para evitar que a areia tocasse seus sapatos, mas o ar estava tão denso, espesso como água, que desacelerava seus movimentos.

No coração de cada sensação estava o cerne de algo familiar, um germe de percepção ou pensamento comum distorcido a ponto de ficar irreconhecível. Os sons tornaram-se indistintos; tráfego, vozes, aviões, tudo se misturava como uma multidão, centenas e milhares de pessoas se reunindo nas proximidades. *Algo vai acontecer*, pensou Phoebe, *uma coisa formidável está prestes a acontecer*, e ela parou onde estava, paralisada por uma força irresistível, como uma corrente marítima, e ficou parada tremendo, esperando a multidão aparecer, estrondosa, e varrê-la junto, mas a multidão não surgiu, ela fervia apenas além da visão, prestes a se materializar, do jeito que as luzes

do cinema sempre parecem estar para se apagar quando você sabe que a sala vai escurecer. Phoebe olhou para o relógio de pulso, mas o achou inescrutável, barrinhas minúsculas sob o vidro, profundamente belo, nada menos que uma obra de arte, mas... onde estavam os ponteiros? *Alguém os arrancou*, pensou ela, *o tempo parou*.

Em uma janela, Phoebe viu o próprio reflexo e aproximou-se do vidro, trocando consigo mesma um olhar de tanto conhecimento mútuo que a deixou envergonhada. *Passamos por cada coisa*, pensou ela. Quando criança, ela brincava de olhar no espelho do quarto e tentar não reconhecer a menina que retribuía seu olhar, e um delicioso medo penetrava seu estômago quando sua própria imagem tornava-se outra menina, uma desconhecida cuja presença a deixava tímida. Phoebe viu o borrão do próprio cabelo escuro, olhos tortos esbugalhados encarando de volta através do vidro turvo, outra menina, a mão de outra pessoa se aproximando com muito cuidado de trás do vidro para tocar a de Phoebe, e era Faith.

Era Faith.

Do outro lado da janela, Faith ficou olhando para Phoebe, as mãos das duas encontrando-se no vidro. Por detrás de sua frieza, Phoebe sentiu o calor da irmã.

— Meu Deus — sussurrou ela.

Faith exibia um sorriso largo e alegre, e Phoebe também sentiu uma onda de riso subindo no peito, pois ali estava Faith, depois de todo aquele tempo, enfim — *eu sabia!*, exclamou ela, mas em silêncio, sem mover os lábios. *Eu sabia, sempre soube que você ia voltar*.

Estive aqui o tempo todo, Faith parecia dizer. *Você não conseguia sentir?*

Às vezes, respondeu Phoebe. *Mas outras vezes você desaparecia*.

Estive em um lugar, disse Faith. *Você veio até aqui*.

Phoebe examinou a irmã, consciente de alguma mudança em como se sentia por estar perto dela, mas não tinha certeza do que era. Então percebeu.

— Nós temos a mesma idade — disse, incrédula.

Faith riu, aquela grande risada voraz da qual Phoebe tinha sentido falta, pela qual ansiava e que tentava imitar sem sucesso. *Somos duas metades de uma maçã*, disse Faith. *Você conseguiu, Pheeb. Está quase acabado*.

Phoebe fitou os olhos estreitos da irmã e a boca comprida, o rosto se movimentando constantemente, ou então eram apenas seus próprios olhos se movendo, tentando assimilar tudo de uma só vez. Um rosto tão diferente do seu.

Duas metades de uma maçã.

Como faço para atravessar?, perguntou Phoebe.

Faith sorriu. *Você empurra*.

Só isso? Apenas empurrar? E, enquanto falava, Phoebe pressionou a mão com mais força no vidro, na esperança de quebrá-lo, de pular para os braços calorosos de Faith, mas a janela continuou firme.

Quando eu digo empurrar, quer dizer empurrar de verdade, disse Faith. Então Phoebe empurrou com ambas as mãos, as palmas formigando no vidro.

Vamos lá, querida, incentivou a irmã gentilmente, *você precisa fazer mais do que isso*.

Estou tentando!

Faith balançou a cabeça. *Atravessar dói, Phoebe*, afirmou ela. *Dói. Caso contrário, seria fácil demais. Você tem que estar disposta a sofrer um pouco*.

Não vejo a hora, disse Phoebe.

Ela encostou um ombro na janela e empurrou com toda a força, sentindo a pressão em sua coluna. A irmã se preparou do outro lado para enfraquecer o vidro, e Phoebe empurrou e empurrou, mas ainda assim nada aconteceu. *Droga*, disse ela.

Isso não é dor, comentou Faith, *não de verdade*, e Phoebe percebeu com desespero que mesmo naquele momento ela estava se contendo, mesmo naquele momento, com apenas um único painel de vidro entre ela e a irmã, Phoebe não conseguia cumprir sua tarefa. *Mas eu consigo*, pensou ela, *vou conseguir*! Então se afastou do vidro e lançou-se na direção dele com uma pancada forte, mas não, ainda não, seu ombro e braço doeram, porém, ela ainda estava do lado de fora.

Mais forte, pediu Faith, *muito mais forte, Phoebe, vamos lá, vamos juntas quando chegarmos no três*, e Phoebe recuou quase até o meio-fio; Faith fez o mesmo de seu lado. É isso, pensou Phoebe, ela conseguiria atravessar daquela vez ou morreria tentando. Ela correu, se jogou de cabeça no vidro e Faith fez o mesmo; a coluna de Phoebe pareceu se quebrar quando ela caiu

no chão, sua visão embranqueceu, mas ainda havia o vidro, era inacreditável, ele continuava intacto, a mesma espessura das janelas de aeroporto. *Meu Deus*, pensou Phoebe, *como vou conseguir atravessar sem me matar*? Com a cabeça latejando, sangue na boca por causa da língua mordida e, entretanto, alguém gritava — era Faith? — não, não era Faith, outra pessoa gritava a plenos pulmões ao lado de Faith na janela. Pressentindo problemas, Phoebe levantou-se e bateu no vidro em um último esforço selvagem para fugir da mulher que corria para fora gritando histericamente: seu cabelo enrolado em cachos vermelhos apertados. A mulher agarrou o braço de Phoebe com mãos parecendo garras de papagaio, gritando, apontando para a janela em um frenesi apoplético de desespero. Faith tinha desaparecido, a mulher a espantara, e uma pequena multidão se formava em torno de Phoebe, mas ela não se importava, não podia se importar menos. Ela se desvencilhou da mulher que gritava e se afastou.

Sua cabeça e pescoço pulsavam; as gengivas e até mesmo os dentes pareciam latejar com o impacto. Nada do que ela via fazia sentido: uma mulher loura, sem blusa, largada no banco do passageiro de um conversível azul — *Como?*, pensou Phoebe. *Por quê?* —, seus seios brancos pendendo sobre a barriga... Estou imaginando isso. Phoebe piscou para clarear a visão, mas aquilo não parou: em todos os lugares para onde olhava havia louras platinadas em vários graus de nudez, o suficiente para ocupar inúmeras fileiras de um coral. Phoebe vagou pelo brilho do perfume delas. Seriam prostitutas? Em plena luz do dia, em uma rua movimentada? Percebeu então que devia ter atravessado o vidro, afinal, e aquele era o outro lado — era isso! —, e ela não tinha pressentido sempre que as prostitutas também estariam ali? Espartilhos vermelhos e maquiagem extravagante, ostentando seus decotes. *Isso!*, pensou Phoebe, ela havia alcançado o outro lado e Faith devia estar ali também, esperando, escondida entre aquelas prostitutas. Será que uma delas era Faith? Mas não, o cabelo da sua irmã era escuro.

Phoebe desceu uma rua lateral comprida e estreita. De repente tudo ficou muito quieto. Não havia carros, apenas homens a pé e mulheres encostadas em portões, uma delas usava um vestido curto amarelo e tinha hematomas nas pernas; a outra era uma menina com cara de fada e restos de esmalte vermelho nas unhas. Phoebe olhou para elas em assombro absoluto enquanto

a multidão escondida se aproximava, cercando-a, incentivando-a, o ar entrando e saindo de sua traqueia, e ela começou a ouvir alguns outros sons, cliques, barulhos sibilantes que não reconhecia.

Um homem murmurou algo ao passar, direcionando seus olhos hesitantes para Phoebe, os sons de assobio e cliques ganhando força conforme seu caminho cruzava com o de outro homem, que tinha um bigode de morsa e pele úmida; Phoebe sentiu os olhos dele em seus quadris e seios e olhou para baixo, assustada com a presença do próprio corpo ali naquela rua, como se houvesse descoberto que tinha uma barba ou um bigode. Espere aí, ela queria dizer, espere, não — seu olhar cruzou com o de uma mulher nua sob um vestido azul de tecido arrastão, seios pequenos, pelos pubianos escuros, a mulher fazia uma careta e cuspia na rua demonstrando ter a experiência das pessoas que fazem isso com frequência, e Phoebe percebeu que aquela cuspida só poderia ser para ela e sentiu uma onda de admiração ao perceber que, assim como aquelas mulheres, ela era de carne e ossos, seios e quadris. Phoebe sentia tudo se mexer dentro das roupas, formigando levemente do jeito que a pele formiga quando fica dormente, e a sensação era emocionante; por um momento foi mesmo emocionante, mas então esse momento passou e ela ficou apavorada.

Phoebe olhou para trás, mas o caminho de volta parecia muito longo. Centenas de mulheres pareciam estar à sua espera, seus ruídos hostis ganhando força, abafando os gritos da multidão, conforme ela caminhava. Notou o lixo, persianas empoeiradas, cheiro de leite estragado e xixi. Uma menina esquálida em um vestido verde rasgado parecia prestes a desmaiar, revirando os olhos enquanto um homem a empurrava por uma porta; Phoebe ouviu tosse, sons de engasgo... E ali estava ele, tão próximo, exatamente o que ela queria, mas entrar naquele mundo não era o mesmo que olhar para ele com desejo. Ela precisava ir embora naquele momento, algo terrível estava prestes a acontecer. *Não*, pensou Phoebe. *Não!* Correndo em disparada, os seios balançando, com uma cólica no ventre que lhe dava a sensação de que estava prestes a sangrar, e enquanto isso a droga ia ficando mais forte a cada segundo como se um maluco aumentasse a potência em seu cérebro. Phoebe mal conseguia correr, como em sonhos em que os membros não se movem, mas ela os arrastava, com sua pesada bolsa de ferramentas, passando por

mulheres que zombavam, por homens que tinham uma estranha semelhança com os pais de seus amigos de infância, e enfim irrompendo da ruazinha lateral em uma grande avenida onde os carros e os ônibus passavam alegremente e o calor agitava o ar como serpentina.

Algo em Phoebe havia mudado, ela tinha perdido o controle, estava envolvida por um terror puro e absoluto. Era o medo de antes, em Reims, o medo de toda a sua vida. Cada pensamento a golpeava com uma força insuportável, empurrando-a para a beira do enjoo. *Isso é muito extremo*, pensou ela. *Mas você queria extremos*. *Só que não isso... Eu não queria isso, ou talvez quisesse, mas mudei de ideia. Bem, é tarde demais*. Toda vez que ela relaxava, o mundo prontamente entrava em colapso agitando suas partículas; um esforço hercúleo era necessário apenas para reunir a quantidade suficiente delas e caminhar, pé ante pé. Quando chegou ao meio-fio, Phoebe não tinha ideia do que fazer, qual sinal estava esperando, tudo era um ranger de cores, luzes e rugidos. Ela ficou bastante tempo parada até sentir uma pausa a seu redor, como uma respiração presa e, então, começou a atravessar um rio, escolhendo seu caminho entre as pedras com o som de pássaros e água corrente, uma cachoeira... *Estou no campo*!, pensou Phoebe, então tropeçou em algo duro, uma lata de lixo de metal, e chegou ao outro lado da rua. Era uma rua movimentada. Phoebe não fazia ideia de para onde estava indo.

Ela estava perdida em um mar de moléculas, átomos, padrões coloridos que mudavam. Cada instante tinha o poder deslumbrante do retrospecto, como aqueles sonhos que nos fazem estremecer na manhã seguinte, como se uma pena percorresse nossa pele. *Isso vai me matar*, pensou Phoebe, *não consigo suportar*. *Eu não quero*. Boa parte disso ela dizia em voz alta:

— Não consigo suportar. Isso vai me matar. Quero voltar.

Até que um homem a sacudiu pelo braço e falou com severidade em francês, e Phoebe abriu os olhos que ela não tinha percebido que estavam fechados, e uma mulher em um vestido florido amarelo a aconselhou a chamar um táxi e voltar para o hotel. Contudo, uma fração de segundo depois, aquela mesma mulher falava depressa em francês com um vendedor de jornal, e Phoebe percebeu que ela não tinha dito uma palavra sequer: era um daqueles meio-sonhos nos quais você acha que foi ao banheiro, mas

acorda e descobre que ainda está desesperado para ir. Phoebe ergueu a mão para chamar um táxi — um momento histórico —, ela estava em frente a um castelo sinalizando com trombetas a aproximação de um monarca com uma coroa incrustrada de joias, reluzentes cavalos brancos, florestas sombrias que pairavam logo além da visão, e então um táxi parou, Phoebe entrou e o motorista partiu, e ela abriu os olhos para ver que estava em pé no meio de uma calçada lotada, uma mão golpeando o ar enquanto as pessoas passavam por ela.

Preciso de ajuda, pensou ela, *preciso de ajuda*! Invadida por um pânico insuportável, Phoebe irrompeu em um restaurante cheio de clientes na hora do almoço, mas o salão era indecifrável aos seus olhos, como fotografias em que algum truque da lente cristalizasse o mundo em quadrados.

— Socorro, preciso de ajuda! — berrou Phoebe, e o salão caiu em um silêncio aflito.

Ela notou uma fumaça no ar, um cheiro de mariscos, e pensou: *Meu Deus, eu realmente estou aqui, não estou inventando isso.*

Um homem corpulento se aproximou com um cigarro marrom fino na mão, o bigode descansando como uma centopeia acima do lábio superior.

— Preciso de ajuda — sussurrou Phoebe.

— Por favor, *mademoiselle*, você está doente? — perguntou ele, guiando-a delicadamente pelo braço para um canto do restaurante.

Mas *não, não*, pensou Phoebe, *o que ele pode fazer*?

Apenas ficar parada por todo aquele tempo já era uma angústia; uma força terrível se reunia atrás dela como toneladas de água prestes a explodir através de um cano estreito — não, ela não conseguia suportar; se afastou do homem gordo e fugiu do restaurante de volta para a rua, o coração batendo freneticamente, subindo pela garganta de tal forma que ela queria cuspi-lo na calçada e parar aquela palpitação bizarra. Atrás de Phoebe, a pressão se elevava, pressionando-a como uma multidão tentando passar por uma porta estreita, e Phoebe andou, andou mais depressa, mas ainda assim a multidão estava atrás dela, dentro dela, correndo por suas veias, um pânico doente como nada que ela tinha sentido na vida. Em um frenesi, argumentou consigo mesma: *não há nada a temer, tudo vai ficar bem*, mas não era verdade e ela não tinha mais tempo para aquilo; começou a correr, meio passo à frente de

seu terror, a mente se esforçando para combinar corretamente os pensamentos a fim de desbloqueá-la daquele pesadelo — *números*, pensou ela, *não eram combinações numéricas*? — 1, 2, 3, 86, 87, ou talvez algum padrão de palavras: blecaute, búfalo, bifurcação, ela ia morrer, algo terrível ia acontecer e por que isso é tão ruim? Phoebe pensou: *Faith morreu jovem e eu apenas a admirei por isso, mas não quero morrer... Não quero*! Seus pensamentos como uma metralhadora: *Não quero morrer, não quero morrer, quero que tudo volte a ser como era antes, odeio isso, por favor, Deus, se eu puder apenas descer, por favor, Deus, se eu puder apenas ter de volta o que tinha antes*. Mas isso é exatamente o que você não queria, disse uma voz diferente, é exatamente disso que você passou a vida querendo se livrar. E Phoebe sabia que era verdade.

Ela se apoiou em um prédio e tentou engolir o coração. Ábaco, amplo, água, acácia, asas de anjos, a alvura das penas. Ela fechou os olhos, mas não, isso não estava ajudando, ela com certeza iria morrer... Era um horror, o erro de uma vida, porque, mesmo que por algum milagre ela sobrevivesse, acabaria com danos cerebrais permanentes. Tentou pensar em Faith, mas o que encheu sua mente foram aquelas pobres prostitutas, as pernas delas que mais pareciam frutas machucadas, lixo e fedores no coração do que sempre aparentou ser tão emocionante, tão misterioso, mas que não passava de violência, tristeza e podridão.

Phoebe caiu de joelhos na calçada. Fechou os olhos e tentou rezar, batendo os dentes apesar do calor, do cimento quente sob seus joelhos, mas Deus devia ter ido embora, ela O havia perdido no turbilhão de meias roídas pelas traças e coques de cabelos descoloridos. Ou talvez Deus não existisse naquele lado do vidro, talvez fosse por isso que Faith tinha enterrado os rosários e a Bíblia depois que o pai morreu, mas Phoebe tentou rezar mesmo assim, as mãos unidas acima da cabeça, os olhos fechados, os lábios se movendo em frenesi. De vez em quando, alguém se abaixava e tentava ajudá-la; um homem em um terno grafite até falou brevemente com ela em inglês, mas Phoebe não conseguia responder, apenas encarou o rosto dele, observando-o se expandir e se contrair enquanto o homem tentava falar outras línguas.

— *Español*, *deutsch*, *italiano*? — perguntou ele cada vez mais preocupado.

Passou pela cabeça de Phoebe que talvez ele fosse Deus, talvez daquele lado do vidro Deus se parecesse com uma pessoa qualquer, um homem de terno, e ela se viu agarrando a perna dele, sentindo o osso quente dentro da carne dentro do tecido, e pensou: *estou segurando a perna de Deus*? Então o homem se desvencilhou e desapareceu na multidão, mas algum tempo depois Phoebe o viu novamente, atravessando a rua com um sujeito de uniforme, com um chapéu, e ele parecia um policial. Phoebe se forçou a ficar de pé e a caminhar, porque cada gota de sangue em suas veias era ilegal, poluída e cheia de veneno, e graças a Deus havia um ponto de táxi, *Queridos Mamãe, Phoebe e...*

— Place Saint-Michel — disse Phoebe ao motorista com uma clareza que a surpreendeu.

Eles rodaram por algum tempo, música clássica no rádio, as penas leitosas dos pombos, as longas asas sedosas de insetos, *Queridos Mamãe, Phoebe e Barry, Aqui estamos em*, 4, 5, 6, Pai nosso que 7, 8, *Ontem fomos a*, 9, 19, Perdoe-me, Pai, faz quatro meses desde meu... *Wolf foi um fardo, como sempre, e depois vamos para...*

O motorista estava falando. Eles tinham parado; os números no taxímetro não faziam sentido algum para Phoebe, mas ela entregou algumas notas ao homem até que ele a interrompeu com alguma impaciência, empurrando o dinheiro de volta, e Phoebe saiu, deixando cair moedas no táxi, na calçada. Estátuas brilhavam ao redor dela como salinas. Tanta gente. Phoebe se virou devagar, olhando em cada direção, até que viu o rio, e, sim, ela sabia o que fazer, sim, ela tinha um plano, a chave para acabar com aquele pesadelo; o vento parecia soprar seu corpo em direção ao rio e ela subiu na ponte, o tráfego rugindo, os ouvidos preenchidos com sons de floresta, selva, água corrente; ela sabia o que fazer, os postais a tiravam do caminho, eram pistas ruins levando à sua destruição; naquele instante, uma determinação ensurdecedora assomou em Phoebe, 12, 13, 14, 15, *simplesmente odeio aqueles malucos*, com os cartões-postais de Faith na mão, a foto da irmã também, Phoebe se debruçou sobre o corrimão, *Queridos Mamãe, Phoebe e* luz, lápis, lamentação, lumaréu, a água correndo lá embaixo, tantos barcos, mas a água não era azul e havia perversão por toda parte, os cartões de Faith na mão — *eles estão me matando e não quero morrer* — a água de aparência

doentia e pegajosa como a água da piscina da qual ela tinha medo quando era criança, peito cabeludo, um apito dourado significava pular, Phoebe largou os cartões-postais, que serpearam, se dispersaram, ficaram pequenos tão depressa como confetes, naquele dia, uma vez por ano, em que todo mundo joga papéis brancos pelas janelas do centro da cidade; ela jogou a foto também, Faith foi rodopiando para baixo até a água; *fiz de novo*, pensou Phoebe, *joguei-a na água uma segunda vez... Deus, perdoe-me, por favor, era ela ou eu, uma de nós tinha que ir*, *Perdoe-me*, *Pai*, nada nunca foi como você pensava, uma lição de vida ha ha, 19, 18, 17, cartões-postais boiando na água, flutuando ali, ela estava livre deles agora, *Graças a Deus*, pensou Phoebe, ela sabia por onde andar, estava andando, fingindo andar; como se caso ela se concentrasse o suficiente conseguiria ordenar o mundo um instante de cada vez antes de arrebentar de novo suas costuras, *perdoe-me, Pai*, lá estava seu hotel, um milagre do céu.

— Perdoe-me, Pai, porque eu pequei — murmurou ela em voz alta ao subir os lances intermináveis de escada até o quarto, seu quarto triste, a mochila amassada no chão. *Perdoe-me, pai*.

Jogada na cama macia, de olhos fechados, Phoebe não encontrou nenhuma escuridão nem calma; era como estar dentro de um rádio em que as estações ficavam mudando, *Querida Phoebe, você não acreditaria no que...* Fios de luz, música de violão em fios tremeluzentes, carros em movimento fora da janela em bocejos de azul, as mãos nos próprios seios, sua maciez estranhamente reconfortante, 91, 92, 93, aquilo continuaria para sempre; colônia de férias, garrafas de cerveja na parede, o ônibus amarelo balançando, Faith no banco da frente, o animal de estimação do motorista, o cabelo comprido e quente com a luz do sol, derretida como o petróleo, as vozes das crianças, *Srta. Mary Mack, Mack, Mack*, 102, 103, *eu te amo*, pensou Phoebe, *eu te amo, farei qualquer coisa por você, mas não quero morrer, me desculpe por tê-los jogado fora, por favor, Deus, me perdoe, mas estava tudo errado*, 29, 30, *nada estava funcionando*. Phoebe se levantou, cruzando o minúsculo quarto até o espelho acima da pia. Seu reflexo era um mar de cores inconstantes, roxo, verde, rosa, olhos totalmente pretos no centro. Um rosto esquisito, uma máscara de ritual esculpida à sua imagem, mas seu próprio rosto, não o de Faith, e Phoebe balançou a cabeça, fechou os olhos e os

arregalou de novo, então chacoalhou o espelho, virou-se e olhou para trás de repente para pegar o reflexo de surpresa... Casa, cota, meia, ceia, 68, 67, 66, mas lá estava seu próprio rosto obstinado, ela mesma, não importava o que fizesse, *eu a matei*, pensou Phoebe, o próprio rosto vazio, o coração batendo tão forte que ela quase sentia seu gosto, essa droga de... *Queridos mamãe, Phoebe e...* Dominada por um ataque de raiva, Phoebe socou o espelho, quebrando seu próprio olhar espantado em vários pedaços brilhantes que se espalharam pela pia.

Havia dor em sua mão. Segurando-a perto do rosto, Phoebe viu um pequeno caco de espelho preso na região macia entre o polegar e o indicador. Sangue quente e vermelho escorria para o cotovelo. Phoebe observou o sangue, fascinada por sua abundância quente, aquela riqueza de cor extravagante escondida sob a própria pele lisa. Algo se acalmou dentro dela, então, esfriou em seu peito, sua cabeça, o sangue quente afastando a febre, puxando-a para fora daquele estado. *Não,* pensou ela, *não vou morrer dessa vez*; *sangrar, cortar as solas dos pés antigamente deixava a pessoa bem, isso vai acabar como todo o resto, acredito que vai acabar. Graças a Deus, obrigada meu Deus*. *Querida Phoebe... Ave Maria, três desejos, desejo minha vida de volta, por favor, Deus, as rachaduras no teto, os insetos minúsculos, por favor, Deus, os momentos de silêncio, do vazio frio no peito, do coração se acalmando aos poucos*. Devagar, Phoebe tirou o caco de espelho da pele, apreciando o lampejo intenso de dor que chegou ao seu coração, prendendo-o por um momento como um punho fechado, mas depois soltando-o do seu corpo em um último impulso quente.

PARTE TRÊS

Treze

As árvores exibiam flores brancas febris em frente ao prédio exuberante e decadente onde o primo de Kyle, Steven Lake, e sua esposa, Ingrid, moravam. Phoebe continuava na rua, hesitante em tocar a campainha tão cedo. Ela pegara o trem noturno para Munique, saindo de Paris, sem dar aos Lake, que nunca tinham ouvido falar dela, qualquer aviso sobre sua chegada. Estava com medo de que dissessem que não havia espaço para ela.

Phoebe se sentou nos degraus da frente para esperar. Dias haviam se passado desde a viagem do ácido. As dores de cabeça tinham sido insuportáveis no início e ela ainda ficara com hematomas cinza-azulados na testa, nas têmporas e no couro cabeludo. Durante dois dias ela havia permanecido deitada na cama mole, ouvindo os sons tumultuados da rua. Estava com medo de se mexer; a membrana entre ela e a viagem do ácido parecia muito fina, como a moleira de um crânio infantil. Movimentos drásticos e repentinos poderiam perfurá-la, lançando-a novamente àquele estado. Phoebe descia com cuidado os vários lances de escada para pagar o quarto e comprar comida. No terceiro dia, começara a ler o livro de contos de Charles Dickens: ferreiros, empregadas domésticas, comidas de Natal — de certa forma, eles eram o que ela precisava.

No começo, tinha considerado voltar para casa. Mas com o tempo isso parecia cada vez menos possível, como virar naquela rua estreita repleta de mulheres sibilantes, descobrindo que o caminho de volta era tão longo quanto.

Quando a dor de cabeça diminuiu, Phoebe se dedicou à tarefa de arrumar o quarto. Ela se movia com cuidado, como se cada osso de seu corpo tivesse sido quebrado e colocado de volta no lugar. Embrulhou os pedaços do espelho estilhaçado em uma camiseta e os levou escondidos para a rua, onde os jogou em uma lixeira. Sua mão ensanguentada tinha manchado a colcha,

mas depois de esfregá-la várias vezes e pendurá-la ao sol para secar, a mancha havia saído.

Os cartões-postais de Faith não existiam mais. Phoebe os havia jogado no rio Sena. Ela se lembrava do momento, da sensação enérgica e frenética de que aquela atitude era a chave para sua sobrevivência, mas já não sabia mais o porquê. Não havia mais nada para guiá-la — quando se escolhe um lugar ao acaso, por que importa ir até lá? O endereço do primo de Kyle, Steven Lake, ainda estava embrulhado no baseado rosa no fundo de sua carteira. Phoebe o carregara durante todo aquele tempo.

Ela se apoiou na mochila e cochilou. Às nove em ponto acordou, subiu os degraus e apertou o número três na campainha. Um interfone fez um som de clique, e a voz de um homem atendeu em alemão.

— Estou procurando Ste-ven Lake — disse Phoebe, pronunciando o nome bem devagar.

— Steve está em Bruxelas este verão — respondeu a mesma voz, mas dessa vez em inglês.

— Bruxelas — repetiu ela.

— Sim, estou alugando o apartamento enquanto estão lá. Você quer o endereço deles? Alô?

Phoebe sentiu que estava deslizando colina abaixo.

— Alô?

— Eu tinha que... dar a ele... — Ela estava gaguejando.

O interfone desligou. Phoebe se virou para a rua vazia. As árvores floridas tinham um aroma doce, empoado. Ela estava em Munique, na Alemanha. Quando a campainha tocou, Phoebe se virou, jogando o peso do corpo na porta.

— Terceiro andar — falou ele.

O corredor estava escuro. Phoebe começou a subir a escada com dificuldade, carregando a mochila. Ela ouviu passos descendo e, através do cabelo que tinha caído em seu rosto, vislumbrou um homem alto usando óculos. Ela questionou o objetivo de levar a mochila até lá em cima se Steven Lake nem mesmo morava ali.

— Aqui, deixe que eu levo isso — disse o homem, levantando a mochila dos ombros dela.

Phoebe notou uma leve reação à aparência dela. As contusões ainda eram visíveis, manchas acinzentadas acima dos olhos e nas têmporas. Ela baixou a cabeça. O homem subiu na frente em direção ao primeiro patamar. Phoebe sentiu a pressa nos passos dele, uma vontade de seguir com seu dia.

— Você é amiga do Steve? — perguntou ele por cima do ombro.

— Não. Mas conheço o primo dele, Kyle Marion.

O homem interrompeu o passo.

— Kyle Marion de São Francisco?

— Sim! — respondeu Phoebe. — Você o conhece?

Houve uma pausa.

— Estudei com ele na escola — disse o homem.

Ele a esperou no patamar seguinte. A curiosidade de Phoebe havia vencido e, apesar de suas contusões, ela olhou diretamente para o homem. O reconhecimento irrompeu nela em um único flash, provocando arrepios nas suas pernas e no couro cabeludo.

— Wolf — disse. Ele ficou pálido. Os dois se encararam em silêncio. Era Wolf. Ele parecia prestes a desmaiar. — Sou a Phoebe — disse ela.

— Sei quem você é — rebateu Wolf, puxando a menina para si e balançando-a nos braços, uma sensação que na mesma hora lhe pareceu familiar. — Sei quem você é, Phoebe, meu Deus. — Ele se afastou para olhar para ela, abrindo aquele sorriso sem graça de parentes mais velhos que não veem a pessoa há anos. Então agarrou os ombros de Phoebe, ainda com a mochila pesada dela. — Phoebe O'Connor. Meu Deus.

Ele parecia menor do que ela se lembrava. Na mente de Phoebe, Wolf tinha crescido com o passar dos anos, desenvolvendo o dobro do tamanho e da força que ela mesma havia ganhado desde a infância. Naquele momento, as feições talhadas dele pareciam quase frágeis. Mas o rosto de Wolf era o mesmo: dentes brancos e olhos estreitos verde-acinzentados como os de um lobo, o cabelo castanho que já batera na metade das costas estava curto e um pouco arrepiado. Ele havia perdido seu bronzeado indelével. Entretanto, apesar de tudo, era Wolf, familiar em cada detalhe, inclusive nas mãos que seguravam os braços de Phoebe, as mãos que ela via enrolando baseados, dirigindo a caminhonete com movimentos invisíveis de tão sutis, acariciando o cabelo de Faith.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Wolf.

— Viajando. — Foi a única explicação que Phoebe conseguiu arranjar. — Como você conhece Steven Lake?

Wolf balançou a cabeça.

— Americanos em Munique — explicou. — Eu o conheço há anos.

— Mas nunca ficou sabendo que ele e Kyle eram primos?

— Não fazia ideia. Quer dizer... Steve não é de Nova York?

Eles estavam subindo o último lance de escada. Passando por uma porta aberta, Phoebe entrou em uma grande sala com vista para um quintal. Contrastando com a suntuosa decadência do edifício, o apartamento em si fora reformado com elegância, tinha paredes recém-pintadas e piso de madeira clara.

— Sente-se, dê uma volta, fique à vontade — disse Wolf, deixando a mochila de Phoebe perto da porta. — Aceita um café?

Phoebe acompanhou Wolf até a cozinha. Ela notou que o corpo dele continuava igual, peito largo, pernas compridas, mas a pequenez, a fragilidade dele a desconcertou. Não era maior do que qualquer outro homem alto.

Wolf colocou a chaleira para ferver e se virou para Phoebe, sorrindo.

— Você cresceu — afirmou ele. A menina cruzou os braços. — Você era, tipo, uma criança na última vez que a vi.

— Dez — disse ela. — Eu tinha dez anos.

— Agora você tem o quê, dezesseis, dezessete?

— Dezoito.

— Dezoito — repetiu Wolf. — Meu Deus, esqueci quanto tempo passou.

A chaleira apitou. Ele a tirou do fogão com um pegador de panela, derramando um arco de água fervente no filtro.

— Seu cabelo está tão curto — disse Phoebe, tímida. — E você usa óculos agora.

— Sempre tive os óculos, só não os usava — rebateu Wolf, rindo. — Minha juventude borrada.

— Você está diferente — afirmou Phoebe. Ela não conseguia superar aquilo. — Parece, não sei, respeitável.

Wolf deu um meio sorriso irônico.

— O mundo está diferente.

Eles levaram as canecas para a sala e se sentaram em um sofá azul listrado. O sol entrava pelas janelas. Sob a luz clara, Wolf de repente inclinou-se na direção de Phoebe, olhando para sua testa.

— O que aconteceu com você? — perguntou ele baixinho.

— Caí.

Com delicadeza, Wolf pressionou a palma da mão na cabeça de Phoebe. O frio da mão dele lhe deu uma sensação boa.

— Parece que alguém bateu em você — comentou ele. — Como conseguiu isso?

— Ah, não vale a pena contar — disse Phoebe. — Escadas.

Wolf deixou para lá, mas ela sentiu a relutância, a preocupação dele, e esses sentimentos pareceram um bálsamo. A luz brilhante feria seus olhos; ela os fechou por um instante e se inclinou para trás. Parecia um luxo inimaginável, estar na casa de alguém.

— Como está a sua mãe? — perguntou Wolf.

— Ela está bem, acho. Tem um namorado. Na verdade, o chefe dela, Jack Lamont, lembra? É ele.

— Mentira!

— Juro por Deus — disse Phoebe, satisfeita por Wolf apreciar a bizarrice da escolha de sua mãe.

— Bem, hum, isso é fantástico — comentou Wolf. — Se ela está feliz, isso é fantástico. E Bear? O que o velho Barry tem feito?

— Ele ficou milionário — explicou Phoebe, e contou a Wolf a versão resumida do sucesso do irmão.

— Bem, me parece justo — disse ele, sorrindo. — Sempre gostei do seu irmão.

Phoebe tinha plena consciência de que nenhum dos dois havia tocado no nome de Faith. Ela se perguntava se, aos olhos de Wolf, era tão parecida com sua irmã quanto todos diziam. Esperava que sim.

Wolf relaxou, apoiando os braços compridos nas costas do sofá.

— Phoebe O’Connor — disse ele. — Tenho na minha cabeça uma imagem muito vívida de você... em frente à sua casa, acenando enquanto a gente ia para o aeroporto.

Phoebe riu, envergonhada.

— Você se lembra disso?

— Você estava descalça — continuou Wolf, com uma timidez na voz.

Phoebe recordou o silêncio absoluto que caíra na rua no momento em que a caminhonete desapareceu, como se todas as coisas animadas e alegres do mundo também tivessem sumido, embrulhadas em meio às conchas marinhas e bandanas nas malas de Faith e Wolf. Ela havia se ajoelhado no chão, tocando a área quente da rua onde a caminhonete tinha estado, mantendo a mão ali até o asfalto esfriar e mesmo depois, durante muitos minutos, até o nevoeiro fazer seu queixo tremer.

— De qualquer forma — disse Wolf —, quero saber tudo o que aconteceu com você desde então.

Phoebe riu.

— Muita coisa — disse ela, embora, é claro, fosse na verdade muito pouco. O telefone tocou em outro cômodo. Wolf foi atender, e pela porta aberta Phoebe admirou o alemão virtuoso dele. O idioma a fez imaginar alguém cortando arbustos com tesouras grandes demais. — Você parece totalmente alemão — elogiou Phoebe quando Wolf voltou para a sala.

Ele riu.

— Sou praticamente alemão, a essa altura — disse. — Sou um residente legal, então estou autorizado a trabalhar aqui e tudo o mais. E a minha noiva é alemã, Carla... Era ela agora mesmo ao telefone. Vou virar cidadão alemão quando a gente se casar.

— Você vai se casar?

— Vou — confirmou Wolf, hesitante. — Ficamos noivos em março.

— Uau.

Phoebe sentiu como se tivesse levado um soco. Sua cabeça machucada começou a latejar.

— Deve ser difícil ouvir isso — disse Wolf. — Me desculpe.

Phoebe assentiu e olhou pela janela. Um beija-flor pairou do outro lado do vidro feito um mosquito gigante.

Então a vida de Wolf tinha seguido em frente. Phoebe pensou que o mais estranho não era que isso tivesse acontecido, mas que de repente ela ficasse sabendo. Em sua mente, ele continuava sem camisa, bronzeado, rondando

sem descanso os pensamentos dela. Phoebe estava com vergonha de ter encontrado um conhecido com quem havia sonhado, esperando que ele não conseguisse notar isso em seu rosto.

— Como você veio parar na Alemanha? — perguntou ela.

Wolf voltou a se sentar ao lado dela no sofá. Ele nunca tinha retornado de fato aos Estados Unidos, explicou, ficara ali ilegalmente durante anos, trabalhando em restaurantes e fábricas. Havia estudado alemão na Universidade de Berkeley, para seu bacharelado em bioquímica, por isso falava o idioma.

— Você abandonou Berkeley, certo? — perguntou Phoebe. — Para vir para a Europa com Faith?

Pronto. O nome da sua irmã preencheu a sala. Phoebe queria dizê-lo de novo, gritar.

— É — disse Wolf. — Eu odiava os Estados Unidos naquela época. Estava morrendo de vontade de fugir.

Mas o nome tinha funcionado. Um silêncio respeitoso caiu sobre eles.

— De qualquer forma, agora sou tradutor — concluiu Wolf. — Principalmente de coisas técnicas, manuais, relatórios anuais para empresas que fazem negócios nos Estados Unidos. Há um monte de empresas farmacêuticas, por isso a bioquímica não foi um desperdício total. Na verdade ela veio bem a calhar.

— Então tudo acabou muito bem — comentou Phoebe, melancólica.

Wolf bateu duas vezes na mesinha de centro, como se ouvir aquilo o deixasse nervoso. Ou talvez ele só se sentisse culpado por exibir sua felicidade.

— Ah, esqueci — disse Phoebe, remexendo na bolsa para pegar a carteira. — Eu tinha que entregar isso ao Steven Lake. É do Kyle.

Ela tirou o baseado cor-de-rosa da carteira. Estava dobrado e manchado devido à viagem. Wolf o pegou, sorrindo ao ver o estado daquilo.

— Vamos guardá-lo para Steve — disse.

* * *

O banheiro era cheio de azulejos brancos impecáveis. No armário de remédios, Phoebe encontrou um frasco de perfume Estée Lauder e vários grampos de cabelo castanho-claro empilhados com esmero. Um par de brincos de jade em forma de gotas, um frasco de hidratante com cheiro de coco. Phoebe olhou para esses itens tentando evocar a mulher que os comprara, usara-os e os colocara ali com tanto cuidado. Sua organização zelosa não poderia ser menos parecida com a confusão radiante das posses de Faith, mas, ao imaginar Carla, tudo o que Phoebe viu foi o rosto da irmã.

No chuveiro quente, sua mão começou a latejar. O corte feito no espelho tinha infeccionado, mas estava começando a cicatrizar. Phoebe se mexia com cautela, como se os azulejos do banheiro fossem feitos de casca de ovo. Ela dizia a si mesma que estava no apartamento de Wolf, à espera de um choque de alegria por aquela sorte espetacular, mas seus sentimentos estavam embotados. Muita coisa havia acontecido; encontrar Wolf parecia a realização de uma esperança que ela tinha abandonado quando sua jornada desviou inexplicavelmente da aventura para a sobrevivência. Por que ela fora para a Europa? Phoebe não tinha mais certeza; tudo o que sabia era que quase não sobrevivera a um pesadelo. A perspectiva de retratar para Wolf uma menina feliz em férias a deixava exausta, lhe dava vontade de ficar no banheiro para sempre.

* * *

— Como é a sua noiva? — perguntou Phoebe enquanto ela e Wolf atravessavam as ruas largas e régias de Munique.

As igrejas pareciam grandes armários e o céu era de um azul impecável. Relógios ao ar livre marcavam meio-dia.

— Ela é médica — respondeu Wolf.

— Médica. Uau. — Aquilo fez a noiva parecer velha. — Então você deve ser extremamente saudável — brincou Phoebe.

Wolf riu, inclinando a cabeça para trás como se o riso fosse como fumaça e pudesse ofender Phoebe.

— Devagar e sempre — disse ele afetuosamente. — Não sou um paciente fácil.

Ele lhe mostrava os pontos turísticos: os museus novos e antigos, a universidade técnica onde ele ministraria um curso de tradução naquele outono. Phoebe prestou atenção passageira àqueles lugares. Ela olhava principalmente para Wolf, cheia de admiração ao pensar que ele era o mesmo menino em cujos ombros ela havia montado para descer a Haight Street, chutando suas costelas para fazê-lo ir mais rápido. Talvez Wolf também estivesse se lembrando daquela época, pois de repente perguntou quanto São Francisco tinha mudado.

— Muito — respondeu Phoebe. — Você não acreditaria.

— Como? Quero dizer, quais são as mudanças?

— Você nunca vai voltar?

— Ah, vou, sim — disse ele. — Um dia. Mas meus pais estão morando em Tiburon. Nunca voltarei aos lugares de antigamente.

— Não tem motivo — notou Phoebe.

— E a nossa escola? Pelo que me dizem, parece que estamos nos anos 1950 de novo: líderes de torcida, futebol americano...

— Música *disco* — acrescentou Phoebe. — Todo mundo vai dançar em discotecas.

— Parece saudável — comentou Wolf, dando uma risadinha. — Parece... inocente.

Phoebe virou-se para ele, espantada.

— Não acredito que você está dizendo isso.

— É a idade — confessou Wolf, e sorriu.

Eles tinham entrado no Hofgarten, um grande parque cheio de flores vermelhas e brancas em suaves canteiros retangulares, arbustos altos podados para parecerem muros. Na extremidade, uma construção com colunas quadradas surgia do interior de um círculo de árvores. Era coberta por uma cúpula de metal escuro que parecia um capacete de bronze.

— Mas ainda deve ter alguma coisa por lá — disse Wolf. — De antigamente... Mesmo que não seja nada.

Phoebe ficou impressionada com a mudança na voz dele, uma melancolia. Ela lhe contou sobre Hippie Hill, o Panhandle vazio, a Haight Street cheia de drogados; e, estranhamente, enquanto Phoebe descrevia essas decepções, a amargura que sentia em relação ao que ela havia perdido foi eclipsada por

uma saudade súbita e dolorosa de tudo o que tinha deixado para trás... De sua casa.

Eles andaram mais devagar, até que pararam. A luz do sol se derramava sobre a cúpula de bronze, transformando-a em ouro. Parecia uma esfera mística, curativa. Wolf deu um passo ou dois para trás e levantou a mão, os olhos fixos em Phoebe.

— Espere — disse ele baixinho. — Fique aí.

Phoebe observou a cúpula atrás dela, uma corcova de brilho em preto e dourado. Quando olhou de volta para Wolf, ele tinha se agachado sobre um joelho. Phoebe quase riu, mas o som ficou preso na sua garganta. Wolf parecia tão vulnerável, os olhos tão vazios quanto os de um sonâmbulo.

— O que foi? — perguntou ela em voz baixa. Ele se levantou, batendo lentamente a poeira da calça jeans. — Wolf, o que foi?

— Nada — disse ele, distraído. Parecia confuso, como se ele mesmo não tivesse certeza do que tinha acabado de acontecer. — Vamos sair daqui.

Os dois deixaram o parque em silêncio. Ela não insistiu. Enquanto Wolf olhava para Phoebe no caminho, ela vira uma espécie de despedida no rosto dele, como uma porta se abrindo e se fechando em um quarto escuro. Ela não fazia ideia do que aquilo significava. Mas estava feliz, aliviada de alguma forma por ter visto aquilo.

* * *

Eles almoçaram em um dos restaurantes mais antigos de Munique: empresários em brilhantes casulos de fumaça, cheiro de cerveja, sal e madeira encerada, painéis de vidro losângicos nas janelas. Wolf e Phoebe subiram uma escada estreita e se sentaram a uma mesa de tábua manchada. Wolf pediu cervejas, que chegaram em tulipas altas, altos como garrafas de vinho.

Ele ergueu o próprio copo.

— Pelo prazer de beber com você, Phoebe — disse Wolf. — Legalmente, aliás. Quem diria?

Phoebe bebericou a cerveja maltosa, doce e turva em seu copo. Tinha um sabor completo, como uma refeição por si só. Ela não bebia álcool desde o

champanhe em Épernay com Pietro. Parecia que aquilo tinha sido em outra vida.

Wolf a observou bebendo.

— A propósito — disse ele —, meu nome é Sebastian.

— Sebastian. — Phoebe começou a rir. A cerveja parecia inundar seu cérebro. — Fala sério. Sebastian?

Wolf também riu, com relutância. Ocorreu a Phoebe que Carla provavelmente era muito séria, por ser médica. Ela engoliu o riso.

— Neste momento estou me sentindo Wolf — disse ele. — Não vou negar que é um prazer.

— Então, eu deveria chamá-lo de Sebastian?

Os dois sorriram. O nome pendia entre eles, ridículo.

— Me chame de Wolf — falou ele. — Que se dane. — Depois de um momento, disse: — Vou fazer trinta no ano que vem, dá para acreditar?

Ele pareceu preocupado com esse pensamento, como se houvesse coisas indizíveis que precisasse realizar antes daquele dia.

— Trinta não é tão velho, Sebastian — provocou Phoebe.

— *Danke schön* — disse Wolf.

Ele pediu salsichas, chucrute e repolho recheado. A comida chegou em pratos de estanho amassados, e Phoebe comeu até achar que ia desmaiar. Bebeu outra cerveja. Wolf tomou mais duas. Bêbada, ela sentiu sua permanência no presente começar a escorregar; ficou menos claro para ela que tipo de pessoa estava tentando ser. A confusão a deixou quieta.

O restaurante esvaziou de repente, como se um apito inaudível tivesse convocado os empresários de volta a seus escritórios. Uma luz pálida entrou pelas janelas, cortando o ar enfumaçado em blocos losângicos. Wolf acendeu um cigarro.

— Pensei muito em você, Phoebe — disse ele. — Durante todo esse tempo.

Ela estava comovida, espantada por Wolf ter pensado nela.

— Sério?

— Sério — confirmou ele. — Tipo, querendo que você estivesse bem.

Eles ficaram em silêncio.

— Acho que estou — falou Phoebe, nervosa.

— Sei que parece loucura, mas preciso falar — disse Wolf. — Espero que você não tenha sofrido muito.

Phoebe sentiu o rosto corar.

— Não sei. Quero dizer...

Wolf balançou a cabeça.

— Falei isso mais para mim, não para você. Me desculpe.

— Tudo bem — disse Phoebe, desanimada.

A verdade era que Phoebe raramente pensava no efeito da morte de Faith em sua própria vida. O acontecimento em si estava muito embaçado em sua mente; o rosto pálido de sua mãe na porta era tudo de que ela se lembrava, e, por alguma razão, um cavalo de plástico azul, apenas um cavalo azul-claro de corpo quadrado e olhos brancos redondos, um brinquedo que ela tinha retirado da máquina de pescar brinquedos na loja de calçados. Segurando aquele cavalo e tentando acreditar que a irmã estava morta.

— Quando foi a última vez que você a viu? — perguntou Phoebe. — Faith.

Mais uma vez, algo reluziu nos olhos de Wolf, aquela dor ou preocupação que ela vira antes, diante da cúpula de bronze.

— Agosto — respondeu ele. — Mil novecentos e setenta. Saímos de Paris e seguimos para Berlim. Fui embora em agosto, ela morreu em novembro. Como você sabe. — Wolf se inclinou sobre a mesa, ajeitando-se como se quisesse compensar alguma dor no estômago. — Depois de Berlim eu vim para cá, para Munique. Achei que ela pudesse vir também, mas nunca apareceu. Eu ainda estava aqui quando aconteceu; meus pais me ligaram. Conversei com a sua mãe, disse a ela tudo o que eu sabia, mas não era muito.

— Eu me lembro disso — disse Phoebe. — De você falando com ela.

— Nós mantivemos contato por anos — contou Wolf. — Quatro, cinco anos. Eu dava sinal de vida de vez em quando. Ela era tão incrível... Toda vez que eu ligava ela dizia: “Wolf, é sempre ótimo ter notícias suas. E se chegar um dia em que não tiver mais vontade de ligar, vou entender isso também.”

Ele ergueu o copo vazio, então o colocou de volta na mesa. Sem o bronzeado, sua pele morena parecia acinzentada.

— Faith não me queria mais por perto, a história é essa — explicou ele.

— Eu sei.

Ele pareceu assustado.

— Os cartões-postais dela — disse Phoebe. — Eu os guardei.

Wolf se mexeu na cadeira.

— O que ela dizia?

— Tipo, como ficou feliz quando você foi embora. Como você a estava prendendo e depois ela ficou livre.

Algo se moveu ao redor da boca de Wolf. Phoebe desejou não ter contado aquilo. Ele deu um último trago no cigarro e o amassou no cinzeiro.

— Nem preciso dizer que pensei muito no motivo disso ter acontecido — disse ele. — Mas não sei. Sinceramente, não sei por quê.

— Bem, eu quero saber — retrucou Phoebe.

— É compreensível.

— Por isso estou aqui, na verdade — continuou ela, incapaz de conter a crescente onda de confissão em seu peito. — Estou indo a todos os lugares onde ela esteve, fazendo todo o caminho até a Itália, você sabe, até Corniglia. Onde aconteceu.

— Meu Deus! — exclamou ele. Os olhos estreitos de Wolf se arregalaram.

Mas Phoebe mal notou; pela primeira vez em dias — em semanas, parecia —, a névoa de confusão se dissipou e ela novamente soube por que tinha ido até lá. Para descobrir o que acontecera.

— O que você acha que vai descobrir lá? — perguntou Wolf.

— Não sei — disse Phoebe, se sentindo eufórica.

— Nem eu.

Ele balançou a cabeça. Pela expressão de Wolf, Phoebe sentiu que ela tinha se entregado, que ele a via de outra forma. Mas sua impressão de Wolf também mudara; ele era um homem que quase havia se recuperado de algo. Seu tamanho reduzido parecia ser parte daquela evolução, como se envelhecer tivesse sido, para ele, uma questão de encolhimento.

— Por que você nunca foi para casa? — perguntou Phoebe.

Ele respirou fundo, pegando um cigarro na mochila, mas sem o acender.

— Eu não conseguia — explicou. — Começar de novo, como se nada tivesse acontecido? Como eu poderia fazer isso? — Seu rosto parecia nu, despido de algo. — Então esperei. Os anos foram passando. Essa acabou se transformando na minha vida.

Ele abriu as mãos e deu seu novo sorriso hesitante. Phoebe sorriu de volta. Uma compreensão circulou entre os dois, como se, pela segunda vez naquele dia, eles se virassem na escadaria e se reconhecessem.

* * *

Era fim de tarde quando eles voltaram ao apartamento de Wolf. O turno de Carla no hospital acabaria em breve, e ele queria encontrá-la. Phoebe se sentia quase em coma, pela cerveja e por sua persistente fragilidade. Os dois decidiram que ela iria dormir no apartamento de Wolf; ele ficaria na casa de Carla naquela noite e voltaria para lá na manhã seguinte. Ele iria levá-la para o interior e visitariam alguns castelos.

Phoebe notou que Wolf passou a olhá-la com frequência, como se o seu espanto com a presença dela tivesse ficado mais aguçado com o passar das horas.

— Caramba, a vida é estranha — comentou ele quando os dois chegaram à rua onde ficava o prédio.

— Mas é boa — disse Phoebe. — Não é?

No alto, as árvores derramavam suas flores, como neve artificial.

QUATORZE

Aquela não era a velha caminhonete de Wolf, mas, para Phoebe, a sensação era parecida: um fusca laranja conversível com a capota baixada e Janis Joplin arranhando no toca-fitas. Wolf dirigia como ela se lembrava, esparramado languidamente no assento, uma das mãos mexendo no volante como se ajeitasse a direção da brisa de um ventilador diante de seu rosto.

Estavam indo para o sul, em direção aos castelos do rei Ludwig. Wolf tinha voltado da casa de Carla naquela manhã com ovos, peras e pão preto e preparara um café da manhã para Phoebe. Ele fizera um cuidadoso planejamento turístico: bem diferente dos velhos tempos, quando, Phoebe lembrava, ele amontoava pessoas na carroceria da caminhonete e disparava para as colinas sem rumo, levantando nuvens de poeira lodosa.

Phoebe se sentia mais limpa do que de costume. Tinha tomado um banho escaldante de trinta minutos naquele banheiro branco, esfregado os pés, as pernas e os cotovelos, onde parecia que uma camada invisível de pele morta havia se acumulado. Enfim, abriu o frasco de Chanel Nº 5 que tinha carregado até lá e passou um pouco, uma quantidade que acabou sendo exagerada (Wolf brincou que suas narinas não ficavam tão desobstruídas havia semanas). Era estranho quanto ela já se sentia distante dos momentos ruins, dos inúmeros momentos ruins. Ainda no dia anterior, esconder seus problemas de Wolf parecera uma necessidade incontornável, mas naquele instante Phoebe sentia que poderia esquecê-los por completo. A menina nervosa e solitária daquelas últimas semanas era alguém que a espantava e até suscitava pena. Não era ela mesma.

Os arredores de Munique se distanciaram, dando lugar ao campo, ovelhas como saliências nas dobras das colinas verdes, cidades parecendo quartos de criança ensolarados cheios de móveis alegres de igrejas, celeiros, casas pintadas em tons pastel e acabamentos brancos.

“*Summertime time time time*...”, cantava Janis, a voz como um pedaço de estopa sendo rasgado ao meio bem devagar.

Phoebe olhou para Wolf, que apertava os olhos por causa do sol. Parecia pensativo naquele dia, quase taciturno.

— Você ainda pensa muito na Faith? — perguntou ela.

Ele hesitou.

— Eu evito.

— Por quê?

Ele olhou para Phoebe como se a pergunta dela fosse surpreendente.

— Faz você ficar triste? — perguntou ela.

— Faz, sim. E não confio na tristeza — respondeu Wolf lentamente.

Phoebe sentiu a relutância dele em falar do passado e tentou aplacar o desejo de pressioná-lo. Não conseguiu.

— Você se lembra do Circo Invisível? — perguntou.

— Claro.

— Você poderia... você pode me explicar o que era aquilo exatamente? Tentei pesquisar sobre isso nos livros, mas nunca encontrei nada.

Wolf sorriu.

— É engraçado que você não tenha encontrado.

Tinha acontecido em uma igreja, a Igreja Metodista Glide, em Tenderloin. Um evento organizado pelos Diggers, sem publicidade, sem mídia, apenas a noite em si com as pessoas certas lá. Os Diggers, integrantes de um grupo de teatro de guerrilha anarquista, arrumaram o espaço como um parque de diversões, todos aqueles ambientes psicodélicos e luzes coloridas, plástico triturado no chão, tigelas de ponche cheias de suco batizado com ácido. Uma festa comum, de certa forma, exceto que ainda não era comum, e, além disso, aquela era uma igreja, com bancos, altar, a coisa toda. A ideia era que todos vivessem suas fantasias mais loucas ao mesmo tempo. Enquanto isso, esses “repórteres” registravam tudo o que acontecia, e então o escritor Richard Brautigan, sem brincadeira, o próprio Brautigan, transformou as anotações em “boletins” e mimeografou centenas de cópias que circularam imediatamente; então não apenas as pessoas faziam aquelas maluquices, mas muitas vezes liam sobre si mesmas fazendo as maluquices antes de terminarem.

— Parece um sonho — comentou Phoebe.

— E foi — disse Wolf. — Era exatamente essa a sensação. — Ele estava fumando, olhando para a estrada. — A ideia era assistir a nós mesmos acontecendo. Aquele sentimento incrível, do lado de fora, vendo a coisa se desenrolar. Como uma viagem. Lembro que pensei: porra, isso vai ser enorme. O que quer que seja.

Phoebe queria perguntar que tipo de coisas as pessoas fizeram na igreja, o que Wolf e Faith tinham feito, mas estava com vergonha.

— O que você acha que aquilo significou? — perguntou ela.

Wolf riu.

— O Circo Invisível?

— Não, tudo. O Festival Human Be-In... Aquela época toda.

Ele riu de novo, desconfortável.

— Não sei. Meu Deus, quem é que sabe? — Wolf olhou para ela. — Não tenho respostas sobre aquela época, Phoebe, sinceramente. Apenas perguntas.

— Que perguntas?

— As mais óbvias, acho: O que aconteceu? Por que não deu certo? Ou será que deu certo, mas, por algum motivo, não consigo enxergar isso?

— O que você quer dizer com não deu certo?

Wolf suspirou. Phoebe percebeu que a conversa o estava cansando.

— Só sei que, em certo ponto, parecia claro que, se a gente simplesmente atacasse tudo à nossa volta, alguma força gigantesca, tipo, elevaria a gente. E hoje, os que atacaram com mais força estão quase todos mortos. Então temos que nos perguntar: de que forma aquilo estava dando certo?

— Talvez eles sejam os únicos que foram elevados.

As sobrancelhas de Wolf se ergueram.

— Talvez — disse ele. — Meu palpite é que eles prefeririam estar vivos.

— Por quê?

Ele se virou para olhar para Phoebe com o rosto tenso.

— Porque a minha visão da morte não é romântica.

Ficaram em silêncio por bastante tempo.

— De qualquer forma, sou a última pessoa no mundo para quem perguntar qualquer coisa sobre isso — disse Wolf. — Eu era um espectador, do começo ao fim.

— Todo mundo diz isso.

— Bem, deveria significar alguma coisa.

— Talvez eu não tenha encontrado as pessoas certas — refletiu Phoebe.

Wolf caiu na gargalhada.

— Phoebe, você é maravilhosa — falou ele, recuperando a tranquilidade. — Você é tão completamente desprovida de ironia... que é como descobrir uma dessas tribos intocadas pela civilização.

Phoebe se surpreendeu. Ela considerava a ironia um conceito puramente literário, algo difícil de descrever.

— Nem sei direito o que é isso — revelou ela.

Wolf enxugou os olhos com as costas da mão.

— Acho que a ironia pode ser uma daquelas coisas que ou você não consegue enxergar de jeito nenhum, ou não vê mais nada além dela — explicou ele.

Começaram a subir, a terra trepidando sob eles. Surgiram flashes prateados do lago, como se o carro estivesse quebrando jarros de mercúrio líquido brilhante e o derramasse na beira da estrada. Ao longe, Phoebe teve seu primeiro vislumbre das montanhas, magníficas para além dos contrafortes, como um palco branco gigantesco acima dos ombros corpulentos de uma plateia. Ela se lembrava de como costumava tagarelar enquanto subia as montanhas empoeiradas na caminhonete de Wolf; certa vez, em uma estrada deserta e quente, ele caminhou sobre um fio elétrico como se fosse uma corda bamba, segurando um galho para se equilibrar. “Não!”, gritaram todos quando Wolf começou a escalar o poste em direção ao fio, arrastando o galho atrás de si. Uma pessoa conhecia alguém cujo primo fora eletrocutado. Mas Wolf prosseguiu até o poste e, ao chegar ao topo, sorriu para Faith — era para Faith que ele estava se exibindo —, sorriu para todos os rostos preocupados e disse: “Ei, fala sério. Não vai acontecer nada comigo.” E então atravessou, calmo e sorridente, dando passo após passo sobre o fio com uma elegância preguiçosa que parecia a própria essência de Wolf.

— Você acha que era arrogante naquela época? — perguntou Phoebe.

Wolf riu.

— Provavelmente — disse ele. — Eu parecia ser?

— Não tenho certeza.

Ele ficou pensativo.

— Quando penso naquela época, o que mais me lembro é da sensação de que nada podia dar errado para mim. — Ele se virou para Phoebe com um sorriso duro. — Isso é arrogância.

— E como a ironia se encaixa aí? — perguntou Phoebe.

Wolf sorriu novamente.

— Explode em pedaços.

* * *

Ônibus de turismo resfolegantes lotavam o estacionamento. A pouco mais de um quilômetro de distância, acima de uma coluna de pinheiros, havia um castelo cujas dimensões eram estranhamente familiares para Phoebe, como a visão de um sonho. Torres fortificadas, pedras brancas, pináculos estreitos e pontudos como pincéis: parecia exatamente o mesmo castelo que ela passara horas da infância tentando desenhar.

— O que é aquilo? — perguntou ela. — Sei que já vi.

— Você viu — confirmou Wolf, levantando a capota conversível do Volkswagen e prendendo-a. — A Disney o usou como o castelo da Bela Adormecida. No filme.

— Ah. — Ela não estava esperando por isso. Phoebe virou-se com desprezo, mas então olhou para trás mesmo assim, atraída para o castelo por uma força que ela se lembrava de sentir nos encontros com famosos nas festas de Jack. O que tornava Jane Fonda e Michael York tão iluminados em um ambiente não eram tanto as suas conquistas, mas a capacidade de reconhecimento, como se, em um mundo aleatório e caótico, apenas eles devessem existir. — Podemos realmente entrar nele? — perguntou.

— Essa é a ideia.

Primeiro, foram a um castelo menor ali perto: Hohenschwangau, onde o Rei “Louco”, Ludwig II, passou a infância. Seguindo um guia robótico, o grupo passou batido por terrinas de sopa, pratos de porcelana, tapeçarias desbotadas com cenas de caçadas. As paredes do quarto do rei Ludwig tinham sido pintadas com minúsculas estrelas amarelas, e ao pé da cama uma porta se abria para uma escada em miniatura que levava até a sala de baixo, onde sua

futura rainha iria dormir. Mas Ludwig nunca se casou. Houve um breve noivado, rompido sem explicação, seguido por seu afastamento do poder e uma morte misteriosa.

Phoebe perdeu-se no conto do rei malfadado. Sonhadora, ela seguiu o grupo até uma escada curva de mármore que parecia feita de barras de sabão, gasta por um século de passos. No andar de cima, janelas estreitas abriam-se para colinas exuberantes. Wolf permaneceu ao lado de Phoebe e a segurou uma vez quando ela tropeçou, de forma que ela não conseguiu resistir a tropeçar de novo, de propósito, invocando a proteção dele. Ela havia percebido que alguém os observava, uma menina de cabelos claros e rosto frágil. Apenas alguns dias antes, a própria Phoebe tinha investigado casais, ávida e invejosa dos pequenos gestos que trocavam, do mundo que criavam entre si. Ela chegou mais perto de Wolf, tocando seu ombro, sussurrando em seu ouvido, ajeitando-se para os olhos daquela menina, e, em alguns momentos, acreditava naquela imagem. Seu destino parecia ter se transformado de maneira profunda e irreversível. A garota estava sozinha. Phoebe se sentiu culpada, brincando com a solidão dela, mas a pequena fraude era doce demais para abandonar.

Lá fora, eles começaram a caminhada íngreme até Neuschwanstein. Phoebe olhou em volta à procura da menina loura, meio que esperando que ela os acompanhasse e os observasse também naquele outro castelo, mas a garota tinha desaparecido.

— Ele era louco de verdade? — perguntou Phoebe a Wolf. — O rei Ludwig?

— Bem, eles estavam no meio da Revolução Industrial e o cara construía castelos como os do Rei Arthur e passeava por aí em um trenó medieval — disse Wolf. — Sem falar que convidava o próprio cavalo para a mesa de jantar.

Wolf contou que o rei Ludwig tinha torrado dinheiro na construção do Neuschwanstein, seu castelo de conto de fadas, acrescentando ala sobre torre sobre gruta falsa até que seu reino faliu e os cidadãos desesperados se revoltaram. Eles o fizeram de refém à margem de um lago, onde, alguns dias depois, tanto Ludwig quanto seu médico se afogaram misteriosamente.

— Em dois metros de água — acrescentou Wolf. — Ninguém nunca entendeu isso.

Turistas passavam hesitantes em carrinhos puxados por cavalos. Um cheiro de pinheiros enchia o ar quente e claro.

— Acho que ele não era — disse Phoebe. — Maluco.

— Essas pessoas nostálgicas — comentou Wolf.

O Neuschwanstein de Ludwig era a coisa mais próxima de Oz ou da Terra do Nunca que Phoebe tinha visto, pastilhas de mármore liso e brilhante nas paredes, as grutas repletas de estalactites falsas. Sobre o trono de Ludwig pairava um amplo mosaico de Jesus feito do que pareciam ser pedaços de doces. Enquanto Phoebe vagava pelas salas reluzentes, uma onda de emoção a tomou, uma doce tristeza. Ela o entendia, isso era tudo. Entendia aquele rei.

No final da visita, eles desceram uma escadaria imensa.

— Pobre Ludwig — disse Phoebe. — Ele era uma tragédia.

— Pobre Bavária — rebateu Wolf.

— Mas olhe o que ele fez!

Wolf olhou para o teto pintado.

— Isso?

— Você não gosta?

— Claro, é bonito. Mas valeu o preço?

Seu tom de sabe-tudo a incomodou.

— Acho que valeu qualquer preço — disse Phoebe.

Wolf parou, virando-se para ela.

— Você não pode estar falando sério — rebateu ele, e parecia esperar que ela admitisse isso. — Realmente acha que essa Disneylândia valeu a falência de um reino?

— Talvez — disse Phoebe, emburrada.

Wolf fez um barulho de desdém.

— Diga isso para o povo que estava se matando para colocar comida na mesa, enquanto o velho Ludwig escolhia cortinas!

Eles se encararam.

— Não havia cortinas — murmurou Phoebe.

Wolf saiu do castelo à frente dela, as botas ecoavam no chão de mármore. Do lado de fora, ele passou as mãos pelo cabelo e olhou para o céu. Phoebe

se aproximou dele com cuidado.

— Por que isso importa? — perguntou.

— Não importa.

Diplomáticos, eles caminharam em silêncio pelas colinas íngremes e arborizadas atrás do castelo. Phoebe se afastou do caminho para ter uma vista melhor do Neuschwanstein, como um navio fantasma flutuando em ondas de um mar esverdeado. Ela imaginou o rei Ludwig olhando de uma janela, dizendo a Phoebe que ela estava certa: tudo tinha valido a pena. Atrás dela havia um barranco. Phoebe sentiu amplidão a suas costas, o ar frio vinha lá de baixo.

Wolf passou por ela no caminho, as botas esmagando o cascalho.

— Phoebe? — chamou ele.

Por impulso, ela caiu de joelhos, agachando-se entre os arbustos volumosos. *Deixe-o procurar*, pensou, deixando-o se preocupar com o sumiço dela. Phoebe esperou por algum tempo entre as formigas, moscas e pequenos galhos, mas Wolf não a chamou de novo. O som das botas dele desapareceu.

Depois de vários minutos, Phoebe se arrastou timidamente de seu esconderijo.

— Wolf? — chamou, mas não ouviu nada além do barulho dos pássaros. — Wolf? — O medo se apoderou dela. Imagine se ele tiver partido, simplesmente ido embora e a deixado lá. Phoebe se viu sozinha de novo, sozinha como a garota no castelo, sozinha como ela estivera por semanas, até o dia anterior. Caiu no meio do mato, arranhando as canelas, até que enfim irrompeu no amplo caminho principal, onde Wolf estava encostado em uma árvore, fumando um cigarro. — Aí está você! — exclamou ela, chorosa e sem fôlego.

Wolf lhe lançou um olhar interrogativo.

— Eu estava esperando por você — disse ele.

Voltaram para o carro. O sol havia baixado um pouco; cada árvore criava uma faixa de sombra fresca no caminho. Phoebe se sentia flagrada, punida por todo o enigma que fora aquele dia, por virar as costas ao tempo terrível que passara sozinha, fingindo ser outra pessoa. A fantasia a enojava, saturava-a como longos dias durante o carnaval ou no parque de diversões,

com salsichas empanadas, doces, passeios na roda-gigante. Excessos sempre deixaram Phoebe ansiando pelo clima mais espartano de casa. Faith era o oposto. A proximidade de um final despertava nela uma necessidade urgente de prolongar o que quer que fosse; Phoebe se lembrou de um episódio em que a irmã saiu tonta de um brinquedo giratório e começou a vomitar, até que o pai a levantou acima de uma lata de lixo e a manteve no ar, os músculos saltando nos braços enquanto ele continha os espasmos do corpo esguio de Faith expulsando um dia de amendoins, raspadinhas e algodão-doce. Faith ficou sem fôlego e então sugou freneticamente o ar apenas para vomitar ainda mais, de maneira mais violenta do que da primeira vez. Foi terrível de se ver. Faith chorava, lágrimas escorrendo em suas bochechas enquanto o pai afastava seu cabelo comprido do rosto, segurando-o até ela enfim terminar.

Ele a levou para um bebedouro e a segurou acima do recipiente. Todos ficaram em silêncio enquanto Faith bebia. Quando o pai a colocou no chão, ela logo ficou de pé, titubeante, esfregando os olhos enquanto a cor retornava ao seu rosto, e então sorriu e sugeriu que voltassem para o brinquedo. O pai riu, aliviado ao ver que ela recuperara o bom humor. Mas Faith insistiu, implorou, persuadiu e bajulou até que ficou claro que ela queria mesmo fazer aquilo, voltar ao brinquedo. Mas o pai não ia ceder, não daquela vez. “Sossegue”, disse ele, “você está parecendo uma maluca”. No caminho para casa, Faith se debruçou na janela, com o estômago roncando. Ela cobriu a barriga com as mãos para abafar o som, parecendo tão infeliz que Phoebe pensou que a irmã poderia passar mal de novo; mas não era isso, Faith apenas odiava ir para casa.

* * *

Eles chegaram ao Volkswagen. O interior do carro tinha o cheiro de Wolf, uma mistura particular de um odor acre e doce, como um quintal depois de uma chuva forte. Phoebe se lembrava daquele cheiro nas camisetas de Wolf, as quais ela encontrava no chão do quarto de Faith. Quando não havia ninguém por perto, ela erguia uma até o rosto e inalava o cheiro de Wolf, um cheiro de conforto misturado com outra coisa que ela não sabia nomear, mas que a atraía.

Phoebe decidiu que contaria a Wolf o que havia acontecido na Europa. Era inútil esconder.

— Wolf — chamou ela quando eles estavam na estrada.

Ela contou tudo, a começar por Londres, passando por cada cidade, largada no apartamento de Karl em Amsterdã, assustando as crianças perto de Dinant, encontrando Deus, perdendo-o de novo. Phoebe achava que teria dificuldade para descrever, mas as palavras jorravam de sua boca, deslumbrando-a com uma onda de alívio inesperado, até mesmo de poder. Porque da tempestade de acontecimentos apavorantes uma história havia se formado, e era a história de Phoebe. Ela podia contá-la. Tinha sobrevivido.

Wolf dirigia em silêncio, inexpressivo. Quando Phoebe começou a contar sobre a tentativa de atravessar o vidro em Paris, ele desviou para o acostamento.

— Sinto muito — disse ele, desligando o motor. — Não consigo dirigir e ouvir isso.

O carro estava a apenas alguns centímetros de uma cerca. Wolf se inclinou sobre o volante, olhando pelo para-brisa enquanto Phoebe terminava a história. Depois eles ficaram sentados em silêncio. Ela notou uma vaca à sua direita com um couro amarelado suave e ossos enormes saltando das costas. Phoebe se sentia calma, leve.

— É errado — disse Wolf. — Você passar por isso. — Seu tom sombrio incomodou Phoebe. Ela estava em busca de alguma resposta. — É simplesmente errado — concluiu ele.

— Ah, caramba — retrucou ela. — Quero dizer, não é como se você tivesse causado isso.

Eles seguiram e pararam logo depois em uma cidadezinha para almoçar. Um rio raso cortava o centro da cidade, com gansos gordos e patos pretos nadando suavemente perto da margem. Pinturas vívidas adornavam quase todos os prédios: Cristo nos ombros de São Cristóvão, um cavaleiro montado agitando um longo estandarte medieval, a Madonna segurando o menino Jesus.

Pediram o almoço e se sentaram ao ar livre, em uma mesa de piquenique preta à sombra de um guarda-chuva listrado.

— O que não consigo entender — disse Wolf enquanto o garçom trazia os sanduíches — é por que você se forçou a vir à Europa, no final das contas. Quero dizer, nossa, por que se submeter a isso?

— Eu não me forcei — rebateu Phoebe. — Eu queria.

— Mas por quê?

— Para descobrir o que aconteceu.

— Você sabe o que aconteceu!

— Não.

Wolf parecia confuso.

— E, além disso — continuou Phoebe —, nos cartões-postais soava tão intenso, tudo o que ela fez.

Wolf olhou para a menina.

— Phoebe, ela se matou. — Phoebe ergueu seu sanduíche e o mordeu, evitando o olhar de Wolf. — Ela se matou — repetiu ele. — Tenho a sensação de que você não entende isso de verdade, como se pensasse... Não sei o que você pensa.

— Você não sabe o que aconteceu — disse ela.

Wolf afastou seu prato intacto e acendeu um cigarro, engolindo a fumaça como se fosse um alimento. Phoebe partiu seu sanduíche, devorando pedaços inteiros sem mastigar, quase engasgando.

— É, mas você está esquecendo, Phoebe, que eu estava naquela viagem com ela — disse Wolf. — Enquanto Faith escrevia esses postais, eu estava *lá*, ok? Eu.

Ele bateu o punho no peito.

Um filete de raiva subiu pela garganta de Phoebe. Ela comeu mais depressa.

— Então me diga — retrucou, sem erguer o olhar. Wolf esfregou os olhos. A energia pareceu abandoná-lo. — Foram as drogas? Foi heroína ou algo assim? — perguntou Phoebe.

— Claro que foram as drogas. Foi tudo que veio junto, aquela era Faith. Não, não foram as drogas.

— Então o quê? — pressionou Phoebe.

Wolf jogou a cabeça para trás como se consultasse o ar.

— O problema é que, se você faz uma coisa louca durante muito tempo, aquilo começa a parecer normal. Para manter a sensação, você tem que ir

mais e mais longe, e Faith não tinha problemas com isso. Mas essa situação a transformou. Ela virou outra pessoa. — Phoebe sustentou o olhar dele, ouvindo com atenção. — Só vi Faith temer uma única coisa: parar. Como se no silêncio, não sei, algo terrível fosse acontecer. Bastava uma pessoa para instigá-la. Todos querem um espetáculo, e Faith geralmente estava disposta a oferecê-lo. Mas era ela quem sofria. Que nem o cara que enfia a cúpula do abajur na cabeça: é a alegria da festa até que todos vão para casa, então ele passa meia hora vomitando sangue no banheiro.

Phoebe desviou o olhar. Faith no parque de diversões, vomitando em uma lata de lixo. Wolf tinha dado vida àquela imagem. Faith se agitando nos braços do pai, a violência daquela cena.

— Toda aquela energia, aquela esperança incrível... simplesmente morreu. No final, ela era mais uma pessoa em busca de diversão, qualquer coisa que pudesse levá-la a algum lugar aonde nunca tivesse ido. E eu... — Wolf riu com amargura. — Falando em arrogância, eu era arrogante para cacete, idiota para cacete a ponto de pensar que eu poderia controlar aquilo.

Phoebe se levantou. Ela não conseguia ouvir, era fisicamente incapaz de ouvir a irmã sendo descrita naqueles termos. Afastou-se da mesa sem dizer uma palavra, com um zumbido engraçado nos ouvidos.

— Ei, espere — chamou Wolf. — Phoebe, não... Ei, por favor!

Ela continuou andando. Ouviu Wolf se levantar em um salto, e em seguida os protestos ansiosos do proprietário, pois eles não tinham pagado a conta. Quando Wolf a alcançou, ela chegara à margem gramada do rio. Acima, no lado oposto, havia uma igreja com cúpulas gêmeas azul-esverdeadas enferrujadas e coroadas com cruzes, compridas e finas como cata-ventos.

— Phoebe — chamou Wolf atrás dela, sem fôlego.

Ele se colocou na frente de Phoebe, pegando os braços dela e forçando-a a parar. Ela esperou, encarando a grama, sabendo que ele iria se desculpar.

— Que merda é essa? — perguntou Wolf.

O aperto machucou os braços de Phoebe. Ela olhou para os ângulos do rosto de Wolf e encontrou aqueles olhos semicerrados cheios de raiva. Tentou se esquivar, mas ele a segurou. Phoebe pensou que ele poderia bater nela, quase esperou que fizesse isso.

— Se você não quer saber, não pergunte — disse ele em voz baixa. — Porra, eu preferia que não tivesse perguntado. Mas não pergunte e depois fuja esperando que eu vá atrás de você.

Ele a soltou. Phoebe ficou onde estava, engolindo em seco. Um pedaço de queijo entalado na garganta.

— Você pode se lembrar de Faith como quiser — disse Wolf. — Isso é problema seu. Mas me deixe fora disso.

Phoebe se virou, desanimada. A água parecia cerveja escura batendo nas rochas. Dois velhos estavam ali perto, cercados por gansos brancos que bicavam os pedaços de pão seco que eles tiravam dos bolsos.

— Não me entenda mal, eu estava apaixonado por ela — continuou Wolf. — Louco por ela, totalmente louco. Acho que nunca, nunca, vou sentir aquilo de novo por outra pessoa. Meu Deus, espero que não.

Ele se agachou na beira d'água. Phoebe sentou-se na grama, com os joelhos apoiados no queixo.

— E Carla? — perguntou ela.

— É outra história — disse Wolf, emotivo. — Você pode estar apaixonado e ainda ter uma vida, sabe? Pode construir alguma coisa. Faith e eu éramos como ladrões. Nada nos pertencia, tudo era uma grande farra. — Depois de um momento, ele acrescentou: — Por outro lado, éramos jovens.

Phoebe se deitou na grama, observando as nuvens se desmancharem e recombinarem como vagões ferroviários. Wolf sentou-se ao seu lado, e ela percebeu que ele não estava mais com raiva.

— Não estou dizendo que Faith era uma pessoa ruim — disse ele. — Você sabe que não estou dizendo, Phoebe, sabe de tudo isso... Você tem que saber! Ela era cheia de conflitos. Antes até mesmo de a gente conversar eu sabia disso, só de vê-la na escola, a tristeza no rosto dela. Usando saia todos os dias, as blusas abotoadas até o pescoço. Aqueles olhos tristes e estranhos. É a imagem mais nítida que tenho dela, de certa forma.

— Você fez uma matéria com ela, certo? — perguntou Phoebe, fungando. — Física ou algo assim?

— Não — respondeu Wolf. — Tínhamos três anos de diferença... Não tivemos nenhuma aula juntos. Ela deve ter inventado isso.

Phoebe sentiu que ele estava analisando se deveria ou não continuar, pesando se valia a pena.

— O que aconteceu de verdade? — perguntou ela.

Wolf contou, por fim, que tinha reparado em Faith, observando-a com curiosidade durante semanas, até que um dia ele estava voltando para casa da escola, na caminhonete, e a viu fazendo sinal de carona, com suas saia e blusa de sempre. Uma visão estranha e incongruente. Depois daquilo, ele procurava por ela às vezes quando dirigia pela Eucalyptus, e de vez em quando ela estava lá, com o polegar levantado. Sozinha, sempre. Uma vez, ele passou bem na hora em que Faith estava entrando no carro de alguém e teve uma vontade boba de segui-los, de se certificar de que nada aconteceria a ela. Mas ele tinha uma namorada na época, Susan, que estava com ele no carro.

Phoebe se apoiou nos cotovelos. Ela percebia que Wolf estava mergulhando na história, querendo contar. Havia complacência em sua voz, o prazer ocupando o lugar onde normalmente haveria resistência.

— Então o que aconteceu? — perguntou ela.

* * *

Uma vez, quando Susan não estava com ele, Wolf dirigiu até a Eucalyptus e, claro, Faith estava lá pedindo carona, então ele parou e a buscou.

— Acho que estudamos na mesma escola — disse ele, o que, aparentemente, era novidade para Faith.

Aquilo o surpreendeu, ele teve que admitir; era um garoto bastante popular. Faith era terrivelmente tímida, apenas olhava pela janela sem dizer nada, e Wolf não tinha ideia do que dizer também, pelo tanto que ela o deixava nervoso. Por fim, ele perguntou por que ela pedia carona, se não sabia que era perigoso uma garota fazer aquilo sozinha. Ainda olhando pela janela, Faith respondeu:

— O ônibus é lento.

Bem, o que ela acharia de um desvio até a praia? Faith disse que tudo bem, não parecendo se importar, então Wolf a levou a Ocean Beach, perguntando-se que diabo ele achava que estava fazendo; aquele nem era um lugar legal, pelo amor de Deus, mas estacionou na Great Highway e os dois ficaram

sentados olhando por cima do painel do carro para as dunas e flores roxas, o nevoeiro condensado no para-brisa. Céu cinzento, ondas pesadas quebrando na arrebentação, batendo direto na areia. Faith só olhava para fora sem dizer nada. Wolf estava ficando cada vez mais nervoso com o silêncio, quando de repente ela se virou para ele e disse:

— Ei, quer nadar?

Ele imaginou que deveria ser uma piada. Ninguém nadava em São Francisco — quem fazia isso? Era final do outono, a água cinza parecendo impermeável como uma rocha. Mas Wolf disse:

— Claro, por que não?

Ele pensou que, se aquilo era uma piada, que se dane, ele participaria do blefe dela, e então a acompanhou da caminhonete até a areia que estava pesada e fria como concreto fresco. Faith tirou os sapatos, mas manteve o resto das roupas, uma blusa e uma saia que açoitava suas pernas ao vento, a roupa de escola dominical. Ela foi em direção à água, e Wolf a seguiu com relutância, pensando em como suas roupas o fariam afundar, no quanto a calça jeans ficava pesada molhada, em marés, ressacas e correntezas e em todas as coisas que faziam as pessoas se afogarem. Quando seus dedos dos pés tocaram a água, ele perguntou:

— Ei, você quer mesmo fazer isso?

Faith só ficou ali parada, o vento bagunçando seu cabelo. Ela disse:

— Está com medo?

— Porra, não, só estou... Não, não estou com medo.

E, sem ver nenhuma saída, ele pulou na frente, como se mergulhasse em uma lâmina de vidro, um frio tão terrível e esmagador, mas ele a vencera, afinal, embora Faith estivesse logo atrás. Wolf pensou que iria morrer com certeza, mas continuou nadando, ele estaria ferrado se parecesse um covarde na frente daquela caloura, daquela menina certinha, meu Deus. Por isso, batendo os dentes, ele continuou, em linha reta. Tubarões, ele nem tinha pensado em tubarões — afinal, aquela era a porra do oceano. Mas, depois de um tempo, uma coisa engraçada começou a acontecer: a água fria passou a parecer quase quente, meio tropical, aquecendo seus braços e pernas; a sensação era ótima, ele tinha que admitir, e acima de tudo havia aquele estranho poder de estar lá naquele mar cinza e cruel, como se ele tivesse

chegado a um lugar que a maioria das pessoas não sabia que existia. Faith nadava perto dele. Wolf tinha a impressão de que parte daquele calor vinha da pele dela, e ele estendeu a mão, tocando-a — só isso —, e eles se beijaram ali na água, tão fácil, como se os dois se conhecessem, quando haviam apenas trocado cinco palavras antes de pular no mar congelante. Quando Faith olhou para a praia vazia, ela estava sorrindo. Wolf nunca a tinha visto sorrir de verdade; seus dentes batiam porque ela estava com frio, e ele queria levá-la de volta para a areia. Na escola, ele estava bastante acostumado a dar ordens, a ser um veterano, a ter uma caminhonete e tudo o mais, mas enquanto respirava o ar frio e salgado e o vento batia em sua cabeça, Wolf sentiu que aqueles dias provavelmente tinham terminado e ele não se importava nem um pouco. Na verdade, estava até satisfeito.

De volta à areia, o frio os fez gaguejar.

— Você quer que eu a leve para casa desse jeito? — perguntou Wolf, enquanto a água escorria da saia, da blusa e do cabelo comprido de Faith por todo o assento do carro. Os pais dele estavam no México, de férias. — Ou quer tomar um banho e se trocar na minha casa?

Sem hesitar, Faith disse:

— Na sua casa.

Ela tinha apenas quatorze anos e nunca havia ficado com um cara na vida, mas nada a assustava, nada. Ou talvez ela gostasse de sentir medo.

* * *

Wolf olhou para o lado, seu rosto marcante e bonito cheio de dor.

Ao observá-lo, Phoebe sentiu um estranho brilho eufórico. Faith tinha surgido de novo, intocada, majestosa, invencível. O sentimento pareceu erguer Phoebe e esmagá-la, interrompendo sua respiração.

Wolf olhou para ela, que estava deitada na grama. Seus olhares se encontraram e ela viu aquela despedida no rosto dele, uma emoção profunda em seus olhos, e pareceu, então, que ela o estava puxando para baixo, que era capaz disso. A sensação era estranha, como encontrar um ao outro em um sonho. Wolf desviou o olhar. Então tapou os olhos com a mão, como se estivessem doendo.

— Vamos sair daqui — disse ele.

QUINZE

Já havia escurecido completamente quando eles estacionaram. A luz dos postes se infiltrava pelas árvores floridas em frente ao prédio de Wolf, como se a doçura das flores a atraísse. No primeiro lance de escadas, Phoebe sentiu a vibração de uma música de cravo e viu uma faixa de luz por baixo da porta de Wolf. Ele também viu, e, pelo breve espanto em seu rosto, ela percebeu que ele não esperava por aquilo.

— Carla está aqui — disse Wolf.

A luz intensa do apartamento cegou Phoebe por um instante. Carla estava sentada à mesa de pernas cruzadas, lendo um jornal. Seu cigarro repousava em um cinzeiro. O primeiro pensamento de Phoebe foi sobre como ela parecia alta, mesmo sentada. Wolf a cumprimentou em alemão, um pouco tenso, mas Phoebe notou a forma familiar e tranquila com que os lábios deles se encontraram.

O cabelo claro e curto de Carla parecia sedoso como o pelo de um animal. Apesar da altura, ela tinha uma compleição elegante, o rosto delicado e franco, desprotegido, expondo sua delicadeza. Seus ombros eram um pouco curvados para dentro, como se pedissem desculpas pelos seios fartos e macios sob a camiseta branca de algodão.

— Estou feliz de conhecer você — disse ela com cuidado, com um sotaque forte.

Carla pegou a mão de Phoebe em um aperto firme, compensado de certa forma pela delicadeza de seus dedos. Phoebe sentiu o anel de noivado. Depois ela o observou com discrição: um diamante simples, branco puro, que parecia conter uma gota de luz dentro dele.

Phoebe murmurou algo, dominada pela timidez. Só então percebeu, ao conhecer Carla, quanto tinha se preparado para não gostar dela.

Enclausurada no banheiro, Phoebe ouvia Wolf e Carla falando alemão, suas vozes gentis suavizando a língua áspera, como se colocassem feltro nas arestas. Uma segunda porta ligava o banheiro ao quarto de Wolf, onde a mochila de Phoebe ainda estava. Enquanto vestia uma calça jeans e uma camiseta, ela olhou ao redor; na noite anterior, quando dormira ali, Phoebe estava esgotada e deslumbrada demais pela mudança de sua sorte para reparar nas coisas. Naquele momento, ela era atraída pela cômoda de Wolf, uma pilha de moedas e caixas de fósforo de restaurantes. Phoebe espreitou pela porta, escutando Wolf e Carla. A maneira como ele falava com a noiva era diferente? Para Phoebe, parecia que sim: ele estava sempre pronto para rir, algo desse tipo. Ela sabia apenas uma frase em alemão: *Ich liebe dich*, que significa "eu amo você". Pelo menos eles não estavam dizendo isso.

Sobre a escrivaninha estava o trabalho de tradução de Wolf, as páginas soltas de um texto impresso em alemão à esquerda, e à direita, virada para baixo, uma enorme pilha de páginas manuscritas. Phoebe virou a folha de cima e deparou com uma caligrafia pequena e minuciosa, que a princípio ela pensou que não poderia ser de Wolf. "Para ser eficaz", leu ela, "a faixa, que funciona como uma espécie de espartilho na coluna vertebral em crescimento, deve ser usada vinte e três horas por dia, e a hora restante deve ser aproveitada para exercícios terapêuticos (ver Anexo 1)". A caneta era uma daquelas pretas de artista, do tipo que a tinta sai por uma espécie de agulha. Phoebe pegou mais algumas páginas e leu: "essas feridas, causadas pelo calor e atrito do plástico durante as primeiras semanas de utilização, devem ser tratadas com adstringentes, tais como álcool isopropílico, a fim de fortalecer a pele. Evite todos os hidratantes, lubrificantes e bálsamos; esses produtos vão apenas prolongar a condição."

Alguém bateu na porta. Wolf a abriu e olhou para Phoebe com curiosidade. Ela percebeu que estava curvada feito um ladrão diante de seu manuscrito.

— Eu estava... curiosa — gaguejou ela.

Wolf sorriu, aproximando-se. Phoebe sentiu que ele gostava da ideia de que ela o espionasse.

— Encontrou algo interessante?

"Sim" soaria cara de pau; "não" poderia ser ofensivo.

— Não sei — respondeu Phoebe com sinceridade. — Eu mal tinha começado a olhar quando você entrou.

— Não pare por minha causa — disse Wolf, rindo. Eles ficaram de pé juntos, o manuscrito à frente. Phoebe sorriu, nervosa. — É uma chatice — disse ele em um tom diferente. — Tratamentos para escoliose em adolescentes. — Deu de ombros, andando até a porta. — Você vai se juntar a nós?

Phoebe ficou ao lado da janela da sala. Lá fora, as árvores altas balançavam ao vento, e as folhas densas refletiam a luz branca. Wolf sentou-se no sofá ao lado de Carla, e seu joelho direito tocou o esquerdo dela. Parte de Phoebe se recusava a acreditar na autenticidade da afeição do casal. Ela sentia aquele ceticismo em relação a outros casais também, a suspeita de que a sua proximidade era inventada apenas para convencê-la; que, sem Phoebe ali para assistir, eles se afastariam com indiferença.

Carla perguntou se Phoebe tinha gostado dos castelos de Ludwig. O inglês hesitante deu à pergunta um tom literário e afetado.

— Peço desculpas — disse ela, acendendo um cigarro e soprando uma nuvem de fumaça para o teto. — Meu inglês é muito... — Ela fez uma pausa, como se procurasse o termo pejorativo adequado, mas só conseguiu dizer: — ... ruim.

— Você nunca fala inglês — comentou Wolf.

Carla virou-se para ele.

— Eu sei, mas alguns anos atrás sou...

Ela olhou para o lado, como se estivesse envergonhada, e riu de repente. Naquela risada, Phoebe ouviu uma estranha semelhança com Faith: o mesmo abandono, como se o riso fosse um par de braços nos quais ela se deixasse cair.

— Eu me sinto estrangeira, em inglês — explicou Carla a Phoebe, com um espanto real em sua voz. Ela apontou para Wolf. — Como ele é um estrangeiro. — Phoebe sorriu, ainda nervosa com a risada. — Em inglês, eu não sou eu. — Ela voltou a ficar séria. A tensão de querer se explicar estava visível em seu rosto. — Só tenho palavras simples, como um bebê.

Wolf fez alguma objeção em alemão, mas Carla respondeu com um gesto de descaso.

— Em inglês, sou... — Suas pálpebras se agitaram enquanto ela procurava a palavra certa. Consultou Wolf em alemão. Ele reclamou em protesto.

— Sem graça — disse ele, enfim.

— *Ja* — concordou Carla, assentindo. — Sim. Em inglês sou sem graça. — Ela foi desempacotar a comida que trouxera. — Comida alemã é muito pesada, por isso vamos fazer para você algo italiano — explicou ela da porta para Phoebe.

A sala ficou muito silenciosa na ausência dela. Phoebe sentiu que Wolf queria dizer alguma coisa, mas, quando os olhos dos dois se encontraram, ele desviou o olhar. Uma estranha timidez os dominou.

— Olhe, Pheeb — disse ele, enfim. — Prefiro que você não... Acho melhor a gente não falar sobre Faith na frente da Carla.

— Eu estava fazendo isso?

— Não, não. De modo algum. Estou apenas dizendo para a gente não falar dela.

O pedido parecia bastante razoável, mas Phoebe ficou incomodada.

— Tudo bem — disse.

— É só que odeio sobrecarregar Carla com tudo isso — explicou Wolf.

— Não vou mencionar Faith — disse Phoebe, irritada.

Wolf ficou parado à porta, como se tivesse a intenção de dizer mais alguma coisa, e depois saiu, em silêncio.

Phoebe foi até a janela. A luz amarela da cozinha embaçava o vidro escuro. Ela ouvia a risada do casal, o som metálico de um rádio, e pareceu que a vida de sua irmã tinha sido totalmente apagada, uma sombra ao lado da presença viva de Carla. A noiva de Wolf a fazia se lembrar das garotas no ensino médio que usavam as jaquetas dos namorados para fumar cigarros ao ar livre em dias enevoados, com as mangas chegando até a metade de seus dedos finos e bem-cuidados. Essas garotas pareciam a Phoebe tão completas que a ofuscavam: medalhões emaranhados em suas golas rulê, vários anéis, jade, turquesa; meninas que não hesitavam, cuja despreocupação ela queria imitar.

Phoebe começou a explorar a sala de estar, apática no início, atraída por uma pilha de jogos de tabuleiro americanos que ela adorava na infância, Jogo da Vida, Detetive, mas, quando abriu a última caixa e tocou as armas em miniatura, ela começou, como no quarto de Wolf, a sentir um elemento de

subterfúgio. Imaginou-se como uma agente secreta passando-se por uma convidada para o jantar, com ordens para vasculhar a área no final da noite. Como um ladrão, saltou até o aparelho de som e percorreu rapidamente a exaustiva coleção de discos, ELO, Chicago, Journey, todas essas bandas que Phoebe detestava, mas ver seus álbuns em alemão era divertido. Men at Work, Bee Gees; com a certeza de que aqueles discos não podiam ser de Wolf, Phoebe os deixou, lançando-se a um conjunto de prateleiras baixas e profundas, cheias de livros enfileirados. Ela fuçou por trás dos livros e encontrou um espaço repleto de objetos. Com as mãos correndo como patas de caranguejos, Phoebe libertou um rato de borracha estridente, uma almofada de alfinetes em forma de tomate, meias-calças pretas ainda na embalagem. Mas toda aquela bagunça era dos Lake, ela sabia; eles tinham jogado tudo ali atrás para abrir espaço para Wolf. Ao som de passos, Phoebe levantou-se de repente.

— O jantar está chegando — anunciou Carla.

* * *

Wolf e Carla serviram tortellini com molho de creme e pimenta, espinafre e salada de maçã verde. Ambos comeram depressa e com eficiência, segurando o garfo na mão esquerda. Ainda cheia do sanduíche que havia devorado na hora do almoço, Phoebe se esforçava para terminar sua porção. Carla perguntou a Phoebe sobre suas viagens: Aonde exatamente ela tinha ido? Como ela se deslocou de um lugar para outro? Sua mala era pesada? Muitas vezes Carla usava o gerúndio — você está vendo, você está indo — e criava a estranha impressão de narrar uma viagem em andamento. Por trás da polidez de Carla, Phoebe sentia-se em um verdadeiro interrogatório, como se houvesse algo específico que ela estivesse tentando descobrir. Isso a deixava nervosa.

— Você está morando em São Francisco? — perguntou Carla.

Phoebe ergueu o olhar, surpresa. Ela pensava que Carla soubesse disso.

— Phoebe e eu estudamos na mesma escola — intrometeu-se Wolf. — Com cerca de uma década de diferença. — Aquilo soou forçado.

— Uma década, nada — rebateu Phoebe.

— Não? — Ele pareceu gostar do desafio. — Eu me formei em 1967. E você?

— Este ano, 1978. Ah, sim — admitiu ela. — Acho que é uma década.

— Você tem quantos anos? — perguntou Carla.

— Dezoito.

Carla soltou uma interjeição, falando em alemão com Wolf.

— Ela disse que você é jovem para estar viajando sozinha — traduziu ele, acrescentando com a mesma jovialidade tensa: — O que é verdade.

Phoebe pensou em mencionar as viagens da juventude dele, mas mudou de ideia. Seria quase como invocar Faith. Ela deu de ombros.

— Nos Estados Unidos, nós amadurecemos rápido — disse Wolf, fingindo uma bravata.

Carla sorriu.

— Mas vocês estão ficando crianças para sempre.

Depois do jantar, Wolf e Carla afastaram seus pratos e acenderam cigarros. Eles dividiram o jornal, espalharam-no sobre o vidro e começaram a vasculhar os anúncios de apartamentos. Os Lake retornariam no final do verão; eles tinham que encontrar um lugar antes disso. Phoebe os deixou em sua nuvem de fumaça e levou os pratos para a cozinha.

— Vocês cozinharam — disse ela, descartando as desinteressadas ofertas de ajuda.

Ela empilhou tudo na pia e abriu a torneira. Enquanto a água corria, Phoebe começou a vasculhar as gavetas em silêncio e ficou surpresa com quanto algumas eram perfumadas apesar de estarem vazias: cravos, café, hortelã, como se os conteúdos tivessem acabado de ser retirados. Ela encontrou um saco de ameixas secas, um pacote de canudos. Phoebe subiu na bancada e se esticou para inspecionar os armários mais altos. Ali estavam os objetos ainda nas caixas — os presentes de casamento dos Lake? —, uma tábua de queijos em forma de meia-lua, uma pequena grelha portátil e um kit para fazer kebabs. Um silêncio denso aderia-se àqueles objetos. Phoebe adorava ser babá exatamente por causa daquela sensação: a vida de outras pessoas espalhada à sua volta, como se ela tivesse o poder de entrar em salas que apenas vislumbrava através das janelas na rua. Phoebe sempre abria a porta

do armário do pai para olhar as gravatas, suspensas ali como se fossem ficar eternamente, tão imóveis e elegantes.

Ela caminhou pela bancada tanto quanto conseguia ir sem entrar no campo de visão de Wolf e Carla, abrindo caminho através de um conjunto de babadores para comer lagosta, uma panela de fondue, uma máquina enigmática cujo objetivo aparente era comprimir pães e migalhas em cubos ordenados. Não era surpresa nenhuma que os Lake não a tivessem usado. Quando a pia estava a ponto de transbordar, Phoebe desceu e lavou os pratos com uma deliciosa leveza no peito. Então ela deixou a água correr na pia vazia e se escondeu impulsivamente no vão da porta aberta, olhando através da fenda para Wolf e Carla debruçados sobre o jornal. Carla exclamou sobre algo que havia encontrado, largou o cigarro e circulou o item com um toco de lápis, a outra mão tateando em busca de Wolf como se ele fosse uns óculos ou um maço de cigarros, encontrando o pulso do noivo sem levantar os olhos do jornal. O gesto deixou Phoebe paralisada: a distração, a impulsividade. Wolf se levantou da cadeira e se inclinou sobre Carla, com o peito apoiado nas costas dela. Ele beijou sua testa, sentindo o cheiro da noiva enquanto seus olhos percorriam o que ela havia encontrado. A simplicidade pura de tudo aquilo confundiu Phoebe, como se qualquer uma daquelas coisas pudessem acontecer várias vezes por dia, sem ninguém para assistir. *Eles pertencem um ao outro*, pensou ela, e se viu impressionada pelo conceito: saber que alguém estava ali, simplesmente ali, alcançando aquela pessoa sem pensar.

Mais tarde, os três foram para a sala de estar. Wolf descobriu que havia deixado suas fitas no carro e correu escada abaixo para buscá-las.

— Wolf — chamou Phoebe quando ele saiu, querendo que procurasse uma escova de cabelo que ela não estava encontrando. Mas ele já havia descido.

Carla estava jogada no sofá, uma perna em cima do braço do móvel. Phoebe notou a curva de seus quadris através da calça jeans.

— Este nome que você está dando para Sebastian — comentou Carla. — Olf?

— Ah, Wolf — corrigiu Phoebe. — É um apelido.

— Tipo o animal? Lobo? Sim, sim — disse Carla, reconhecendo. — Os olhos, sim.

Wolf voltou ofegante por causa da corrida. Ele se agachou ao lado do aparelho de som.

— Wolf — chamou Carla, brincando. — Por que nunca estou aprendendo esse nome?

Phoebe viu Wolf ficar tenso. Ele disse com leveza:

— É antigo.

— De onde está vindo, esse nome?

A pergunta foi direcionada a Phoebe. Wolf também se virou para encará-la, e Phoebe percebeu que tinha cometido um deslize. Wolf havia pedido a ela para não falar aquele nome? Ela deveria simplesmente saber? Agora ela estava em apuros. Não mencionar alguém era uma coisa, mentir para evitar a menção era outra. Phoebe não acreditava que Wolf quisesse isso.

— Foi Faith — disse Phoebe timidamente, olhando para o rosto dele. — Não foi Faith?

— Não sei — respondeu Wolf, cansado, voltando-se para o som.

Ele inseriu uma fita e ligou o aparelho. Ficaram sentados, esperando em um silêncio crepitante até a gravação começar.

— Faith — disse Carla, parecendo confusa. — Faith. — Ela pronunciava “Fate”.

— Você se lembra de Faith — comentou Wolf, como se estivesse lendo um roteiro.

— Sim. Claro que me lembro de Faith — respondeu Carla, franzindo a testa. — Mas por que é Phoebe...? Eu não... — As palavras pareciam escapar, mas ela não mudou para o alemão.

— Sou irmã dela — esclareceu Phoebe, corando. — Irmã da Faith. — Parecia uma proclamação.

Carla virou-se para Wolf, com a boca entreaberta. Ela falou em alemão, depressa e suavemente. Ele respondeu de maneira submissa, a garganta seca. Phoebe achou que ele parecia estar com medo.

Carla passou a mão pelo cabelo curto, virou-se para Phoebe e disse:

— Eu não sabia que você é a irmã de Faith. — Foi o inglês mais claro que ela falou durante toda a noite.

Phoebe a encarou. Houve uma mudança na expressão de Carla, como se ela estivesse vendo Phoebe com clareza pela primeira vez. Havia piedade em seu

rosto.

— Sinto muito — disse ela, aproximando-se.

Algum aroma delicado exalava de sua pele, e Phoebe foi tomada por uma onda de tristeza que quase nunca sentia pela irmã, um desejo de descansar a cabeça no peito macio de Carla e ser consolada. Quase fez isso.

Carla apoiou a palma da mão no ombro de Phoebe com um toque suave mas autoritário, um toque de médico. Elas se sentaram em silêncio. Iggy Pop estava cantando "The Passenger". Phoebe esqueceu que Wolf estava lá.

O dia seguinte era folga de Carla, e semanas antes ela tinha comprado ingressos para um show de jazz à noite. De bom grado, Phoebe recusou o convite. Todos iriam dormir na casa de Wolf, por isso, enquanto Carla trocava de roupa no quarto, Phoebe o ajudou a ajeitar uma cama para ela no sofá da sala. Em um silêncio pesado, eles colocaram os lençóis.

— Ei. Me desculpe — disse Wolf, encontrando os olhos de Phoebe.

— Ela não sabia quem eu era — comentou Phoebe, tendo a indignação despertada apenas ao dizer aquilo.

— Eu sei. Eu sei. — Wolf parecia estressado, mas Phoebe viu vergonha em seus olhos. — Eu não queria fazer disso uma grande coisa — explicou ele. — Foi idiota.

Carla saiu do quarto maquiada, as calças pretas enfiadas em botas de cowboy vermelhas. Para Phoebe, ela parecia diminuída de alguma forma, sua delicadeza e expressão franca incapazes de fazer frente à atração vaga e complicada da ausência de Faith.

Uma nova insegurança aparecera na expressão de Carla, como se ela mesma sentisse uma mudança em sua postura.

— Vamos? — perguntou ela com timidez, dirigindo-se a Wolf e Phoebe.

Ele foi depressa até a noiva e a puxou para si com uma espécie de urgência, como se a visão dela sozinha fosse mais do que conseguisse suportar. Phoebe desviou o olhar enquanto eles andavam até a porta.

— *Ich liebe dich.* — Phoebe ouviu Wolf sussurrar.

* * *

Depois que eles saíram, Phoebe foi até o quarto de Wolf e se jogou na cama. A luz do teto estava apagada, as cortinas, fechadas; a sombra do vidro verde de uma luminária antiga fazia o quarto parecer aquático. O colchão macio a envolvia como uma rede. Ela ouviu quando um avião percorreu o céu e tentou imaginar as pessoas dentro da aeronave, cada uma com um destino, uma vida, uma mala cheia de pertences que tinham comprado, guardado e com os quais se importavam. Em Mirasol, ela e Faith costumavam se deitar na cama tentando adivinhar os destinos dos trens que se aproximavam: "Milwaukee... Decatur... Dallas", sugeriam elas cada vez mais alto. "Europa... Timbuktu... Flórida." Quando o trem passava, muitas vezes Faith saltava da cama, corria para a janela escura e ficava parada como uma assombração em sua camisola branca até que o barulho do motor tivesse sumido e mesmo depois, quando o apito soava distante como um eco. "Amanhã eles estarão tão longe", dizia ela. "E nós vamos estar aqui, não é estranho?" Havia sempre uma melancolia nessas palavras que entregava a inveja que Faith sentia dos velozes viajantes noturnos. A inveja da irmã era um mistério para Phoebe: por quê, se ela e Faith eram tão claramente as vencedoras, aninhadas em camas quentes, com lençóis engomados pela avó e bem esticados sobre o peito? Tendo uma escolha, quem não iria preferir a própria casa?

Phoebe despertou do meio-sono e voltou para a escrivaninha de Wolf. À direita havia um conjunto estreito de prateleiras, as mais altas com pilhas de livros aparentemente técnicos em alemão, catálogos nítidos: *Novas sulfonamidas da HAAGER*, dizia um, com seu sugestivo logotipo de tubos de ensaio. Outro, de uma empresa chamada Kat, era intitulado *Fertilizantes Agrícolas: o que esperar dos anos 1980*. Phoebe vasculhou prateleira por prateleira até encontrar, enfim, nas últimas duas de baixo, os primeiros pertences pessoais de Wolf que ela vira no apartamento. Um dicionário alemão-inglês esfarrapado, binóculos, um único charuto Havana em seu tubo prateado. Uma foto dos pais dele em uma pequena moldura de acrílico, sorrindo em roupas elegantes. Phoebe os reconheceu, embora não conseguisse se lembrar de onde. Um relógio de bolso antigo, de ouro fosco e pesado, com uma gravação floreada das três iniciais de alguém. A escassez e a contenção daqueles objetos eram dolorosas para Phoebe, como se Wolf

tivesse escolhido reduzir-se ao mínimo, habitar uma vida tão magra quanto seu corpo.

Na última prateleira havia uma grande caixa antiga, a tampa afundada pelo tempo, incrustada com pedaços de madrepérola. A caixa era grande demais para ser aberta sem que fosse removida da prateleira; Phoebe a deslizou para fora com um grunhido e a colocou em cima do tapete. Era uma caixa pesada. Ela hesitou antes de abrir.

Duas conchas rosa, do tipo que Faith costumava recolher na praia de Mirasol, saudaram seus olhos. O coração de Phoebe quase parou. Ela segurou as conchas na palma da mão, tão leves, suaves e frias quanto porcelana. Claro que elas podiam não ser de Faith, conchas eram conchas, afinal de contas, todas as praias tinham as suas. Com cuidado, ela as colocou sobre o joelho. Debaixo delas, na caixa, havia um diploma de algum tipo, uma caligrafia alemã em um pergaminho amarelado. Ele se enrolou em um cilindro solto quando Phoebe o tirou da caixa. Ela começou a vasculhar a caixa a sério, as mãos tremendo de medo culpado e uma vibração de emoção no peito. Ela estava à procura de algo. *Uma coisa particular*, pensou Phoebe, *um segredo*.

Prêmios, certificados, tudo em alemão. Um cão bassê em miniatura feito de filtros para cachimbo marrom e branco. Artigos de jornais amarelados pelo tempo, uma enorme manchete de primeira página com várias fotografias de jovens abaixo dela, dois homens, duas mulheres; Phoebe se perguntou se aqueles eram criminosos, teve vontade de conseguir ler o que eles tinham feito. Em seguida, encontrou um envelope pardo, no topo do qual Wolf tinha escrito com cuidado: “Fotografias.”

Com as mãos trêmulas Phoebe o abriu, removendo uma pilha de instantâneos que parecia não ter uma ordem específica. A primeira imagem era de Wolf: o velho Wolf, como Phoebe continuava imaginando-o antes de a encarnação atual dele aparecer à sua frente. Ele estava muito bronzeado, com o cabelo comprido abaixo dos ombros e uma corrente de contas indianas envolvendo um bíceps. Ele dava um sorriso vivo e arrogante para a câmera, do qual Phoebe se lembrava com nitidez, um arco de dentes brancos. Estava recostado em sua caminhonete, sem camisa, os músculos do abdômen bronzeado dispostos como gelo em uma forma. Phoebe havia se acostumado com a mudança de Wolf, mas só naquele momento ela sentiu aquilo: uma dor

no peito pela perda daquela segurança, daquela alegria arrogante e presunçosa que via com clareza em todos os detalhes da fotografia. Ela de fato tinha sido perdida, de um jeito impossível até mesmo de imaginar, como se Wolf fosse hoje uma total rejeição daquele menino, fugindo dele com todo o seu ser.

A primeira foto de sua irmã causou em Phoebe uma sensação estranha e maravilhosa ao mesmo tempo, um arrepio de formigamento da base da coluna até o pescoço. Ela tinha crescido rodeada por imagens de Faith, mas sempre dentro de sua casa. E ali estava Faith, a milhares de quilômetros de casa, de pé, ao lado de Wolf, com flores azuis até os joelhos, o rosto borrado pelo movimento. Wolf se aproximava dela com o que parecia ser um cachimbo na mão, ou talvez fosse um pedaço de pão. No verso da foto, ele tinha escrito: “Vale do Loire, julho de 1970.”

Phoebe entrou em um estado absorto como em um transe. Faith em Paris, escolhendo laranjas em um mercado; em uma banheira antiquada, seu cabelo escuro escorregando de um grampo, seus seios flutuando um pouco, como peixes. Phoebe se esqueceu de onde estava, à deriva com Wolf e sua irmã entre vários estrangeiros que aparentavam estar chapados e olhavam inexpressivamente para cozinhas, parques e vagões de trem, piscando através de nuvens de fumaça opalescente. As cores desbotadas davam um aspecto pálido, celestial, para aquelas imagens, como se a luz branca do flash estivesse fluindo de alguma fonte oculta, deslumbrando a todos em um feliz esquecimento.

Uma imagem, porém, conseguiu arrancar Phoebe de seu devaneio.

Ela se levantou do chão e segurou a foto sob a luz. Aquela parecia completamente diferente das outras, as cores austeras e nítidas, como se tivessem usado uma câmera diferente, embora o efeito fosse o de uma luz forte, impiedosa. Na foto, as mãos de Faith tocavam hesitantemente na cintura, o sorriso vacilante em seu rosto, como se fizesse força para mantê-lo. À primeira vista, Phoebe pensou que o cabelo da irmã estivesse puxado para trás em um rabo de cavalo ou coque, do tipo que ela costumava fazer. Mas o cabelo de Faith não tinha sido preso, estava curto. *Alguém o cortou*, pensou Phoebe, porque aquilo parecia ter sido uma coisa infligida a sua irmã, não tinha formato, estava desigual, como se ela houvesse resistido, como se

alguém a tivesse segurado e cortado à força. Aquele cabelo a fazia parecer mais velha, fraca, de alguma forma. Ou talvez não fosse o corte, pois seus olhos também pareciam apagados, não chapados, mas machucados, semicerrados contra a luz. Faith estava parada inquieta, com uma mão levantada até metade do rosto, rodeada por um jardim chique e não muito diferente do Hofgarten, aonde Wolf tinha levado Phoebe no dia anterior. Havia até mesmo uma espécie de construção abobadada atrás dela. Phoebe virou a foto. "Munique", dizia. "Outubro de 1970."

Espere um minuto, pensou ela. *Como isso é possível*?

Ela examinou a foto novamente, mas uma inspeção mais próxima confirmou que o parque onde Faith estava era realmente o Hofgarten, com os canteiros vazios, as árvores sem folhas, e ainda havia a mesma cúpula, uma grande pérola negra sob a luz do sol. Mas Wolf não dissera com todas as letras que Faith nunca tinha ido a Munique? Será que outra pessoa tinha tirado a foto e entregado a Wolf depois? Mas, mesmo assim, ele ainda saberia que Faith tinha estado ali; por que ele mentiria? Além disso, quanto mais Phoebe olhava para a foto, mais Faith parecia estar perto do local onde Phoebe parou no dia anterior, no momento em que Wolf caiu de joelhos e pareceu se entregar.

Era óbvio: ele tinha mentido. Phoebe chegou a essa conclusão e, então, esperou para descobrir como ia reagir. Ela sentiu uma onda de medo, depois indignação: como ele pôde mentir? Por que ele mentiria? Mas aqueles sentimentos se afastaram quase no mesmo instante, sendo substituídos por um mais forte de promessa, uma onda de possibilidades que parecia quase capaz de levantá-la da cama. Wolf não lhe dissera tudo o que sabia! O que ontem parecia uma parede branca impermeável tinha se ampliado para revelar — o quê? Qualquer coisa. *Qualquer coisa mesmo*, pensou Phoebe. Nada importava além de descobrir o que mais havia acontecido. Esse indulto, essa esperança, era tudo de que ela precisava. Era como descobrir que Faith ainda estava viva.

Sentindo-se eufórica, como se estivesse bêbada, Phoebe deslizou de volta para o chão e apressadamente vasculhou o restante dos retratos, encontrando mais cenas desbotadas em Amsterdã, Bélgica e França, mas aquelas não a interessavam mais. Ela havia encontrado o que estava procurando. Então

outra fotografia chamou sua atenção e Phoebe largou a pilha de fotos, se deitou na cama e segurou o retrato à luz da luminária da escrivaninha. Faith e Wolf sentados nos degraus de tijolos da casa dos O'Connor, com uma Phoebe pequenininha enfiada entre eles, descalça e de camisola branca. Os dois estavam com um braço em torno dela, inclinados de um jeito tão protetor que podiam ser confundidos com jovens pais. Phoebe olhou para o próprio rostinho de criança, o sorriso discreto mas determinado, como se uma enorme felicidade se revelasse por trás dele. Ela sentiu uma onda de incredulidade nostálgica: onde aquele momento tinha ido parar? Encarando a câmera, sorrindo para quem quer que estivesse atrás da máquina: Phoebe havia perdido aquela memória, como se nunca tivesse estado lá. E tudo havia ficado para trás: o momento, a casa, a irmã. Apenas aquela imagem restara, zombando das ausências. *Fotos são tristes,* pensou Phoebe. *Fotos são sempre tristes*.

Por fim, Phoebe colocou as fotos de volta no envelope, separando a de Faith no Hofgarten. Ela devolveu a caixa para a estante e foi para a sala, onde andou de um lado para outro com a fotografia na mão. Sem largá-la, Phoebe enfim apagou as luzes e deitou-se rígida em sua cama improvisada, com os olhos bem fechados e o coração martelando na garganta. Era impossível dormir, mas ela deve ter caído no sono, pois o som de chaves na fechadura a despertou e a fez ficar imóvel, tentando se situar. Na porta da frente, Wolf e Carla tiravam as jaquetas em silêncio, um cheiro de cigarro exalando de suas roupas até onde Phoebe estava deitada. Logo, suas silhuetas escuras se arrastaram em direção ao quarto, primeiro Carla e depois Wolf, que fechou a porta ao entrar. Phoebe ouviu a torneira da pia do banheiro, a descarga do vaso sanitário. Então, a faixa de luz desapareceu debaixo da porta e ela pensou ter escutado o barulho de molas como se Wolf e Carla tivessem se deitado ao mesmo tempo naquele colchão macio. Phoebe sentiu um medo súbito do que mais poderia ouvir vindo daquele quarto. Sua cabeça girava com a memória de Wolf e Carla se cumprimentando com um beijo, lábios se unindo com tanta facilidade, corpos que haviam se encontrado talvez centenas de vezes de uma forma que Phoebe não conseguia compreender. Ela afastou o cobertor, suando, e fixou os olhos na porta. *Vou morrer se ouvir*

alguma coisa, pensou ela, *vou morrer*. Mas Phoebe não ouviu. Não ouviu absolutamente nada.

Dezesseis

Ela estava de volta ao Hofgarten por volta do meio-dia do dia seguinte. Para onde quer que Phoebe olhasse estavam coisas que sua irmã poderia ter visto: árvores angulosas, seixos como minúsculas joias debaixo dos pés, o domo preto inchado e macio como uma lua.

Wolf e Carla tinham saído de manhã cedo para ver apartamentos. Quando Phoebe retornou, às três e quinze, Wolf já estava de volta. Em cima da mesa havia um mapa desenhado por ele do caminho até o bar onde o casal havia almoçado.

— Longa caminhada — explicou Wolf.

— Voltei ao Hofgarten — contou Phoebe, e examinou o rosto de Wolf. Não viu nada.

— Trouxe um sanduíche para você — disse ele.

Wolf se sentou com Phoebe enquanto ela comia, depois voltou ao quarto para trabalhar, seus pés descalços estalando no piso polido. Phoebe tirou a foto de Faith de sua bolsa e zanzou pelo apartamento, a ansiedade e a emoção apertando seu peito. Por fim, bateu na porta de Wolf. Ele estava sentado à mesa.

— O que foi? — perguntou.

Phoebe entregou a foto a ele. Wolf a pegou pela beirada, estudando a fotografia de Faith como se nunca a tivesse visto. Ele virou a foto.

— De onde veio isso?

— Da sua caixa.

Wolf balançou a cabeça, sorrindo como se alguém tivesse feito uma piada à custa dele. Mas não parecia surpreso. Seus olhos se desviaram novamente para a foto.

— Então, ela voltou — afirmou Phoebe.

— Voltou. Ela voltou.

Cansado, Wolf se levantou da cadeira, tirou os óculos e esfregou os olhos com força com a base das mãos. Então foi até a janela e olhou para fora. Alguém estava cortando árvores, uma serra elétrica rompia o silêncio.

— Faith me fez jurar que eu não falaria sobre isso — disse ele. — Para ninguém, especialmente para a família dela. Mas acho que você tem direito de saber, e, de todo jeito, nesse ritmo você vai acabar descobrindo de qualquer maneira.

— Desculpe — disse Phoebe, envergonhada pela lembrança de remexer nas coisas de Wolf.

— Paciência.

— Mas foi um erro — insistiu ela, querendo que Wolf a perdoasse. — Foi, sim.

— Já está feito.

Houve uma pausa.

— Por que ela fez você jurar? — perguntou Phoebe.

— Ela se envolveu em uma coisa em Berlim que não queria que ninguém soubesse.

Ali estava uma reviravolta pela qual Phoebe não esperava.

— Que tipo de coisa? — perguntou ela, com medo.

Wolf olhou para a escrivaninha, notou que tinha deixado a caneta destampada e, com cuidado, girou a tampa.

— Vamos sair deste quarto — sugeriu ele.

Phoebe sentiu o desejo que Wolf tinha de isolar Faith em algum lugar longe do trabalho, da escrivaninha e da cama. Esse pensamento a entristecia.

Phoebe se sentou no sofá da sala. Para sua surpresa, Wolf trouxe duas cervejas da cozinha e ofereceu uma a ela. Como ele podia pensar em beber? Ela recusou de maneira brusca. Wolf começou a beber uma das cervejas, com uma expressão de surpresa. Ele colocou a outra no chão. Culpada, Phoebe pegou a garrafa e tomou um gole.

Wolf sentou-se no tapete e se encostou na base do sofá para ficar na frente de Phoebe, à esquerda das canelas dela. Phoebe não conseguia ver seu rosto. Ele acendeu um cigarro, usando um pé descalço para arrastar o cinzeiro.

— E então? — perguntou Phoebe, enfim.

— Eu meio que não sei o que dizer — confessou Wolf, parecendo nervoso.

— Só conte o que aconteceu.

— Tenho medo de que possa parecer estranho, fora de contexto.

— Sobre Berlim — insistiu Phoebe. — O que você não deveria me contar.

— Ok — concordou Wolf. — Tudo bem. — Ele pegou o cigarro como se fosse um baseado. — Bem, nós saímos dos Estados Unidos, Faith e eu. Você sabe disso, é claro. — Ele riu de nervoso, soltando fumaça. — Saímos por causa daquela sensação ruim.

— Que sensação?

— Tipo, uma sensação de que as coisas estavam azedando. Como se tudo já tivesse atingido o clímax. Havia um clima no ar como se algo tivesse mudado, um mau presságio ou alguma coisa assim, não sei. — O cigarro tremia nos dedos de Wolf. — Acho que Camboja foi o começo. Abril. Ou talvez não o Camboja... Não, mas era, quer dizer, coisas ruins aconteceram antes disso, só Deus sabe, mas invadir o Camboja depois de tudo o que tínhamos feito para acabar com a guerra... A gente pensava: meu Deus, alguém nos ouviu? Então a Guarda Nacional simplesmente foi para cima daqueles garotos em Kent State. Garotos, sabe? Simplesmente acabou com eles. Era um nível de maldade com o qual a gente não conseguia lidar.

Phoebe ouvia a amargura na voz de Wolf, tingida por uma vibração de assombro, um espanto frustrado.

— No Movimento, também — continuou Wolf. — Algo tinha desandado. Os Hell's Angels perturbando as pessoas em Altamont, os Weathermen se autodestruindo, literalmente, em uma casa em Nova York. Tudo isso em poucos meses. A Haight estava em decadência, cheia de drogados e fugitivos, brigas de gangues. Parecia que eles tinham feito alguma escolha errada no passado. E se perderam.

"Faith e eu tínhamos terminado havia quase dois anos, mal nos falávamos. Então, em junho eu a vi em um pátio na Berkeley, no meio de algum comício, outro discurso falastrão. Eu a vi ficar cada vez mais entediada, então ela começou a ir embora, e eu me aproximei e falei com ela. Nós nos cumprimentamos com um beijo. Perguntei: 'E então, o que você acha de tudo isso?' 'Acho que é uma merda', respondeu ela. 'Não estou me referindo ao comício', falei. 'E sim a tudo, à cena toda.' Ela disse: 'É disso que estou falando.'

“Era um dia quente, com uma espécie de cheiro adocicado. Faith estava tão linda, aquele cabelo comprido pegando toda a luz do sol. ‘Vamos cair fora’, disse ela, ‘só cair fora’. Respondi: ‘por mim tudo bem’, então começamos a caminhar em direção ao meu apartamento e, de repente, eu estava morrendo de vontade de ficar com ela de novo, com saudade de toda aquela loucura que ela carregava. ‘Sabe, não quis dizer sair do comício’, disse Faith, enquanto nós andávamos. ‘Quis dizer cair fora.’ ‘Sei disso’, falei, embora não soubesse, eu não tinha ideia do que ela queria dizer, mas naquele momento eu não dava a mínima para o que era, apenas queria aquilo.

“Pegamos o avião uma semana depois. Faith tinha uma porrada de dinheiro, do seu pai, acho. Cinco mil dólares. Eu tinha algumas economias também, e ainda vendi minha caminhonete por setecentos dólares.”

— Ganhei esse dinheiro, também, cinco mil — disse Phoebe, apressada, e depois se perguntou por quê.

— Estávamos atrás de algo — continuou Wolf. — Nós realmente estávamos. De uma forma que é difícil de admitir, parece bobo agora, mas não parecia na época, essa é a diferença. Centenas de milhares de pessoas como nós, todos chegando lá. É poderoso, toda aquela gente acreditando na mesma coisa ao mesmo tempo.

Eu sei, Phoebe quase disse. *Como eu saberia*?, pensou ela.

— Eu via meu pai indo para a empresa Chubb Seguros todos os dias — continuou Wolf. — Ano após ano, de terno e gravata... Ele era feliz? Não sei. Era como se a felicidade não fizesse parte daquele mundo.

— Ou o meu pai — disse Phoebe.

— Exatamente! O cara quer ser um artista, é um artista, trabalha na IBM para sustentar a família e o trabalho o deixa esgotado, ele mal consegue pintar. No final, fica doente... É trágico.

Phoebe quase concordou. Se ele fosse um pintor ruim, ainda seria trágico?

— Ele estava sempre nos pensamentos de Faith, o seu pai. Percebi isso quando ficamos juntos pela primeira vez, logo depois que ele morreu, mas, quando fomos para a Europa, parecia ser muito mais intenso. Lembro que, na viagem de avião, ela ficou olhando fixamente pela janela. Perguntei: “em que você está pensando?”, e ela disse: “Gene.” Começou a chamá-lo assim.

“‘Eu acho que ele está por aí’, disse Faith. ‘Acho que ele nos vê.’”

Wolf acendeu um cigarro, deu um trago profundo e então ficou com ele na mão, olhando, pensativo.

— Na Europa, ela falou muito sobre Gene — contou ele, respirando fumaça com cada palavra. — Dizia do nada para as pessoas: “Sabe, meu pai morreu”, o que não despertava muito interesse. Então, em Londres, nosso grupo estava sentado no Green Park, e tinha uma menina com uma cópia de *Uivo*. Faith falou que seu pai conhecia Ginsberg e Michael McClure, Ferlinghetti, e, cara, você deveria ter visto os rostos das pessoas: fascínio completo. Seu pai os conhecia mesmo? Conhecia *de verdade*? Mas como? Tipo, quem era seu pai?

Wolf escutara como essas perguntas tinham formado as respostas de Faith, naquela conversa e em outras posteriores, até que a história se tornou que Gene tinha sido um dos Beats originais, tomando doses de uísque com Neal Cassady, exibindo suas pinturas nas galerias onde Ginsberg e Kerouac liam. Era uma coisa estranha de se assistir, esse mito sobre Gene tomando forma, o que ele poderia, deveria ter sido. Wolf sabia muito bem que era mentira. Mas ele o confirmava. Pensava: por que não? Era só uma brincadeira, e fazia Faith tão feliz. E quando ele ouvia as pessoas repetindo a história — aquela garota de São Francisco, você ouviu falar do pai dela? —, aquilo se tornava um estranho tipo de verdade.

— Nós nos exibíamos para ele — disse Wolf. — Eu me vi fazendo isso também. Durante momentos malucos eu olhava para Faith e dizia “Gene aprova”, ou “acho que chamamos a atenção dele”. Fosse ou não seu pai original, aquele cara tinha passado a existir, aquele pintor Beat, e ele era como um cúmplice nosso.

Phoebe aprumou-se, tentando imaginar seu pai observando-a também, prestes a levantá-la como fazia quando ela levava um tombo na infância, erguendo-a no ar tão depressa que ela se esquecia de chorar. Mas não conseguia senti-lo. Se ela levasse um tombo, cairia.

— Durante toda a viagem a gente sentiu essa inquietação — continuou Wolf. — Londres, Amsterdã e Bélgica, então Paris. Quer dizer, Paris, meu Deus! Mas todo mundo lá ainda estava obcecado por 1968, pela greve geral. Não dava para construir nada do zero, era tudo rescaldo.

“Isso nos afetou de maneiras diferentes, essa inquietação. Eu meio que recuei, procurando um próximo passo, e Faith começou a gastar dinheiro

loucamente, tentando fazer algo acontecer, sabe, encontrar a única coisa que iria parar com tudo.

"Uma vez, ela comprou quinze travesseiros de penas. 'Penas brancas', insistiu ela na loja, '*blanches, blanches*'. Eu revirava os olhos, a vendedora achou que ela era louca. Nosso grupo os levou até a Torre Eiffel e, lá em cima, a gente rasgou todos. Já estava anoitecendo, aquele azul elétrico no ar, as penas jorrando dos sacos, e então flutuando quase na nossa altura, brilhando como abelhas ou algo assim, vaga-lumes. Meu Deus, que momento. Alguém deve ter contado aos caras lá embaixo, porque a porta do elevador se abriu e um guarda de uniforme veio correndo até nós. Faith apenas apontou para as penas, dizendo: 'Olhe!', como se nós mesmos tivéssemos acabado de notá-las, e o guarda olhou para fora, meio surpreso, aquelas penas flutuando ali como grandes flocos de neve naquela noite de verão, e ele ficou lá, piscando, como se tivesse esquecido por que tinha subido. Depois de um minuto, ele sorriu, aquele sorrisinho comprimido sob o bigode, tímido, que não parecia acostumado a surgir quando o cara estava em serviço. 'Paz', dissemos para ele. 'Paz, irmão', fazendo o sinal com as mãos, acenando enquanto ele voltava para o elevador. Faith e eu apenas nos entreolhamos, nem precisamos falar nada. Sabíamos que Gene estava amando aquilo.

— Penas — comentou Phoebe. — Isso parece incrível.

— Foi — concordou Wolf. — Foi muito incrível. Nunca vou esquecer.

Eles ficaram sentados em silêncio. Phoebe pensou nas penas, procurando em vão por algum momento de sua própria vida que pudesse rivalizar com a beleza e o mistério daquele ato de Faith. Ela sentiu uma decepção tão familiar que era quase um conforto.

Ainda assim, contou Wolf, muitas coisas tinham dado errado em Paris. Faith pulou no Sena em uma aposta e foi arrastada rio abaixo, e um barco turístico teve que resgatá-la. Outra vez ela virou uma garrafa de absinto e passou a noite em um hospital com uma sonda estomacal no pescoço.

— A gente esgotava um ao outro — disse Wolf. — Faith sempre se jogava nas coisas, eu sempre tentava resistir.

O golpe final aconteceu quando alguém caiu de um telhado e quebrou a perna em uma festa que Faith tinha ajudado a financiar, um monte de bandas

tocando ao ar livre, pessoas dançando, e o cara só escorregou. Faith se culpou: achou que deveria ter imaginado que isso aconteceria, que deveria ter insistido para instalarem uma grade. Em sua mente, tudo se inverteu, eles não estavam mais com sorte, portanto deviam sair de lá depressa. Ela visitou o cara da perna quebrada no hospital, deu a ele quinhentos dólares em francos. Ele não tinha ideia de quem ela era.

* * *

— O tempo todo, nós ouvíamos coisas sobre a Alemanha — continuou Wolf. — Sobre como havia todos aqueles grupos anarquistas em Berlim fazendo coisas malucas. Sempre que conhecíamos um alemão, eles falavam sobre esse líder estudantil deles, Rudi Dutschke, que foi baleado na cabeça por um neofascista em 1968, e ficou com sequelas pelo resto da vida. Aquilo partia os corações deles. As pessoas choravam literalmente ao falarem sobre esse cara; estavam sempre brindando a Rudi. Para os estudantes radicais, era como Kennedy sendo baleado: a angústia, a raiva absurda. Acho que, em 1970, isso estava realmente começando a ferver.

"De qualquer forma, em Paris, conhecemos uma alemã, Inge, que escrevia para uma revista alemã de esquerda chamada *Konkret*. Ela estava em Paris com o marido francês, e doida para voltar a Berlim. Ela dizia que Paris estava morta, mas Berlim apenas começava a atingir o ápice. Eles estavam voltando para lá logo depois do acidente do telhado, então Faith e eu pensamos por que não?, e entramos no carro com eles.

Wolf fez uma pausa, como se estivesse reunindo os pensamentos. Phoebe esperou em silêncio, desejando algum grande gesto de sua irmã, um triunfo. Ela ansiava por aquilo e também tinha medo, da forma como temos medo de perder alguma coisa.

— Na viagem a Berlim — prosseguiu Wolf —, Inge nos contou sobre essa amiga dela chamada Ulrike Meinhof, uma jornalista bastante conhecida que tinha de repente jogado tudo para o alto alguns meses antes e passado para a clandestinidade com um grupo terrorista. Ela tinha sido uma representante importante da esquerda chique: com trinta e poucos anos, casada havia anos com o editor da *Konkret*, mesma publicação para a qual Inge trabalhava, tinha

uma mansão em Frankfurt, filhas gêmeas. Inge lia os textos dela desde que estava na faculdade, por isso, quando Ulrike deixou o marido e se mudou para Berlim, ela tentou fazer amizade. Mas Ulrike era muito reservada, parecia um pouco deprimida. Seus artigos foram ficando cada vez mais radicais, ela demonstrava compreender os grupos de estudantes anarquistas que estavam começando a fazer uso da violência.

— Que tipo de violência? — perguntou Phoebe. Ela estava pensando em Patty Hearst.

— Coisas de guerrilha — explicou Wolf. — Perturbar a ordem, sabotar obras. Todos eles tinham aquele manual para guerrilhas urbanas, acho que veio do Brasil. Eles jogavam coquetéis molotov, pedras, cortavam alguns pneus. Pequenas coisas. Acho que a ideia era que, se você fizesse rachaduras suficientes, todo o sistema fascista iria desabar sob seu próprio peso.

— Estudantes? — perguntou Phoebe. — Tipo, da minha idade?

— Por aí, sim — afirmou Wolf. — De qualquer forma, Ulrike Meinhof decidiu montar um programa de TV e pediu que Inge fizesse parte da equipe de filmagem. Uma história sobre meninas que fugiam de um abrigo. Então elas começaram a trabalhar naquilo e, nesse meio-tempo, um dos garotos anarquistas, Andreas Baader, foi preso por ter ateado fogo em uma loja de departamentos dois anos antes. Ele queria escrever um livro. Ulrike Meinhof ficou sabendo disso e se ofereceu para ajudá-lo. O advogado do garoto, um advogado conhecido de esquerda, Horst Mahler, fez um acordo com o governo para que Ulrike Meinhof pudesse se encontrar com Baader algumas vezes na biblioteca de Dahlem para ajudá-lo a fazer a pesquisa. A primeira visita aconteceu logo após eles terminarem o programa de TV. Era meio-dia, os guardas fecharam uma ala da biblioteca e trouxeram Baader, e então o inferno começou: mascarados armados irromperam no lugar, Ulrike sacou uma arma da bolsa, tiros foram disparados, e ela e os pistoleiros saíram atirando e levando esse garoto, Baader, a reboque. O país inteiro ficou em choque, não só por causa daquela jornalista famosa se tornando uma criminosa, mas porque o advogado de Baader, Horst Mahler, também desapareceu. O programa de TV foi engavetado, é claro; eles não exibiriam o programa de uma criminosa. Algumas semanas mais tarde, no início de

junho, bem na época em que encontrei Faith na Universidade de Berkeley, esse grupo emitiu uma declaração se autodenominando Rote Armee Fraktion.

— O que quer dizer isso?

— Literalmente, Fração do Exército Vermelho. Mas “fração”, em alemão, é mais como “gangue”.

— Já ouvi falar deles, a Fração do Exército Vermelho — comentou Phoebe, levemente eletrificada. — Então vocês... conheceram eles ou algo assim?

Wolf balançou a cabeça.

— Eles estavam escondidos — explicou. — Não dava para encontrá-los. Na verdade, ninguém podia chegar perto deles. Haviam passado a maior parte daquele verão na Jordânia, aprendendo táticas de guerrilha com a OLP. Lembro que ouvi isso e pensei: Merda, e aqui a gente só gastou nosso verão ficando chapado e espalhando penas por aí.

Phoebe se lembrou da carga de emoção que sentira na Harrods durante a ameaça de bomba. Pessoas da mesma idade que a dela mudando o mundo através da força. Quanta coragem isso exigia.

— Então chegamos a Berlim — contou Wolf. — E havia aquela energia incrível no lugar, quase uma ebulição. Nós ficamos na casa de um amigo carpinteiro do cara que levou a gente. Ele tinha um apartamento grande em Kreuzberg, um bairro perto do Muro e cheio de imigrantes turcos, onde os malucos tinham meio que se reunido.

— E os anarquistas estavam por toda parte, como vocês imaginavam?

— Totalmente — disse Wolf. — Os Hashish Rebels e Black Help, que era chamado de Coletivo de Pacientes Socialistas, literalmente um monte de pacientes mentais e seus médicos, que decidiram que a sociedade os tinha deixado doentes e que a melhor forma de se curar era combatê-la. Tupamaros de Berlim Ocidental, em homenagem a algum grupo uruguaio... Eles eram um mundo inteiro, essas pessoas. Uma tonelada de jornais clandestinos, *883*, *Extrablatt*, *D.P.A.*; eles imprimiam cartas de um dos Hashish Rebels preso, que se chamava Michael Baumann, para sua namorada, Hella, e eu as traduzia para Faith...

Phoebe ouviu a voz de Wolf se elevar, como se a própria memória o empolgasse.

— Fomos arrastados pela cena — continuou ele. — As boates, tabernas, como o Zodiak, o Inexplicable Shelter for Travelers, o Fat Host e o Top Ten. Vivíamos horas loucas, indo nos deitar ao amanhecer, dormindo durante dias inteiros. E, sempre que a gente acordava, o sentimento bom ainda estava lá, essa era a questão, como se finalmente a gente estivesse se movimentando, como se, caso conseguíssemos de alguma forma manter aquele ritmo, faríamos mais do que sobreviver, nos agarraríamos ao que quer que os Weatherman, os estudantes em Paris, os Hell's Angels tivessem perdido. Faith estava no paraíso. Festas em armazéns detonados: eu olhava para fora através de uma janela quebrada e via a lua, chaminés, estrelas brilhantes enfumaçadas e pensava: meu Deus, aqui estou, prestes a ascender.

Phoebe ouvia com atenção, tomada por uma sensação familiar de que ela mesma estava sumindo daquele lugar, como se desaparecesse de fato e se tornasse fisicamente menos sólida. Sentiu uma vontade de se agarrar a alguma coisa, de se ancorar, mas só havia Wolf, e ele estava imerso na história.

— E o Exército Vermelho? — perguntou ela.

— Ah, você sentiu falta deles — notou Wolf. — O Exército tinha voltado da Jordânia em agosto, só uma semana mais ou menos antes de Faith e eu chegarmos a Berlim, e todo mundo estava simplesmente... ciente deles, sabe? Especialmente em Kreuzberg. Andando por aí, eu não parava de pensar que os tinha visto. Mais tarde a gente descobriu que aquela viagem para a Jordânia tinha sido um desastre... Baader, eu acho, tinha medo de armas de fogo; também houvera alguma confusão envolvendo as garotas alemãs que tomavam banho de sol nuas no telhado do prédio. Mas ninguém imaginava aquilo, posso lhe garantir.

— Alguma vez você os viu de verdade? — perguntou Phoebe.

— Não — respondeu Wolf. — A gente nunca viu, aí é que está. Depois de um tempo aquilo veio até a gente.

* * *

Era agosto, cada dia mais curto do que o anterior.

— Dava para sentir o outono no ar durante a noite — lembrou Wolf. — Aquele ranço por baixo do calor. Eu me pegava pensando na escola, no projeto, no que aconteceria quando eu não aparecesse nas aulas: será que eu seria um fora da lei? Eu poderia voltar para casa um dia sem ser preso? E esse pânico crescia dentro de mim, tipo, que porra eu tinha feito com a minha vida? Eu acordava alguns dias e encontrava Faith olhando para o teto, absorta, não fazia ideia do que ela estava pensando. Às vezes nem perguntava.

Os dois haviam perambulado pelos pontos turísticos: o busto de Nefertiti, os salões cheios de joias do Palácio de Charlottenburg, o Estádio Olímpico de Hitler, onde, atravessando a grama comida pelas traças, Faith havia se virado de repente para Wolf e dito: "Estamos fazendo algo errado."

Wolf não queria falar, ele mesmo estava sentindo muitas coisas naquele momento.

"Não dá para acontecer alguma coisa a cada minuto", disse ele.

"Tem alguma coisa acontecendo", rebateu Faith. "Você pode participar dela ou não."

"Ei. Olhe onde nós estamos."

Faith olhou ao redor do campo cercado por muralhas, longos mastros brancos desaparecendo na névoa.

"Eu quis dizer Berlim", esclareceu Wolf, inquieto.

"É tudo a mesma coisa", disse Faith. "As mesmas pessoas percorrendo o mundo, esmagando as mesmas outras pessoas. Nada é diferente, Wolf, depois de tudo isso, nada!" Ela parecia em pânico. "Eu ainda tenho mil e quinhentos dólares."

"Vai acabar."

"Eu sei", concordou Faith, pensativa. "Preciso pensar em algo grandioso. Tem que ser grandioso."

"Vamos começar um incêndio", sugeriu Wolf, jogando seu isqueiro para ela. Faith o acendeu, a pequena chama pulsando no ar efervescente. Ela puxou um baseado de sua antiga cigarreira e o acendeu, com Wolf observando ansioso, meio que esperando guardas da SS aparecerem pisando firme para prendê-los. Mas ninguém surgiu. O lugar era um museu.

Faith deu um longo trago e passou o baseado a Wolf.

“Se a IBM construísse um estádio, seria parecido com este”, resmungou ela, segurando a fumaça. “São fascistas, você sabe. Todos eles.”

“Eu sou o convertido”, disse Wolf.

Quando terminaram o baseado, o lugar suavizou diante dos olhos dos dois, ondulando como se uma música pulsasse ali. Wolf jogou a guimba fora.

“Adolf Hitler construiu este lugar”, comentou ele. “E nós acabamos de ficar chapados nele.” Faith pegou a mão de Wolf. Ele beijou seu cabelo. “Quando você sentir que nada muda, pense nisso”, afirmou ele.

* * *

Eles tinham ido a uma festa naquela noite, nos arredores de Berlim, em um edifício enorme, onde alguém disse que bombas costumavam ser armazenadas durante a guerra. Era uma cena selvagem, com bandas psicodélicas e malucos do mundo todo. Faith e Wolf conheceram um cara lá, Eric, que usava um casaco de couro rosa e se parecia um pouco com Manson: olhos escuros e lunáticos, bonito e com um ar fanático. Wolf o tinha visto antes na Gedächtniskirche, uma igreja bombardeada na avenida Ku’Damm onde todos os hippies se reuniam. A mãe de Eric era inglesa, então Faith conseguia falar com ele sem precisar de Wolf para traduzir. De alguma forma, o assunto da RAF surgiu, e Eric mencionou que tinha cursado universidade com a namorada de Baader, Gudrun Ensslin, outro membro do Exército Vermelho.

“Outras pessoas podem se juntar ao grupo?”, perguntou Faith. “Ou são apenas os membros originais?”

“Estão aceitando CVs neste momento”, disse Eric.

Faith olhou para ele, desconfiada.

“O que é um CV?”

“Ele está brincando”, explicou Wolf. “É um currículo.”

Os olhos de Faith se estreitaram. Odiava quando zombavam dela.

“Atirei em um coelho uma vez”, contou ela, impassível.

Eric olhou para Faith, e ela caiu na gargalhada. Wolf também riu.

Eric deu um sorriso irônico.

“E quando você executou esta... ação?”, perguntou ele.

“Eu tinha dez anos”, disse Faith, ainda sorrindo.

“Um prodígio. Mas você não tem nenhuma experiência mais recente?”

Ele fingiu escrever com uma caneta em um bloco de papel, como se fosse um entrevistador.

“Garrafas de Coca-Cola”, contou Faith. Eric olhou sem entender. “Alvos”, explicou ela. “Pombos de barro também.”

“A arma?” De alguma forma, a discussão tinha ficado séria.

“Um revólver .38.”

As sobrancelhas de Eric se ergueram. Mas ele disse apenas:

“Americanos. Sempre o revólver.”

Wolf tentou atrair Faith para longe de Eric, mas não havia nada que a tirasse dali. Então ele tomou um ácido e ficou por perto, meio boiando na conversa. Não demorou muito para Faith falar sobre Gene, sobre como a IBM tinha destruído seu pai, drenado seu espírito até que ele ficasse vazio, até seu próprio sangue se revoltar. Ela disse coisas que Wolf nunca ouvira: como tinha se sentido ao ver o pai morrer, como não havia nada que ela pudesse fazer, que tinha tentado tudo o que conseguira pensar, mas ele acabara morrendo mesmo assim. Ela contou que durante toda a vida tentou reagir, toda a vida, mas estava ficando tão cansada: não dava para fazer nada sozinho, o que se fazia sozinho era sempre muito pequeno. Wolf ouvia, meio incrédulo, Faith abrir o coração para aquele estranho, entregando-o como se fosse a carteira de outra pessoa que ela havia encontrado. Obviamente, Eric olhava para Faith como se estivesse hipnotizado, e Wolf teve lampejos de como ela deveria parecer a ele: uma garota americana passional, a anos-luz de casa, que arriscaria qualquer coisa, tudo, entregaria tudo. E de repente ele ficou apavorado.

Wolf levantou o cabelo de Faith e sussurrou em seu ouvido:

“Vamos dar o fora.”

“Eu não vou”, respondeu Faith.

Frustrado e chapado, Wolf se afastou para flertar com uma menina italiana que usava uma calça boca de sino amarela, o tecido amarelo entre os dedos dele, observando a calça se mover entre as mãos enquanto dançava com ela. O olhar de Faith o acompanhou pelo salão, mas ela era orgulhosa demais para chegar perto de Wolf, esse foi o erro dele. Embora não estivesse com muita

vontade, Wolf seguiu a garota de amarelo por um lance de escadas de metal que rangeram até o telhado gigante, de onde seria possível decolar um avião. Eles se deitaram sob as estrelas, que no estado de Wolf pareciam indistinguíveis dos cacos de vidro ao redor do colchão onde os dois estavam. Ele só conseguia pensar em Faith, em como queria ensinar uma lição a ela, mas estava muito chapado e esgotado para se lembrar do que ela precisava aprender exatamente.

Quando finalmente Wolf voltou à festa, Faith e Eric tinham ido embora. Não estava surpreso; caramba, ele mesmo tinha causado aquilo. Mas o pânico provocado pelas drogas havia diminuído. Ele pensou que ela iria voltar. Tinham passado por coisa pior e superado.

* * *

Wolf se virou, encontrando os olhos de Phoebe pela primeira vez em bastante tempo. Ela aproveitou o contato.

— Você está bem? — perguntou ele.

Phoebe assentiu. Ela se sentia vazia, como se sua mente não tivesse mais conteúdo do que uma estrada aguardando o tráfego. O sentimento provocava uma paz estranha.

— Phoebe?

— Estou bem — respondeu, mas sua voz estava desencarnada, como se ela não fosse mais ninguém.

Phoebe notou que Wolf a observava com um afastamento condizente com a presença enfraquecida dela. A compreensão dela não importava mais, a história o havia recuperado. Eles estavam sentados no escuro.

* * *

Faith não voltou naquela noite, ou no que restava dela. Nenhuma surpresa. No dia seguinte, também não. Wolf saiu pela cidade, matando tempo na Gedächtniskirche, no Park Tavern, rondando a estação de metrô do zoológico à procura dela. Ele acabou tendo um caso com uma estudante de arte russa,

uma ruiva, era a única característica dela de que ele se lembrava. Pinturas cheias de padrões de DNA.

Quando viu Faith novamente, duas semanas depois, Wolf estava meio que morando no ateliê da estudante de arte. Ele ia até a casa do carpinteiro algumas vezes por dia, para checar se Faith tinha aparecido. A mochila dela ainda estava escondida em um armário, debaixo de um cobertor mexicano. Um dia ela encontrou Wolf na porta.

"Bem-vinda de volta", disse Wolf. "O que aconteceu com o príncipe encantado?" Faith olhou-o inexpressiva. "Você sabe o nome dele", insistiu Wolf. "Aquele com os olhos arregalados. Eric."

"Ah. Não sei", respondeu ela.

"Então, por onde você andou, porra?"

"Não fale assim comigo! Por onde você tem andado?"

Ela usava roupas diferentes, arrumadas, uma blusa estampada com pequenos diamantes vermelhos. Seu cabelo estava aparado e arrumado, liso, como se alguém tivesse passado um pente molhado e desembaraçado todo ele. Wolf ficou impressionado pela forma como Faith estava intocada; ele sentiu o milagre daquilo, como os anos de selvageria não tinham deixado nenhuma marca visível. Tudo não passava de uma ilusão; no final, Faith ainda era uma adolescente. Ao lado dela, Wolf se sentiu como se tivesse mil anos.

"Que se dane", disse ele. "Estou feliz por você ter voltado."

"Eu meio que voltei."

Eles estavam sozinhos no apartamento. Quando Faith veio na sua direção, Wolf percebeu que ela estava andando de um jeito estranho. Ele não saberia explicar, era como se o seu centro de gravidade tivesse mudado. Pegou as mãos dela.

"Para mim, parece que você está aqui", falou ele.

Eles se deitaram na cama do carpinteiro. Wolf a queria tanto; isso nunca passou, essa parte. Ele quis outras meninas também, mas nunca com aquela urgência, e a verdade era que ele ficaria feliz em desistir de todas elas se pensasse que poderia fazer isso sem precisar abrir mão de algo. Os braços quentes e finos de Faith o envolveram, puxando-o de volta para um lugar

profundo e tranquilo dentro dele mesmo. Ele nunca tinha amado ninguém tanto assim.

Ao colocar a mão debaixo da blusa de Faith, ele sentiu algo duro em sua pele, encravado na parte de trás da calça. Puxou o objeto e se viu segurando uma pequena pistola automática.

"Puta merda!", exclamou ele.

A arma estava quente por ter ficado encostada à pele de Faith. Parecia ser um calibre .22.

Faith estava prestes a explodir, observando-o segurar a arma. Wolf sorriu, balançando a cabeça. Ele olhou para a arma, em seguida para Faith, e fizeram amor com o objeto ali mesmo na cama, frio e suave nas pernas nuas dos dois.

Mais tarde, Faith procurou pela arma e a segurou, levantando-a na direção da luz e produzindo uma sombra escura no próprio rosto.

"Sou uma boa atiradora", comentou ela. "Meu pai me ensinou."

Wolf apoiou-se em um cotovelo, olhando para Faith.

"Você não me deixa nem esmagar um inseto", disse ele. "É meio difícil imaginar você atirando em pessoas."

Faith riu.

"É para me defender."

"As pessoas levam tiros se defendendo."

"Eu nunca atiraria", falou ela, séria. "Eu só usaria para assustar alguém."

Wolf se jogou de volta na cama, com os braços cruzados.

"Não sei, não, Faith."

Ela se aproximou de seu ouvido. Ele sentiu sua respiração, o calor de seu corpo, e puxou-a para si.

"Wolf, eu os *encontrei*", sussurrou ela.

Depois que escureceu, Faith se levantou, vestiu a calça jeans e a blusa com estampa de diamante com tanto cuidado que parecia que as roupas eram emprestadas. Ela deslizou a arma para dentro da calça, dessa vez colocando-a na parte da frente. Wolf se sentou, descansando os pés no chão frio, tentando clarear a cabeça.

"Espere", disse ele. "Você está simplesmente... Tipo, indo embora?"

Faith se agachou aos pés dele, com as mãos nos joelhos descobertos de Wolf, e olhou para ele.

“Escute”, pediu ela.

“Estou ouvindo.”

“Você tem que encontrar um jeito de entrar, Wolf. Você precisa. É isso.”

“Nós já falamos sobre isso algumas vezes.”

“Não”, rebateu Faith, veemente. “As outras vezes não foram nada, juro. Wolf, é uma *cena*.”

“Então me leve até lá.”

“Não posso”, disse ela, afastando-se. “Eles são enormes e eu sou uma peça pequena. Não posso nem mesmo conversar com eles, exceto com o advogado. Os outros não falam inglês.”

Wolf balançou a cabeça.

“O que diabo você faz para essas pessoas?”

Tarefas, contou Faith. Pequenas coisas. A pessoa não podia simplesmente ir a uma loja estando na clandestinidade, pois alguém poderia reconhecê-la. Então Faith comprava coisas para eles.

“Precisam de um monte de coisas”, explicou ela, tirando a mochila do armário. Então baixou a voz. “Eles são a parada, Wolf. E estão planejando algo enorme.”

Wolf saiu da cama e foi até Faith, ainda nu.

“Amor”, disse ele, segurando os cotovelos de Faith. “Não faça isso.”

Ela franziu a testa. Wolf tentou clarear a cabeça porque Faith parecia muito resoluta; sua postura, olhos, tudo nela mostrava que sabia o que estava fazendo, que fazia sentido. E Wolf pensou que não era de se admirar, afinal, em que outra direção eles tinham caminhado durante todo aquele tempo? Ela estava certa, devia estar certa, se ele simplesmente pudesse desanuviar a cabeça... A arma na calça dela. Mas quando imaginou Faith entocada em algum apartamento fazendo compras para pessoas com quem nem podia falar, Wolf achou a imagem tão sombria, tão desesperadora. Tão ruim quanto tudo aquilo de que eles sempre tinham tentado escapar.

“Espere”, pediu Wolf. “Vamos... vamos só desacelerar isso um segundo.”

Mas Faith o ignorou, contando seus cheques de viagem.

“Espere”, insistiu Wolf enquanto ela colocava a mochila nas costas. “Faith, espere.”

Ele se posicionou diante da porta, sem perceber que estava bloqueando a passagem até ver a expressão de Faith. Quando ela tentou passar, Wolf se manteve firme.

“Olhe, se não é a sua, tudo bem”, disse Faith. “Eu preciso ir.”

E ela olhou para ele com tanta frieza, com uma decepção tão fria, que Wolf se sentiu como se fosse o inimigo. Isso o enfureceu.

“Estou surpreso que não tenha sacado sua arma”, provocou ele. Faith apenas o olhou. “Faça isso”, disse Wolf. “Você quer sair? Saque a arma.”

“Wolf, pare com isso.”

Faith tentou empurrar o braço e o peito dele sem muita vontade, mas os membros de Wolf eram como pedra, imóveis até mesmo para ele. Faith parecia curvada sob a mochila pesada.

“Saque a arma, vamos lá”, pediu Wolf. “Você sabe o que está fazendo. Então faça isso.”

O rosto de Faith se contraiu de raiva. Ela colocou a mão na arma.

“Vá se foder, Wolf”, disse. Ela puxou a arma e a segurou, com o cano para baixo. “Por quê? Por favor, me deixe ir embora! Odeio isso.”

“Você odeia isso!”, disse Wolf, rindo. “Vai ser uma ótima terrorista, Faith.”

Uma veia pulsava na têmpora dela. Faith ergueu a arma, observando as próprias mãos como se fossem de outra pessoa.

“Sem a trava”, disse Wolf.

Faith soltou a trava. Com os olhos fixos na arma, ela a apontou para o peito de Wolf.

“Encoste”, disse ele com delicadeza, também com os olhos fixos na arma até a ponta gelada tocar em sua pele, a raiva fria de Faith por trás dela.

O rosto de Faith estava retorcido com a concentração, como se manter a arma erguida exigisse cada grama de sua força. Wolf procurou seus olhos, mas eles pareciam estranhos, opacos, e ele se viu pensando, espantado, que Faith podia mesmo fazer aquilo.

“Ele está observando você agora?”, sussurrou Wolf.

A cabeça de Faith se ergueu. Ela deve ter visto o próprio reflexo nos olhos dele, pois um estranho reconhecimento fez seu rosto desabar e ela largou a arma, que bateu no chão e disparou, saltando vários metros para trás, girando. Eles olharam para a arma no silêncio reluzente. Faith começou a chorar. Wolf

levantou a mochila dos ombros dela e os dois se abraçaram, tremendo, a arma jogada no meio da sala e completamente imóvel, como se envergonhada de seu disparo.

"Não vá embora", pediu Wolf.

Faith balançou a cabeça, chorando: ela não queria ir. Tímida, atravessou a sala, inclinou-se na direção da arma e acionou a trava novamente. Então levantou-se depressa, mas ficou ali parada, com a arma a seus pés. Wolf tremia no ar da noite, desejando ter vestido a roupa. Havia estilhaços no chão perto de um friso onde a bala tinha entrado. Depois de um tempo, Faith agachou-se sobre a arma, e Wolf sentiu o conflito dentro dela, duas coisas puxando-a de lados opostos. O que era mais forte? Essa era a pergunta. Àquela altura, de alguma forma, ele sabia o que seria.

* * *

Houve um longo silêncio na sala de Wolf.

— Por que você não ligou para a minha mãe? — perguntou Phoebe.

Ele balançou a cabeça.

— A gente não fazia isso, procurar os pais de alguém. Além do mais, o que ela podia fazer, sua pobre mãe? Só ficar apavorada. — Wolf fez uma pausa, acendendo um cigarro. — Mas eu não sei. Talvez devesse ter ligado. — Ele se virou para Phoebe. —Você acha que eu deveria ter ligado para ela?

Mas Phoebe estava vazia, um vácuo.

— Não faço ideia.

— De qualquer forma, fui embora de Berlim no dia seguinte — continuou Wolf, após uma longa pausa. — Eu tinha um amigo em Munique, Timothy, que havia morado com a minha família quando estava no primeiro ano do ensino médio. Preguei o endereço de Tim na parede da casa do carpinteiro, fui para Munique e fiquei esperando.

"No último dia de setembro, vi a manchete nos jornais dizendo que a RAF tinha cometido três assaltos a bancos na manhã anterior. Doze pessoas envolvidas, três carros, eles levaram algo em torno de duzentos e trinta mil marcos. Quando vi aquilo, pensei: Meu Deus.

Para confusão de Phoebe, ela sentiu vontade de rir.

— Eu sei — disse Wolf, olhando para ela e sorrindo de nervoso.

A gargalhada dominou Phoebe.

— Por que estou rindo? — perguntou ela.

— O que mais você pode fazer? — rebateu Wolf. — Assaltos a bancos. Merda.

— Quantos?

— Três. Quatro, a princípio. Um não deu certo. Droga — disse ele, enfim se rendendo à própria risada triste. — A questão é que aquilo realmente não era engraçado.

O riso de Phoebe se esgotou de repente, deixando-a cansada.

* * *

Wolf estava trabalhando ilegalmente na época, carregando caixas em uma fábrica de calçados na periferia de Munique. Ele tinha sublocado um quarto no apartamento de alguém, deixando recado com a família de seu amigo sobre a possibilidade remota de que Faith pudesse ir atrás dele. Dias se passaram, então semanas. Wolf estava lendo o jornal no bonde que o levava para o trabalho, acompanhando a notícia de uma invasão da polícia no Exército Vermelho, algumas prisões importantes, mas nenhuma menção a uma jovem americana. Era início de outubro, em breve seria 1971; Janis tivera uma overdose no dia quatro, Hendrix tinha morrido em meados de setembro, em Londres. Muitas pessoas estavam começando a voltar para casa, mas Wolf se sentia paralisado.

— Minha cabeça estava confusa — explicou ele. — Lendo sobre o Exército Vermelho todos os dias, sabendo que Faith fazia parte daquilo, eu simplesmente entrava em pânico, às vezes, pensando que eu também deveria estar lá, como se tivesse cometido o grande erro da minha vida. Ela estava no mundo, sabe? Lá fora, fazendo algo de verdade, e ali estava eu, acompanhando a história pela porra do jornal. — Phoebe se mexeu, desconfortável. — Eu não conseguia me desligar daquilo — continuou Wolf. — Então fiquei, esperei. E aí, do nada, ela me encontrou.

Era final de outubro, já estava esfriando, e Faith não tinha nenhuma roupa apropriada. Algo havia acontecido com ela. Faith estava... quebrada, de

alguma forma. Wolf a cobriu de suéteres, ligou o forno e os aquecedores na potência máxima até o vapor embaçar as janelas. Faith tremia convulsivamente; demorou o dia todo para conseguir falar, mas, por fim, contou.

— Ela estava envolvida nos assaltos — disse Wolf. — Sua função era fazer um buraco na cerca atrás de um prédio próximo a um dos bancos, de maneira que os atiradores pudessem passar por ali depois de terem atacado. Alguns deles achavam que ela não era forte o suficiente para cortar o arame, mas Faith insistiu que já tinha feito aquilo. Então eles a mandaram colocar um vestido, deram-lhe uma pequena bolsa branca com um livro sobre Berlim dentro, um mapa do metrô: a turista ingênua. Faith queria tingir o cabelo, como algumas das outras meninas, mas decidiram que ela deveria cortá-lo. Ulrike Meinhof achava que cabelos compridos chamavam muita atenção; ela havia cortado o próprio cabelo semanas antes. Assim, Faith não teve escolha a não ser aceitar e ter o cabelo cortado, a última coisa no mundo que ela queria fazer. Petra Shelm, uma ex-cabeleireira do grupo, fez as honras, esticou a camisa de Faith debaixo da cadeira para recolher o que caía de sua cabeça. Faith enfiou um pouco de cabelo no bolso quando eles não estavam olhando, mas depois jogou fora.

— De qualquer forma — continuou Wolf —, acabou que Faith realmente não tinha força suficiente para cortar a cerca. Ela tentou desesperadamente por uma hora, ficou tão aflita que quase pediu ajuda a um cara que tinha visto em um beco ali perto. Tentou usar os punhos, os pés, acabou rasgando a bainha do vestido. Quando voltaram para buscá-la, ela estava toda desgrenhada e a cerca, intacta; eles ficaram apavorados. Horst Mahler saltou do carro e cortou a cerca ali mesmo, com todo mundo olhando. Faith segurou o cortador para ele enquanto o homem lutava com o arame.

Phoebe tentou imaginar a irmã se esforçando e falhando tão publicamente, mas não conseguia. Na sua cabeça, Faith sempre dava um jeito.

— Foi, tipo, um desastre? — perguntou, sentindo-se ansiosa.

— Na época, não — esclareceu Wolf. — Faith disse que toda a experiência dos roubos tinha sido incrivelmente intensa. A adrenalina os deixava ligados; por dias tudo tinha aquela clareza do LSD. A arma também: carregá-la no corpo era como ter outro coração. Ela gostava até mesmo de ser “procurada”;

sentir-se marcada, uma incógnita quando andava pela cidade, pensando: “Se o vendedor da mercearia, se o gari soubessem quem realmente sou, eles ficariam apavorados.” Tudo o que faziam ia parar direto nos noticiários. Na mesma hora, essa coisa das drogas, de se ver fora do corpo, de ver a si mesmo a quilômetros de distância, saber que zilhões de pessoas estão acompanhando cada coisinha que você faz... Quer dizer, imagine só isso.

— Parece incrível — disse Phoebe.

— Era. Quer dizer, ela disse que era. — Wolf ficou quieto por um tempo. Phoebe sentiu o peso do remorso pairar sobre a sala, com a mesma força de uma contracorrente. — Ela não sabia ler alemão, é claro. Mas Horst Mahler traduzia para ela. Depois dos bancos, eles nem precisaram contar o que tinham levado: estava em todos os jornais vespertinos, cada centavo. Mandaram Faith sair para comprar os jornais. As mãos dela tremiam tanto que os deixou cair no caminho de volta, e um dos exemplares acabou molhando em uma poça. Ninguém sequer se importou, eles estavam empolgados demais.

Wolf ficou em silêncio. Na ausência de sua voz, Phoebe notou que uma apatia se abateu sobre eles, como se algum brilho fraco tivesse sido dissipado. Eles podiam rir quanto quisessem.

— De qualquer forma, a sensação de triunfo durou pouco — contou ele. — Cerca de uma semana após os roubos, os policiais invadiram dois apartamentos e prenderam quatro pessoas do Exército Vermelho, incluindo Horst Mahler. Depois disso, a RAF decidiu que era perigoso demais ficar em Berlim, então descentralizaram as operações e começaram a enviar pessoas para a Alemanha Ocidental. Àquela altura, Faith estava mais ou menos de fora.

— De fora?

— Você sabe, eles se livraram dela. Pediram que fizesse alguma tarefa demorada em um subúrbio de Berlim, e, quando ela voltou, já à noite, o apartamento estava vazio. Todo mundo tinha ido embora. Faith não fazia ideia de onde encontrá-los.

— Meu Deus! — exclamou Phoebe.

— Pois é, foi horrível. Faith chegou ao fundo do poço. Foi como cair na real depois de dois meses chapada. Ela ficou naquele “esconderijo” vazio por

um tempo, com apenas um colchão. Era muito perigoso, os guardas poderiam aparecer a qualquer momento. Acho que ela quase desejava que eles chegassem.

Phoebe tentou imaginar a irmã sendo deixada para trás, abandonada naqueles cômodos vazios, mas nada veio à mente. Nenhuma imagem de Faith. Ela visualizou o apartamento, repleto de coisas que deixaram para trás ao saírem apressados, portas semiabertas, uma garrafa de leite, guimbas de cigarro amontoadas sobre peitoris de janelas. O único som vinha dos próprios passos de Faith.

— Coitada da Faith — disse Phoebe, com uma dor no peito.

— Ela ficava tentando descobrir onde tinha errado — contou Wolf. — Será que ela deveria ter sido mais ousada com eles, ou o contrário? Estava tudo bem até o problema com a cerca, ou eles já tinham decidido se livrar dela? Essas questões iam e vinham, ela não conseguia superar. Além disso, Faith só tinha trezentos dólares.

Phoebe sentiu o ar da sala em sua pele. Era doloroso, como se a pele estivesse em carne viva.

— Eu me pergunto por quê — disse.

— Por que o quê?

— Eles a abandonaram.

— Quem se importa com o motivo? Eles eram idiotas!

Phoebe e Wolf trocaram um olhar de raiva. Ela sentiu uma onda de decepção furiosa: de si mesma e de Wolf, por estarem sentados inutilmente naquela sala escura; de Faith, também, por não cumprir com a expectativa.

* * *

Faith foi com Wolf à fábrica de sapatos uma vez, ficou na sala de espera enquanto ele embalava e carregava caixas. Depois, os dois passaram em um pub, um espaço de madeira com chifres na parede, aonde o pessoal da fábrica ia. Wolf pensou que flertar um pouco com os caras do trabalho poderia animá-la, e funcionou. Contudo, sem o cabelo comprido, Faith não chamava tanta atenção dos homens como antes. Estava magra, pálida, como sempre havia sido, mas com aquela juba de cabelo escuro ela sempre fora dramática,

chapada, mas espetacular. Naquele momento, estava parecendo mais uma drogada qualquer. Wolf gostou daquilo. Transformava a beleza de Faith em um segredo dele, deixando de ser algo a que qualquer outro cara podia ter acesso com os olhos quando ela passava. Mas Faith odiava aquele corte de cabelo, dizia ter ficado com cara de bolota. Aquilo aumentava sua sensação de que a intensidade de tudo no mundo (e também dela mesma) havia sido silenciada por algum fracasso da própria Faith. Contudo, naquela noite, no bar, ela se divertiu, riu enquanto estava no bonde que pegaram de volta para casa e, no meio da risada, virou-se para Wolf e disse em uma voz estranha: "Talvez tudo fique bem", como se aquele fosse um desejo maluco, no qual ela não levava fé.

— Dois dias depois a gente foi para o Hofgarten — contou Wolf. — Eu estava com o anel no bolso, turquesa e jade, suas favoritas. Talvez eu tenha escolhido o dia errado. Assim que me ajoelhei, ela entendeu. "Não", foi o que Faith disse, antes que eu pudesse falar. "Não, Wolf, por favor, estou enlouquecendo. Não sobrou nada em mim." Eu disse a ela: "Foda-se tudo isso, foda-se, estamos aqui agora, neste momento, o resto é irrelevante, a gente pode fazer qualquer coisa!" Mas ela não conseguia me ouvir, era como se houvesse um barulho mais alto em sua cabeça. Ela apenas enxugou os olhos, dizendo: "Por favor, amor. Por favor, levante-se." Quando voltei do trabalho na noite seguinte, ela tinha ido embora.

* * *

Phoebe e Wolf ficaram sentados em silêncio.

— E foi isso? — perguntou Phoebe, enfim.

Wolf levantou-se com dificuldade e acendeu a luz. A sala pulsou. Ele andou até a cozinha com o corpo rígido, as pernas dormentes, obviamente. Phoebe ouviu o baque das garrafas de vidro batendo no lixo.

— Você não sabe de mais nada? — perguntou ela quando Wolf voltou a se sentar. — Nada?

Ele desviou o olhar. Phoebe olhou fixo para o quadrado preto da janela, tentando absorver o fato de que a história tinha acabado. Mas é claro que não havia acabado. Faith tinha simplesmente fugido dela, desaparecido justo

quando parecia que a história poderia estar chegando ao fim. E ali estava, o triunfo que Phoebe havia desejado, temido e que sabia que viria: Faith tinha desaparecido.

Phoebe olhou ao redor da sala iluminada que era incolor aos seus olhos, olhou para Wolf e viu-o sem cor também. Ele era mais uma pessoa que sua irmã tinha deixado para trás.

Ele sugeriu uma caminhada. Em silêncio, vagaram entre os antigos edifícios pintados da velha Munique. O ar cheirava a amendoim açucarado. Acima da praça central, bonecos mecânicos em tamanho natural, montados como se pulassem alegremente em torno de um mostrador de relógio, preparavam-se para bater as horas. Phoebe via tudo aquilo por meio de uma espécie de névoa.

— Eu queria que você falasse alguma coisa — disse Wolf quando eles saíram da praça em direção a ruas mais escuras e tranquilas.

Mas Phoebe não tinha nada a dizer. Seus pensamentos equivaliam a nada, assim como Wolf, Carla e toda a beleza festiva de Munique; nada se comparado ao espetáculo da vida de sua irmã. Terrorismo, suicídio; como um belo carro em alta velocidade caindo direto num declive de montanha. Não era de se admirar que seu pai tivesse assistido.

— Esta é uma bela igreja — comentou Wolf. — Você quer entrar?

Ele foi andando na frente. A igreja era pequena e oval, com o interior mais ornamentado do que qualquer outra que Phoebe tinha visto na Europa, cheio de espirais, arabescos e folhas de ouro. Parecia um suborno para Deus.

Eles se sentaram nos fundos. A luz se adensava com o ouro.

— O que eu disse lá atrás — começou Wolf com cuidado — obviamente a deixou chateada.

— Não estou chateada.

— Phoebe, você está desligada. Parece até que está embaixo d’água.

— Estou pensando.

— Em quê?

— Tenho que sair de Munique.

Ele olhou para ela.

— Por quê? Eu... É alguma coisa que...

— Tenho que seguir em frente — explicou Phoebe, dizendo as palavras em um tom monótono.

— Para onde?

— Eu já disse. — Mas Wolf parecia não recordar. — Itália — lembrou Phoebe. — Corniglia. Onde aquilo aconteceu.

O nome pareceu causar um impacto físico em Wolf.

— Quer me ouvir, Phoebe? — perguntou ele. — Pode prestar atenção aqui rapidinho?

A intensidade daquele olhar deu um foco súbito a Wolf, perturbando a deriva dos pensamentos de Phoebe. Ela desviou os olhos. Wolf exalou devagar, então se espreguiçou, arqueando as costas sobre o banco, sua espinha estalando como acontece com os nós dos dedos.

— Tudo bem — disse ele. — Vou com você.

Phoebe franziu a testa.

— Eu vou. Para Corniglia.

— Ah, não — falou Phoebe. — Não.

— Finja que não estou lá. Não me importo se conversarmos ou não. Mas você não vai até lá sozinha, de jeito nenhum.

— Sinto muito. Sinto muito, Wolf.

Phoebe balançou a cabeça, sorrindo, e aquele momento se pareceu com tantos outros, em que ela saiu do carro de um garoto, de uma festa, de um jogo de futebol americano quando, de repente, os gritos e pompons brilhantes se calaram em sua mente e ela enxergou a verdade vazia de tudo aquilo. E deixou tudo para trás. Repetidas vezes, ela os deixou. Só era difícil por um instante.

— Não estou pedindo, Phoebe — disse Wolf.

Ele observou os olhos dela, olhando de um para o outro como se tentasse encontrar um caminho que o levasse para dentro da cabeça de Phoebe. Ela sentiu o calor dele, a presença física de Wolf ao seu lado, respirando, observando-a.

— Não quero você — falou ela, levantando-se do banco e saindo da igreja, sem correr, mal andando, na verdade, apenas se entregando à deriva pacífica de sua solidão.

Mas Wolf estava bem ao lado dela. Na rua, de repente, ele ergueu Phoebe nos braços, como naquele primeiro dia na escada. Ela ficou parada, com os braços ao lado do corpo.

— Volte — pediu ele. — Por favor, Phoebe. Volte.

Ela sentiu a dor em sua voz, distante no começo, depois direto em seu peito. Phoebe colocou os braços em torno de Wolf e os deixou ali.

Ficaram em silêncio. De algum lugar vinha o cheiro doce e oleoso de pão frito. Ela conseguia ouvir o coração de Wolf batendo alto. Phoebe pensou nele abraçando Faith, a arma entre os dois, e foi atingida por uma sensação dolorosa e trucidante de que a irmã tinha ido embora, deixando-os ali para se defenderem sozinhos. E talvez aquilo fosse o certo, Wolf ir com ela, talvez ajudasse. O queixo dele repousava no topo da cabeça dela. Ele era realmente muito alto.

Dezessete

No alto dos Alpes italianos, na metade do caminho, Phoebe e Wolf pararam para almoçar. A cidade era como um apêndice da estrada: um único restaurante, uma loja com persianas bem fechadas, uma igrejinha malconservada. O ar seco e frio arranhava as narinas e a garganta de Phoebe. Ela e Wolf desceram do carro em um silêncio sussurrante, como se as nuvens, que pareciam a apenas alguns centímetros de distância, estivessem gentilmente polindo o céu metálico.

O restaurante cheirava a madeira queimada. A proprietária era uma idosa, cujos rosto e mãos cheios de vida faziam sua idade parecer acidental, algo que se abatera sobre ela em um momento de descuido. Para surpresa de Phoebe, ela falava alemão. Wolf explicou que aquela região pertencia à Itália apenas desde a Primeira Guerra Mundial. O jarro de barro sobre a mesa estava cheio de vinho tinto.

O único cliente do restaurante era um idoso que usava uma calça preta e larga presa por surpreendentes suspensórios vermelhos. Havia uma jovialidade entre as rugas de seu rosto, o que era uma sorte. Ele levantou um copinho cheio de um líquido claro para Wolf e Phoebe. Era grappa, segundo Wolf, uma bebida muito forte. Os dois brindaram a ele e beberam.

* * *

A viagem havia começado naquela manhã, com uma semana de atraso, pois Wolf teve que terminar o manual de escoliose. No começo, ele parecia presente apenas fisicamente, e mal proferia uma palavra sequer enquanto seguiam de Munique para o sul por amplas colinas verdes até a Áustria. O ar começou a ficar revigorante, penetrante; pedras esparsas despontavam do solo. As montanhas mais altas perfuravam as nuvens, como colunas de pedra

alcançando portais de palácios quilômetros acima. Phoebe não viu a noiva de Wolf outra vez; ele dizia que Carla estava trabalhando, mas seu tom de voz tenso fazia Phoebe se perguntar se estava tudo bem entre os dois. Ele tinha passado todas as últimas noites no apartamento de Carla, deixando a própria cama para Phoebe, arrumada com lençóis listrados recém-lavados.

Eles contornaram Innsbruck e depois atravessaram o passo do Brennero, onde um italiano bonito e bigodudo checou os passaportes deles e acenou para que entrassem em seu país. Em seguida, pegaram uma estrada menor. O ritmo mais lento pareceu relaxar Wolf.

— Espero que esteja tudo bem — disse Phoebe. — Você vir comigo.

— Claro que está tudo bem.

— Quer dizer, com Carla.

— Deu tudo certo — explicou Wolf, hesitante. — É uma situação complicada.

— Por causa de Faith?

Wolf fez mais uma pausa, e sua cautela deu a Phoebe a sensação de que Carla estava por perto, ao alcance da voz.

— Coisas inacabadas são difíceis — disse ele, olhando para Phoebe.

Ela sentiu uma parte da vida de Wolf ficando um pouco mais exposta, de uma forma que não acontecera antes. Phoebe se aproximou com cuidado daquela parte.

— Quanto Carla sabe sobre ela?

— Tudo, basicamente — respondeu Wolf. — Logo no início eu meio que despejei tudo em cima dela. Mas depois daquilo nunca mais toquei no assunto. Nós nunca conversamos sobre isso. Mesmo que às vezes eu quisesse.

Phoebe esperou, com medo de interrompê-lo.

— Por que não? — perguntou ela.

— Eu me sentia esquisito, acho, trazendo essa história à tona. Eu dizia para mim mesmo: ei, você está apaixonado, não deveria estar pensando naquilo tudo. Mesmo quando Carla me perguntava sobre Faith, eu resistia, me convencia de que era autodisciplina, que precisava deixar a coisa toda para trás. Mas agora vejo que devia ter feito o contrário, eu não estava me desapegando daquilo.

Wolf balançou a cabeça, como se essa descoberta ainda o confundisse. Phoebe sentiu uma ternura peculiar. Wolf não havia se desapegado.

A estrada começou a descer um pouco. Parecia uma expiração. Algo havia finalmente relaxado entre eles, uma mudança que até mesmo a natureza dava a impressão de refletir: montanhas mais suaves, rochas expostas, amareladas e com a mesma aparência quebradiça de algo assado no forno. Curvas tortuosas expunham paisagens de beleza impressionante; muitas vezes, Phoebe observava, atônita, antes de conseguir reagir.

— Olhe — gritava ela. — Ai, meu Deus, olhe!

Na hora do almoço, ela estava exausta.

* * *

Um vento forte golpeava o restaurante. Wolf despejou o vinho na taça, depois bebeu.

— De vez em quando você pensa em como as coisas poderiam ser diferentes para você se Faith ainda estivesse viva? — perguntou ele.

— Para mim?

— É uma pergunta estranha, eu sei. Mas você pensa bastante nela.

— Eu pensaria de qualquer maneira — rebateu Phoebe, com cautela. — Quer dizer, ela ainda seria minha irmã.

— Mas é engraçado como as coisas, as pessoas, às vezes têm muito mais poder quando não estão realmente aqui.

— Faith sempre teve poder.

— É verdade. É verdade — concordou ele. — Mas ser uma jovem precoce é uma coisa. Ter vinte e seis anos é diferente. Ela teria feito escolhas a essa altura.

— Talvez vocês estivessem casados — cogitou Phoebe, mas Wolf pareceu ficar espantado, e ela se arrependeu de ter feito o comentário.

A verdade era que Phoebe tinha dificuldade de imaginar Faith levando uma vida como a de outras pessoas. Parecia não combinar com ela.

— É estranho — disse Wolf.

— O quê?

— Que, quando alguém morre, pode diminuir você.

— Fale por você — retrucou Phoebe.

Wolf teve um sobressalto.

— Quis dizer você em geral — explicou ele. — Não você especificamente.

Como sobremesa, comeram pequenas maçãs da montanha cozidas no vinho tinto, com um creme denso e doce por cima. Uma fraqueza se abateu sobre eles. Phoebe cruzou os braços em cima da mesa de madeira rústica e apoiou a cabeça neles. Distraído, Wolf tocou no cabelo dela. Phoebe ficou imóvel, desejando que ele repetisse o gesto, mas Wolf tinha se virado para conversar com a proprietária. Um delicioso arrepio subiu pela coluna de Phoebe até o couro cabeludo, a sensualidade da infância, longas sessões hipnóticas de escovação de cabelos que ela tinha feito com as amigas. Incrível como era fácil tocar nas pessoas naquela época. Parecia fazer tanto tempo desde que Phoebe havia tocado em alguém.

O velho de suspensórios levantou-se devagar e vestiu o casaco e um chapéu, que ele tirou na porta quando se despediu.

— Queria saber para onde ele vai — divagou Phoebe. — Este lugar parece estar no meio do nada.

— Talvez ele seja o dono daquela lojinha aqui ao lado — disse Wolf. — Talvez ele tenha almoçado no restaurante dessa mulher todos os dias nos últimos trinta anos.

— Talvez eles estejam secretamente apaixonados — continuou Phoebe.

Wolf olhou para ela, surpreso, então assentiu.

— Aposto que ele estava esperando a gente cair fora daqui logo — disse ele, rindo.

— Acho que não — retrucou Phoebe. — Aposto que ficam felizes apenas por estarem no mesmo cômodo.

Wolf olhou para a proprietária, como se estivesse imaginando a situação.

— Isso é legal — disse ele.

Enquanto fechava a conta, a mulher conversou rindo com Wolf, alternando olhares entre ele e Phoebe. Wolf deu alguma resposta e a expressão dela mudou.

— Ah! — exclamou ela de repente.

— O que você disse? — perguntou Phoebe enquanto eles andavam para a porta.

— Falei que a gente é praticamente família.

* * *

No banheiro do restaurante, mais precisamente na casinha, Phoebe examinou-se, cutucando a pele, e decidiu que estava bem de novo. Nos últimos dias, um mal-estar curioso a afligira, sensibilizando cada célula de seu corpo a ponto de doer. Ela sentia que estava se alastrando, intrusivo, consciente das mãos, dos pés e das pernas, de sua pele debaixo da roupa, do rosto e cabelo ao se ver nas vitrines das lojas pelas quais passava. Às vezes, seu corpo todo doía, uma dor crônica, delicada como a dor em seu couro cabeludo que aparecia quando ela repartia o cabelo de um jeito diferente e depois penteava de volta. Phoebe não conseguia decidir se era o próprio corpo que provocava aquela dor, ou se era a consciência aguçada que tinha dele. Ela tentou ignorar o corpo físico, mas pela primeira vez na vida Phoebe achou isso impossível: cada parte dela parecia clamar por atenção. Ela considerou que os seios estavam em evidência, então começou a desgrudar as camisas do corpo quando Wolf estava por perto, para disfarçar o formato deles. Não que ele prestasse a menor atenção nos seios de Phoebe; ironicamente, foi naquele constante movimento que ele acabou reparando.

— O que houve, você está com calor? — perguntou ele a Phoebe uma vez, e, embora ela tenha negado sem pestanejar, ele abriu duas janelas.

Louco como aquilo parecia, Phoebe tinha certeza de que a origem de seus incômodos físicos podia ser rastreada até aquele episódio com as prostitutas em Paris: o momento em que ela percebeu que as mulheres a tinham confundido com uma delas. Sozinha na cama de Wolf, Phoebe era acometida por lembranças daquele encontro, janelas quebradas, coxas machucadas; ela colocava uma das mãos nos seios e a outra na parte de baixo do abdômen e sentia um calor antinatural por dentro, uma febre, uma infecção dos tecidos ou do sangue. Após três noites de sofrimento, recorreu à automedicação: primeiro, comprimidos de penicilina e xarope para tosse que tinha trazido de casa, depois um remédio controlado do armário de Wolf que se revelou um comprimido para dormir e a deixou esparramada no sofá em um torpor durante toda a tarde. No final, ela tentou pílulas anticoncepcionais, sentindo,

ao romper o lacre plástico, que havia certa lógica naquela escolha que faltava aos remédios anteriores. Ela engoliu uma, cheia de esperança de que o comprimido fosse dominar seu corpo, apesar de mais tarde temer que o oposto pudesse acontecer, que começar a tomar aquelas pílulas podia ser mais um passo em direção à eterna perda de controle.

Mas as pílulas tinham funcionado. A dor em suas pernas e seus braços diminuíra, sendo substituída por uma calma agradável. Até aquele dia, Phoebe havia tomado quatro. Elas eram rosa, e seus revestimentos coloridos, doces como balas.

* * *

De volta à estrada, Phoebe tentava conter uma onda de riso nervoso que parecia estar sempre prestes a transbordar. Ela ficou se sentindo assim por um tempo, enquanto esperava para deixar Munique com Wolf. A partida iminente havia infundido a cidade com novas sutilezas — sinos de igreja acrobáticos, um monte de salsichas brancas, o cheiro queimado dos amendoins açucarados —, aquilo atingia Phoebe em ondas de melancolia, como lembranças. Ela deduziu que sua felicidade se devia ao fato de saber que estava indo em direção ao perigo, ao fervor vibrante da presença de Faith. Às vezes, Phoebe praticamente a via: um lampejo de movimento, como as sombras de chamas, um pouco além das bordas do seu campo de visão. Ela não estava com medo. Depois de tudo o que tinha acontecido, parecia que não havia sobrado medo nela.

Quando era criança, antes dos feriados ou do seu aniversário, Phoebe podia estar fazendo a coisa mais simples — por exemplo, cortando um pêssego — e acabava sendo afetada por essa mesma ansiedade deliciosa. O mundo estremecia ao redor, piscando, cúmplice, o pêssego úmido se abrindo como um sorriso em suas mãos.

Wolf ria também, mas sempre depois de uma pausa, como se o bom humor de Phoebe fosse moedas brilhantes flutuando até ele em águas profundas.

O ar ficou úmido, pesado com o cheiro de eucalipto. Partes de ciprestes se erguiam entre os pinheiros. Fendas profundas e irregulares tinham sido talhadas nas colinas e pareciam marcas de violência recente, como se os

próprios montes tivessem sido arrancados da terra apenas algumas horas antes.

Pela primeira vez desde que havia chegado a Munique, Phoebe não se sentiu uma hóspede de Wolf. Eles estavam compartilhando uma aventura; foi Wolf quem primeiro notou as videiras enfileiradas e fincadas ordenadamente na encosta. Ele parou o carro e baixou a capota do Volkswagen. Os dois ficaram em silêncio ali fora por vários minutos, inalando o cheiro azedo do solo e da maturação das uvas.

Quando voltaram para o carro, ela notou que uma nova curiosidade brotava em Wolf, uma ânsia de separar Phoebe da maré de história e coincidência que a tinha levado até ele. Wolf mencionou o pai dela.

— Fico triste por não tê-lo conhecido — disse ele.

— Você teria adorado ele, o meu pai.

— Você o conhecia bem?

Phoebe se virou para Wolf, ofendida.

— Ele era o meu pai!

— É que você era pequena quando ele morreu, foi só o que eu quis dizer — explicou Wolf. — E, mesmo assim, caramba, um monte de pais vive até os oitenta anos e nunca chega a conhecer seus filhos. A maioria, alguns diriam.

— Bem, o meu, não. Você teria adorado ele. — Phoebe percebeu que já tinha dito isso.

— Às vezes eu sentia que quase o conhecia — contou Wolf. — Tudo o que ele deixou para trás: aquela casa, todas as pinturas, vocês... Quando olhava para a forma de tudo aquilo, às vezes eu achava que podia ver o perfil dele.

Phoebe queria perguntar o que ele tinha visto, mas estava com medo de que Wolf pensasse que ela não conhecesse o pai.

— O que você achava das pinturas dele? — perguntou ela.

Wolf refletiu. Phoebe tentou não demonstrar que se importava de fato.

— Sempre me perguntei por que ele nunca pintou você — falou Wolf. — Havia alguns retratos de Barry por lá, não muitos, e cerca de um zilhão de Faith. Acho que perguntei a ela uma vez, por que ele nunca pintou você, mas ela não sabia.

— Eu era uma modelo ruim — disse Phoebe. — Barry também.

— O quê, você se contorcia?

— Eu era muito dura. Conseguia ficar sentada quieta, mas meu corpo ficava tenso e eu saía como uma boneca de madeira.

Phoebe deu risadas nervosas, vazias. Ela estava se lembrando da apreensão profunda que tinha sentido sob o escrutínio dos olhos escuros do pai, o poderoso raio de sua atenção. “Fique quieta”, dizia ele, e Phoebe congelava na hora, hesitante até mesmo em respirar por medo de fazê-lo desviar a atenção, dispersando-a como pássaros assustados em uma árvore. Mas não adiantava, Phoebe não conseguia relaxar.

— A culpa era minha — explicou ela. — Eu não ficava natural.

Ele assentiu, de forma evasiva. Mas era verdade: no hospital, nas poucas vezes em que a energia de Faith a abandonara e ela ficava em casa, ou caía no sono na cadeira ao lado da cama do pai, Phoebe havia tentado substituí-la, posando no banquinho duro, decidida, como Faith, a ficar completamente imóvel enquanto dava a impressão de que estava prestes a se mover. Mas não bastava. A barriga de Phoebe se contraía enquanto ela observava a familiar falta de interesse dominar o rosto do pai, uma desatenção vítrea que sua doença o havia tornado incapaz de esconder. Então o esgotamento impiedoso o envolvia e ele começava a cochilar, com o lápis na mão. “Papai”, chamava Phoebe baixinho de seu banco, e os olhos dele pestanejavam, balbuciando desculpas, mas ele não conseguia afastar a sonolência, ou melhor, Phoebe não conseguia tirá-la dele. Se ele escapava de novo, um pânico desesperado a dominava. “Papai”, chamava Phoebe bruscamente, “Papai!”, esperando que Faith acordasse, com medo de que algo acontecesse ao pai delas e a culpa fosse de Phoebe. Porque ela não bastava. Apenas na presença de Faith ele estava seguro.

— Eu era uma modelo ruim — repetiu ela. — Faith era natural. O rosto dela tinha movimento. — Por que Phoebe insistia naquilo? Ela sentia que estava prestes a chorar. Wolf só ouvia, com os olhos fixos na estrada. — Você acha que eu não conhecia meu pai — disse Phoebe com amargura.

Wolf olhou para ela, com o rosto tenso.

— Acho que ele deveria ter tido mais paciência.

Um silêncio doloroso preencheu o carro.

— De qualquer forma — continuou Phoebe, lutando para se recompor —, nem era isso o que eu estava perguntado. Eu me referia ao que você achava

da qualidade.

— Das pinturas? — Wolf pareceu surpreso.

Phoebe assentiu.

— Sim, como arte.

O vento levava a fumaça do cigarro de Wolf.

— Acho que ele deveria ter variado o tema.

A estrada começou a descer de repente. Em pouco tempo eles deixaram para trás montanhas e até mesmo contrafortes, entrando em terras agrícolas planas e maçantes. Phoebe adormeceu pensando em Corniglia, onde Faith tinha morrido. Phoebe havia circulado o nome da cidade com um marcador em um atlas em casa, um gesto do qual mais tarde se arrependeu; parecia grosseiro, indigno. Contudo, no mapa Michelin da Itália que Phoebe havia comprado em Munique, a cidade estava perturbadoramente ausente. Ela pensou no nome Corniglia, que era enrolado, ideal, de certa forma, para um lugar que ninguém conseguia encontrar. Sua mãe tinha ido até lá, é claro, logo depois que aconteceu, mas aquela viagem parecia irreal para Phoebe. Ela tinha batido na porta de Wolf, levando o mapa gigante até onde ele estava sentado, em meio aos raios-X de colunas curvadas de adolescentes que pareciam rabos de gatos quando Phoebe os erguia contra a luz. Com a caneta de ponta fina, ele fazia desenhos meticulosos daquelas colunas tortas, levando horas, às vezes, para terminar um.

— Não se preocupe — dizia ele para Phoebe, distraído. — A gente vai encontrar a cidade.

— Mas como? Nem está no meu guia.

— Vamos perguntar por lá, ir a um local de informações turísticas, se for preciso. Eu estava pensando em ficar uma noite em Milão, de qualquer forma. Senão, vamos chegar ao litoral já à noite.

— E se ninguém souber?

Wolf pareceu espantado.

— Phoebe, é um lugar. Ele existe. Vamos encontrá-lo.

Nesse momento, Wolf riu, balançando a cabeça, e o ânimo de Phoebe melhorou. O riso induzia em Wolf um desamparo momentâneo, um flash de submissão que Phoebe gostava de ter causado.

* * *

Ela acordou depois do pôr do sol com dor no pescoço e um vento quente batendo no rosto. O céu estava em um frenesi colorido. Olhou para Wolf, tão grata ao vê-lo ali, dirigindo, e notou que tinha sido preenchida por uma saudade acentuada, peculiar; o sentimento percorreu todo o seu corpo, deixando uma sensação de palpitação no fundo da barriga. Phoebe ficou imóvel. Ela engoliu, inquieta, e tentou pensar em Faith, mas a irmã parecia distante, como se, em vez de ir até ela como Phoebe tinha imaginado, eles estivessem dirigindo na direção oposta.

Wolf olhou de relance para Phoebe e sorriu ao vê-la acordada.

— Bem-vinda de volta — disse ele.

Milão surgiu em torno deles devagar, e então de repente, como o Natal. As luzes das ruas eram avermelhadas. Combinado com o calor, o banho de luz fumegante dava à cidade um aspecto lúgubre e teatral. Wolf estacionou em uma rua tranquila e tirou as coisas deles do carro, sem deixar Phoebe sequer carregar a mala pequena dele. O tamanhinho da bolsa a deprimiu. Aquilo tudo era tão temporário, eles estarem ali, tão puramente circunstancial.

— Você encontrou um motorista que não apenas carrega sua bagagem, mas também conhece os hotéis baratos — declarou Wolf enquanto eles percorriam o caminho sob árvores vistosas.

— Está contratado para sempre — disse Phoebe, e então corou na escuridão. A frase tinha saído de um jeito desajeitado, infantil.

Mas a risada de Wolf estava cheia de afeto.

— Consigo pensar em destinos piores — disse ele.

O hotel ficava no piso superior do que claramente tinha sido a mansão de uma única família. Um elevador preto de grade sanfonada desceu por um cilindro de cordas para buscá-los. Enquanto entravam, Phoebe observou a grande escadaria que o circundava em arcos. Lá em cima, eles foram recebidos por uma idosa de olhos esbugalhados e rosto maquiado e tenso, respirando com dificuldade em um terno vermelho. Sim, havia quartos vagos, segundo ela. Ofegante, a mulher os conduziu por um corredor.

O quarto de Phoebe a deixou encantada: uma pia antiga, um piso feito de pedra verde lisa e uma cama com colunas de bronze. Wolf abriu uma série de

janelas que iam do chão ao teto, dando passagem para a noite quente e as folhas finas como papel, alaranjadas pela luz da rua.

— Quanto custa isso? — perguntou Phoebe.

Ele fez um gesto despreocupado enquanto tentava abrir outra janela.

— Relaxe — disse ele por causa dos protestos de Phoebe. — É só uma noite.

Wolf pegou o passaporte dela e foi organizar as coisas. Phoebe ficou na pequena varanda observando a rua. Pouco depois, ela ouviu as botas de Wolf no chão do quarto ao lado. A cama rangeu com o peso dele.

Phoebe percebia que estava excessivamente feliz, sentindo uma felicidade rara e impressionante que não tinha nada a ver com coisas perigosas ou importantes pairando muito perto. Estavam muito longe, as coisas perigosas; Phoebe havia se distraído e elas se afastaram de sua visão. Estava feliz por ter se livrado delas.

Ela tomou um banho no banheiro no final do corredor e lavou o cabelo. Ao voltar para o quarto, estudou o rosto no espelho embaçado acima da pia. Normalmente, espelhos a convidavam a prestar uma atenção rigorosa em suas falhas, no desnível de seus olhos, na amenidade geral de seus traços. Phoebe se perguntava às vezes se o rosto de Faith havia sido um pouco menor do que o seu, dando aos mesmos componentes uma ressonância maior. Mas aquele espelho permitia que ela tivesse somente uma impressão, como se visse a si mesma a distância.

Ela se vestiu com cuidado e sentou-se na cama, esperando Wolf bater à porta. Estava nervosa e planejava beber muito.

— Olhe só para você — disse Wolf, tocando a lombar de Phoebe quando eles saíram do quarto.

Entrando no elevador, Phoebe teve a impressão de que Wolf parou um instante para sentir o cheiro dela, e mais uma vez ela teve aquele choque de saudade, como um objeto pesado caindo em águas profundas. Não era exatamente doloroso, mas tinha algo em comum com a dor. Ela e Wolf desceram em silêncio, a luz percorrendo seus rostos.

Do lado de fora, eles concordaram em caminhar. A escuridão quente dava uma sensação boa aos ombros de Phoebe, assim como o peso de seu cabelo comprido, ainda úmido, o vestido macio roçando a sua pele. Aquela tomada

de consciência do próprio corpo já não a incomodava; na verdade, ela estava começando a gostar daquilo. Talvez Phoebe tivesse descoberto mais tarde um prazer que a maioria das garotas da sua idade já conhecia. Wolf usava uma camisa de tecido macio cor de ferrugem, devia ser seda, com grandes mangas bufantes. *Uma camisa*, pensou Phoebe, *que ele havia trazido para usar com ela*.

— Boas notícias — anunciou Wolf. — Encontrei um mapa na recepção que mostra Corniglia. Então está tudo resolvido.

Phoebe murmurou seu contentamento. Ela ficou nervosa com quão pouco Corniglia parecia importar de repente.

Wolf compartilhou da mesma sede repentina de vinho, e a primeira garrafa estava quase no final quando as massas chegaram. As bochechas de Phoebe queimavam; ela estava bêbada, imprudente, dando várias gargalhadas ressoantes que não reconhecia. Embora aquele estado de espírito fosse claramente desconcertante para Wolf, ele não parecia ofendido, e sim confuso, como se não soubesse o que exatamente Phoebe estava fazendo. Acima de tudo, ela sentia a determinação dele em não magoá-la de jeito nenhum. Parecia algo vantajoso.

Phoebe perguntou sobre a família de Wolf. Ele contou que era mais próximo da irmã, uma repórter do *Baltimore Sun* que atualmente vivia em Praga. Aquilo deixou Phoebe bastante impressionada: uma repórter mulher morando sozinha em um país comunista.

— Vou visitá-la este outono — disse Wolf. — Já está marcado. — Os pais dele iam à Alemanha todos os anos; Wolf viajava para os Estados Unidos uma vez a cada três anos, mais ou menos. Ficou muito interessado no que havia acontecido com as pessoas com quem ele tinha crescido. — É incrível. Você olha para trás e sente que tudo aquilo já era anunciado, mas não era, aí é que está: era impossível ter imaginado.

Phoebe sorriu. Sua única experiência era a de ver o próprio Wolf depois de tanto tempo. Mas ela nunca teria dito que a vida atual dele parecia inevitável na época.

— E você? — perguntou ele. — Que vidas imagina para si mesma?

— Nenhuma — respondeu Phoebe com sinceridade. — Sempre fui uma tela em branco.

— Isso é engraçado. Penso nos dezoito como a idade das grandes ilusões — comentou Wolf.

— Talvez quando você tinha dezoito anos.

— Qual é a diferença?

— Ah, é diferente. As coisas são totalmente diferentes agora.

— Bem, com certeza — concordou Wolf. — Mas os princípios são os mesmos. Quer dizer, você foi para a escola, teve amigos e namorados, todas essas coisas, foi a festas e shows, certo? — Phoebe assentiu, satisfeita por Wolf achar que ela tivera namorados. — Bem, era só isso que a gente fazia — disse ele. — Quer dizer, a gente era adolescente.

Phoebe negou com a cabeça.

— Não era a mesma coisa. Quando entrei no ensino médio, nada mais era real. — Wolf olhou para ela com curiosidade. — É verdade — insistiu. — Tudo era meio falso.

— Falso — repetiu Wolf, claramente perplexo. — Por que seria falso?

— Como vou saber? Simplesmente era falso. Eu não conseguia levar a sério. — Wolf balançou a cabeça. Phoebe brincou com a cera quente da vela, deixando-a endurecer na ponta dos dedos. — Algumas coisas são reais, outras são falsas — concluiu ela.

— E que tal isto, este momento? É falso? — perguntou Wolf com leveza, mas havia um tom estranho em sua voz, e Phoebe sentiu que a resposta dela era importante. Sentiu uma vontade perversa de dizer que sim.

— Não — respondeu. — Este momento é real.

Wolf deu um meio sorriso.

— Estou aliviado.

Phoebe esperava que fosse ficar irritada com a curiosidade de Wolf, mas cada verdade escondida que ele arrancava dela parecia deixar para trás uma leveza, como se pacotes pesados e frágeis fossem retirados de seus braços. No momento, também eram de Wolf. Ele a estava ajudando a carregá-los.

— Acho que um dia desses o mundo vai parecer muito diferente para você — disse ele.

Phoebe ficou intrigada.

— Como? — perguntou.

— Apenas... seu — respondeu ele. — Seu.

Então ele olhou para Phoebe com uma compaixão tão palpável que ela se perguntou o que em si mesma poderia ter inspirado aquele sentimento.

— Espero que você esteja certo — disse ela.

— Estou certo — falou Wolf, sorrindo.

Vitela, frango, salada fatiada; como se fossem vítimas, os pratos vazios e a segunda garrafa também vazia foram tirados da mesa. Tanto vinho tinha corroído a guarda habitual de Wolf; aquele bom temperamento estudado parecido com o dos jovens professores que Phoebe teve no ensino médio havia desaparecido. O olhar dela encontrou o dele e não desviou, incapaz de fugir, e, mais uma vez, aquele desejo a deixaria atordoada. Ela parou no meio de uma frase, muito espantada para continuar. Mesmo considerando todas as paixonites que Phoebe tivera por garotos, ela nunca havia se sentido tão poderosamente atraída por alguém. Na verdade, muitas vezes, quando ela e o garoto enfim se deitavam na areia, em um banco ou no assento do carro dele, algo em Phoebe fugia dos seus lábios macios e do coração acelerado. Sua mente lutava por liberdade, lembrando-se de Faith e Wolf no quarto de sua mãe, a porta branca fechada, assistindo do fundo daquele corredor comprido, tentando entender.

"Vamos", dissera Faith, pegando a mão de Wolf, e Phoebe tentara segui-los mentalmente, sempre ciente de que, o que quer que acontecesse entre ela e aquele garoto, nada iria aproximá-la daquela porta, não faria a menor diferença em sua vida. Por fim, ela não teria escolha a não ser ir embora, como tinha feito naquele dia com Kyle, porque, na realidade, ela já tinha ido. Como ouvir seu nome ser chamado repetidas vezes, mais alto a cada vez, finalmente tendo que se virar.

Mas aquele era Wolf.

E essa mesma certeza esmagava Phoebe com uma sensação fascinante de poder; a luz parecia transbordar por trás de seus olhos, seu sorriso era um par ágil de braços estendidos para acolher Wolf. Outras pessoas faziam aquelas coisas — por que não ela? Por que não aquilo? Quando Phoebe se abaixou para ajustar a sandália, a parte de cima do seu vestido se abriu só um pouquinho, seu cabelo espesso se derramou feito líquido pelos ombros, reunindo-se como óleo em seu colo, e Wolf observou. Phoebe sentiu que ele estava olhando. O grande desejo dela era ter uma coisa que podia dominar;

ele a deixava viva, destilava cada impulso até um único nó ardente se formar entre o estômago e os seios, o que Phoebe achou parecido com uma estrela, um campo magnético cuja atração iria arrastar Wolf irresistivelmente até ela ou a faria implodir. Mas o que Phoebe tinha a perder? Nada! *Nada*, pensou ela, e teve vontade de rir, pois, ao contrário de Wolf, não tinha nada a perder. Ela tinha dezoito anos.

Phoebe comeu a sobremesa dele. Algo com peras e uma calda doce. Wolf riu e pediu outra. Os lábios e os dentes dele estavam manchados de vinho. O restaurante estava quase vazio.

— Tudo bem — disse ele, apagando o último cigarro. — Vamos sair daqui enquanto ainda podemos andar.

A escuridão tinha cheiro de árvores floridas e óleo de motor. Phoebe inspirava o ar quente com força, na tentativa de conter o giro violento em sua cabeça. Ela quase caiu na calçada, mas Wolf estava logo atrás dela.

— Por aqui. Aqui, tudo bem — disse ele, rindo e jogando um braço sobre os ombros de Phoebe.

Ela se encostou nele, agradecida. Na mesma hora, sentiu-se melhor; preencher a lacuna entre eles parecia aliviar alguma tensão dentro dela, como se centenas de cordas tensas e trêmulas tivessem relaxado pela primeira vez em horas. Um silêncio caiu sobre eles. Wolf andava depressa em direção ao hotel. Phoebe sorvia o calor da pele dele. *Isso é loucura*, pensou ela, *enlouqueci de vez*. O sangue dela parecia grosso, entupindo suas veias.

Quando chegaram ao hotel, Wolf a soltou. No elevador, ele ficou de frente para Phoebe, esticando o pescoço para analisar os cabos acima deles. Phoebe observou os ossos em seu tórax. Ela se sentiu predatória, sedenta, já um pouco enjoada.

Wolf pegou as chaves na recepção e seguiu na frente até os quartos. O corredor estava pouco iluminado. Ele abriu a porta de Phoebe e lhe entregou a chave, beijando o topo da cabeça dela.

— *Schlaf gut* — disse ele, mas, quando tentou se afastar, Phoebe ergueu os braços para ele cegamente, ansiando mais uma vez por aquele alívio, por preencher a lacuna entre os dois.

E lá estavam as pernas dele tocando nas dela, a barriga dele, tantos pontos de contato que o encontro pareceu milagroso, irrevogável. As chaves

escorregaram da mão dela e caíram no chão. Wolf ficou parado, com os braços ao lado do corpo, enquanto Phoebe se manteve pendurada ali, tola e bêbada, agarrando-se ao calor entre eles, peito e costelas, ao pomo de sua garganta enquanto ele engolia.

— Opa, opa, Phoebe, ei — chamou Wolf, meio rindo, tentando se desvencilhar, mas ela ouviu a hesitação em sua voz e se agarrou a ele, virando a cabeça para que seus lábios encontrassem a pele quente do pescoço dele.

Abruptamente, Wolf a puxou para perto, um puxão rápido e feroz na lombar. Ele a ergueu na ponta dos pés, uma mão fechada, segurando suas chaves, seu coração batendo em Phoebe como algo se abrindo.

Aquilo durou um instante. Wolf segurou os braços de Phoebe e a afastou, com as mãos trêmulas.

— Pare — sussurrou ele. — Meu Deus, estamos malucos.

Ele olhava para Phoebe à meia-luz, um olhar atordoado como se ela tivesse lhe dado um soco com uma força que ele não conseguia compreender. Em seguida, Wolf suavizou o aperto nos braços dela, como se de repente ele a sentisse ali. *Um beijo*, pensou Phoebe. Estava tão perto. A enormidade a deteve. Wolf a soltou.

— Isso não pode acontecer, Phoebe, me escute — pediu ele. — Está me escutando? — Sua voz enchia o corredor, meio zangada, meio incrédula. — Isso não é uma possibilidade.

Eles se separaram sem dizer uma palavra. Em seu quarto escuro, Phoebe arrancou o vestido por cima da cabeça, a luz amarelada da rua se despejando em sua pele úmida. No fundo de seu ventre havia um pequeno animal voraz encolhido; Phoebe sentia sua respiração, seu batimento cardíaco.

Ela arrancou a colcha da cama e se deitou debaixo de um lençol. Do outro lado da parede, ouviu o barulho das molas e percebeu que a cama de Wolf e a sua própria estavam encostadas naquela mesma parede fina; eles estavam praticamente se tocando. Do outro lado, Phoebe ouviu movimentos baixinhos e imaginou Wolf na cama, o que ele estaria fazendo, ou prestes a fazer. Phoebe pressionou a cabeça nos travesseiros até seu pescoço parecer a ponto de quebrar, cada nervo de seu corpo preso àquela parede: aquilo era uma doença, uma doença terrível e doce. Sua carne era uma ferida aberta que

Phoebe mal conseguia tocar mesmo se precisasse, sem piedade, repetidamente. Nada mais iria curá-la.

* * *

Horas depois, Phoebe se arrastou do sono obscuro e cambaleou até a pia. A luz amarelada da rua embebia o quarto. Do outro lado da janela, a cidade fervilhava de leve. Ela bebeu vários copos d’água e tomou outra pílula doce antes de voltar a dormir.

Dezoito

Phoebe acordou com a sensação de ter passado horas girando em um espeto. Cambaleou até a pia e vomitou, fechando os olhos em seguida enquanto limpava a pia. Abriu as janelas para arejar o quarto e depois escovou os dentes. Quando se deitou de novo, foi embalada em um sono mais suave.

Mais tarde, ela ouviu os passos de Wolf no quarto ao lado e tentou se lembrar da última sequência de eventos que acontecera entre eles. Ela o agarrara e não o soltara, parecia ser essencialmente isso, e Wolf tentara afastá-la. Lembrar-se daquilo a deixou fraca de vergonha. O quarto continuava girando; Phoebe fechou os olhos na intenção de pará-lo. Ela havia brincado daquilo quando criança: a pessoa girava em círculos, depois parava, saboreando a explosão de tontura no cérebro.

Ela teria que fugir dele.

Phoebe virou de barriga para baixo. Por incrível que parecesse, aquela pulsação de desejo ainda batia através de todo o resto, como o coração do conto de Poe que batia debaixo do assoalho. Aquilo se misturava à sua doença com perfeição, como duas metades de uma única coisa. Ela tinha que fugir dele.

Em algum momento, Wolf bateu à porta. Da cama, Phoebe o viu no corredor. Ela havia conseguido se vestir mais cedo, de alguma forma. Wolf não aparentava estar muito bem, a pele parecia argila rodeando a boca branca. Ele estava segurando a chave dela. Phoebe se lembrou vagamente de tê-la deixado cair no corredor na noite anterior.

Na galeria coberta perto da catedral, eles se sentaram lado a lado em um bar para beber cappuccinos e comer brioches a fim de acalmar seus estômagos. Homens italianos em ternos bem-cortados os rodeavam, conversando com a incrível velocidade de leiloeiros. Era domingo. O som dos sinos da igreja ressoava pelos parques e ruas, como uma risada. A cidade parecia vazia. Os

sinos e o sol que inundava as ruas faziam Phoebe pensar no funeral de seu pai, realizado em um dia claro de inverno em Mirasol, o mar azul-marinho batendo na praia. Os sinos tocaram repetidas vezes — a mesma igrejinha aonde seu pai tinha ido quando menino, a apenas dois quarteirões do mar, e por esse motivo era possível sentir grãos de areia entre os sapatos e o piso ladrilhado. Havia algo festivo e comemorativo no tilintar descuidado daqueles sinos, no céu azul. As latas amassadas do lado de fora da igreja refletiam o sol, então mal dava para abrir os olhos. Enquanto vovó conduzia Phoebe até as portas, um cão correu em direção a ela, latindo, balançando o rabo. Phoebe se agachou na calçada para acariciá-lo. “Ah, deixe ele para lá”, disse vovó, com os olhos marejados, sem cor e cheios de tristeza. O filho dela estava morto. A mãe dela não permitira um velório: “Já é ruim o suficiente que eles o tenham visto morrer”, dissera ela. “Não vão vê-lo morto.” Vovó tocou a cabeça de Phoebe para que se levantasse, mas a igreja estava tão escura e a música sombria do órgão escoava pelas portas. Faith entrou logo, mas Barry se ajoelhou ao lado de Phoebe e tocou no cachorro, um vira-lata sujo, cujo rabo batia em êxtase com aquela repentina atenção generosa. Barry se inclinou e enterrou o rosto nos pelos das costas do animal.

Wolf ia dizendo que por ser agosto os italianos estavam todos à beira-mar. Eles os veriam em Corniglia, disse Wolf sorrindo, embora por trás daquilo Phoebe o sentisse observando-a com atenção, tentando avaliar os danos.

Não havia dano algum. Apenas o desejo constante e desconfortável de se aproximar dele. Agora que aquele sentimento estava ali, jamais iria embora.

A bagagem deles estava no carro estacionado na praça da catedral. Wolf queria voltar lá, pois dizia que havia muitos ladrões em Milão. Pedras pendiam como musgo da fachada da catedral. Phoebe sentia os olhos secos, doloridos; a luz brilhante os irritava, mesmo através dos óculos escuros. Wolf destravou a porta e a abriu. Phoebe olhou para ele, apertando os olhos por trás dos óculos.

— Não posso ir com você — declarou ela.

Wolf estreitou os olhos.

— Você não vai comigo. Sou eu que vou com você.

— Não.

Wolf se espreguiçou, as chaves do carro piscando entre os dedos e a barra da camisa subindo um pouco.

— Merda — disse ele para o céu.

— Eu não posso. — A simplicidade daquilo satisfez Phoebe. A questão não estava nas suas mãos.

Wolf apoiou-se na porta aberta.

— Olhe — começou ele com a voz seca. — Nós somos seres humanos, certo? Ficamos bêbados e os limites ficaram embaçados por um segundo. Essa é a história mais antiga do mundo, Phoebe, fala sério. Não vamos pirar por causa disso. — Ele parecia frio a ponto de ser indiferente, mas seus olhos estavam implorando. — Tudo bem? Agora a gente pode, por favor, seguir em frente?

Phoebe descansou o olhar na camiseta macia de Wolf, nas clavículas despontando debaixo da roupa. A luz do sol embebia o cabelo dela, aquecendo seu couro cabeludo. *O que ele disse ontem à noite é verdade*, pensou ela; nada poderia acontecer entre eles.

— Tchau — disse Phoebe.

Ela se inclinou para dentro do carro e pegou a mochila. Quando a jogou sobre um ombro, o peso quase a derrubou. Aquilo tudo não parecia ser totalmente real. Wolf deve ter sentido isso também, porque não fez nada, apenas a viu ir embora, deixando os pombos bicarem suas botas.

Phoebe cruzou a praça da catedral, alerta para sons de perseguição. Não ouviu nada. Quando chegou ao lado oposto, ajeitou a mochila para que descansasse igualmente sobre os dois ombros. Continuava sem ouvir nada. *Então era isso*, pensou ela. Wolf estava aliviado, ou talvez simplesmente se recusasse a ir atrás dela. Não fazia diferença. Phoebe atravessou a rua, determinada a não olhar para trás. Os sinos estavam tocando novamente. A luz ofuscante era surreal. *Uma nova fase*, pensou Phoebe, desde que tivesse dinheiro no bolso. Embora fosse domingo, é claro, e ela não tivesse centavo algum de dinheiro italiano.

Ela chegou a uma rua lateral e hesitou, tentando decidir se atravessava ou virava a esquina. Antes que conseguisse resolver, o Volkswagen surgiu dobrando a esquina, cortando o caminho de Phoebe. O motor rugiu e a borracha do pneu arrastou no meio-fio, fazendo um som agudo. Wolf saltou

do carro, claramente fora de si. Phoebe se afastou. Ela se sentia como uma tartaruga, presa debaixo da mochila gigante.

— Cacete! — gritou Wolf. — Cacete!

Wolf chutou um pneu, e a calota tiniu. Então ele se virou depressa e começou a chutar a porta, deixando um leve amassado com a bota. Phoebe o observava com uma calma anormal. Por fim, Wolf encarou o carro, com os braços cruzados. Pela respiração agitada, Phoebe imaginou que ele devia estar planejando mais ataques ao veículo. Em vez disso, ele se virou para ela, falando com uma doçura que parecia lhe exigir um grande esforço.

— Phoebe, por favor. Por favor, entre no carro. A culpa foi minha, aquele negócio de ontem à noite. Por favor, apenas entre no carro. Nós não vamos a Corniglia, vamos só passear um pouco. Apenas entre no carro. Vamos ver o que acontece. Por favor.

Ele se aproximou de Phoebe, segurou seus ombros e olhou para o rosto dela. Funcionou. Ela deixou o conflito de lado no mesmo instante. Estava cansada e tonta, ansiosa para se livrar da mochila enorme. O sol invadiu sua cabeça, enchendo-a com o pensamento de se inclinar e beijar Wolf, e uma sensação horrível a dominou, como uma lâmina quente cortando-a bem ao meio. As pupilas de Wolf estavam dilatadas, quase furiosas, mas não era raiva dessa vez, ou não apenas raiva. Ele a queria.

— Tudo bem — concordou Phoebe, e entrou no carro.

* * *

Eles saíram de Milão. Phoebe relaxou com a velocidade. O sol estava a pino. Wolf olhava para ela de vez em quando, como se para se certificar de que não tinha desaparecido.

— Trave a porta — pediu ele.

Phoebe caiu na gargalhada, um som estridente, estranho.

— Você acha que vou pular na estrada?

Wolf abriu um sorriso sombrio.

— Não sei — retrucou ele. — Você vai?

Phoebe se encostou na janela e fechou os olhos. Havia saliva demais em sua boca; ela abriu a janela e cuspiu algumas vezes.

— Você está passando mal? — perguntou Wolf, preocupado.

Phoebe riu de novo, aquele som metálico estranho.

— Estou — respondeu ela.

Uma hora passou depressa. Wolf dirigia o carro como se fosse uma ambulância, acelerando até o Volkswagen começar a tremer. Phoebe se imaginava como sua paciente ferida. Eles quase não falavam. Algo havia sido decidido, a conversa fora substituída pela consciência constrangida.

Em certo ponto, Wolf saiu da rodovia para uma estrada menor. Ficou claro que eles não estavam nem um pouco perto do mar. Sob a luz intensa cor de sangue do fim da tarde, eles rodaram por colinas suaves e amarronzadas. Oliveiras ornamentavam a terra, refletindo a luz prateada. Uma cidade aparecia de vez em quando, torres contundentes acomodadas em um morro. Os sinos de uma igreja flutuavam, Phoebe achou o som tão bonito, como sinos de vento, o canto de anjos. Aos poucos, ela também começou a flutuar, voltando ao momento em que Phoebe, enfim, entrara na igreja onde estava o caixão de seu pai e se sentara em um dos bancos da frente, ao lado de Faith. Por mais que tentasse, Phoebe não conseguia sentir o peso da catástrofe. O som dos pássaros a mantinha distraída, alegre, fátuo, batendo as asas do lado de fora dos vitrais da igreja e atraindo Phoebe para longe daquela escuridão, da entonação sisuda do padre. Será que ninguém mais havia reparado? Os olhos de Faith não se afastavam do padre, como se o olhar dela fosse um dos fios de uma teia frágil e delicada, cuja menor perturbação faria o mundo desabar em cima dela mesma. Phoebe se inclinou para olhar para Barry, do outro lado de Faith. Ele também observava o padre, mas, depois de um instante, Phoebe viu o irmão olhar para as janelas, depois repetiu o gesto, com relutância, como se impotente contra o brilho de cor líquida, o bater das asas atrás delas.

* * *

Wolf seguiu por um filete de estrada até a colina e estacionou perto das grossas muralhas de uma cidade. A maior parte do dia já tinha passado. Phoebe queria saber se aquela cidade havia sido o destino deles o tempo todo, ou se Wolf ficou apenas cansado de dirigir. Ela não perguntou. Tudo, exceto

as conversas mais práticas, cessara entre eles, arremessado ao mar como a carga pesada de um navio instável. Phoebe saiu do carro e olhou para a paisagem de colinas, cujo capim branco e cintilante parecia montes de areia. Aqui e ali havia uma casa de fazenda amarelada com persianas verdes e um vinhedo ao lado. O único som era o do vento.

Eles deixaram a bagagem no carro e atravessaram um portão antigo até chegar a uma estrada de paralelepípedos. Phoebe ouvia sons de crianças brincando, mas não as via. Ela e Wolf andavam como pessoas em transe, nem mesmo perto um do outro. Adegas alinhavam-se na estrada, com garrafas coloridas inclinadas nas janelas. Uma velha senhora vendia ramalhetes de flores vermelhas envoltas em papel branco. A não ser pelas barulhentas crianças ausentes, a cidade estava em silêncio.

Eles chegaram a uma praça retangular em declive, pavimentada com um padrão de tijolos amarelos estreitos. Ali estavam as crianças, oito ou nove garotinhos atacando uma bola de futebol com uma agressão tão crua que os pulos e saltos do brinquedo pareciam tentativas desesperadas de escapar dos meninos. Casas cercavam a praça, intercaladas com algumas torres antigas e três restaurantes, cujas mesas e cadeiras vazias pareciam se afastar das portas. Era uma hora tranquila, entre as refeições.

Wolf guiou Phoebe até um restaurante e negociou com o homem atrás do balcão, entregando os passaportes dos dois em troca de uma chave em uma tira de couro com um toco de madeira. O barman explicou o caminho, inclinando a mão para indicar uma curva. Quando os olhos dele encontraram os de Phoebe, ela desviou o olhar, envergonhada.

Apenas quando eles cruzaram de volta a praça Phoebe notou as aves, centenas de pequenos pássaros pretos movimentando-se em círculos, com as asas curvadas para trás parecendo pontas de flechas. Essas aves voavam e mergulhavam loucamente, emitindo um chiado estridente não muito distinto do de camundongos, apenas mais inquieto, mais melancólico. *Como algo da Bíblia*, pensou Phoebe, *um presságio de terremotos ou labaredas de fogo, que foram secas até as últimas gerações*.

Eles viraram em uma rua lateral. Embora os meninos não estivessem mais à vista, Phoebe se agarrou aos sons da brincadeira deles, a batida metálica da bola nos tijolos. Flores tombavam de caixas suspensas. Wolf parou diante de

uma porta de madeira marcada com o número quatro e brincou com a chave. Ele parecia perdido naquelas coisas práticas, como se tivesse expulsado da mente todos os pensamentos sobre aonde estavam indo. Phoebe sentiu uma espécie de vertigem. Wolf ficou segurando a porta aberta e, com relutância, ela entrou. A casa escura cheirava a poeira e algo doce, queimado, como flores velhas. Wolf encontrou um interruptor de luz, e um hall de entrada arcaico, de aparência medieval, saltou à vista, com luminárias de ferro fundido e cadeiras do tamanho de tronos. Pesadas cortinas extinguiam qualquer sugestão de luz solar. Em uma das extremidades do corredor havia uma sala cheia de móveis cobertos e amontoados em pilhas oscilantes. Phoebe olhou assustada para Wolf. Ele estava parecendo um homem experiente que a havia atraído até ali com algum truque, como Karl, em Amsterdã. No entanto, a situação fora causada por ela mesma, ninguém além dela. Phoebe poderia facilmente ter acabado com aquilo.

— Isto é um hotel? — perguntou ela, ansiosa por vozes.

— Mais ou menos. — Wolf soava estranho, tenso. — Muitas vezes não há hotéis propriamente ditos nessas cidadezinhas. Devemos apenas ir até os atendentes dos bares e eles têm acesso a quartos.

Carpetes vermelhos e espessos cobriam a escadaria. Phoebe engoliu em seco e olhou para Wolf, assustada e aliviada por encontrar o próprio pânico cruelmente espelhado no rosto dele. Wolf podia ser um homem experiente, mas não havia contado com aquilo. Ele estava fora de seu domínio. Hesitante, aproximou-se de Phoebe, colocando uma mão em cada lado do quadril dela. Eles se beijaram ao pé da escada, beijos profundos que fizeram Phoebe estremecer, esvaziando sua mente de todos os pensamentos. A boca de Wolf tinha um sabor fresco, quase doce, como a de uma criança. Ele a puxou para perto e enterrou o rosto no pescoço dela, até que Phoebe inclinou a cabeça para trás e gemeu. As mãos de Wolf tremiam; ela sentiu a pulsação da ereção dele perto do seu quadril.

— Venha — chamou ele.

De mãos dadas, os dois subiram a escada atapetada de dois em dois degraus. A porta ficava bem no topo. Wolf a abriu rapidamente com a chave. O quarto cheirava a cedro. Havia uma cama grande com uma janela ao lado, com vista para o pátio. As cores emaranhadas do pôr do sol inundavam o

quarto, com brilhos até mesmo indecentes após a escuridão tranquila do andar de baixo. Phoebe ouvia a bola de futebol dos meninos batendo. Ela fechou a porta e a trancou, enquanto Wolf baixava as persianas.

Eles se despiram na penumbra com uma urgência que sugeria um desastre. Phoebe estava com medo de olhar para Wolf. Nus, eles se abraçaram, ofegantes. A pele dele estava quente. De repente, Wolf ergueu Phoebe nos braços e a levou para a cama, onde a colocou com delicadeza, e então deitou-se sobre ela como se estivesse faminto. Não havia qualquer sentido de escolha. Phoebe fechou os olhos. Quando os abriu, Wolf a estava encarando, como se estivesse se forçando a ver o que ele mesmo fazia, como se isso pudesse deter o que acontecia.

Ela não estava esperando pela dor, uma pontada de dor rasgando a boca do estômago. Phoebe estremeceu e gritou, e Wolf descobriu naquele momento, embora ela não conseguisse perceber se isso o tinha surpreendido. Ele gritou também, instantes depois, com uma expressão congelada de angústia, e em seguida caiu em cima de Phoebe, como se estivesse quase inconsciente. Durante muito tempo depois, a dor era tudo em que ela conseguia pensar.

* * *

Quando escureceu, Phoebe ouviu as mesas na praça abaixo deles sendo postas para o jantar. Sons distintos entravam pela janela: pratos, talheres, cadeiras raspando em tijolos. Torrentes de italiano, todas as conversas pareciam uma troca de ultimatos apaixonados. Os sons ecoavam de leve, ricocheteando pelos quilômetros de vazio em torno.

Os lençóis pareciam rígidos na pele de Phoebe, como se tivessem secado ao sol. Ela estava deitada de lado, virada para a janela, e apenas seus pés tocavam os de Wolf. Pensou que ele poderia estar dormindo. Uma imagem de si mesma quando mais nova montando nos ombros dele invadiu sua mente e a lembrança a encheu de horror.

— Ei — chamou ele baixinho. — Tudo bem?

Phoebe se virou para olhá-lo. Wolf estava deitado de costas, virado para o teto. O lençol tinha sido puxado até seu pescoço.

— Não sei — respondeu ela. — Eu me sinto estranha.

— Faz sentido.

Houve um longo silêncio. Phoebe começou a ficar assustada.

— Então, em que você está pensando? — perguntou, querendo fazer Wolf falar.

Ele exalou a sombra de uma risada.

— Estou pensando que fiquei maluco.

— Isso é ruim? — sussurrou ela.

Wolf virou de lado, ficando de frente para Phoebe. A ternura em seus olhos era inesperadamente tranquilizante.

— Não tenho certeza se bom ou ruim se aplicam a essa situação — disse ele.

Lá embaixo, as pessoas estavam se sentando para comer. Phoebe ouviu risadas, sentiu o cheiro do cigarro de alguém.

— Parecia inevitável — continuou Wolf, como se pensasse em voz alta. — Não parecia haver como fugir disso. Tentei encontrar um jeito, mas não consegui.

— É verdade — concordou Phoebe. — Também tentei.

— Você não tentou — retrucou Wolf, sorrindo.

— Tentei, sim — insistiu Phoebe, indignada. — Tentei ir embora.

— É verdade — refletiu Wolf, voltando a ficar sério. Depois de um instante, ele disse: — Eu estava com tanto medo de que acontecesse algo com você.

Esse comentário pareceu ecoar. Havia, sim, acontecido algo, sem dúvida.

— Olhe — disse Wolf, apoiando-se nos cotovelos. — A gente pode se levantar e sair agora mesmo, todas as nossas coisas estão no carro. Isso vai ser uma daquelas experiências pelas quais tínhamos que passar, porque não conseguimos evitar.

Phoebe assentiu com atenção, como se recebesse instruções.

— Tudo bem. Isso parece bom.

Eles ainda estavam deitados, observando um ao outro. Levantar e ir embora? Os olhos de Wolf se moviam ansiosos pelo rosto de Phoebe e, de repente, ela sentiu aquilo novamente: uma agitação através da dor, através dela, ao seu redor, até que a dor parecia apenas aguçar seu desejo. Ela se aproximou de Wolf e ele a beijou, hesitante no início, depois mais

profundamente, segurando a cabeça dela entre as mãos. Ele estava excitado outra vez — talvez estivesse durante todo o tempo que ficaram conversando. O pensamento de que Wolf a queria de novo, mas tentava se conter, deixando Phoebe decidir, a encheu de poder. Curiosa e com medo, ela estendeu a mão e tocou nele. Não sabia nada sobre corpos masculinos. O efeito de seu toque foi incrível: Wolf pareceu parar de respirar. Ele se deitou de costas, os olhos fechados em um estremecimento. Com relutância, sua mão envolveu a de Phoebe, guiando-a em uma espécie de agonia, como se ele estivesse preso em um sonho louco do qual não conseguia escapar. Sons saíam de dentro dele, como se Phoebe estivesse tocando sua alma. Logo ele começou a tranquilizar a mão dela, mantendo-a ali, sem deixá-la se mover; por minutos inteiros eles oscilaram em um silêncio espesso, a mão de Wolf na de Phoebe, o coração dele batendo tão alto que ela conseguia ouvir. Phoebe o sentiu oscilando à beira de um prazer insuportável, com medo de se render ao desejo. Ela moveu a mão. Mais uma vez, Wolf a deteve. Mas, depois de um tempo, ela recomeçou, com delicadeza, resistindo à pressão dele.

— Pare — sussurrou ele, com os olhos ainda fechados, então de novo, com a voz rouca: — Pare!

Dezenove

Phoebe tentou, em vão, manter o controle dos dias. Seu tempo passou a ser medido em percursos entre o desejo e a satisfação, e o ritmo podia variar da velocidade impiedosa à calma agonizante. A serenidade resultante sempre durava pouco. Em algum momento, o percurso seria repetido, muitas vezes, com tanta frequência em um dia que aquele período em si ficava sem sentido. Depois de quatro, Phoebe perdeu a conta.

Tempo comprimido. Ela se sentia envelhecendo telescopicamente, mais velha agora do que na semana anterior, ou na véspera, mesmo naquela manhã, antes de o sol descrever seu arco preguiçoso de um lado a outro da cama.

Ela e Wolf saíam apenas raramente do quarto. Quando a fome os levava para fora, eles comiam com avidez em um dos três restaurantes da cidade, encarando-se de lados opostos da mesa de toalha branca, os pés enterrados no colo um do outro. Eles comiam cogumelos tão grandes quanto bifes, nhoques fundidos em molho pesto; devoravam carneiros, vitelas e ossobuco com garrafas de Chianti. Phoebe passou a apreciar o pão toscano, áspero e sem sal, que ficava perfeito com o queijo seco e picante com o qual era servido quase sempre. Quando estavam satisfeitos, eles iam caminhando direto para o quarto e se despiam.

Muitas vezes, era complicado demais comer. Phoebe perdepeso, os quadris e as costelas se projetavam por baixo de sua pele. Cada parte dela doía, pernas, costas, abdômen e músculos. No entanto, longe de sufocar o desejo por Wolf, aquela pontinha de dor parecia aumentar sua enorme excitação. Em nenhum momento de sua vida Phoebe tinha se sentido dona do próprio corpo de maneira tão completa, mas, ao mesmo tempo, seu desapego era maior do que nunca. Ela se sentia como uma espectadora, observando com espanto

perplexo seu eu físico, como se fosse uma criatura violenta e ferida, da qual ela estava cuidando durante uma crise.

Frases que Phoebe tinha ouvido ou lido flutuavam em sua mente: “Eu me derreti ao toque dele”, “não conseguíamos manter nossas mãos longe um do outro”, “consumida pela paixão”, clichês que ainda provocavam seu desprezo, mas não seu ceticismo. Das profundezas do sono, ela estendia a mão para tocar Wolf; de manhã, eles acordavam com as carícias um do outro e depois caíam no sono de novo, sem falar nada. O apetite dos dois aumentava com os dias, ao ponto de algumas vezes parecerem ter se passado apenas alguns minutos desde que haviam amassado sem dó os lençóis da cama com dossel, que era a casa deles. Até que Phoebe se via voltando novamente para Wolf, meio envergonhada, e ele a puxava para si com a mesma prontidão.

No começo, ela ficava tímida. Phoebe não sabia nada, absolutamente nada sobre sexo, sempre imaginara que eram necessárias certas habilidades, como com o golfe ou tênis. Mas Wolf parecia excitado pela própria inexperiência de Phoebe, sabendo que ela estava sentindo aquelas coisas pela primeira vez — com ele. A parte mais difícil foi permitir-se não pensar, não sentir vergonha, e nisso a compressão repentina do tempo ajudava. Logo Phoebe já não se importava em se deitar nua na frente de Wolf, não se encolhia mais quando fazia um barulho constrangedor ou gritava. Em instantes, ela sentia uma espécie de loucura dominá-la, apagando todos os vestígios de contenção. Ela queria mais, qualquer coisa; queria morrer. Mais tarde, esses surtos a deixavam chocada. *Aquela não era eu*, pensava ela.

A vida erótica dos dois era tão intensa que todo o resto parecia circunscrito dentro dela. Pensamento, conversa: começavam no campo físico e conduziam inevitavelmente de volta a ele. Phoebe deduziu que o noivado de Wolf com Carla havia acabado, mas ele nunca disse isso e ela nunca perguntou. A urgência física deles abafava todo o resto — até mesmo Faith parecia fraca perto daquilo. Phoebe não pensava mais na irmã por horas a fio, às vezes ficava sem pensar nela até por um dia todo. À noite, ela permanecia deitada, acordada, ouvindo o silêncio ecoante da paisagem vazia do campo, pensando em como nada além daquele quarto sequer parecia metade real se comparado ao que havia dentro dele.

Os momentos mais puros entre Phoebe e Wolf eram os de descanso e recuperação. Deitados completamente imóveis, eles olhavam um para o outro em uma densa exaustão, e nada parecia separá-los: eles podiam flutuar livremente dentro um do outro, como um peixe flutuando por janelas de castelos subaquáticos. Mas o desejo voltava a despertar a distância entre eles, provocante, incômodo, incitando-os a recomeçar a excruciante jornada para a comunhão.

* * *

Eles deixavam a janela aberta, enchendo o quarto de luz do sol, ar fresco, sons do pátio lá embaixo. Ainda assim, havia momentos em que precisavam sair, "ficar um tempo na vertical", como dizia Wolf. Havia uma torre em ruínas às margens da cidade, e do alto de seu musgo acolchoado eles observaram a vastidão da paisagem turbulenta. Ao ver Wolf vestido, do lado de fora, no mundo, Phoebe muitas vezes ficava chocada pelo fato de o corpo dele ter tão poucas marcas mesmo após tudo o que acontecera entre os dois. Os corpos de ambos às vezes pareciam prestes a desmoronar membro a membro; no entanto, ali estavam eles, intactos. Um pouco cansados, os lábios levemente machucados, mas não marcados em qualquer sentido permanente. Se eles seguissem caminhos diferentes, não haveria provas. Isso incomodava Phoebe.

Durante os interlúdios no mundo exterior, eles tomavam o cuidado de não se tocar; naquele estado atual, bastava o menor contato para excitá-los. Um beijo certamente causaria um estrago. Aconteceu mais de uma vez: apenas alguns minutos depois de deixarem sua toca, eles perderam o ânimo e voltaram, refazendo os passos depressa. Esses falsos começos sempre deixavam Phoebe mal-humorada, exilada do mundo animado e despreocupado que entrava flutuando pelas janelas.

— Isso é muito anormal? — perguntou ela no terceiro dia, deitada entre as roupas de cama que eles tinham arrumado fazia menos de quinze minutos.

Lá fora havia começado a chover. Eles ainda estavam quase totalmente vestidos. O estômago de Phoebe roncava.

— É um extremo — disse Wolf, parecendo sonolento.

Pelos macios cobriam as pernas dele; Phoebe adorava como seus ossos, que pareciam madeira, eram envolvidos por aquela suavidade. Quando ela tocou no joelho dele, Wolf se encolheu.

— Vamos comer — sugeriu Phoebe, sentando-se.

— Não dá para viver desse jeito, pode ter certeza — continuou Wolf, virando-se de lado para encará-la.

— Acho que se teriam muitos filhos.

Ele riu.

— O que colocaria um fim a tudo isso — disse ele.

Eles tinham feito amor duas vezes no primeiro dia antes de Wolf se lembrar de perguntar sobre métodos anticoncepcionais.

— E se eu tivesse dito "não"? — brincou Phoebe mais tarde, e ele ficou envergonhado, chocado com aquele lapso.

— Eu teria apenas lidado com isso, acho — ponderou Wolf.

Phoebe se deitou. O restaurante parecia a muitos passos de distância; uma eternidade se passaria até que a comida estivesse de fato diante deles. A chuva respingava nos tijolos lá embaixo, exalando um cheiro molhado e fresco através da janela aberta.

— Não é anormal — concluiu Wolf. — Só que nunca acontece.

Ele tocou a barriga vazia dela. Phoebe chegou mais perto. Ela achava que conseguiria esperar até o dia seguinte para comer. Todas as manhãs, Wolf descia até um dos restaurantes e voltava com cappuccinos e brioches ainda quentes, e eles comiam na cama. Phoebe considerou que estavam confortáveis ali, então ela iria esperar. O cheiro da chuva era por si só uma refeição.

* * *

Na manhã seguinte, o quarto dia, eles acordaram determinados a visitar a torre, e chegaram lá bem antes do meio-dia. Normalmente havia turistas ali, mas naquele dia nublado, ainda molhado da chuva, não tinha ninguém. Phoebe e Wolf estavam sentados lado a lado em uma proeminência macia de musgo úmido, e olharam para baixo. Sem sol, as colinas pareciam marrons, quase tostadas. Phoebe ficou satisfeita com a abundância de ciprestes, os

quais Vincent van Gogh tinha pintado tão bem. Ela se viu descrevendo a Wolf a primeira sensação sexual da qual conseguia se lembrar; aquilo fazia parte da sinceridade total entre eles em que qualquer assunto, exceto Carla ou Faith, parecia perfeitamente natural. Ela contou que tinha oito ou nove anos e estava escalando um poste em um parquinho durante a festa do pijama de alguém, à tarde. A sensação parecia desconexa de seus braços. Phoebe ficara pendurada no poste por vários minutos em uma espécie de êxtase. Ela tinha insistido para as outras meninas tentarem e todas se revezaram, gostando tanto que exigiram que a desnorteada mãe da aniversariante as levasse ao parquinho logo cedo na manhã seguinte, antes que os pais fossem buscá-las. Mas aquele dia amanhecera nublado, o poste estava frio ao toque, e nada aconteceu daquela vez. O feitiço tinha se dissipado.

Wolf ouviu com grande curiosidade.

— Foi como gozar, a sensação?

— Não lembro. Durava o tempo que a pessoa conseguisse ficar pendurada lá.

— Você tinha braços fortes.

— Eles se cansavam — disse Phoebe, rindo. — Mas acho que ficaram mais fortes quando comecei a subir com mais frequência.

— Quando foi a última vez?

— Ah, faz muito tempo. Teria sido estranho depois de certa idade — explicou ela. — Quer dizer, aos dezesseis anos os pés já tocam o chão.

— Aos dezesseis você começa a fazer a coisa de verdade. O verdadeiro poste — disse Wolf, dando risada.

Phoebe balançou as pernas. Wolf pegou a mão dela, levando-a aos lábios.

— Estamos indo muito bem — disse ele.

Como o lugar estava deserto, se permitiram um beijo. Eles ficavam tímidos se beijando em público, como se alguém que assistisse pudesse descobrir tudo.

— Vamos voltar — sugeriu Wolf.

Os dois se levantaram. Diante deles, as colinas marrons se elevavam e declinavam.

— Por que não aqui? — perguntou Phoebe.

Wolf riu, pensando que ela não estava falando sério. Mas Phoebe gostou da ideia. Ela usava uma saia comprida, o que devia facilitar.

— Esqueça. Alguém pode aparecer a qualquer momento — disse Wolf.

— Talvez tenha algum lugar escondido.

— Seríamos presos. Eles são todos católicos.

— Também sou católica.

— Nossa, isso é um alívio. — Wolf riu.

Phoebe o ignorou. Um lance de degraus estreitos, meio decadentes, levava ao outro lado do muro. Na parte de baixo, além de uma faixa de grama rasteira, a colina descia de repente. Depois da curva do muro, Phoebe encontrou o que estava procurando: um recanto escondido, a menos que alguém estivesse no alto do muro ou observando com binóculos das colinas abaixo.

Wolf a seguiu.

— Já estaríamos de volta ao quarto a essa altura — disse ele.

Phoebe pegou a mão dele e o levou para o canto. Presos à hera no chão havia garrafas de vinho e um par de meias azuis. Enquanto se beijavam, Phoebe sentiu a responsabilidade escapar de Wolf como uma substância palpável e aquilo a empolgou, ter aquele poder. Wolf apoiou-se à parede enquanto Phoebe abria o zíper da calça jeans dele — ele havia brincado sobre sua ereção permanente —, e ofegou com o toque da mão fria dela. O ato em si foi mais complicado do que Phoebe tinha imaginado: por ser mais alto, Wolf teve que dobrar os joelhos, mas isso não pareceu incomodá-lo depois que eles começaram. A saia de Phoebe praticamente os tapava, apenas a parte da frente estava levantada. Wolf jogou a cabeça para trás, apoiando-a à parede. No final, ele ficou desse jeito, de olhos fechados, expondo o pescoço enquanto sua respiração se acalmava. Depois de um tempo, ele colocou os braços fracos em torno dos ombros de Phoebe e inclinou-se ali.

— Estou acabado — disse ele.

E estava. Acabado. Perdido... nela. Na cama, ele juntava o cabelo comprido de Phoebe nas mãos e se aproximava do rosto dela, observando o movimento de seus olhos.

“A gente faz o que faz” era o mais perto que Wolf chegava de explicar tudo o que ele arriscara para estar com Phoebe naquele momento. Mas era menos

uma explicação do que uma afirmação da inutilidade, uma forma de se permitir tentar explicar. Às vezes, um fatalismo irônico o dominava, um mau humor profundo cuja base parecia ser a crença de que tudo estava perdido. Aquele estado de espírito no início deixava Phoebe aterrorizada, mas o único efeito era levar Wolf de volta a ela com menos moderação ainda, como se, ao render-se a Phoebe de novo, ele estivesse provando que aquilo — ela — valia a perda de todo o resto.

Dormindo, ele ficava agitado ao lado dela, muitas vezes gritava de terror, mas Phoebe precisava apenas abraçar Wolf para livrá-lo daquelas agonias e levá-lo a outras melhores. Depois, ainda agarrado a ela, ele caía em um sono mais profundo, embebido, segurando o dedo de Phoebe com a mão como se fosse uma criança pequena, e ela ficava acordada durante o maior tempo possível, protegendo o sono de Wolf, com a certeza de que só ela tinha o poder de salvá-lo.

* * *

Em algum momento, Phoebe supunha que eles teriam que voltar ao mundo, mas, quando tentava imaginar aquilo, ela e Wolf compartilhando uma vida como adultos normais, nenhuma imagem vinha à mente. Mas só porque era algo novo, ponderava ela; embora parecesse que anos tinham se passado, na verdade foram apenas alguns dias. Eles precisavam de tempo para amadurecer aquilo, seriam guiados pelas fases posteriores de forma tão natural quanto tinham sido levados àquela primeira. Além disso, o próprio futuro sempre parecia irreal para Phoebe quando ela tentava imaginá-lo.

* * *

Após vários dias, eles decidiram fazer uma viagem curta: passar um dia no mundo para lembrar como era.

— Reassimilação — disse Wolf. — Reabilitação.

Ele sugeriu Lucca, um lugar que não conhecia, mas que ouviu dizer ser adorável.

Voltar para o carro parecia estranho. Wolf comentou que uma semana e um dia haviam se passado desde que chegaram ali, mas Phoebe não teria sido capaz de adivinhar. A luz da manhã ofuscou os olhos dela. Oliveiras balançavam, prateadas. Phoebe se sentia como um inválido emergindo da longa convalescença. A resiliência do mundo a impressionou, a capacidade de prosseguir, sem obstáculos, apesar de ela mesma não estar prestando atenção.

Manobrar o carro nas curvas da estrada parecia alegrar Wolf. Phoebe se perguntou se ele sentira falta daquilo. A última vez que ela viajara com ele havia sido antes, quando parecia que, olhando para trás, eles mal se conheciam. Phoebe sentia que deveria passar a agir de forma diferente, de alguma maneira que refletisse as mudanças entre eles, mas não sabia bem como. Não se pode ficar de mãos dadas com alguém que está dirigindo um carro manual.

— Você não acha que foi o destino? — perguntou ela. — O jeito como encontrei você?

— Foi sorte — concordou Wolf.

— Sorte, não. Tipo, foi predestinado.

Ela explicou como tinha ido à Europa sabendo que havia algo que precisava encontrar, como tinha ficado inquieta, agarrando as possibilidades até que, enfim, nas profundezas do desespero, esbarrara em Wolf.

— Entendo seu ponto — disse ele. — Mas as coisas não parecem sempre inevitáveis quando olhamos para trás?

— É assim que percebemos que o destino existe. — Ele não disse nada. Phoebe sentiu que Wolf a estava deixando pensar o que quisesse. — Você não acredita nisso — comentou ela, decepcionada.

— Não tenho certeza — disse ele. — Eu acreditava. Era disso que eu gostava quando ficava chapado, de sentir todas aquelas conexões: um sino toca, a luz diminui de alguma forma, uma música toca no rádio e você olha ao redor e pensa: “saquei”. — Phoebe assentiu, compreendendo. — Talvez isso tenha apenas perdido a graça — ponderou Wolf. — Tudo meio que convergindo para um padrão, os budistas, os egípcios, os apaches, e os cristãos também, caramba, por que não? É tudo um lance irado, bicho. É tudo, tipo, espiritualidade...

— Pare com isso.

Wolf se assustou.

— Estou tirando sarro de mim mesmo, Phoebe. Não de você.

— As coisas eram muito mais espirituais naquela época. Ponto final.

Wolf olhou para ela.

— Você quer dizer de maneira objetiva? Tipo, Deus estava mais presente? — Ele parecia incrédulo.

— Desde quando você é o especialista?

— Que especialista o quê, porra. É isso que é nostalgia: vemos vários significados que nunca sonhamos que estivessem lá na época.

— Mas você via, sim, os significados na época — retrucou Phoebe. — O sino e tudo aquilo. Você acabou de dizer.

— A gente *achava* que via significados.

— Bem, se você via significados na época e também vê agora quando olha para trás, como pode dizer que eles não estavam realmente lá?

— Hum — disse Wolf, sorrindo de repente. Houve uma longa pausa. — O estranho daquela época — continuou ele, hesitante — é que, de certa forma, a gente sentia nostalgia em relação àquele próprio período, enquanto ele acontecia. Acho que tinha a ver com o fato de que estávamos assistindo a nós mesmos o tempo todo, drogados, com aquela sensação de ter saído do corpo, mas também nos víamos na TV, nos jornais. A gente era notícia. Qualquer coisa que fazíamos parecia tão grande, tão incrivelmente poderosa, quase como se estivesse acontecendo em retrospecto. Nunca senti nada parecido, nem antes nem depois. Não era vida real. E acho que era isso que tornava tudo incrível.

— Eu me pergunto o que vamos dizer sobre isso um dia — refletiu Phoebe. — Você sabe, este momento.

— Este momento está bom neste momento — disse Wolf.

O momento parecia estranho, frágil.

— Talvez você diga que foi o destino. Eu ter encontrado você.

— É possível.

* * *

A distância, Lucca brotou no alto como uma fortaleza gigante, cercada por formidáveis muralhas grossas. Phoebe e Wolf deixaram o Volkswagen do lado de fora dos muros e caminharam de mãos dadas para a cidade.

Lá dentro, ricos gramados verdes passavam rente ao longo das muralhas, como um fosso de esmeraldas prestes a transbordar. Dava para ver bem as colinas secas ao redor. *Estou com meu amante*, pensou Phoebe, sentindo uma vontade de ser vista, como se a presença de testemunhas selasse algum vínculo definitivo entre ela e Wolf.

Mansões se enfileiravam nas ruas estreitas. Wolf contou que durante séculos florentinos ricos construíram suas segundas casas em Lucca. Casas antigas de veraneio polvilhavam o campo, algumas tinham sido convertidas em museus. Phoebe notou relógios Rolex nas vitrines.

Eles pararam em uma linda igreja chamada San Michele in Foro, que tinha animaizinhos esculpidos na fachada. Dentro da igreja, Wolf se afastou de Phoebe, explorando os corredores abobadados. Ela o observava, fazendo comparações favoráveis entre Wolf e os outros turistas homens. Gostava especialmente do jeito como ele andava, atlético e ainda assim tão elegante, o oposto do trote símio dos atletas do ensino médio. Nu ou vestido, Wolf andava daquele jeito. *Meu amante*, pensou Phoebe, mas aquela palavra não parecia correta. Ela a ouvira muitas vezes na escola, sendo usada por meninas que queriam anunciar que estavam dormindo com seus namorados. Qual era o nome, o que ela e Wolf tinham? Phoebe o observou arqueando as costas ao olhar para cima, para um relevo da Madonna e seu filho, e por um instante Wolf pareceu um estranho, um homem sobre o qual ela não tinha nenhum direito. Phoebe esperou ansiosa na porta até ele terminar.

De volta à rua, Wolf estava quieto. Phoebe sentiu os pensamentos dele se afastando dela, mas não sabia bem como recuperá-los. Na privacidade do quarto, ela teria rolado para perto dele ou saído da cama para tomar banho, ido buscar um copo d’água, e, no momento em que ela voltasse, ele estaria lá, à espera. Mas, sem aquele recurso físico, Phoebe se sentia impotente. Enquanto andavam pelas ruas, ela se engajou em um diálogo mental frenético: flutuações não eram normais em um relacionamento? A ideia toda de ir até ali não tinha sido aliviar a intensidade deles um pouco, existir no mundo como duas pessoas normais? Mas o mundo se mostrava muito cheio

de distrações, acelerando como estática, invadindo o espaço entre eles. Phoebe não sabia mais o que dizer, como agir perto de Wolf. Vários assuntos pareciam fora dos limites. Pararam para almoçar. O restaurante lembrava um claustro; uma fonte borbulhava no pátio. Um garçom retirou cheio de cerimônia a espinha do peixe grelhado que eles pediram. Os outros clientes eram velhotes cheios de joias. Phoebe e Wolf trocaram sorrisos à custa deles. Ainda assim, um silêncio pairava sobre os dois. Sobre o que costumavam conversar? Ou será que aqueles silêncios sempre existiram, e Phoebe estivera simplesmente feliz demais para perceber? Ter consciência de tudo o que Wolf havia deixado para trás por causa dela parecia despertar Phoebe; ela sentiu um ônus repentino e paralisante de fazer cada momento de sua companhia valer a pena. Wolf cruzou os braços. Ela viu a tensão em seu rosto, e ele se inclinou para trás na cadeira com uma languidez que Phoebe sabia ser forçada.

— Em que você está pensando? — perguntou, incapaz de suportar o silêncio. Ela tinha falado alto demais. Wolf se encolheu, mas Phoebe se adiantou antes que ele pudesse responder: — Você está pensando em Carla, não está? Se estiver, é só dizer! — Wolf começou a falar, mas parou. Phoebe viu a dor em seu rosto e entrou em pânico, as palavras ultrapassando seus pensamentos. — Você quer ligar para ela? — gritou. — Talvez devesse fazer isso, vá ligar para ela agora mesmo! Não me importo.

— Eu estaria fazendo isso por mim, não por ela — disse Wolf com calma.

Phoebe percebeu que ele estava ficando irritado.

Um sentimento antigo ressurgiu: Carla parecia totalmente presente na mesa, como se estivesse sentada entre eles, fumando um cigarro. Phoebe sentiu um desejo selvagem de assumir o controle, de preencher aquele espaço.

— Você se sente culpado? — perguntou ela. — É isso?

Wolf passou as mãos trêmulas pelo cabelo.

— Estou confuso — admitiu. — Ok? Só estou confuso. Ajudaria muito se você se acalmasse um pouco. — Mas ele mesmo parecia longe de estar se acalmando. — De qualquer forma, a culpa é irrelevante. A gente faz o que faz, isso é o que conta.

— Você sempre diz isso.

Wolf olhou para ela.

— Não me pressione, Phoebe. Meu Deus.

Ele desviou o olhar. Phoebe o imaginou desejando que ela fosse embora, e passou por sua cabeça que talvez ela devesse armar um barraco como as mulheres faziam nos filmes, gritar algum insulto, virar a mesa no colo de Wolf. Mas, em vez disso, ela pensou em Carla, sozinha no apartamento vazio em Munique, deixada para trás com nada além do lindo diamante em sua mão. O ultraje de Phoebe se dissolveu em pena.

— Bem, eu me sinto culpada — afirmou ela.

— Isso é ridículo.

Quando Wolf olhou para Phoebe, olhou mesmo para ela, algo por trás dos olhos dele pareceu desaparecer quase sem querer. Phoebe percebeu aquilo e relaxou. Enquanto ela visse aquela abertura, não havia nada a temer.

— Por favor, não se sinta culpada — pediu Wolf. — Por favor.

— Ok.

— Esqueça isso, está bem?

— Você vai esquecer?

— Vou — afirmou Wolf. — Estou tentando.

Voltaram a ser eles mesmos. O alívio era formidável. Phoebe finalmente ousou sair da mesa para ir ao banheiro. No caminho de volta, Wolf agarrou sua cintura e pressionou a orelha na barriga de Phoebe, como se ouvisse o mar. Ela sentiu aquele relaxamento dentro de si, como um nó sendo cortado. Enrubesceu.

Do lado de fora, já estava na hora da sesta. Persianas haviam sido fechadas. Phoebe não conseguia pensar em nada além de se deitar com Wolf; a refeição, o vinho e até mesmo o conflito entre eles sumiram. À medida que o desejo se aguçava, ia atiçando Phoebe, distraindo-a de tudo que não fosse o ritmo dos passos de Wolf ao lado. Quanto tempo levaria para estarem de volta ao quarto? *Horas*, pensou Phoebe, *horas e mais horas*, e o reconhecimento disso quase a levou às lágrimas. Ela começou a torturar-se com lembranças dos dois juntos, no dia anterior, naquela manhã, e uma espécie demente de clareza abateu-se sobre ela. Nada importava a não ser aquilo, ter aquilo de volta. Que se danassem Carla e todo o resto.

Eles pararam em um beco sem saída. Wolf fechou os olhos, beijando Phoebe como se quisesse sugar algo de dentro dela, mais profundo do que a

boca ou a garganta — de seus pulmões, coração, estômago. Por cima da cabeça dele, Phoebe vislumbrava casas altas com as janelas verdes fechadas. Ela e Wolf estavam tremendo, até os lábios dos dois tiritavam. Ela queria estar usando uma saia como naquele outro dia. Aquilo era uma tortura, como a necessidade desesperada de fazer xixi e ter que segurar; uma vez ela havia perdido um par de esquis assim: deixara-os jogados na neve, e, quando voltou do banheiro, eles tinham sumido. Mais tarde, ela acabou mentindo, dizendo que alguém quebrara o cadeado enquanto ela estava almoçando. Seu próprio desespero a havia envergonhado. Mas, no momento, ela forçava os quadris nos de Wolf. Quando Phoebe beijou o pescoço dele, Wolf saltou como se tivesse levado um choque.

— Vamos arranjar um quarto — disse ele.

Eles haviam passado por um hotel antes do almoço. Estavam indo para lá, sem sorrir, como dois ladrões que precisavam chegar à janela antes do alarme disparar.

Wolf cuidou da negociação e eles subiram as escadas de mármore até o quarto. Era um hotel de luxo. Wolf se atrapalhou com a chave, mas a porta finalmente se abriu. Phoebe percebeu um borrão de veludo e dourado enquanto eles iam para a cama, mas as cortinas estavam fechadas. Assim que ficaram nus, ela tomou Wolf em sua boca, algo que não tinha ousado tentar porque a assustava — parecia haver um perigo de asfixia, de engasgo ou de danos na garganta, mas aquele mesmo medo a instigava no momento, ela queria algo mais. Phoebe fechou os olhos, dando chupões lentos e longos. Wolf ficou imóvel debaixo dela. Depois de cada respiro, ele demorava muito para puxar o ar outra vez, até que de repente Wolf estremeceu, gritando de forma tão violenta que Phoebe teve certeza de que o machucara. Ela se afastou, com a boca cheia de um gosto muito forte, não exatamente ruim, mas forte, forte demais, que engoliu rapidamente para se livrar dele. Mas o gosto ficou em sua boca, e, por algum motivo, Phoebe começou a chorar e se esticou ao lado de Wolf, soluçando. Ele ficou deitado feito um cadáver. Quando, enfim, Phoebe olhou para ele, viu lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos, um fluxo constante como se algo vazasse acidentalmente de dentro dele. Seu peito tremia quando ele respirava, mas Wolf mantinha os olhos fechados e não disse nada. Eles passaram algum tempo deitados assim. Havia

uma sensação de desesperança no ar. No entanto, mesmo naquele momento, mesmo em meio àquela desesperança, Phoebe ainda queria mais; ela era duas pessoas: uma desesperançada, outra gananciosa e vulgar, que ficou muito feliz quando Wolf despertou e se moveu para baixo para acariciá-la com a boca — a sensação era cruel, insuportável, ela gozou quase na mesma hora, como se levasse um golpe na cabeça e perdesse a consciência. Depois ela ficou deitada como se estivesse quebrada, as palavras “doença até a morte” vindo de algum lugar e pairando em sua mente; ela estava flutuando para longe de tudo, até mesmo de Wolf. Abençoados eram aqueles momentos de calma, embora nunca durassem muito tempo; logo a pulsação inevitável recomeçou como uma dor de dente, de leve no início, mas foi crescendo de forma constante até que ela e Wolf se abraçaram e ele a penetrou, ambos ofegando na crueza de suas peles.

Depois eles ficaram deitados juntos. A colcha cheirava a casca de laranja. Phoebe se perguntou se havia um pot-pourri em algum lugar.

— Isso é ruim — comentou Wolf, sem forças. Phoebe assentiu. Ela se sentia como se alguém tivesse abusado deles, uma terceira pessoa imprudente e insaciável. — Sinto como se tivesse enlouquecido — continuou ele, com a voz desafinada. — Juro por Deus. — Phoebe olhou para o quarto. Estava cheio de sombras. — Eu te amo — revelou ele. — Eu te amo, Phoebe.

Ele nunca tinha falado aquilo, embora Phoebe tivesse dito muitas vezes a ele. Wolf lançava um olhar ligeiramente louco para ela, mas, ao mesmo tempo, ele parecia prestar atenção em outra coisa, como um barulho no corredor. Phoebe tentou ouvir, mas escutou apenas o vago princípio daquela pulsação no fundo de si mesma, como passos maldosos se aproximando, e aquilo a assustava, seu corpo todo doía e ela não queria mais, mas ela fazia; uma parte de Phoebe estava sempre vazia.

— Eu te amo — repetiu Wolf, entre beijos. — Phoebe, eu te amo.

Eles se moviam juntos com melancolia, quase como um pedido de desculpas, como estranhos consolando um ao outro no meio de uma crise.

Um sono profundo os dominou. Quando acordaram, fazia muito tempo que estava escuro. O dia havia acabado, deixando Phoebe assustada com a impressão de ter perdido alguma coisa importante. Eles discutiram se deveriam dirigir de volta, na escuridão, ou esperar até de manhã. A

perspectiva de uma longa viagem àquela hora era triste, mas ainda mais sombrio era o pensamento de passar a noite ali, sem escovas de dente ou roupas para trocar. Um clima de fracasso pendia no quarto como se fosse um odor. Phoebe estava ansiosa para confinar aquela sensação naquele dia, impedindo-a de se aproximar do dia seguinte.

Eles decidiram que iriam voltar. Voltar para casa, como devia ser.

Azulejos marroquinos forravam o banheiro. Grandes toalhas macias estavam dobradas sobre as prateleiras.

— Quanto custa este lugar? — perguntou Phoebe.

— A maravilha dos cartões de crédito — brincou Wolf. — Não faço ideia.

— Estamos pagando pela noite toda, não estamos? Mesmo se formos embora.

Wolf sorriu, abatido.

— Eu diria que fizemos nosso dinheiro valer.

No chuveiro, eles gentilmente ensaboaram o corpo um do outro, mas, apesar de seus desanimados esforços para resistir, logo estavam apoiados nos azulejos, a água quente batendo em seus corpos. Wolf parecia mais pálido do que Phoebe jamais o vira. Ela se perguntou se perder muito sêmen poderia ser fisicamente perigoso, mas decidiu que não era o momento de perguntar.

Com uma toalha na cintura, Wolf examinou a barba no espelho acima da pia. Ele vinha se barbeando duas vezes por dia para não machucá-la, e repetir essa ação tinha criado uma ferida no seu pescoço. Ao observá-lo, Phoebe foi surpreendida pelo olhar que Wolf trocava consigo mesmo: uma mistura fria de remorso e teimosia, o olhar de um homem que acreditava ter arruinado a própria vida. Porém, quando seu olhar encontrou o de Phoebe, ela viu ternura mais uma vez, aquela abertura indefesa que parecia afastar todo o resto.

— Deixe-me secar você — disse ele, e o fez com muito cuidado, esfregando os ombros e seios de Phoebe como se estivesse limpando o suor de uma criança febril.

Eles acenderam a luz do quarto. O lugar era lindo. O fracasso em aproveitá-lo incomodava Phoebe. Roupas estavam espalhadas por todos os lugares, embora a cama parecesse surpreendentemente arrumada.

— Tudo bem — disse Wolf, checando para ver se não tinham deixado nada para trás. — Tudo certo aqui.

A noite estava fria e clara, sem lua. A única iluminação na estrada vazia vinha dos faróis do carro deles. Para Phoebe, o céu cintilante parecia infeliz, com uma aparência aleatória, como se uma substância preciosa tivesse sido desperdiçada ali.

— Tenho uma ideia — disse Wolf, ao se afastarem de Lucca. — Acho que a gente deveria sair da Itália.

A sugestão pegou Phoebe desprevenida.

— Por quê?

— Porque acho que estamos em uma espécie de limbo aqui, e ele está causando esse efeito estranho em nós.

— E Corniglia?

Wolf se virou para Phoebe. Fazia dias que eles não mencionavam a cidade.

— Você ainda quer ir para Corniglia?

Phoebe hesitou.

— Não.

— Então a questão é: o que estamos fazendo aqui?

Eles serpenteavam pelas colinas escuras. O sentimento entre eles era frágil, perigoso. Wolf e Phoebe tinham atingido o centro de alguma coisa.

— Então, para onde iríamos? — perguntou Phoebe.

— Qualquer lugar, porra. Grécia, Iugoslávia, Moçambique. A gente pode ir para onde quiser...

— Menos para Munique. — Wolf não disse nada. — E o seu trabalho?

— Tenho algumas coisas pendentes. Eu só... Não sei, posso me livrar delas.

Phoebe ouvia com um desânimo crescente. Nem uma palavra daquilo soava plausível. Wolf estava falando como se eles fossem fugitivos, planejando uma vida em fuga. Era ridículo. Ele também deve ter sentido isso.

— Cacete, eu não sei — falou ele. — Não sei o que fazer.

Phoebe se virou para a janela. A terra passava voando. Todos aqueles lugares pareciam um desperdício. O mundo era uma erupção, um lugar arriscado, uma colina aqui, uma estrela ali. Até mesmo aquele carro, com ela e Wolf dentro, se deslocando sob um céu sem sentido. Nada daquilo importava; poderia ser daquele jeito ou de qualquer outra maneira.

Contudo, aos poucos, outra coisa começou a acontecer. Enquanto dirigiam, as estrelas pareceram se mover e realinharam-se diante dos olhos de Phoebe,

e sua irmã, em quem fazia dias que ela mal pensava, de repente estava muito perto outra vez. Faith simplesmente havia voltado. Ela se reuniu ali, em torno de Phoebe, como uma névoa ou uma mudança na temperatura, até que Phoebe sentiu a presença dela em todos os lugares, entre eles no Volkswagen, olhando para baixo através da constelação de estrelas, como se aquele carro, aquelas colinas galopantes — toda a Itália — estivessem revestidos por um peso de papel de cristal, que Faith equilibrava na palma da mão. Ela tinha voltado. Mas é claro que ela sempre estivera ali. Devia ter estado, se escondendo como adorava fazer, dando a Phoebe um gostinho de sua ausência. Faith estivera ao redor e entre eles, empurrando-os um para o outro — era louco o pensamento de deixá-la para trás, que loucura! E que alívio era ter a irmã de volta, sentir o mundo ressurgir em volta em sua velha forma familiar.

— Em que você está pensando? — perguntou Wolf.

— Que a gente deveria ir a Corniglia.

Eles ficaram em silêncio. Phoebe se perguntava se Wolf estava ciente do retorno de sua irmã. Ela achava que sim, que o tempo todo ele percebera que Faith estava lá, e mantivera isso em segredo.

— Acho que você está certa — concordou Wolf, parecendo derrotado.

Eles seguiram em frente em silêncio. Enquanto o carro mergulhava na escuridão, Phoebe se sentia sendo arremessada para a frente no tempo até que, de um futuro imaginário, ela olhava para trás e via aqueles dias com Wolf, aquele exato momento. Meu tempo com Wolf, pensaria, aqueles primeiros dias com Wolf, e imaginou então como a memória a afetaria, com um nó nostálgico na garganta enquanto se lembrava da compulsão e da ternura selvagem entre eles, suas preocupações sobre o destino e se o caso de amor dos dois iria durar. A visão caiu sobre Phoebe com a força de uma revelação: ela estaria em algum lugar e olharia para trás, ela teria uma vida. Até aquele momento, nunca tinha acreditado de fato naquilo.

* * *

Eles chegaram à cidade e estacionaram do lado de fora dos muros. De mãos dadas, andaram até a mesma avenida em declive que haviam atravessado no

primeiro dia. A cidade parecia abandonada por todos, exceto por alguns gatos vira-latas, que esfregavam as costas nas paredes das casas. Enquanto caminhavam, Phoebe sentiu que escorregava de volta para o tempo presente, sendo envolvida por cada passo, apesar de ter sido tingida por certa nostalgia. Ou havia sido sempre assim?

Wolf abriu a porta da frente, então pegou Phoebe nos braços e a carregou pela escada atapetada até o quarto. Um pouco da pressão entre eles havia diminuído, e os dois riam, despindo um ao outro e se jogando na cama recém-arrumada. Phoebe olhou para o rosto de Wolf e teve a impressão de poder ler cada pensamento. Ainda assim, ele soubera que Faith estava ali, soubera aquele tempo todo, e não dissera nada.

VINTE

Eles acabaram descobrindo que não era possível chegar a Corniglia de carro. Aquele trecho da costa era tão montanhoso que todas as estradas desviavam para o interior; poderiam levar horas para ir de uma cidade litorânea a outra. Wolf e Phoebe aprenderam isso em Pisa, onde ele deixou o Volkswagen estacionado em uma ruazinha perto da estação de trem. Phoebe ficou preocupada em deixar o carro porque Wolf tinha falado muito sobre ladrões. Mas ele parecia indiferente ao destino do veículo.

O pavor que Wolf sentia de ir a Corniglia tinha ficado palpável nos dias após a viagem a Lucca. Phoebe acordava no meio da noite e o encontrava com os olhos bem abertos, fixos no teto. “O quê?”, perguntava ela. “O quê?” Mas Wolf balançava a cabeça, parecendo não saber. Ele fazia amor com uma ferocidade que a assustava um pouco, como se, ao forçá-los a ir mais fundo naquele momento, ele conseguisse impulsioná-los para além, para a liberdade.

Phoebe também estava absorta em pensamentos sobre Corniglia, mas era uma distração emocionante, uma promessa. A sensação de que um segredo aguardava para ser revelado crescera dentro dela. Phoebe e Wolf iriam abraçá-lo juntos e, ao fazer isso, selariam um vínculo definitivo entre eles. Mas, apesar de toda essa ansiedade, Phoebe não sentia impulso algum para se mover. Os dias continuavam passando. Foi Wolf quem finalmente disse, no começo de uma manhã: “Vamos logo. Hoje. Acabar de uma vez com isso.”

* * *

Em Pisa, eles embarcaram em um trem para Gênova. A esquiva Corniglia não estava entre as várias paradas no litoral; eles teriam que descer em uma cidade mais ao norte, Vernazza, e passar a noite lá. Àquela altura, o sol estava

quase se pondo: fazer as malas, dirigir e planejar os próximos passos havia ocupado quase o dia todo. O trem estava lotado de florentinos a caminho da costa. Phoebe e Wolf foram obrigados a ficar em pé. Havia grupos de estudantes barulhentos, além de centenas de adolescentes pendurados nas janelas com cigarros pendendo das bocas, conversando em um italiano estridente. Phoebe observava, maravilhada com o ar de superioridade ingênua deles, uma arrogância impensada que ela não conseguia imaginar em si mesma. Ela os invejava. No entanto, misturada com a inveja havia um desejo curioso de proteger aqueles garotos, de amparar aquela inocência.

Por fim, Phoebe e Wolf conseguiram assentos um de frente para o outro, perto de uma janela. O alvoroço do vagão dificultava a conversa. O trem se movia devagar enquanto o sol caía no horizonte. Duas senhoras enrugadas que dividiam a cabine com eles tiravam um doce atrás do outro de suas bolsas de praia, devorando cada um com um prazer furtivo. Antes que o trem chegasse à costa, Phoebe sentiu a presença do mar e um desejo selvagem de vê-lo, de apenas ver a água se espalhando na amplitude. Ela estava acostumada a olhar para o mar todos os dias de sua vida. Só naquele momento se deu conta do quanto sentia falta daquilo.

Phoebe quase gritou quando teve o primeiro vislumbre do Mediterrâneo. O mar parecia tão frágil a ponto de rasgar, uma folha de seda azul muito fina com listras cor-de-rosa que vinham do céu. Não tinha uma praia à vista, mas Phoebe a sentia. Banhistas vespertinos descansavam na areia que esfriava, e ela foi dominada pelas memórias de Mirasol, de quando brincava na praia a apenas duas quadras da casa da vovó e do vovô O’Connor enquanto os dias de verão se derretiam em noites quentes e azuladas. Ao anoitecer, a areia brilhava como a lua; Faith, Barry e ela não conseguiam ir embora. O pai, enfim, ia atrás deles, gritando do calçadão: “Venham, seus danados, está escurecendo.” Então ele descia e se juntava aos filhos; “só por um minuto”, dizia ele, embalado por aquele curioso retardamento do tempo quando, apesar da escuridão, o mundo ainda se sentia embebido pelo calor da luz do dia. O pai se deitava na areia com os braços cruzados sobre o peito e os filhos enterravam os pés e as pernas dele, gritando e tampando as rachaduras que surgiam quando ele tentava se mexer. Muitas vezes chegaram até o pescoço

antes de a mãe sair, chamando na escuridão: “Gene? Crianças? Querido, pensei que você tinha dito que ia trazê-los de volta.”

Phoebe se endireitou no assento. Parecia que ela havia ficado dias sem se lembrar de nada. Mas, no momento, sentia um desejo quase físico de se deixar levar, de se entregar ao passado. A Cidade da Diversão ficava aberta durante o verão inteiro em Mirasol, entretendo os filhos do pessoal da Marinha. Depois do jantar, Barry, Faith e ela iam até lá com o pai, que comprava raspadinhas de cores berrantes para eles, as quais faziam o peito doer quando se bebia muito depressa. Da roda-gigante, Phoebe olhava para o mar negro com reflexos pontilhados das luzes e sentia uma tremenda mundanidade, já bem depois da hora de dormir, banhada pela luz de cores estranhas do parque de diversões. Um homem que trabalhava lá havia muitos anos tinha uma cicatriz profunda na lateral do rosto, grande o suficiente para guardar uma bola de gude. Phoebe ficava encarando o homem, paralisada por aquele buraco e pelo desastre secreto que deve tê-lo causado. Ela pensava nele também na baixa temporada, com o maço de cigarros enrolado na manga da camiseta branca, a boca inclinada em um meio sorriso. Ficava imaginado onde ele morava. E o que fazia além de acionar a alavanca para iniciar a atração.

— Você parece distante — comentou Wolf acima do barulho do trem em movimento.

Ele levantou o pé de Phoebe e o apoiou no seu colo. As mulheres devoradoras de doces fingiram não reparar na cumplicidade dos dois. As mãos de Wolf estavam quentes no tornozelo dela, mas a mente de Phoebe se distanciou dele.

— Wolf — chamou ela. — O que aconteceu com os terroristas que Faith conheceu na Alemanha?

Ele olhou para ela, assustado. Fazia duas semanas que não mencionavam o nome de Faith.

— Estão mortos — respondeu ele. — Os principais, de qualquer maneira.

— E aquela mulher?

— Ulrike Meinhof? Ela se enforcou na prisão há alguns anos. — Wolf falava lentamente, com os olhos apertados. — Os outros, Baader, a namorada dele, Gudrun Ensslin, um outro cara, Raspe, todos eles cometeram suicídio na

prisão. Em outubro passado, eu acho... Foi isso? Sim, em outubro passado. Muitas pessoas dizem que eles foram assassinados.

— Então já acabou, o Exército Vermelho?

— Na verdade, não — disse Wolf. — Está se fortalecendo. Por quê? Está pensando em se juntar a eles?

— Claro — respondeu Phoebe, sorrindo.

— No outono passado, eles sequestraram um cara, Hanns-Martin Schleyer, um grande empresário. Mataram três seguranças e um motorista só para pegar o cara, ficaram com ele por quase dois meses e depois o eliminaram.

— Meu Deus.

— Eles não chamam isso de "terrorismo" à toa.

A ideia de uma ligação entre sua irmã e um derramamento de sangue como aquele deixou Phoebe enojada. Aquilo também teria deixado Faith enojada.

— Eles devem ser monstros, essas pessoas novas — comentou ela.

— Monstros eu não sei. Mas algo parecido.

— Se Faith estivesse lá, ela os teria impedido de fazer isso.

Wolf riu.

— A polícia alemã inteira tentou detê-los.

— Mas Faith... — começou Phoebe. — Quer dizer, Faith! Quando Barry jogava caracóis do telhado, ela colava as conchas de volta e os bichinhos realmente sobreviviam. Não acredita em mim? — perguntou ela, tentando interpretar a expressão de Wolf.

— Acredito — respondeu ele, baixinho. — Ela mesma me contou essa história. — Depois de um momento, Wolf continuou: — Ulrike Meinhof ainda é uma espécie de heroína na Alemanha. Uma mártir. Os jovens, em especial, a adoram, mas os adultos também, os liberais. Eles a veem como uma inocente, esse ideal puro que deu errado.

— Talvez ela fosse.

— Talvez. Embora seja difícil dizer: ela estava na prisão desde 1972, então não houve tempo suficiente para fazer muitos estragos.

— Acho que, se ela tivesse matado quinze pessoas, estariam à procura de outro mártir — disse Phoebe.

Wolf sorriu, o primeiro sorriso verdadeiro que ela o viu dar naquele dia.

— Ironia — disse ele. — Dos lábios de Phoebe O'Connor.

— Viu o que você fez?

* * *

Eles passaram por uma cidade litorânea após outra: Viareggio, Lido di Camaiore, Marina di Pietrasanta, Marina di Massa. Só às vezes Phoebe conseguia ver praias de verdade; mas bastava vislumbrar palmeiras, uma faixa em tom pastel fosco de um hotel antigo. O cheiro de maresia se misturava ao dos pinheiros, inconciliável. Phoebe esticava o pescoço para aproveitar vislumbres do mar, barcos se elevando e baixando na água como botões no colete de alguém adormecido; e uma emoção familiar se apoderou dela, uma sensação de que algo incrível ia acontecer. Apesar da presença de Wolf, ela se sentia sozinha, uma viajante solitária. Isso a incomodava. Ela se levantou e se enroscou de repente no colo de Wolf, esmagando o jornal alemão que ele tinha comprado em Pisa. Ele a abraçou, surpreso e satisfeito, e as senhoras ao lado dos dois desviaram o olhar, envergonhadas.

À medida que o terreno ficava mais montanhoso, eles começaram a atravessar túneis, dentro dos quais o trem fazia barulhos altos de imersão, como se estivesse perfurando as rochas. Um vento úmido encheu a cabine. Phoebe sofria naqueles interlúdios, ansiosa para o mar reaparecer. Seu olhar e o de Wolf chacoalhavam juntos à meia-luz, mas, embora os dois estivessem sorrindo, certa tensão pairava entre eles. Até que Wolf saiu da cabine e foi fumar no corredor.

Fizeram uma longa parada em La Spezia. Já estava anoitecendo, o ar parecia azul fosforescente. Garotas jovens em vestidinhos de alça desceram do trem e se jogaram nos braços de homens muito mais velhos de sapatos brancos e lenços de seda amarrados nos pescoços bronzeados e flácidos. De início, Phoebe pensou que aqueles podiam ser pais cumprimentando suas filhas, mas depois percebeu que claramente não eram. Enquanto as meninas alisavam os vestidos e seguravam os cotovelos dos homens com seus braços finos, Phoebe observava, fascinada por uma sensação de que o que estava vendo era proibido, mas, de alguma maneira misteriosa, atraente.

Depois de La Spezia seguiu-se um trecho mais selvagem da costa. As hordas de passageiros diminuíram. Wolf voltou à cabine cheirando a tabaco.

— Estamos quase chegando — avisou ele, voltando a se sentar e segurando as mãos de Phoebe nas suas, sentindo que estavam geladas. Ele a encarou no fundo dos olhos, parecendo prestes a dizer algo, mas não falou nada.

— Fico pensando se é bonita. Corniglia — disse Phoebe.

Wolf soltou as mãos dela.

Eles saltaram do vagão em Vernazza, onde o trem mal parou antes de voltar ao flanco da montanha. A cidade era encravada em uma fenda entre duas montanhas, e as casas pálidas de pedra tateavam os precipícios. Phoebe ficou esperando do lado de fora de um bar com as bagagens enquanto Wolf perguntava sobre quartos. Uma festividade estranha permeava Vernazza, uma mistura de riso desenfreado e música desconexa. A luz alaranjada parecia carnavalesca. Wolf surgiu com uma chave na mão, e eles seguiram por um caminho íngreme pavimentado até um rochedo, onde mal dava para duas pessoas andarem lado a lado.

A porta já estava aberta. Lá dentro, um homem corria atrás de uma menininha de cabelos encaracolados pelo hall de entrada. Caía areia das pernas dela sobre os ladrilhos escuros; seus pés faziam barulhos molhados. De outras partes da casa, Phoebe ouvia conversas altas em italiano.

O quartinho deles tinha cheiro de amônia. Phoebe ouviu barulhos de alguém chapinhando na água, gritos da menininha tomando banho. Wolf abriu as persianas para permitir a entrada de um cheiro úmido, oceânico. A janela dava para um entrelaçado de varais vazios pontilhados com pegadores úmidos.

— Que lugar estranho — observou Phoebe.

Wolf deu um sorriso irônico e sentou-se na cama.

— Concordo — disse ele. — Vamos dar o fora.

Phoebe sentou-se ao lado de Wolf e ele a envolveu com os braços, mas, para sua surpresa, ela não sentiu nada, nem a menor vibração de desejo. Era como se outra pessoa estivesse descrevendo a cena e ela apenas ouvisse, com interesse e desprendimento. Wolf logo recuou. Ele se deitou na cama com os braços cruzados no peito. Phoebe se esticou ao lado dele. Ela sentiu um distanciamento curioso do próprio corpo, como se a agonia das últimas semanas houvesse acabado e ela estivesse se livrando da carcaça. Sua mente,

ao contrário, parecia não ter limites, prestes a irromper do pequeno recipiente da cabeça. Phoebe fechou os olhos e a libertou.

— Phoebe? — chamou Wolf. Ela abriu os olhos. — Fique aqui comigo.

— Estou aqui.

— Não está.

Ela se virou para Wolf. No rosto dele, viu algum problema, como uma sombra se movendo por trás dos olhos.

— Phoebe? — chamou ele.

Ela recuperou o foco.

— O quê?

— Fale comigo. Conte o que está acontecendo.

— Eu não sei.

— Em que você está pensando?

— Em ir até lá.

Wolf se sentou.

— Não faça isso — pediu ele. — Está me deixando assustado.

— Fazer o quê?

— Essa voz de zumbi.

— Desculpe.

— Você ainda está fazendo!

— Desculpe — repetiu Phoebe.

— Pare de pedir desculpa!

— Não sei mais o que dizer.

— Tudo bem — retrucou Wolf. — Vamos parar de conversar.

Ele se levantou. Com movimentos enraivecidos, pegou uma muda de roupa e saiu do quarto para ir tomar banho. Depois que ele se foi, Phoebe fechou os olhos mais uma vez, entregando-se àquele fluxo, à atração suave e provocadora de seus pensamentos.

* * *

Mirasol: a última viagem enquanto o pai estava vivo, devia ser fim de verão, antes de ele voltar para o hospital pela última vez. Àquela altura ele já estava fraco, não podia mais passear pelo parque de diversões nem sequer arriscar as

longas sessões de natação no mar, o que gostava de fazer no início das manhãs. A doença impunha ao pai exatamente o tipo de lazer que ele desprezava quando estava saudável: ia dormir tarde, deitava na praia totalmente vestido, mesmo sob um sol forte. Ainda assim, quase nunca mencionava sua doença. “Vou pular essa”, dizia ele para Faith quando a filha ia até a montanha-russa, ou para Phoebe: “Traga um sugo de laranja para o seu velho preguiçoso, pode ser?” Eles encontravam conforto na ilusão rotineira de que o pai estava apenas mal-humorado, e Phoebe se lembrava daquela última viagem com a perfeição de um verniz: os pais andando de mãos dadas na praia e tirando um cochilo juntos no meio do dia, o pai levando Barry ao aquário, ao Museu Naval, passeios que alegraram o irmão a tal ponto de Phoebe ter achado estranhamente triste. Ela, Faith e Barry eram filhos exemplares, voltando da praia todos os dias bem antes do pôr do sol para que ninguém precisasse ir buscá-los, indo para a cama quando mandavam, sem qualquer palavra de protesto. Ainda assim, mesmo dentro daquela harmonia corria um fio nervoso de apreensão. Havia algo calculado e artificial naquilo.

E alguma coisa estranha estava acontecendo com Faith. Ela e Phoebe iam à missa todos os dias, e, enquanto o padre dava o sermão, Faith fechava os olhos e contraía os músculos de cada membro, começando pelos pés e subindo: pernas, tronco, pescoço e finalmente o rosto, que se contorcia em um nó horrível. Faith conseguia manter aquela postura por longos períodos, as pálpebras tremendo, a respiração indo e vindo em arquejos enquanto cada ponto de seu corpo magro de treze anos se destacava em um grande alívio. Para Phoebe, aqueles minutos eram agonizantes; ela ficava apavorada que o padre notasse e interrompesse o sermão, ou que Faith caísse no banco espumando pela boca ou mesmo morrendo: vai saber? Felizmente, a congregação era pequena, e muitas vezes ela e Faith tinham um banco só para as duas. Só quando o padre chegava à Santa Ceia que Faith relaxava de repente. Um sorriso calmo e cansado surgia em seu rosto.

Após a igreja, Faith costumava dormir no carro, no sofá ou na areia. Tinha sonos vorazes muito parecidos com aqueles aos quais o pai estava propenso. Mas os esforços na igreja pareciam drenar algo dela, deixá-la fraca. Certa noite, no brinquedo gira-gira do parque de diversões, Faith escolheu, como

sempre, o assento de fora, mas, quando Phoebe e Barry foram arremessados na direção dela, Faith perdeu o controle de seus membros e sua cabeça bateu duas vezes na barra de metal, fazendo um barulho horrível. Depois do passeio, Barry saiu do carrinho, mas Faith continuou sentada, atordoada, segurando a cabeça.

— Devo contar ao papai? — perguntou Phoebe.

— Não! — respondeu Faith, aprumando-se. — Não.

Quando saíram do brinquedo, ela estava sorrindo de novo, um sorriso maníaco sobreposto no rosto exausto. Como se, ao falhar por um instante em entreter e maravilhar o pai, Faith o estivesse entregando à doença.

— Faith, o que é aquela coisa que você fica fazendo na igreja? — perguntou Phoebe naquela noite, quando elas estavam deitadas na cama e Faith passava a mão no calombo que havia se formado em sua cabeça.

— Rezando com força — respondeu ela.

* * *

Wolf voltou do banho, de cabelo molhado e um pouco mais calmo. Ele e Phoebe passaram a agir de forma muito educada, como se fossem estranhos dividindo uma cabine de trem. Phoebe tomou um banho, lavando-se com força, tomada por uma necessidade de ficar absolutamente limpa. Ela penteou o cabelo liso para trás, encantada com o resultado simples e infantil. Colocou o vestido branco de alça. O quarto parecia minúsculo com os dois ali dentro.

Eles saíram novamente. Wolf segurou a mão de Phoebe, o que ela considerou ser menos um gesto de carinho do que um desejo de ancorá-la. Pedaços enormes de pedra calcária estavam empilhados em um quebra-mar à beira do porto, e Phoebe e Wolf subiram para se sentar em um deles. O porto era minúsculo, parecendo um playground para os barcos de pesca pintados. O mar estava escuro e vasto, listrado com faixas prateadas de luar. Casais jantavam na praça perto dali; os sons de suas risadas e pratos ecoaram por um momento, depois desapareceram.

— Em que direção fica? — perguntou Phoebe.

Wolf fez um gesto para a esquerda, onde havia falésias volumosas uma ou duas tonalidades mais escuras do que o céu.

— Acho que Corniglia fica a alguns quilômetros naquela direção — respondeu ele.

— Dá mesmo para ir andando até lá?

— É o que dizem — confirmou ele. — Acho que há um trem também.

— Vamos caminhar. Gosto da ideia de ir andando.

— Como você quiser.

— Quem dera pudéssemos ir agora — disse Phoebe.

— Não daria para ver muita coisa — retrucou Wolf. — Não que deva ter muito a ser visto.

— Você é tão desagradável — comentou Phoebe. — É deprimente.

Wolf virou-se para ela.

— É engraçado você dizer isso — disse ele —, porque estou achando muito difícil entender a sua euforia.

— Não estou eufórica.

— Está, sim! Você age como se a droga de um milagre estivesse prestes a acontecer. — Wolf parecia exasperado, mas Phoebe via outra coisa no rosto dele, o problema, e percebeu que ele estava com medo. — É como se você achasse que essa coisa toda é alguma espécie de jogo, como se Faith estivesse lá esperando por você. É surreal — continuou ele, encarando as estrelas. — Acho isso completamente surreal.

— Talvez você não devesse ter vindo.

— Está brincando? Quanto mais louca você parece, mais feliz eu fico de ter vindo. — Phoebe não disse nada. Wolf tirou os óculos e esfregou os olhos até parecerem borrados. — É um lugar — falou ele. — Você sobe até lá, depois desce de lá.

— Então do que você tem medo?

Houve uma pausa.

— Eu tenho medo — respondeu Wolf, com calma — é do que vai acontecer quando o fantasma que você tem perseguido durante todo esse tempo desaparecer no ar.

— Não — retrucou Phoebe. — Você está com medo de ir até lá. — Mas ela apenas o assustava ainda mais. Wolf cruzou os braços, olhando para a água. — Por quê? — perguntou com delicadeza, virando-se para ele. — Wolf, como assim?

— Eu não sei.

Phoebe colocou os braços em torno dele, de Wolf, seu único aliado. Ele descansou a cabeça entre o ombro e o pescoço dela.

— Por que você não está com medo, é isso que quero saber — disse ele.

* * *

Os dois decidiram ir jantar, mais pela cerimônia do que por fome de verdade. Em uma mesa com vista para o mar, eles comeram lulas a vapor servidas em tigelas com um espesso molho vermelho. Estavam rodeados por casais, idosos, adolescentes, casais se curvando juntos sobre taças de vinho, entregando um para o outro bebês que esperneavam. Phoebe observou um homem beliscando levemente a bochecha de uma mulher enquanto eles dividiam um cigarro, a mulher rindo, com a pele bronzeada e uma flor branca atrás da orelha. *Nós somos como eles*, pensou ela, pegando a mão de Wolf em cima da mesa, mas o gesto parecia um blefe. Phoebe segurou a mão fria de Wolf e se lembrou de ter espionado pela fresta da porta da cozinha dele quando Carla tateou a mesa em busca de seu braço, Wolf sentindo o cheiro de sua noiva enquanto lia o jornal por cima do ombro dela. Então, com um súbito e estranho desapego, Phoebe se deu conta de que Wolf nunca seria dela do jeito que fora de Carla, que o futuro deslumbrante que ela imaginara com ele estava fora de questão.

À luz de velas, espantada, Phoebe olhou para Wolf, querendo dizer aquilo em voz alta. Mas o olhar dele estava fixo na direção em que iriam caminhar na manhã seguinte. *Talvez ele já soubesse*, pensou Phoebe, *talvez ele soubesse desde o início*. Talvez fosse isso que o assustasse tanto. Não importava. No momento, o que importava era o porquê. Phoebe perguntava-se por que, durante toda a sua vida, as coisas que ela mais queria já pertenciam a outra pessoa.

* * *

De volta ao quarto, Wolf caiu no sono quase imediatamente, ainda de camisa. Mas, assim que Phoebe fechou os olhos, sentiu-se mais uma vez à deriva e tragada pelas memórias.

A última noite da última viagem de seu pai a Mirasol. Pela primeira vez naquelas férias, ela, Barry e Faith tinham ficado na praia até o anoitecer, deitados de costas na areia enquanto assistiam às primeiras estrelas pálidas despertarem.

Quando o pai assomou sobre eles, as crianças se levantaram depressa.

— Deixem para lá — disse ele, rejeitando as desculpas dos filhos. — Eu quis sair um pouco de casa. — Parecia mais cansado do que o habitual, com a cabeça pesada do jeito que costumava ficar quando ele bebia. — Talvez eu dê um mergulho. Que tal um mergulho, Faith?

Eles ficaram em silêncio, espantados.

— Não sei — respondeu Faith. — Acho que não, papai.

Estavam de pé na areia. O pai usava um calção de banho e uma camiseta velha por cima.

— Não posso sair deste lugar sem nadar nem uma vez — disse ele.

— Vamos amanhã — sugeriu Faith. — Antes de irmos embora.

— Não. Amanhã não vou ter energia para isso.

Faith olhou para Barry. O pai jogou a cabeça para trás.

— Está lindo aqui fora — comentou ele. — Caramba, olhe para esse céu. Quero nadar sob esse céu.

E, para alegria de Phoebe, ele parecia ter voltado a ser como antigamente, cheio de vigor e impaciência. Ele tirou a camiseta por cima da cabeça e a jogou na areia. Embora tivesse perdido peso, o pai ainda era robusto, um tipo totalmente diferente dos pais moles e envelhecidos dos amigos de Phoebe. O tufo de pelos pretos no seu peito formava um desenho parecido com um coração. Ele era mais do que um pai: era um homem, com pernas fortes e bigode, uma barriga lisa e rígida que eles antes gostavam de socar com toda a força, porque aquilo nunca parecia machucá-lo. Embora o pai antes tivesse um aspecto imponente, agora ele era resistente e leve, destilado à própria essência.

— Vamos lá. — Ele estendeu a mão para Faith. — Por favor, querida — pediu ele com a voz tensa. — Venha comigo.

Foi um momento estranho, pois, embora todos estivessem juntos, o pai se dirigia apenas a Faith. Phoebe teve uma breve sensação alucinatória de que ela mesma não estava de fato ali, e sim assistindo a um momento particular entre o pai e a irmã.

Uma tosse seca e dolorosa de ouvir fez todo o corpo dele estremecer.

— Vamos lá — pediu ele a Faith. — Faça isso por mim.

Faith começou a chorar. O pai sorriu, com uma sombra de malícia no rosto.

— Qual é o problema? Você está com medo? — perguntou ele com gentileza, adulando-a. Faith enxugou os olhos, sem responder. — Tudo bem — continuou o pai. — Também estou com medo.

Ele segurou a cabeça da filha mais velha e beijou o topo. Phoebe se perguntou se o pai tinha sentido a contusão quente debaixo do cabelo de Faith. Então ele a puxou para mais perto de si, apertando a cabeça dela em seu peito nu como se fosse uma caixa preciosa que alguém estava tentando arrancar de suas mãos. Phoebe sentiu Barry ficar imóvel ao seu lado. Faith começou a chorar, de olhos fechados. O peito do pai se movia depressa, superficialmente, quando ele respirava. Ele, enfim, soltou Faith e começou a andar em direção à água, fraco, como um velho. Havia algo terrível na visão do pai, que estava branco e magro, aproximando-se daquele mar escuro.

— Faith, vá — sussurrou Barry com ferocidade. — Vá!

Ela levou um susto, como se alguém a tivesse acordado com um empurrão. Sem dizer uma palavra, ela se afastou dos irmãos e seguiu o pai, que havia chegado à beira da água e estava ali de pé, como se à espera, sabendo que Faith iria. Eles entraram juntos, pouco a pouco. Pequenas ondas surgiam e o pai precisou se preparar para o fraco impacto delas; Faith segurou a mão dele. Phoebe se esforçava para enxergá-los sob a luz fraca. Sentiu uma pressão interna, como se algo dentro de si corresse o risco de quebrar. Quando a água atingiu o peito do pai, Phoebe disse:

— Vou entrar também, Bear.

Barry não respondeu. Phoebe correu para o mar. A água estava morna, sedosa em seus pés. Faith e o pai flutuavam próximos um do outro; Phoebe via apenas as cabeças dos dois. Ela seguiu mais para o fundo, observando a água escura subir em suas pernas, mas, quando olhou para cima, percebeu que eles tinham começado a nadar para longe. Como estava anoitecendo, não

deviam ter visto Phoebe. Ela quis chamá-los, mas hesitou, escutando a batida fraca das braçadas deles. Ela pensou em pular na água, tentar alcançá-los, porém o mar parecia vasto e negro, e Phoebe se sentia minúscula, impotente contra ele. Ela pensou que se acontecesse alguma coisa o pai e a irmã nunca conseguiriam salvá-la.

Relutante, Phoebe se afastou da água e caminhou de volta até a areia. Seu irmão estava debruçado sobre a toalha. Phoebe sentou-se ao lado dele, e os dois ficaram observando as cabecinhas se moverem devagar no mar. Então ficou escuro demais para vê-los. Barry soltou um som abafado, e só então Phoebe percebeu que ele estava chorando.

— Bear — chamou ela.

Phoebe notou o brilho molhado nas bochechas dele e estava prestes a perguntar o que havia acontecido quando também começou a chorar, dando soluços ofegantes e profundos que ela não compreendia nem conseguia conter. Sozinhos naquela praia, parecia não haver esperança para Barry e ela.

— Vamos voltar — sugeriu o irmão.

Phoebe assentiu, virando-se para a água, pensando em chamar o pai e Faith para avisar que ela e Barry iam embora. Mas já escurecera e seus olhos estavam muito embaçados por causa do choro para que ela conseguisse ver qualquer coisa.

— Phoebe, eles não se importam — disse Barry. — Você não entende? Apenas vamos embora.

Eles se levantaram. Barry deixou a toalha na areia e pegou a mão de Phoebe. Ao andar, ela começou a tremer, como se as lágrimas a estivessem deixando com frio. Subiram até o calçadão, então entraram na rua com casinhas quadradas, cada uma de cor diferente. Quando chegaram à casa dos avós, tinham parado de chorar. O que acontecera na praia parecia estranho, distante. Dentro da casa, a mãe estava arrumando a mesa para o jantar, com o cabelo caindo de um grampo.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

— Tudo certo — respondeu Barry.

De uma janela do segundo andar, Phoebe viu o pai e a irmã retornarem. Não demorou muito. Eles se moviam devagar através da luz esbranquiçada da rua, os cabelos molhados brilhando. Aquela visão era fantasmagórica,

surreal. Pareciam compartilhar um segredo só deles. Phoebe deduziu que aquilo devia ter relação com o nado, que, se pelo menos ela os tivesse seguido, estaria incluída também. Ela estava com seis anos. De repente, Phoebe sentiu raiva de Barry por tê-la arrastado da praia, sentiu raiva de todo mundo por mantê-la ali, contra a vontade dela, naquela casa simples e iluminada. *Eu deveria ter entrado*, pensou ela.

VINTE E UM

Uma placa entalhada apontava o caminho para Corniglia.

Phoebe e Wolf percorreram em fila indiana uma trilha estreita acima do mar. Phoebe foi na frente. O clima entre os dois era de resignação, como se fossem colegas de trabalho. Todas as palavras que eles tinham dito na noite anterior pareciam ridículas naquele momento.

A certa altura, o caminho fazia uma curva, depois dobrava de volta para o continente e rodeava a baía encravada no colo da montanha. Escarpas rochosas alcançavam o mar de ambos os lados. O terreno era escalonado para o cultivo, elevando-se do oceano como se fosse um grande lance de degraus ondulados, todos cobertos de videiras que cresciam em fios prateados. Phoebe andava com cautela, com medo de desviar do caminho e seguir em direção às videiras.

À medida que a névoa da manhã ia se dissipando, o calor se intensificava. Phoebe e Wolf contornaram a baía e seguiram para o mar ao longo do segundo ponto rochoso. O coração de Phoebe começou a bater acelerado em seu peito. Eles fariam uma curva e lá estaria Corniglia. Mas a curva revelou apenas outra baía, maior dessa vez, seguida por mais uma escarpa.

— Droga — disse Phoebe, com a respiração trêmula. Debaixo do brilho de suor, Wolf estava pálido. — Você está bem? — perguntou ela.

— Altitude — explicou Wolf dando um sorriso fraco. Phoebe não entendeu. — Estamos no nível do mar — esclareceu ele.

Os dois começaram o percurso em torno da segunda baía. As videiras exalavam um cheiro enferrujado. Phoebe queria ir mais rápido, mas o caminho era estreito; ela precisava ficar de olho nos passos que dava. Ao se aproximarem do centro do ponto seguinte, o sangue subiu para a cabeça de Phoebe, deixando-a tonta. *Lá vem*, pensou ela, a expectativa quase sufocando

sua respiração. Mas, de novo, ela se frustrou: outra baía, mais um longo caminho em círculo para o interior.

— Meu Deus — disse Wolf.

Ele se apoiou no penhasco, com as mãos nos joelhos dobrados. Phoebe respirava fundo, espantada com a pontada de alívio que sentiu por ainda não ter encontrado nada.

Ela tocou a testa de Wolf. Estava fria, molhada.

— Talvez você esteja doente — disse Phoebe.

Wolf fechou os olhos.

— Isso é bom — falou ele. — A sua mão.

O mar tinha clareado com a luz, intensificando o tom de turquesa. O céu parecia plano como azulejos. Phoebe manteve a mão na cabeça de Wolf, e, por um momento, parecia que eles poderiam ficar lá indefinidamente, o vento os atingindo.

Por fim, eles voltaram a caminhar. O vento ficou mais forte, quente, intercalando com revigorantes rajadas frias. O ar puro e salgado fazia os olhos de Phoebe arderem. Eles rodearam a baía, fazendo a curva no ponto mais distante. E lá estava.

* * *

Corniglia ficava em outra baía, disposta sobre um penhasco como um gato em um corrimão, com as pernas e o rabo pendurados, parecendo pronto para deslizar a qualquer momento. Suas cores eram pálidas e luminosas, rosas opalescentes, brancos, um vislumbre de telhas alaranjadas.

Phoebe olhou fixamente. A luz machucava seus olhos. Ela pensou no sal, em São Francisco com suas cores secas e esbranquiçadas.

— Você acha que é ali? — perguntou a Wolf, de repente com medo de que pudesse não ser.

— Sim, acho que sim — respondeu ele.

Phoebe sorriu; não pôde evitar.

— É exatamente como eu imaginava.

Eles seguiram para o interior, contornando a baía. Wolf foi na frente, movendo-se mecanicamente, os olhos fixos na cidade. O baque do vento nos

tímpanos de Phoebe se misturava ao ritmo dos passos dela e de Wolf: Estou quase lá Estou quase lá Estou quase lá. Eles passaram por algumas galinhas empoeiradas em um viveiro, uma pequena cabra suja presa por uma corrente. Um gato branco, com o pelo leitoso deslizando ao longo de sua coluna delicada, que escolhia um caminho para descer. Um sino soou ao meio-dia enquanto eles davam a volta na baía. Aos poucos, o trajeto ficou mais fácil e uma rua pavimentada conduziu-os a Corniglia.

Casas altas sombreavam as ruas íngremes da cidade, conferindo-lhes a sensação fria de uma adega. Corniglia estava lotada, mas, diferente de Vernazza, aquelas pessoas pareciam moradores, e não visitantes. Mulheres estavam sentadas em frente a lojinhas de produtos agrícolas, com tomates brilhantes e abóboras reunidos em torno delas como se fossem uma saia. Padeiros ajeitavam pães amarelados nas vitrines. Acima deles, Phoebe e Wolf ouviam o barulho de roupas secando ao vento: lençóis, camisas e roupas íntimas tinham sido amarrados entre as janelas de casas opostas, salpicados com a luz do sol. As roupas ondulavam e estalavam ao vento como se fossem mil cartazes de boas-vindas.

Eles escolheram as ruas que os levavam para mais alto, escalando a cidade como se fosse a lateral de uma pirâmide. Por fim, chegaram a uma praça arborizada, em frente a uma igreja. À esquerda havia a montanha; à direita não tinha nada além do céu. O grupo perene de mulheres de preto se amontoava em frente à igreja. Os ecos dos sinos ainda pairavam no ar.

Phoebe parou, perguntando-se para onde iria em seguida. Ela não tinha visto nenhum precipício. A pele de Wolf estava cinzenta. Um curioso vazio dominou o rosto dele, como se sua mente tivesse se desprendido e o abandonado. Atrás de Wolf, Phoebe notou uma igreja menor em um local mais alto do que aquele onde estavam. A igreja parecia curvada, como se tivesse passado anos lutando contra o vento. Phoebe apontou para lá, mas Wolf não reagiu. Ela passou por ele em direção à construção.

A igreja estava abandonada, com as janelas tapadas. Dava de frente para o mar, e seu pequeno pátio era parcialmente delimitado por uma cerca enrolada e incrustada de sal, embalagens de doces emaranhadas no fio. Uma fonte desgastada se projetava para o lado em frente à igreja. Phoebe inclinou-se e

bebeu água, surpresa pelo mecanismo ainda funcionar. A água estava quente. Wolf alcançou Phoebe e pegou a mão dela.

Um muro baixo de concreto separava do mar a igreja e o pátio dos fundos: uma borda, na verdade, que não passava da cintura de Phoebe. Ela espiou por cima do concreto. Logo à frente havia um tufo de ervas secas sufocadas por guimbas de cigarros, depois nada. A terra simplesmente sumia. Lá embaixo estava o oceano, branco fervilhante em torno de pedaços de rochas, como se as pedras estivessem se dissolvendo ali.

Eles fitaram o precipício. Phoebe olhou para a esquerda e para a direita em busca de marcas destacáveis, com medo de ser iludida por algum lugar sem importância. O vento sacudia e bagunçava seu cabelo. Ela não via outro lugar.

— Acho que pode ser aqui — disse ela.

Wolf assentiu. Havia olheiras escuras sob os olhos dele.

Com delicadeza, Phoebe tocou o muro. O gesso estava desbotado, lascado. Assim como as casas em Corniglia, sua superfície esbranquiçada tinha um tom rosado. *Faith deve ter se encostado nesse muro*, pensou Phoebe; os pés dela, o peso de seu corpo, deviam ter descansado ali ou perto de onde a mão de Phoebe estava. Os pés de Faith. Phoebe se virou para a igreja, imaginando as pegadas da irmã indo e voltando pelo pequeno espaço daquele pátio. Parecia possível, até provável, que algo ainda estivesse ali, alguns cacos da presença de Faith em meio à poeira, às pedras e ao vidro esmigalhado. Alguma coisinha. Phoebe se inclinou por cima do muro para espiar entre as guimbas de cigarro, mas Wolf segurou seus ombros, puxando-a de volta.

— Não tão perto — disse ele.

— Eu estou... Me solte! — exclamou Phoebe, nervosa com a pressão das mãos dele.

Wolf a soltou com relutância, mas permaneceu por perto. Phoebe o ignorou, tentando se concentrar. *Este é o lugar*, disse ela a si mesma. *Aconteceu aqui*. E Phoebe foi recompensada, então, com uma onda de clareza que parecia erguê-la do chão.

Era isso. Um zumbido preencheu seus ouvidos.

É isso.

Um acontecimento tão gigantesco não desaparecia simplesmente. *Fósseis*, pensou Phoebe, *as placas tectônicas da Terra, tudo deixava uma marca, não importava quão dura, fraca ou quão fundo tinha sido enterrada*. Phoebe observou o entorno com calma, o coração acelerado. No momento, parecia que ela havia entendido o verdadeiro objetivo de sua busca: encontrar aquele vestígio, tocar em alguma relíquia da cena da morte de Faith. Como se fazer aquilo fosse corrigir o acidente do tempo que lhe permitia ficar no mesmo lugar de onde sua irmã saltara e não ser capaz de detê-la.

Phoebe se inclinou por cima do pequeno muro. Wolf segurou os ombros dela de novo, mas dessa vez ela deixou. Phoebe estava olhando para o mar lá embaixo, pensando que as marés tinham batido e rebatido naquelas rochas um número infinito de vezes, pensando em quantos garotos haviam se sentado para fumar naquele muro, jogando as guimbas dos cigarros ali, namorando ali — era esse tipo de lugar, dava para perceber —, e isso a ofendeu, a profanação dos poucos vestígios que poderiam ter restado ali. Era mais do que errado, era inconcebível. O verdadeiro lugar estaria protegido disso. *Alguma coisa não estava certa*, pensou Phoebe, e a clareza que ela sentira momentos antes começou a vacilar. Ela consultou o céu e o encontrou vazio, vago como o silêncio que se segue a um ruído alto.

— Não acho que foi aqui — falou ela.

— Não?

Phoebe balançou a cabeça. Uma pressão crescera dentro dela, um sentimento de raiva, expectativa, tantos anos de espera, e como aquilo poderia estar certo? Aquilo. Depois de tudo.

— Não — repetiu ela. — Eu me enganei.

— Um minuto atrás você tinha certeza.

— Não parece certo.

O gesso rachado, a poeira. Ela precisava sair dali.

— A cidade não é tão grande.

— E quanto a outra cidade? Quer dizer, como é que nós sabemos que foi exatamente nesta cidade? Vimos muitas só no trem.

— Phoebe, ela foi encontrada aqui.

— Bem, nunca vi esse relatório nem nada assim, você viu? — perguntou Phoebe. — Você viu o que dizia nele? Porque eu nunca vi.

Wolf respirou fundo.

— Você não pode questionar todos os fatos assim, do nada.

— Acredite em mim — disse Phoebe, fazendo um esforço para falar com calma. — Se este fosse o lugar, eu saberia.

— Mas como? Você era uma garotinha, a milhares de quilômetros de distância. Phoebe, por favor... Ouça o que está dizendo! — implorava Wolf.

Ele queria fugir, pensou Phoebe, *era só isso*.

— Eu saberia — repetiu ela. — Porque iria me sentir de uma maneira específica.

Wolf parecia prestes a falar. Então cruzou os braços.

— Ok.

Phoebe olhou em volta. A pressão sobre ela começou a diminuir. Aquele não era o lugar; aquele era qualquer lugar, lugar nenhum. Ao sul de Corniglia ela avistou outro precipício, ainda mais alto do que aquele, que se projetava a uma distância maior para o mar.

— Poderia ser aquele — sugeriu ela, apontando. — Aposto que é aquele.

Wolf se colocou entre Phoebe e o muro. Ele apoiou as costas no concreto, pegando as mãos dela, e olhou diretamente em seus olhos.

— Você poderia passar o resto da vida andando para cima e para baixo nesta costa — disse ele. — Daqui a pouco você vai estar dizendo que talvez não tenha sido na Itália, pode ser que tenha sido na Espanha. Mas isso tem que acabar. Em algum lugar tem que acabar.

— Vai acabar — confirmou ela.

Mas a expressão de Wolf havia ficado mais clara. Ele queria dizer alguma coisa, havia algo se projetando por trás de seus olhos.

— Escute — pediu ele. — Esta é a cidade, e este é o lugar. Eu prometo, eu juro para você... Phoebe, você está me ouvindo? Eu juro para você, foi aqui que aconteceu.

Wolf estava apertando as mãos dela, com a cabeça tão perto da de Phoebe que por um momento o rosto dele eclipsou tanto o oceano quanto o precipício. Ela começou a reclamar, depois parou. A expressão de Wolf a deteve. Alguma coisa tinha desaparecido, expondo um terrível conhecimento que ela já havia vislumbrado nele, mas nunca tinha visto diretamente. Os lábios dele estavam sem cor. Phoebe soltou um grunhido e se afastou.

Wolf largou as mãos dela. A determinação dele se esvaíra, deixando-o com um olhar doentio e desafiador. Phoebe tapou os olhos, respirando nas palmas quentes das mãos.

— Você estava aqui — disse ela, baixinho.

Aquelas palavras fizeram a certeza cair sobre ela com uma coerência brutal, inflexível como a terra. Phoebe se sentiu enterrada debaixo do solo. Correu para a igreja e tentou a porta, mas estava trancada. Ela olhou para Wolf e o viu observando-a com aquele distanciamento estranho, parecia que a mente dele havia se desligado ou simplesmente sumido, como se estivesse sendo pressionada demais.

Phoebe se aproximou dele. Nos olhos de Wolf, ela conseguia claramente ver o estrago, como vidro quebrado embaixo d'água: ficava óbvio, depois que a pessoa descobria o que devia procurar. De repente, Wolf se virou para um lado, debruçou-se sobre o muro e vomitou no penhasco. Phoebe saiu dali, se jogando no chão perto da igreja, com os olhos fixos nas costas convulsivas de Wolf. Ao terminar, ele ergueu-se devagar, limpando a boca com o braço. Ele ficou olhando para o mar. Os dentes de Phoebe rangiam. Wolf foi até a fonte e tomou um grande gole, jogando água no cabelo e no rosto, esfregando-a, e depois jogando mais no rosto.

Por fim, ele se aproximou e se sentou no chão ao lado de Phoebe. A água pingava de seu cabelo; ele cheirava a vento marinho. Os dois não falaram nada. A poeira lamacenta batia em seus rostos. Sentada com as costas apoiadas na igreja, Phoebe não conseguia ver o mar, só o céu.

— Na noite passada, comecei a pensar que você já devia saber — disse Wolf, parecendo sentir falta de ar. — Ou que estava começando a adivinhar.

Phoebe o encarou. O acontecimento estava exposto diante deles, com toda a sua grandiosidade. Parecia não haver como abordá-lo.

— Por favor, fale — pediu ela. — Por favor.

Wolf se curvou sobre os joelhos dobrados, apoiando a testa nos pulsos. Ele parecia incapaz de erguer a cabeça.

— Eu a vi — disse ele. — Eu a vi, e deixei aquilo acontecer. Dá para acreditar? — Ele ergueu os olhos para Phoebe. Angústia e incredulidade se misturavam em seu rosto, como se uma parte dele ainda estivesse questionando a verdade daquelas afirmações. — Eu a vi. Eu *assisti*.

— Mas... espere — interrompeu Phoebe, desorientada. — Ela estava... Quer dizer, aquelas coisas que você me disse antes eram verdade ou não?

— O que eu...

— Você sabe. O Exército Vermelho? Os assaltos a bancos?

— Sim — confirmou Wolf. — Aquilo tudo era verdade.

Phoebe sentiu alívio. Ela queria que as coisas fossem verdadeiras.

— E Faith foi a Munique, como você disse?

— Foi.

Phoebe esperou que ele continuasse.

— E então ela foi embora? — perguntou, tímida.

Wolf levantou a cabeça.

— Aconteceu uma coisa em Berlim que eu não contei a você — começou ele, as palavras saindo devagar. — Uma coisa ruim.

Phoebe assimilou aquilo.

— Alguém se machucou — sugeriu ela, por instinto. Em seguida, uma insinuação terrível a dominou. — Alguém morreu? — Wolf apenas olhou para ela. — Quem? — perguntou Phoebe. — Alguém dos assaltos a banco?

— Não, depois — explicou Wolf. — Depois que o Exército Vermelho a dispensou. Havia outros grupos, e ela se juntou a um deles. Movimento 2 de Junho, era como se chamavam.

— E eles...

— Montaram uma bomba. Na Câmara do Tribunal. Acho que Faith a levou lá para dentro, em uma cesta de piquenique. Ela a colocou em uma lata de lixo no subsolo; explodiu à noite. Pensaram que ninguém estaria por perto, mas havia um cara, um zelador.

— E ele morreu?

— Sim — disse Wolf. — Com ferimentos na cabeça.

Phoebe assentiu. Ela ficou horrorizada, não tanto pela morte em si, que parecia puramente abstrata, mas por fazer uma vaga ideia do horror que a irmã devia ter sentido, por ter sido responsável.

— Faith deve ter pirado... — comentou ela.

— Você nem imagina — disse Wolf. — Os jornais contaram tudo sobre a vida do cara, que ele tinha trinta e dois anos, quatro filhos, trabalhava no turno da noite e estudava meio período na faculdade. Eles ficaram loucos

com a história; um homem da classe trabalhadora que é morto, sabe, por aqueles garotos: anarquistas, que supostamente estavam do lado dele.

— Mas e Faith? — perguntou Phoebe. — Armando uma... De jeito nenhum. Wolf, de jeito nenhum.

— Acho que àquela altura ela realmente não conseguia enxergar o perigo — disse Wolf. — Tudo o que ela sabia era que o pessoal do Exército Vermelho a havia dispensado, e que se talvez ela tivesse sido mais ousada, sabe, se mostrado mais... Essa ideia a deixou no estado de espírito para fazer qualquer coisa. Ela já tinha dado aquele passo drástico, ao se unir a eles, havia arriscado tudo achando que aquilo era certo. Acho que na cabeça dela não tinha como voltar atrás.

Phoebe sentiu um pouco de alívio. Ela havia encontrado o rumo que Faith tomara, conseguia até conectar aqueles motivos drásticos à pessoa que ela conhecia como sendo sua irmã. Wolf também parecia mais estável.

— Você poderia pensar que ela saiu de Berlim assim que o cara morreu, mas não foi o que aconteceu — continuou, falando depressa. — Ela deve ter ficado mais uma semana, foi ao funeral, descobriu tudo o que podia sobre ele, os nomes dos filhos, o modelo do carro que ele dirigia. Faith chegou até a pegar um trem para o subúrbio onde o cara morava e encontrou a casa dele, ficou do outro lado da rua a tarde toda, observando as pessoas levarem comida para a viúva, viu os filhos mais velhos dele voltarem da escola. Foi incrível ela não ter sido presa, interrogada, pelo menos, mas talvez os policiais apenas tenham achado que alguém tão notoriamente curiosa, além de estrangeira, só poderia ser turista.

———

Faith chegou a Munique em um estado que oscilava entre a incompreensão e o pânico.

“Eu matei um homem”, dizia ela, e ficava paralisada, olhando para as próprias mãos ou para a parede, enquanto o fato ricocheteava através dela mais uma vez.

Faith tinha crises de tremor incontrolável, não conseguia andar nem ficar sentada; ela precisava se enroscar em posição fetal e fechar os olhos até que o

tremor passasse.

"Eu matei um homem", repetia ela, com os dentes rangendo. "Meu Deus, por favor, me ajude."

Wolf a abraçava, tentando fazer Faith olhar nos olhos dele.

"Ei, ei, não vamos falar sobre morte", dizia ele. "Ninguém matou ninguém. Houve apenas um acidente, ok?"

Mas ela parecia não ouvir, com os olhos fechados.

"Estou doente", dizia ela. "Estou muito doente."

Faith estava magra como um palito, a pele branca e azulada. Ela passava o dia todo sentada sozinha, pensando no que tinha feito, como se alguma resposta fosse surgir, se pensasse bastante. Mas a resposta era sempre a mesma:

"Eu o matei. Foi o mesmo que apontar uma arma para a cabeça dele."

"Pare com isso", pedia Wolf. "Olhe, se você não estivesse lá, teria acontecido a mesma coisa, Faith, garanto a você. O cara ainda assim teria sido morto."

"Mas eu *estava* lá. Aquilo estava nas minhas mãos. Eu poderia ter cavado um buraco e enterrado ou jogado no rio, e então ele ainda estaria vivo."

"Se soubesse que havia um cara a ser salvo", dizia Wolf gentilmente, "você o teria salvado."

"Mas eu pensava que estava fazendo isso", dizia Faith, chorando. "Eu pensava que estava fazendo isso: salvando aquele cara. Essa era a questão."

Wolf pedia a ela que voltasse para casa com ele, para São Francisco. Ela precisava de ajuda, de aconselhamento e de várias sessões de terapia — droga, ele não sabia do que ela precisava. Mas o que quer que fosse, ela não conseguiria sentada sozinha no apartamento dele enquanto Wolf trabalhava na fábrica de sapatos. Ele ficava angustiado pensando se devia telefonar para a mãe dela e simplesmente revelar tudo, mas Faith o fez jurar que não iria contar a absolutamente ninguém enquanto vivesse.

"Ninguém", dizia ela. "Se você contar eu sumo daqui."

Ela falava sério. O maior medo dele era de que ela fugisse. Wolf pensava que, enquanto Faith estivesse com ele, estaria segura, ele poderia cuidar dela. Mas, se ela fugisse, quem poderia saber o que ia acontecer? Então ele não

telefonou. Quanto à ajuda profissional, Faith recebia a sugestão com desprezo.

"Ajuda com o quê?", dizia ela.

Assassinato era um pecado mortal. Ninguém poderia ajudá-la, a não ser o próprio Deus.

"Então talvez Deus ajude!", gritava Wolf, mas seus próprios argumentos terrenos falhavam. "Talvez Ele perdoe você."

"Ele vai me punir, em primeiro lugar", dizia Faith. "E espero que Ele faça isso em breve."

Ela aguardou. Dia após dia, ela ficou sentada, esperando o castigo. Faith não conseguia entender por que estava demorando tanto, então decidiu que aquela espera deveria fazer parte da própria punição. Mas ela sofria por não agir; seu impulso sempre tinha sido o de agir, porém, suas ações a traíam. Ela estava com medo de se mexer.

— Ela mal podia sair do apartamento — contou Wolf. — No momento em que saía, começava a pensar que havia deixado o forno ligado ou alguma janela aberta e algo terrível estava prestes a acontecer. Ela se sentia amaldiçoada, um perigo para todos ao seu redor. Nós entrávamos no ônibus e de repente ela não conseguia encontrar o porta-moedas. Olhava para mim praticamente à beira das lágrimas, vasculhando os bolsos enquanto todos esperavam, e é claro que estava bem ali, em algum lugar óbvio... — Ele balançou a cabeça. — Ela trazia constantemente à tona coisas do passado, como o dia em que empurrou um garoto em um rio e ele sofreu um corte acima do olho, ou quando bateu em sua mãe com o triciclo, o próprio triciclo, pelo amor de Deus, como ela havia rasgado a meia-calça da mãe e cortado a parte de trás da perna. Na mente de Faith toda a sua vida tinha se resumido a isto: ferir pessoas inocentes.

À noite, ela ficava acordada e deitada rígida, com medo.

"Eu não sei o que fazer, mas tenho que fazer alguma coisa", dizia ela, olhando para o teto. Wolf se inclinava sobre ela, colocando a mão em seu peito, tentando acalmar as batidas violentas de seu coração. "Tenho que fazer alguma coisa", repetia ela.

Mas Wolf lhe dizia que não, aquilo era justamente o errado. Não havia nada que ela tivesse que fazer a não ser encontrar uma maneira de viver com o que

havia feito.

“Olhe, coisas horríveis acontecem”, disse ele. “As pessoas vivem com essas coisas, Faith, é assim que a vida funciona.”

“Ele tinha quatro filhos”, dizia Faith. “Um deles tem só três anos.”

“É disso que estou falando!”, gritava Wolf, se agarrando àquilo. “Você viveu com isso... Você perdeu seu pai, e olhe só, sobreviveu.”

Ele soube imediatamente que tinha dito a coisa errada.

“Pois é”, disse Faith com amargura. “E olhe só para mim agora.”

* * *

Enquanto contava a história, Wolf parava e ficava bastante tempo em silêncio, e Phoebe apenas esperava. Ela não sentia mais urgência, porque sabia que a peça que faltava estava nas suas mãos. Phoebe estava quase com medo de chegar ao fim da história, do que faria quando Wolf parasse de falar.

Com o tempo, Faith se acalmou, como Wolf sabia que aconteceria. Mesmo o pânico e o desespero podiam ser algo com que se acostumar, e, aos poucos, ela começou a conhecer pessoas, a sair um pouco. Às vezes não dava para ver diferença em relação à antiga Faith, mas Wolf via: ela tinha se tornado indiferente. Aquela esperança, a determinação quase evangélica que a havia impulsionado até mesmo aos esquemas mais perigosos, havia se dissipado. Certa vez, ela saltou de paraquedas com alguns soldados americanos que estavam de folga em Munique, algo que nunca tinha feito na vida, mas aquilo a deixou fria.

— Ela recuperou, pouco a pouco, o gosto pelo perigo — lembrou Wolf. — Mas não como um caminho que a levava para alguma outra coisa, ela só queria ter a sensação. A distração que aquilo causava. Isso me deixava apavorado.

Um dia, enquanto Wolf estava no trabalho, Faith encontrou um grupo de jovens que estava indo para o sul em uma van. Quando Wolf chegou em casa naquela noite, ela mencionou a possibilidade de se juntar a eles. Wolf disse que, claro, também iria junto, mas Faith parecia em dúvida quanto a isso.

“Você não iria gostar deles”, disse ela.

“Você gosta?”

“Não muito.”

“Então, por que ir?”

Faith olhou para as próprias mãos.

“Talvez você devesse ir para casa”, sugeriu ela, temerosa. “Para São Francisco.”

“Que porra isso tem a ver?”

“A gente deveria seguir caminhos diferentes.”

“Por quê?”

“Porque estou deixando você para baixo. Dá para ver isso”, disse ela. “Estou deixando você para baixo, então precisa ficar longe de mim.”

Wolf a abraçou. Faith chorava.

“Amor”, disse ele. “Amor, isso tem que parar. Você tem que deixar isso parar.”

Faith falou com o rosto enfiado na camisa de Wolf.

“O quê?”, perguntou ele, afastando-se para conseguir ouvir. Ela estava tremendo, de olhos fechados. “Amor, o que você disse?”

“Eu matei um homem”, sussurrou Faith.

* * *

Wolf abandonou o emprego na fábrica e entrou na van com aqueles garotos.

— Eles estavam entediados — lembrou Wolf. — Mas havia uma ponta de desespero que mantinha as coisas bastante animadas. Já me perguntei algumas vezes se sou o único daquele grupo que ainda está vivo.

O objetivo final era um show do Jethro Tull em Roma, mas, na verdade, eles estavam matando tempo a quase cem quilômetros por hora, todos caindo no fundo acarpetado da van, caronas entrando e saindo, um pote de geleia cheio de LSD líquido balançando no colo de alguém. Eles tinham perdido o conta-gotas, por isso, estavam simplesmente mergulhando os dedos e lambendo a droga. Havia apenas outra garota além de Faith, uma italiana de dezesseis anos que injetava anfetamina e ia ficando sem dinheiro. Quando chegaram a Roma, ela havia se reduzido a mendigar o algodão que eles usavam quando se injetavam. Uma vez, na empolgação de ganhar um, ela deixou o algodão cair no carpete felpudo de alguém e passou vinte minutos

rastejando à procura dele, tateando os dedos trêmulos nos pelos brancos encardidos, uma cena tão deprimente que fez Wolf lhe dar dinheiro para comprar um pacote. Nos dois dias seguintes, ela o encarava com aqueles belos olhos destruídos, repetindo:

"Por favor, querido, não vou pedir de novo. Mas por favor."

— Faith continuava tentando me expulsar de lá — contou Wolf. — Ela ficava envergonhada, eu acho, por estar com aquelas pessoas, pelo nível ao qual ela havia baixado. Mas eu tinha certeza absoluta de que, se eu fosse embora, ela esqueceria que nível era aquele, e acabaria se perdendo nele.

Depois de Roma, Wolf assumiu a direção, o que aliviou seus piores temores de derrapar para fora da estrada, além de diminuir o número de caronas que eles davam. Ele tentava manter Faith no banco da frente, ao seu lado. Caso contrário, mal conseguia dirigir, pois ficava com os olhos fixos no retrovisor, no que ela estava fazendo lá trás. Muitas vezes ela dormia, com a cabeça no colo dele, tinha sonos aterrorizados e intermitentes, mas pelo menos ela estava ali, pelo menos ele podia tocar a cabeça dela ou acariciar seus ombros, sussurrar em seu ouvido que a sorte dela tinha mudado, que tudo estava melhorando (ela não conseguia perceber isso?). Wolf esperava que Faith ouvisse aquilo em algum nível de inconsciência e acreditasse nele.

Mas, quando chegaram à costa italiana, uma mudança marcante aconteceu. Faith vislumbrou o mar e se sentou ereta, olhando para a água, com uma atenção hipnotizada que ela não mostrava por nada havia semanas, exceto pelo pavor de seu próprio crime.

— Foi incrível — contou Wolf a Phoebe. — Havia apenas aquele total estado de alerta, como se ela tivesse se lembrado de algo que lançou uma nova luz sobre sua situação. Esperei que aquilo passasse, mas isso não aconteceu, ela continuou sentada lá, atenta, e, enquanto rodávamos pela costa, toda aquela angústia, o estresse, tudo foi drenado dela.

"A estrada nos obrigou a seguir para o interior por um bom tempo, por causa das montanhas. Quase me apavorei, pensando: é melhor deixar para lá, ela vai se afundar de novo naquela tristeza, mas Faith ficou tranquila. Depois de todos aqueles túneis malditos, acabamos indo parar naquela cidade, Manarola, a última ao sul antes de Corniglia. Eu disse: 'É isso aí, pessoal, vamos parar aqui', e passamos a noite na praia, aquela linda praia coberta de

pedras brancas e grandes pedaços de concha. Parecia a lua. Faith e eu nos sentamos em uma rocha enorme, e a maré subiu à nossa volta. Ela estava calma, calma como eu nunca a tinha visto. Mesmo em seu melhor estado, ela nunca ficara tão calma. Era como se tivesse atingido um novo nível, ou isso era o que eu queria pensar. Havia tanto tempo que eu esperava por sinais de esperança.

Sentado ali, o mar se movendo devagar em torno deles, Wolf entendera pela primeira vez que tipo de vida ele queria levar com Faith. Talvez os dois não ascendessem aos céus como ele tinha pensado, talvez a realidade permitisse que eles fizessem o que seus pais haviam feito: pagar o aluguel, ler o jornal, caramba, talvez aquele fosse o desafio. Viver, dia após dia. Apenas viver. Parecia uma revelação.

Eles cataram as conchas e pedras de uma parte da praia e desenrolaram o saco de dormir azul de Wolf na areia que brilhava como se estivesse dentro de uma ampulheta. Toda vez que Wolf acordava, encontrava Faith olhando calmamente para as estrelas. *Que alívio deve ser para ela*, pensou ele, *não sentir mais aquele pânico*.

* * *

Na manhã seguinte, ele e Faith subiram até Corniglia, com as mochilas nas costas. Os outros foram ficando bem para trás, mas Wolf e Faith se sentiam incrivelmente leves, como bolhas emergindo na água.

Eles perambularam pela cidade. Faith comprou uma refeição chique para o almoço: figos, mortadela e grandes latas de atum. Ela havia trocado seus últimos cheques de viagem em Roma, mas não se importava.

“Por que não?”, disse Faith, sorrindo como nos velhos tempos, os dias dos travesseiros de penas.

Eles deixaram as sacolas de comida à sombra da igrejinha, então se sentaram naquele muro para esperar. Wolf pegou a mão de Faith.

“Você está melhor”, disse ele. “Não está?”

“Sim.”

“Como isso aconteceu?”

“Veio a mim”, contou Faith. “Eu simplesmente soube.”

Wolf quis perguntar o que exatamente ela sabia, mas tinha medo de quebrar o encanto, fazendo tudo desaparecer. Eles olharam a vista.

"A beleza está perto de Deus", afirmou Faith. "É por isso que as coisas bonitas são tão perigosas."

"Deus é perigoso?"

Houve uma pausa.

"É."

"Sempre tive minhas dúvidas sobre esse cara."

Wolf estava morrendo de vontade de fazê-la rir.

"Deus é o fim", disse Faith. "Não há mais nada." Ela se virou para Wolf com um olhar espantado. "Durante todo esse tempo, o que a gente estava procurando tanto?"

"Só Deus sabe."

Lá estava o riso.

"Isso mesmo", concordou Faith. "Ele sabe."

Naquele momento, seus companheiros de viagem apareceram, e Wolf teve um medo ciumento de que toda aquela comida boa fosse devorada. Ele e Faith se afastaram do muro e todos se sentaram para comer.

* * *

— Onde? — perguntou Phoebe. — Aqui? Onde a gente está?

Aquilo não parecia possível.

— Bem ao lado desta igreja.

— Como... como era aqui?

— Eu não sei — respondeu ele. — Parecia maior. Mais alto ou algo assim. O muro.

* * *

Quando ficou satisfeito, Wolf se recostou na igreja e cochilou um pouco. Uma comoção o acordou. Ele abriu os olhos e viu Faith de pé em cima do muro, de costas para ele.

“Saia daí agora!”, gritou ele, tropeçando nos próprios pés.

Faith se encolheu, assustada, virou-se para olhar para Wolf, o vento tão forte que ele ficou surpreso por não tê-la derrubado.

“Pare”, pediu ela, calmamente.

Em vez de puxá-la para baixo como havia planejado, Wolf estendeu o braço e pegou a mão de Faith. Estava quente.

“Estou pensando”, disse Faith. “Só me deixe pensar.”

“Pense aqui embaixo.”

“Não consigo”, retrucou ela, com uma calma absoluta na voz, a ponto de Wolf se perguntar: *cacete, será que sou eu que estou agindo de forma estranha*?

Ele segurou a mão de Faith, aquecida pela força de seu aperto.

“Me solte”, pediu ela.

“Não posso.”

“Pode, sim”, rebateu ela. “Confie em mim desta vez. Vai ficar tudo bem.”

Wolf se agarrou à mão de Faith, àquela força. Ele queria aquilo. Faith assomava sobre ele vestindo uma calça jeans surrada e rasgada e uma blusa rendada, como se fosse a criatura mítica da proa de um navio. Ele se sentia diminuído. O mundo era o acontecimento deles, mas Wolf tinha se cansado. Faith olhou para o horizonte e depois se virou para Wolf.

“Agora”, disse ela. “Só por um minuto. Solte.”

Wolf largou a mão de Faith e se afastou. Os outros estavam encostados na igreja, observando Faith com os olhos arregalados. Aquilo tudo parecia irreal. Wolf estava apavorado, mas fascinado também, sentindo algo maior do que si mesmo. Ele se encostou na igreja. Faith continuou de pé no muro. Ela tinha tanta coragem. *Algum dia vamos olhar para trás, para tudo isso, e morrer de rir*, disse Wolf a si mesmo, *quando eu admitir quanto fiquei assustado*. E ele se sentiu chegando àquela época, àquele lugar calmo e agradável no futuro. Faith protegeu os olhos do sol. Wolf continuava querendo se esgueirar por trás dela; o vento estava alto o suficiente para que ela provavelmente não o ouvisse até que ele estivesse perto dela, puxando-a para baixo. Ele pensava nisso e rejeitava a ideia, porque parecia desprezível, tão indigno da visão de Faith sozinha no muro de frente para o mar e o céu aberto, algo puro, quase

nobre nos olhos dela, e Wolf se viu pensando que, se deixasse Faith fazer aquilo, toda a loucura ia finalmente ficar para trás.

* * *

— Ela olhou para mim — contou ele. — Vi o rosto dela e soube, então me levantei em um salto...

Mas, antes que ele conseguisse alcançá-la, Faith abriu os braços e pulou do muro para o mar.

Wolf fez um barulho ao engolir em seco. Phoebe se perguntou se ele poderia estar enjoado novamente. Ela mesma se sentia assim.

— Pulou — repetiu ele. — Nem um som, nem um grito. Ficamos sentados ali, totalmente atordoados. Aquela sensação de que algo inconcebível tinha acontecido. E, de repente, pensei: meu Deus, isso tudo é uma piada, porra, ela está se escondendo atrás do muro, há alguma saliência que eu não vi, então corri para lá pronto para agarrá-la, mas, quando olhei para baixo, vi o corpo dela nas rochas e comecei a gritar...

Wolf ficou em silêncio.

— Então, o que você fez? — perguntou Phoebe, as palavras pareciam vir de seu peito, não de sua boca.

— Bem, os outros caíram fora. Demorou uns dez minutos e eles meio que se afastaram. Enquanto isso, eu... — Ele fez mais uma pausa. Embora seus olhos estivessem úmidos, Wolf não estava chorando. Extrair a história de si mesmo parecia exigir toda a sua energia. — Corri pela cidade gritando sem parar, espalhei muito depressa que tinha visto uma menina pular do penhasco. Meu cabelo estava curto por causa da fábrica, por isso eu não parecia tanto um maluco. Alguns caras começaram a descer uma parte do penhasco que não era tão íngreme. Eles sabiam o que estavam fazendo. Tive a impressão de que não era a primeira vez que alguém havia caído naquelas pedras. Eu os segui até lá embaixo, o tempo todo pensando que talvez ela estivesse viva, por favor, Deus, permita que ela esteja viva. Mas quando os primeiros caras chegaram até ela, percebi pela forma como eles se debruçaram, eu simplesmente sabia. Ainda assim, consegui chegar lá, meio nadando, e então tive certeza.

— Como? — sussurrou Phoebe.

— O pescoço dela. — Wolf mal conseguia falar. — O pescoço dela estava errado. Toquei o peito dela... — Ele começou a chorar. O som era doloroso, inexperiente. — Não me lembro. Não consigo falar sobre isso.

* * *

A cidade toda ficou agitada, naquele meio-tempo. Pessoas desciam o precipício, algumas chorando, a maioria apenas animada, como se fosse um feriado. Wolf ficou morrendo de frio com a água até o peito, e só então ele se deu conta de que o que acontecera lá em cima tinha sido culpa sua, que ele poderia ter evitado. Ele imaginava Gail, Barry e Phoebe, imaginava-se tendo que enfrentá-los, explicar o que tinha acontecido... Não, sua mente se desviava, era impossível, ele poderia aguentar quase qualquer coisa, mas não conseguiria encará-los, não conseguiria suportar que alguém soubesse. Enfim, em um último esforço louco, ele correu de volta até o local, se certificou de que todas as coisas de Faith estavam em um lugar onde seriam encontradas, mochila, passaporte, tudo aquilo, bem ali no paredão. Então fugiu de volta pelo caminho por onde eles tinham vindo, voltando a Manarola, e ficou parado na plataforma da estação de trem, ofegante de exaustão, pensando: que porra estou fazendo? Nada parecia real: Faith morta, ele fugindo: para quê? Sua cabeça estava prestes a explodir; ele achou que realmente poderia enlouquecer ali mesmo, apenas surtar, mas então ouviu um trem atravessando a montanha e, naquele momento, parecia que Faith estava indo até ele, tão nítida, nada a ver com aquele corpo curvado sobre as pedras. Ela estava sorrindo, dizendo: Wolf, vá em frente, você está louco? Pegue o trem! Não está vendo? Estamos livres, nós dois. Pegue o trem, amor, qual é o seu problema? Vá em frente! Ela o encorajava, sua voz aumentando com o barulho do trem até que as duas coisas se fundiram: o trem e a voz de Faith. Quando o trem parou na plataforma, Wolf embarcou se sentindo estranhamente exaltado, quase eufórico, como se ele e Faith estivessem escapando do desastre juntos, mais uma saída de arrepiar.

Aquela sensação não durou. Quando Wolf chegou de volta a Munique, era um zumbi: Faith morta, por culpa dele, tudo reduzido a poeira se comparado

à enormidade daqueles fatos. Ele tinha certeza de que alguém da cidade que se lembrasse iria atrás dele com algemas. Mas ninguém foi. Cacete, talvez nunca mais tivessem pensado em Wolf.

Toda vez que ele falava com a mãe de Faith, pensava: *vou contar a ela agora, não posso ficar mais um segundo sem contar a ela*. Mas ele sempre ficava com muito medo. Havia prometido a Faith que nunca contaria a ninguém sobre a bomba e o homem morto: o último desejo dela, pelo visto, e ele não se imaginava violando aquilo. Mas, sem contar aquilo, como ele poderia explicar o resto? Então ele se via dizendo: "Sinto muito, Gail, sinto muito, eu sinto tanto", continuando assim até que ela finalmente o interrompia. "Pare, Wolf", dizia com delicadeza. "Pare com isso. O que você poderia ter feito?"

Perversamente, ele achava aquilo reconfortante.

* * *

Wolf ficou em silêncio.

— Não entendo como você conseguiu viver — disse Phoebe. — Depois daquilo.

Ele deu uma risada triste.

— Fui levando — disse ele. — Vivi e vivo muito timidamente.

Ele contou que durante anos sua vida lhe parecera uma espécie de experimento. A questão era: quanto tempo ele conseguiria aguentar antes de a coisa toda desabar sobre sua cabeça? Ele tinha se imaginado na cela da prisão, relembrando aquele dia ou aquela semana, ou enquanto contemplava a grama em um hospício, para onde ele certamente iria. Mas, em vez de derrotá-lo, aqueles pensamentos tinham, na verdade, deixado Wolf ainda mais determinado. *Foda-se*, pensava ele, se tivesse que cair, ele com certeza não cairia sem lutar. E Faith fazia parte daquele sentimento. *Vamos*, ele a imaginava dizendo, *tenha alguma coragem, a última coisa que eu quero é derrubar você* — embora mais tarde ele tivesse se perguntado se aqueles pensamentos não eram apenas egoístas. E, aos poucos, à medida que uma vida tomava forma em torno dele, Wolf passou a pensar sobre aquilo tudo com menos frequência, não que tivesse resolvido alguma coisa, ele

simplesmente não pensava tanto sobre aquilo. Mas ao encontrar Phoebe naquela manhã, nas escadas, semanas antes, Wolf ouviu uma voz dizer: você sabia que isso viria; bem, aqui está. E ele se sentiu aliviado.

— Prometi a mim mesmo mil vezes que eu nunca contaria a você o que aconteceu aqui. Até que abri a boca — disse Wolf. — Mas talvez eu sempre soubesse que essa era a direção que estávamos seguindo.

* * *

Phoebe olhou para o muro, procurando em sua mente alguma pergunta para fazer a Wolf. Mas não havia nada.

Ela fechou os olhos e encostou a cabeça na parede da igreja. Algo insuportável estava acontecendo dentro dela, uma sensação parecida com desespero, só que mais profunda, mais dolorosa. O vento soprava poeira em seu rosto. Phoebe sentia como se estivesse morrendo, como se aquela dor fosse a dor da alma sendo arrancada de seu corpo. Com medo, abriu os olhos. O vento os encheu de poeira, mas ela não se importava, aquela dor... era tão pequena. Parecia quase uma sensação boa.

Faith se fora. Ela havia ido embora. A ausência dela parecia tão nova para Phoebe que era como se tivesse visto a irmã saltando daquele penhasco.

Ela sentia um gosto de metal na boca, o gosto peculiar que vem após um golpe súbito no crânio. Um vazio impressionante cintilava ao redor dela.

Espere, pensou Phoebe. *Espere*.

Em vão, ela tentou abrir caminho para a claridade, mas seus pensamentos pareciam fracos diante do caráter tão decisivo do ato da irmã. Aquilo girava como um vórtice, arrastando cada parte de Phoebe de forma irresistível para si mesma, engolindo-a inteira. Ela não conseguia respirar. *Espere*, pensou ela. *Eu sempre soube o que havia acontecido*. Contudo, durante todo aquele tempo, a realidade do ato de Faith, seu caráter decisivo e brutal, aquilo nunca havia de fato tocado Phoebe. Estava envolto em gaze, um brilho fantástico de luz que deixava em seu rastro uma esfera macia.

Phoebe abriu os olhos. O céu limpo e brilhante zumbia. O próprio ar parecia cheio de pânico, uma brancura formigando.

“Vamos”, dissera Faith, esticando a mão para Wolf. Phoebe queria segui-los, mas a porta estava fechada. “Você está sentindo isso?” Luz de velas nas paredes da cozinha. “Você sente?”, perguntou Faith. “Sente?” E Phoebe sentia, aos sete anos. Ela sabia o que era.

“Venha”, chamou Faith. Algo atrás daquela porta. Faith abriu todas as portas que encontrou, mas Phoebe tinha medo.

Um flash de luz. Então, um brilho extenso.

Faith abriu todas as portas.

Um gesto. Tudo destilado.

Faith se consumiu. Ela se entregou. E o tempo parou.

Ela matou nós duas, pensou Phoebe. *Matou todos nós*.

* * *

O corpo de Phoebe doía. Ela queria se mover. Então se levantou.

O mar se abria à sua frente, amplo e imóvel. *Intimidados por aquela quietude*, pensou Phoebe, *estavam o mar e todo o resto*. Ela caminhou em direção à água.

— Pare! — gritou Wolf.

Phoebe levou um susto. Virando-se, viu Wolf de pé, pronto para pular em cima dela. Phoebe abriu a boca para falar, mas descobriu que não conseguia; seu próprio espanto a silenciou. Wolf realmente pensara que ela ia pular. Ela se esforçou para imaginar aquilo, ficar de pé ali, fazer aquela escolha, mas sua mente se desviou, com repulsa.

— Eu nunca faria isso — declarou ela, olhando com descrença para Wolf. — Nunca. Eu nunca faria isso. — E, enquanto falava, a percepção de Phoebe sobre o ato em si começou a mudar. Era uma escolha que a chocava.

Abraçando a mãe e Barry no penhasco perto da ponte Golden Gate, jogando as cinzas de Faith ao vento. Sentindo-se tão pequena, apenas os três juntos mal formavam uma família. E a irmã tinha escolhido aquilo.

— E quanto a nós? — perguntou Phoebe. — O que ela disse sobre nós?

— Eu não lembro.

— Mas alguma coisa? Ela disse alguma coisa?

— Não sei. — Wolf parecia desconfortável.

— Mas, quer dizer, o que ela pensava?

Houve uma longa pausa.

— Acho que ela não pensava — confessou Wolf.

Phoebe balançou a cabeça. Seus ouvidos zumbiam.

— Tudo bem — disse ela. — Aquele cara que morreu tinha filhos. Mas e a gente?

Ela olhou para Wolf, que não sabia nada, e foi tomada por uma onda de raiva selvagem.

— Não acredito que ela fez isso — gritou Phoebe. — Não acredito que ela ficou de pé ali e fez isso com a gente! — Cada palavra a deixava mais enfurecida, até que enlouqueceu com a necessidade de desabafar sua raiva. — Ela estava maluca? — gritou. — Ficar de pé ali e... Cacete! — Phoebe chutou a parede da igreja, machucando o pé e derrubando pedaços de gesso no chão. Ela socou a parede, batendo na superfície áspera até sentir uma dor quente e deliciosa. — Cacete! — berrou. — Filha da mãe!

Por trás, Wolf pegou as mãos de Phoebe, arranhadas e sangrando pelo atrito com o gesso. Ele a abraçou, mantendo-a imóvel.

— Pare com isso — pediu. — Você está se machucando.

Phoebe deixou seu peso cair sobre Wolf.

— Odeio a Faith — revelou ela. — Eu a odeio mais do que qualquer coisa.

— Ok — disse Wolf com delicadeza, segurando-a.

Depois de um tempo, Phoebe se virou e o encarou. Wolf a observou por um momento, como se para avaliar a calma dela.

— Phoebe, preciso lhe dizer isso — começou ele. — A última coisa que Faith queria era machucar você, qualquer um de vocês. Na cabeça dela foi um sacrifício. Ela estava tentando corrigir um equilíbrio. — Ele fez uma pausa, respirando com dificuldade. — O fato de que ela só causou mais tristeza não passa de uma ironia horrível. O maior medo dela, de novo por toda parte.

Ele soltou Phoebe, que se afastou e se apoiou na igreja, a parede quente em suas costas. Ela fechou os olhos.

* * *

Você está sentindo isso?

Faith abriu todas as portas.

Alcançando, alcançando. O que quer que fosse.

"Vamos", disse Faith. "Vamos, vamos." Um galo na cabeça, mas quem se importava? Um nariz sangrando? Muito melhor.

E eles a amavam por isso.

Adoravam.

Todos amavam.

Assistindo. Incitando Faith em silêncio enquanto ela subia, impulsionava ou preparava o mergulho do alto, desejando o encanto que caía sobre o mundo quando ela estava arriscando sua vida.

Estranhos cambaleando pelas pedras, segurando a cabeça molhada da irmã nas suas mãos estranhas. Não era o que Phoebe tinha imaginado. Policiais pegando as coisas dela. Uma vida inteira, uma coisa afetiva, que acabou em burocracias. Não era o que Phoebe tinha imaginado. Era o oposto.

E ela foi dividida, então, por uma visão da irmã diferente de qualquer outra que tivera antes: uma menina como ela mesma, buscando desesperadamente alguma coisa que não conseguia ver, mas sentia que estava lá, algo que sempre parecia escapar dela. Buscando violentamente, se entregando àquela violência, apenas para descobrir, quando a vida voltasse ao normal, que ela havia feito uma coisa com a qual não conseguia viver.

* * *

— Eu deveria ter percebido — disse Wolf. — Aí é que está. Eu deveria ter imaginado. — Phoebe abriu os olhos. Wolf olhava fixo para o mar. — Eu fui embora — continuou ele, balançando a cabeça. — Simplesmente fui embora. — Em sua voz, Phoebe ouvia o peso indescritível de ter visto, de ter sido responsável. — Quando vi você na escada naquele dia, pensei: graças a Deus, finalmente vou poder fazer algo pela Phoebe. Você precisava de ajuda, e achei que podia ajudá-la, você merecia ajuda e eu podia ajudá-la. Como um irmão, quase. Mas alguma coisa aconteceu. Foi como uma contracorrente, e, quando eu senti, já era tarde demais, não conseguia parar.

Phoebe foi até Wolf e o abraçou, para silenciá-lo. Ela não conseguia suportar vê-lo se explicando. Mas Wolf continuou:

— Se pelo menos eu tivesse ficado perto do muro. Nem mesmo segurado a mão dela, só ficado ali. Por que me afastei? Eu me perguntei isso um milhão de vezes.

Phoebe continuou a abraçá-lo. Ela queria confortar Wolf, absolvê-lo, mas obviamente era impotente.

— Se eu tivesse só... — disse ele. — E depois fugir...

— Por favor, não — pediu Phoebe. — Por favor.

— Fugir quando ela...

— Não.

— Então, depois de tudo, eu não consegui nem mesmo ficar aqui. Eu fugi.

— Mas você voltou — disse Phoebe. — Eu encontrei você. — Apenas falar aquelas palavras fez com que a simples verdade delas a atingisse, o peso de sua dívida em relação a Wolf, sua gratidão. — Ela desapareceu — falou Phoebe —, mas você voltou.

— Voltei para onde? — perguntou Wolf. — Fiquei com a bunda sentada em Munique.

Phoebe balançou a cabeça. Alguma porta se abriu em sua mente, um raio de luz em cuja direção ela e Wolf podiam caminhar.

— Você me ajudou. Não havia mais ninguém. — Ela falava tanto para si mesma quanto para Wolf. Era verdade: ele a tinha ajudado quando ela havia precisado de ajuda. — Você fez isso.

— Não — rebateu Wolf.

Mas ele se agarrou a Phoebe como se ela fosse seu último fio de ligação com a terra.

Ela pensou nele sussurrando no ouvido de Faith enquanto a irmã dormia no colo dele na van, e então Phoebe sussurrou para Wolf:

— Eu encontrei você. Você salvou minha vida.

— Havia um milhão de coisas que eu poderia ter feito — disse Wolf. — Um milhão de coisas. — Ele parecia cansado.

— Eu encontrei você.

Wolf não respondeu.

* * *

Depois de um tempo, eles se afastaram e ficaram lado a lado no muro, olhando para baixo. Phoebe tinha a impressão de que muito tempo se passara desde que eles haviam chegado ali, mais do que um dia. Mais do que um ano. A luz tinha mudado e o mar mudou junto. A água estava tão enrugada quanto uma casca, com um tom de prata luminoso, profundo.

Eles se levantaram e ficaram de pé, como se aguardassem. Mas o que poderia acontecer? Já fazia anos que tudo tinha passado.

Phoebe achou que Wolf parecia mais calmo. Ou talvez a mente dele tivesse começado a vagar. A de Phoebe tinha, ela não conseguia evitar. Sua mente simplesmente se afastou dali.

A água subia e descia nas rochas, lavando-as. Contudo, aquele era o lugar, o lugar exato de onde Faith tinha pulado. Não havia mais nada, nenhum vestígio.

— Vamos voltar — sugeriu Phoebe.

* * *

O sol se pôs enquanto eles caminhavam, queimando o céu. Phoebe sentia como se ela e Wolf fossem as duas últimas pessoas a deixar a cena de um acidente.

No final era preciso fazer isso. O que mais havia a ser feito? Ir embora e seguir a sua vida.

Phoebe se perguntava se Faith poderia ter sabido disso quando se jogou.

O tempo nunca parou, ele só pareceu ter parado.

PARTE QUATRO

VINTE E DOIS

Phoebe voltou para São Francisco na primeira semana de setembro. Era fim de tarde quando o avião pousou, e, pressionando o rosto contra a janela de plástico, ela assistiu a terra revelar-se, passando de um borrão esbranquiçado a casas e avenidas, feixes turquesa de água.

Ela havia ligado para casa do aeroporto de Heathrow, pela primeira vez desde que partira, em junho. A mãe parecera maravilhada. Contudo, quando Phoebe saiu do avião para uma poça de luz brilhante que inundava o vidro espesso do aeroporto, pensou a princípio que não haveria ninguém para recebê-la. Caminhou incerta até que os braços da mãe a envolveram, o cabelo dela em um estilo natural mais suave, pequenas argolas de ouro em suas orelhas. Phoebe não a havia reconhecido.

De braços dados, elas andaram até a esteira de bagagens e, em seguida, até o Fiat, cada uma carregando metade da mochila pesada, empoeirada e que tinha uma aparência estranha naquele novo ambiente.

— Não acredito que você perambulou por aí com esta coisa — disse a mãe. — Estou surpresa que não esteja corcunda.

— Mas eu andei com ela! — insistiu Phoebe, sem fôlego. — Fiquei totalmente acostumada.

No caminho para casa, ela olhou, admirada, para as casas coloridas, a familiar colina marrom marcada pela placa SÃO FRANCISCO SUL – CIDADE INDUSTRIAL como o couro de uma vaca. A cidade parecia grande, metálica e envidraçada, tão diferente das cidades europeias.

Assim que chegaram propriamente a São Francisco, a conversa ficou desanimada. Phoebe sentiu que tinha perdido o poder de interpretar a mãe. O novo corte de cabelo, o suéter preto de manga curta e os braços finos e graciosos no volante: tudo aquilo a deixou confusa. Pela primeira vez em

semanas, a memória da briga emergiu novamente em Phoebe: a coisa terrível que ela disse, sua abrupta e ultrajante partida.

— Então, você se divertiu lá — disse a mãe, enfim.

— Não muito — respondeu Phoebe. — Sem diversão. — As sobrancelhas da mãe se ergueram. Ela não disse nada. — Foi difícil — comentou ela.

— Difícil como?

— Assustador.

Um olhar terno atravessou o rosto da mãe. Ela só se virou para Phoebe quando isso passou.

— Eu também estava assustada — disse ela.

— Mandei cartões-postais — retrucou Phoebe. — Eu disse que estava bem!

Mas só naquele momento ela percebeu, pela primeira vez, como aqueles cartões devem ter trazido pouco conforto.

Elas passaram o resto da viagem em silêncio.

* * *

Phoebe tinha imaginado sua primeira semana em casa como uma espécie de montagem: correndo para aulas na Berkeley, indo à noite para a cidade para jantares demorados e falantes com a mãe, Barry e Jack — Jack, cujo respeito ela enfim teria conquistado, por ter viajado sozinha e sobrevivido.

Uma carta da Berkeley a esperava. Tinha chegado logo após a partida de Phoebe, em resposta ao seu pedido de adiamento de inscrição. Como a universidade não oferecia essa opção, dizia a carta, o pedido de Phoebe estava sendo tratado como uma desistência. Se ela quisesse se candidatar de novo para o ano seguinte, 1979, deveria prestar atenção ao prazo habitual de novembro.

Phoebe reagiu à notícia com incredulidade, depois pânico. Frenética, ela ligou para o escritório de admissões, mas a única concessão que conseguiu arrancar do funcionário com quem falou foi um acordo para que a revisão de seu pedido pudesse ser considerada para a inscrição em janeiro, em vez de setembro do próximo ano. Ela ficaria sabendo se fora aceita no final de outubro.

* * *

Na segunda noite em casa, Phoebe encontrou a mãe, Jack e Barry para jantar no Basta Pasta, um restaurante novo em North Beach. A mãe e Jack foram direto do trabalho, de mãos dadas. Barry apareceu mais tarde, chegando do aeroporto depois de uma viagem de negócios a Tóquio.

No momento em que Jack a cumprimentou, sem cerimônia, ainda aspirando a fumaça de seu cigarro, Phoebe viu quanto calculara mal a reação dele ao seu desaparecimento. Os olhos azuis de Jack piscavam com uma condescendência cética, um olhar que ele claramente reservava a quem considerava um saco, mas precisava tratar bem mesmo assim.

Jack nunca tinha ido ao Japão e, quando Barry chegou, ele estava ansioso por informações.

— A previsão de Barry O'Connor para a próxima grande tendência eletrônica — disse Jack. — Alguma ideia?

— Estou com ela bem aqui — avisou ele.

Barry tirou de sua pasta um toca-fitas Sony em miniatura com pequenos fones de ouvido conectados, inspirado, segundo ele, no desejo do presidente da empresa de ouvir ópera enquanto esquiava.

Jack colocou o fone de ouvido e mexeu nos botões.

— A qualidade do som é inacreditável — berrou ele, tão alto que fez Phoebe estremecer.

— O que você comeu lá? — perguntou a mãe.

— Peixe cru.

— Meu Deus. Como era o gosto?

— Gosto de cru — respondeu Barry, sorrindo.

— Vocês dois agem como se fizesse meses que não se viam — comentou Phoebe, mais irritada do que pretendia.

A mãe se virou para ela.

— Isso é porque nós geralmente estamos sempre em contato.

Houve um silêncio tenso. Jack tirou o fone de ouvido e o colocou na mesa, sem fazer barulho. Quando ele olhou para a mãe dela, Phoebe viu nos olhos de Jack uma ternura que a assustou.

— Você pediu por essa, Pheeb — disse Barry, mas ninguém riu.

Pelo restante da refeição, Phoebe ficou sentada totalmente em silêncio. Ela se perguntara no avião quanto devia revelar sobre a viagem, mas as perguntas de todo mundo foram muito superficiais. E então Phoebe se deu conta, com uma força repentina e deslumbrante, de que ela sabia o que tinha acontecido com Faith. Ela sabia. Ela poderia dizer naquele exato momento "eu descobri o que aconteceu com Faith" e observar os rostos animados deles ficarem paralisados de surpresa. Mas Phoebe não disse nada.

Mais tarde, Barry se ofereceu para levá-la em casa. Eles foram primeiro para a Coit Tower, que estava encoberta pela névoa, mas ainda fervilhando de turistas, alguns alimentando corajosamente os telescópios com moedas, como se o aparelho tivesse o poder de perfurar a neblina branca. Barry estacionou e eles ficaram sentados no Porsche.

— Olhe, dá para ver que as coisas estão tensas entre você e mamãe — disse ele.

— Tensas — repetiu Phoebe, dando uma risadinha.

— Acho que ela sentiu medo demais enquanto você estava fora para ficar realmente brava. Então você está vendo essa reação agora.

Phoebe olhou pela janela.

— Acho que Jack me odeia.

— Dê um tempo.

Phoebe olhou para o irmão, espantada por ele parecer não gostar nem um pouco de sua exclusão. Ela teve vontade de confiar nele, de dizer o que sabia sobre Faith, mas, à medida que o tempo passava, Phoebe reconsiderou. *Por quê*?, pensou. Notícias da irmã eram a última coisa que Barry queria.

— De qualquer maneira — continuou ele —, estou feliz por você estar de volta. Seja como for.

— Eu não vejo por quê, Bear.

Ele pareceu surpreso.

— Ah, por favor — disse ele. — Você é minha irmã.

Em silêncio, eles olhavam pelo para-brisa molhado. De vez em quando, um conjunto de luzes piscava através da névoa como brasas sob uma fumaça branca.

— Você também ficou com medo? — perguntou Phoebe. — Enquanto eu estava fora?

— Fiquei — respondeu Barry. — Especialmente porque você não foi à exibição do Che Guevara, então pensei: merda, ela simplesmente, tipo, foi embora...

— Ai, meu Deus! — exclamou Phoebe. — O filme da mamãe.

Barry olhou para ela.

— Isso foi meses atrás — disse ele. — De qualquer forma, ao mesmo tempo, eu tinha a sensação de que você estaria bem. Isso era mais forte, eu acho. No final das contas.

— Hum. — Phoebe estava decepcionada.

— Não é que eu não tenha ficado aliviado...

— Mas você tem razão — interrompeu ela. — Tem, sim. Eu sou esse tipo de pessoa que fica por perto. — Por algum motivo, ela riu.

— Você é uma sobrevivente — disse Barry, de maneira simples, e sua seriedade deu ao clichê uma aura improvável de verdade. — Simplesmente é. Você e eu.

Naquela noite, enquanto estava deitada na cama da irmã com os sinos de vento tremulando na janela, Phoebe foi atormentada por uma dor intolerável. Durante anos, aqueles sinos pareceram um eco da voz da irmã, lembrando a Phoebe que Faith estava lá, em algum lugar, esperando por ela. Mas, naquele momento, os sinos soavam vagos. Phoebe voltou para seu antigo quarto no dia seguinte, pela primeira vez em anos, dormindo diante de uma plateia de bichos de pelúcia desbotados e de olhos brilhantes.

* * *

Phoebe se lembrou de um filme que tinha visto anos antes na TV chamado *Latitude Zero*. Quando um navio chega à latitude zero, o capitão acaba sendo transportado para uma terra maravilhosa no fundo do mar, onde as ruas são pavimentadas com diamantes. Ele pega um punhado de joias e as guarda na tabaqueira para levá-las para casa e poder comprovar o que viu, mas, de volta ao mundo real, ele abre a tabaqueira e a encontra cheia de tabaco de novo. Ninguém acredita nele.

A primeira semana de Phoebe em casa foi abençoada com certo ar de novidade, apesar de suas decepções, mas, quando a segunda semana se

passou, uma depressão entorpecente a abateu. Nada havia mudado e, contra a mesmice daquela cidade e da própria vida de Phoebe, o tempo que ela passou longe — uma vida em si mesmo — parecia ter se reduzido a um breve flash alucinatório.

Ela começou a ficar dentro de casa, vagando por ali ou deitada na cama enquanto olhava pela janela, sem notar a passagem do tempo. Dormia o tempo todo e, quando não estava dormindo, sonhava acordada com sua viagem. Phoebe se via envolta em uma névoa dourada, embarcando em trens, acordando ao lado de Wolf com a luz do sol fresca se derramando sobre a cama: será que ela podia realmente ter estado lá, feito aquelas coisas? Aquilo já parecia muito distante, um desejo exótico. Até mesmo os piores momentos da viagem assumiam, em retrospecto, um fascínio poderoso e sombrio. Mas Phoebe não dava à versão atual de si mesma nenhum crédito por eles. Pelo contrário, a pessoa de suas lembranças parecia ser outra, alguém a ser admirado, invejado, comparado.

* * *

Ela e Wolf tinham pegado um trem de Vernazza até Gênova, depois para a França.

— E o carro? — perguntara Phoebe enquanto eles faziam aqueles trajetos. — Não deveríamos pegá-lo?

— Vou buscá-lo depois — respondera Wolf, evasivo, e revelara, enfim: — Ele já estava nas últimas, de qualquer maneira.

Apenas durante os dois dias de castos trajetos de trem em vagões-leito lotados é que ocorreu a Phoebe que a verdadeira razão poderia ser que Wolf não quisesse dirigir com ela. Dirigir seria como antes, quando tudo entre eles ainda estava para acontecer.

Os dois finalmente atravessaram o Canal da Mancha e chegaram a Londres, fria, mergulhada em uma chuva fraca, parecendo justamente o oposto da cidade festiva aonde Phoebe se lembrava de ter chegado em junho. Em um clima pesado, eles andaram até o escritório da Laker Airways e acertaram tudo para ela voltar no dia seguinte. Para fugir da chuva, foram até a National Gallery, caminhando respeitosamente entre os retratos e paisagens. Depois

Wolf ligou para alguns amigos, que eles foram encontrar em um pub em Hampstead Heath.

Àquela altura já estava anoitecendo, o ar cheio de um odor pungente de madeira queimada. O céu começava a clarear, um tom laranja virulento atrás dos últimos restos de nuvens. Phoebe bebeu meia caneca de cidra e ficou tonta — ela estava indo para casa —, viu Wolf rindo do outro lado da grande mesa sobre sua caneca de Guinness coberta com uma camada de espuma cremosa, e ficou impressionada com a mudança que ocorrera nele. O cabelo de Wolf tinha crescido, ele estava bronzeado, não fazia a barba havia dois dias, mas a mudança era mais profunda: a ausência de alguma tensão em seu rosto que Phoebe tinha acreditado que sempre estaria lá. Ele parecia estar livre. E era ela quem tinha lhe dado aquela liberdade — não Faith nem Carla, só ela. Ela havia tirado um peso terrível dele. Os dois compartilhavam isso, embora, pelo rosto tranquilo de Wolf, Phoebe não conseguisse adivinhar se ele sentia alguma coisa.

Como se ouvisse seus pensamentos, Wolf olhou para ela. Através da fumaça, da algazarra e do cheiro de tapete molhado, Phoebe sentiu seu reconhecimento, sua gratidão.

Ela se levantou e saiu, sabendo que Wolf iria atrás dela. Bêbados barulhentos haviam se acumulado em mesas molhadas e fumegantes. Em meio ao cheiro úmido de cerveja e chuva, ela viu uma cerca viva, resmas de grama viçosa brilhando de leve sob o súbito sol tardio. Wolf veio por trás dela, passou os braços em torno de Phoebe e levantou seu cabelo, enfiando o rosto em seu pescoço e sentindo o cheiro dela. Phoebe se virou e eles se abraçaram, mas, quando ela procurou os lábios de Wolf, ele se afastou, soltando-a. Eles se entreolharam. E, no mesmo instante, Phoebe soube que havia acabado, que aquele abraço tinha sido o último de alguma coisa. O desejo desaparecera do rosto de Wolf, e seus olhos, quando Phoebe olhou bem fundo dentro deles, continuaram opacos. Ela sentiu uma dor no peito.

— Também vou para casa — disse Wolf.

Mais tarde, quando trocaram um tenso boa-noite do lado de fora de seus quartos separados em um albergue, Phoebe estava desanimada.

— Sinto que acabou — disse ela a Wolf. — Tudo.

Ele a abraçou.

— É o oposto — argumentou. — Sempre vai estar lá. A gente é que só está se afastando disso.

E depois, deitada na cama macia e estreita, Phoebe sentiu a presença do aeroporto do lado de fora da janela, escuro e parado como um lago, e, naquele momento, Corniglia parecia muito distante, como se dois dias de viagens de trem os tivessem levado a anos de distância, completando a fuga deles.

* * *

Na terceira semana de volta em casa, Phoebe ligou para Wolf.

— Phoebe — disse ele, parecendo surpreso. — Você está na faculdade?

— Não. — Em um tom entediado, ela lhe explicou o fracasso com a Berkeley. Falar ao telefone com Wolf era estranho. Ela nunca fizera aquilo, a não ser assim que tinha chegado em casa, quando deu um breve telefonema para dizer que estava tudo bem. — Como você está? — perguntou ela, tímida.

— Indo — respondeu ele. — Parece que me restaram alguns clientes.

— Será que você...

— Ao menos... — Os dois riram, exasperados com a demora com que cada frase levava para chegar do outro lado do mundo naquela ligação. — Os Lake vão ficar em Bruxelas por mais seis meses — gritou Wolf, como se o volume pudesse resolver o problema. — Então é uma espécie de prorrogação.

— Como estão as coisas com Carla? — Phoebe estava esperando pelo pior.

— Melhorando.

— Vocês ainda vão se casar?

Ele hesitou, a antiga cautela de volta.

— Não tenho certeza.

— Mas talvez?

— Estou esperançoso. Vamos deixar assim.

Phoebe sentiu um lampejo de desespero.

— E o carro? — perguntou ela. — Você o buscou?

Ele riu.

— Um amigo meu esteve em Pisa e disse que foi depenado. Então estou comprando um Fiat.

— A gente tem um Fiat — comentou Phoebe, inutilmente.

— Se cuida — disse Wolf. — Mantenha contato.

O que significa, pensou Phoebe, *que ele prefere que a gente não se fale mais*.

— Pode deixar — disse ela. — Você também.

* * *

Ela havia emagrecido na Europa e, apesar do mal-estar que sentia no quarto de Faith, Phoebe não conseguia reprimir o desejo de se medir pelas velhas roupas da irmã. No fim, ela acabou sucumbindo.

As roupas exalaram um cheiro de canela picante quando Phoebe as vestiu. Serviam direitinho; algumas até ficaram largas. Eufórica, Phoebe saltitou pelo quarto de Faith vestindo calça de veludo, uma blusa de macramê e um casaco com botão de estrelas por cima. Ela colocou King Crimson para tocar bem alto, acendeu vários incensos e, sem fôlego, fez poses diante do espelho com um chapéu flexível que tinha uma longa pena de pavão. De repente, ela caiu na cama, esgotada e com vertigens, descansando os olhos no batique do teto enquanto, do lado de fora da janela, os sinos de Faith entoavam seu som triste e fragmentado. Phoebe adormeceu.

Já era quase noite quando ela acordou. Levantou-se da cama de Faith se sentindo tonta e suja, e então foi até o porão e montou cinco caixas de papelão, que levou para o andar de cima. Embalou as roupas da irmã nas caixas, dobrando-as com cuidado, acrescentando os chapéus de Faith, o rosário indiano, o anel de veneno e o cordão de couro com um escaravelho de argila. Teve que voltar para buscar mais caixas. Quando estava tudo empacotado, Phoebe selou as caixas com uma fita adesiva grossa. Ela empilhou tudo no meio do quarto de Faith e deixou lá.

* * *

Phoebe ainda fazia visitas ocasionais à Haight Street, farejando os potes de incenso em pó na sua loja de ocultismo favorita, deitando-se de costas na grama em Hippie Hill. Mas o prazer proporcionado por aqueles passatempos era passageiro e fraco. Ela se sentia o fantasma de seu antigo eu fantasmagórico, cintilando fora até mesmo do reino sombrio e estreito onde já tinha se sentido em casa. E não havia nada para substituir aquilo.

Phoebe achava que tudo deveria ser diferente, agora que ela sabia o que tinha acontecido com a irmã. Mas essa diferença não havia conseguido deixar uma marca no mundo. Talvez o problema fosse que, com exceção de Wolf, ninguém sabia o que ela havia descoberto sobre Faith. *Conte a ela!*, insistia Phoebe a si mesma enquanto descarregava com a mãe brócolis e iogurte das sacolas de supermercado na cozinha tranquila. *Vá em frente, diga*. Mas algo sempre a detinha: medo de trair Wolf, medo de mais aborrecimentos com a mãe que seria incapaz de desfazer.

Na quarta semana que Phoebe passava em casa, a mãe voltou do trabalho uma noite e anunciou, com uma estranha mistura de ansiedade e indiferença, que o corretor de imóveis estava negociando com um comprador para a casa fazia várias semanas. Naquele dia, havia sido vendida.

* * *

Phoebe começou a ler vorazmente o jornal todos os dias. Presidente Carter, Idi Amin, o prefeito Moscone — detendo-se sobre suas palavras e ações como se pudesse ser convocada para responder sobre elas. João Paulo I é morto após trinta e três dias como Papa, o ouro em uma alta recorde, Isaac Bashevis Singer vencedor do Prêmio Nobel. Sid Vicious acusado de matar Nancy. Sadat e Begin fazendo as pazes, enquanto o Oriente Médio fervia. Esse era o mundo. E, por mais distante que aquilo parecesse ser do pequeno conjunto de ruas íngremes onde Phoebe levava sua vida, ela se esforçava para tocá-lo, se aproximar dele. Quanto mais ela sabia do mundo, menos dolorosa era a ausência dele.

* * *

Em um fim de tarde, Barry buscou Phoebe e a levou a Los Gatos para passar a noite. Ele havia montado um quarto de hóspedes com margaridas em um vaso de cerâmica azul ao lado da cama. Jantaram em um elegante restaurante indiano encravado de forma incoerente em um grande shopping, e ambos beberam vinho tinto demais, nervosos, muito ansiosos para que a visita desse certo.

Na manhã seguinte, ainda tonta, Phoebe acompanhou o irmão ao trabalho. A simpatia dos colegas dele a surpreendeu, para não falar da jovialidade deles; de calça Levis e cabelo comprido, eles a faziam se lembrar dos alunos inteligentes do ensino médio, tensos por virarem muitas noites.

O prédio comercial onde ficavam os escritórios de Barry era diametralmente oposto àquele em que seu pai trabalhara, na IBM: amplo e plano, todo envidraçado e iluminado, com dezenas de elegantes e inacessíveis computadores, que Barry e seus colegas manuseavam com a mesma facilidade grosseira com que poderiam manusear uma torneira. Havia um piano de cauda e duas geladeiras enormes abastecidas com sucos exóticos. Phoebe esperava que o irmão se exibisse e se vangloriasse à sua maneira infantil e se preparou para isso, mas a autoridade de Barry parecia natural. Afinal, raciocinou ela depois, a empresa era dele, todas as pessoas lá eram seus funcionários. O que mais ele precisava provar?

Phoebe visitou o irmão várias vezes depois daquela ocasião, embarcando no trem em uma estação perto da garagem dos ônibus Greyhound. Nos vastos espaços abertos do Vale do Silício, ele a ensinou a dirigir, sentado ao lado dela com aparente despreocupação enquanto Phoebe pisava nos pedais do Porsche dele, conseguindo desviar por pouco de carrinhos de compras abandonados em estacionamentos de supermercados. Quando ela se sentiu confortável o suficiente, Barry a encorajou a seguir pelas estradas estreitas entrelaçadas às colinas densamente arborizadas. Na descida, ele a ensinou a reduzir a marcha.

— Se você vai dirigir, pode muito bem se divertir — disse ele.

* * *

Phoebe se ofereceu para ajudar a mãe a procurar um apartamento, esperando que de alguma forma aquele projeto as aproximasse. Era uma coisa triste, caminhar penosamente por salas que pareciam abandonadas, tentando imaginar suas vidas acontecendo ali dentro. A raiva da mãe tinha se reduzido a uma tensa cordialidade que Phoebe achava ainda mais opressiva. Ela sentia que era sua responsabilidade ter quebrado o feitiço entre as duas, mas Phoebe não tinha ideia do que a mãe esperava.

Em Russian Hill, elas viram um apartamento de dois quartos com pé-direito alto e pisos cor de mel. Os quartos ficavam muito distantes um do outro, uma vantagem (embora isso tenha sido omitido) agora que Jack muitas vezes passava a noite na casa delas. Apesar de tudo, Phoebe se sentiu um pouco animada, vagando pelas salas grandes e vazias enquanto o anoitecer piscava pelas janelas sem cortinas. A mãe também parecia inspirada pelo lugar.

— Uma sala de jantar! — exclamou ela, apesar de a sua própria ser muito maior. — Podemos começar a receber convidados para jantar.

Elas discutiram sobre tapetes, mesas e cortinas, quais dos vários sofás que tinham iriam manter. Suas vozes ecoavam pelos cômodos vazios. De repente ouviram a si mesmas e uma timidez momentânea tomou conta delas.

— Mãe — chamou Phoebe.

A mãe olhou para ela.

Agora, disse Phoebe a si mesma, *agora*! Houve uma longa pausa, enquanto ela se perguntava o que exatamente queria contar à mãe. Havia alguma coisa querendo sair de dentro dela, clamando para ser ouvida.

— Desculpe por ter sumido — disse Phoebe. — E perdido seu filme. — As palavras saíram quase num sussurro.

A mãe atravessou a sala e abraçou a filha. O cheiro de limão dela parecia vir de muito longe.

— Senti sua falta — disse ela.

Do lado de fora, as duas pararam para olhar o edifício. Era de um estilo californiano antigo, cor de salmão, com detalhes que lembravam glacê, grades de ferro fundido sobre enormes portas de vidro. Atrás do prédio, o céu estava azul-escuro, lúcido, um nevoeiro passando por ele. A pulsação de Phoebe continuava acelerada pelo que tinha acontecido no apartamento. O que havia sobre Faith que ela queria tanto contar? Phoebe tinha a impressão

de que aquilo nunca tinha sido explicado diretamente, nem para si mesma. Era o fato de que Wolf tinha estado presente na morte dela? Os terroristas? O homem morto? Mas não, não era nada daquilo. A verdade era que sua irmã tinha se matado. E todos sabiam disso.

Enquanto andavam até o carro, a mãe de Phoebe pegou a mão dela.

Elas alugaram o apartamento. Iriam se mudar no dia quinze de outubro.

* * *

Entrando pelas janelas abertas, um vento corria pela casa, levantando nuvens de poeira dos pisos que não tinham mais móveis. Homens movendo-se com bíceps trêmulos carregavam tudo degraus abaixo até um grande caminhão de mudança.

Barry havia tirado a tarde de folga para ajudar na mudança. Ele e Phoebe tiveram o trabalho de escolher entre as pinturas de seu pai, pegando umas três para guardar e arrumando o resto para dar de presente. Em silêncio, eles desceram a escada do porão até a despensa, onde havia um quebra-cabeça de telas amontoadas a esmo de parede a parede. Barry desdobrou várias caixas enormes de mudança e eles começaram, Phoebe entregando alguns quadros para o irmão, que os acomodava com cuidado dentro nas caixas. As pinturas mais antigas estavam mais no fundo do cômodo; então, à medida que arrumavam, os anos pareciam escapar de Faith, transformando-a da adolescente melancólica apoiada na cama de hospital de seu pai em uma criança doce e sorridente.

Phoebe ergueu um quadro e fez uma pausa, segurando-o contra a luz fraca e vaga que vinha da porta. Era um retrato de sua irmã, com oito ou nove anos, posando no mesmo penhasco onde, menos de dez anos depois, eles tinham espalhado suas cinzas no mar. Ela usava um maiô branco e sorria, estendendo a mão, segurando com força uma flor roxa.

— Bear — chamou Phoebe.

Ele se aproximou. Os dois olharam para a pintura. À primeira vista, Faith aparentava estar em seu estado normal de felicidade caótica, só que, quanto mais tempo Phoebe encarava o sorriso agitado de sua irmã, mais ele parecia desmentido por uma ansiedade profunda, como se com aquela flor ela

estivesse desviando a atenção de algo mais. Phoebe olhou para longe, abalada pela impressão, e depois se perguntou se o que tinha visto estava realmente ali. Ela não era capaz de afirmar com certeza. Quando voltou a olhar para a pintura, notou que a irmã parecia feliz.

Barry deu a impressão de estar prestes a falar, mas não o fez.

— Vamos ficar com essa — disse ele.

Por fim, as pinturas foram todas embaladas, dispostas meticulosamente em quatro caixas imensas e parte em uma quinta caixa.

— Acho que devemos pegar mais duas — sugeriu Barry, mas ele parecia inquieto, cansado do trabalho. — Faça isso, Pheeb.

Ela olhou para as caixas cheias de pinturas, atraída pelo pensamento de revê-las lentamente, se perdendo na tarefa. Mas não. Era a memória de uma saudade.

— Talvez só aquela — disse ela.

Eles arrastaram as caixas até a garagem e depois para fora dela. O quintal estava cheio de mato, perfumado. Margaridas minúsculas pontilhavam a grama. Barry se espreguiçou, esticando os braços para o céu, então sorriu e desabou no chão, deitando-se de costas. Phoebe se deitou ao lado dele, com a cabeça aos pés do irmão. A terra estava quente e macia. A escuridão pareceu sair de seu corpo, como um pássaro escuro batendo asas para fora de seu peito. Ela sentiu o cheiro da grama e observou as nuvens se moverem lentamente.

— Você está ouvindo esses passarinhos? — perguntou Barry, a voz distante e rouca porque ele estava deitado. — Essa tagarelice? Está ouvindo isso, Pheeb? Não sei por quê, mas adoro esse som.

* * *

Enquanto Phoebe lia *Sem Saída* na Washington Square em um sábado, alguém bloqueou sua luz.

— Phoebe? — chamou um homem.

Ela olhou para cima, reconhecendo o cara, mas incapaz de identificá-lo. Ele estava com uma menininha nos braços.

— Lembra? — disse ele. — Você me treinou.

— Ah, sim. Meu Deus — disse ela, balançando a cabeça. — Você é...

— Patrick. Esta é minha filha, Teresa.

— Oi — cumprimentou Phoebe. Ela se levantou para olhar a criança, que tinha cabelo ruivo encaracolado e os mesmos olhos verdes do pai. — Ela é tão bonita. Não acredito que você tem uma filha.

Patrick riu.

— Também fico espantado. — Ele estava usando uma calça jeans larga que parecia ter respingos de gesso. Depois de um momento, comentou: — Você sumiu.

— Fui para a Europa.

— Só... se levantou e foi.

— Tipo isso.

— Art tinha certeza de que você havia sido assassinada. Ele ficava dizendo: "Você conhece aquela garota, ela nem sequer se atrasa!" Acho que no fim ele acabou falando com a sua mãe.

— Pobre Art — disse Phoebe. — Eu deveria pedir desculpas.

— Tenho certeza de que ele perdoou você.

Teresa estava se contorcendo. Patrick a colocou na grama e ela cambaleou em direção a Phoebe, batendo as mãos gordas no banco.

— Você ainda trabalha lá? — perguntou Phoebe.

— Na verdade, não. Eu estava meio mal naquele mês, mas as coisas melhoraram, então eu saí. Passo mais tempo com essa aqui. — Ele ergueu a menina de volta para seus braços. — Sou escultor. Meu ateliê é logo ali, na Green Street. Número trezentos e oitenta e cinco. Apareça a qualquer hora durante o dia que faço um café para você. Ou você pode fazer... você não é meio que uma especialista?

— Tudo bem — concordou Phoebe, rindo. — Talvez eu vá.

Quando Patrick atravessou a praça, sua filha virou a cabeça feito uma coruja, mantendo Phoebe à vista. Ela acenou para a menina. Os sinos da Igreja de São Pedro e São Paulo encheram o ar, marcando a hora.

* * *

Algo tinha acabado. Mas também havia alguma coisa começando. Phoebe sentia isso mais do que entendia; era uma pulsação nervosa que parecia vibrar sob a cidade. Uma nova década pairava sobre eles. No escritório de Barry, o clima de expectativa frenética às vezes infectava Phoebe com uma certeza selvagem de que o mundo estava prestes a se transformar. Todos pareciam sentir aquilo: o claro e inegável poder das máquinas, a promessa de riqueza extraordinária. Aquilo os enchia de esperança. Phoebe ficava espantada ao ver que o mundo era capaz de parecer assim de novo, ainda mais tão cedo. No entanto, ela mesma sentia aquilo.

As mulheres estavam cortando os cabelos. Não os cortes suaves e ajeitados com secador de alguns anos antes, estilo Dorothy Hamill, e sim cortes mais bagunçados, mais estreitos, que enfatizavam os ângulos e a importância da cabeça. Em frente ao espelho, Phoebe juntava mechas de seu próprio cabelo e as puxava para trás, para longe do rosto. A ideia de cortá-lo a atraía, a leveza daquilo, como sair de trás de cortinas pesadas.

* * *

Quase no fim de novembro, Phoebe dirigiu até a Coit Tower durante o anoitecer. Àquela altura, os turistas já tinham ido embora, e havia muitas vagas no estacionamento. Phoebe parou o Fiat da mãe e saiu.

Já estava quase escuro; uma carga parecia pairar no ar. Não havia nevoeiro. Phoebe circundou a torre, observando todos os ângulos da vista exuberante, o céu azul-neon, e querendo saber como, quando, exatamente, sua vida tinha se ajeitado. Porque isso havia acontecido. Ela tinha sido aceita na Berkeley para janeiro, o que fazia parte da mudança. Mas algo em Phoebe também havia relaxado, e naquele momento o caminho solto e aleatório no qual sua vida se desenrolava parecia ofender sua imaginação cada vez menos. Ela ainda sofria para transcendê-la, atravessar a invisível fronteira para aquele outro lugar, o lugar real. Mas não se podia ter isso todos os dias. Ninguém conseguia manter isso.

Phoebe ainda pensava em Faith, é claro, mas lembrar-se da irmã tinha se tornado uma experiência mais tranquila. Ela havia ido embora. A lacuna entre as duas seria impossível de atravessar, e parecia a Phoebe então que a irmã

era quem havia perdido nisso. Ela sentiria falta de tudo; Faith, que tanto amava estar no centro das ações.

E ainda assim. E ainda assim.

O que veio a Phoebe naquele instante, observando a cidade e a baía, foi um dia em que toda sua família, até mesmo seus pais, havia brincado de pique-esconde em um campo no Golden Gate Park. Uma tarde ensolarada, um vento oceânico, gotas de umidade em todas as folhas. Faith se escondera primeiro. Todos eles se separaram para procurar, Phoebe cutucando as pinhas e folhas de eucalipto com uma vara, depois balançando os arbustos em torno do campo, não esperando encontrar Faith. Phoebe tinha quatro anos, no máximo, era muito nova ainda para ganhar aqueles jogos, ou até mesmo para competir.

Contudo, para sua surpresa, Phoebe mexera em um arbusto e lá estava Faith, em uma pequena clareira. Ela sorria de orelha a orelha.

"Você me encontrou", murmurara ela. "Você ganhou!"

Mas, em vez de chamar todos os outros e terminar a rodada, Faith pegara a mão de Phoebe e a guiara ao lugar macio onde ela estava sentada. As duas esperaram juntas, escondidas, Phoebe enroscada no colo da irmã, envolvida por sua respiração, seus batimentos cardíacos e seu cabelo comprido e quente. Ela sentira o cruzamento de sol e sombra no rosto, cheirava a terra molhada de chuva e folhas de eucalipto, e fora esmagada por uma felicidade quase insuportável. Havia ganhado o jogo.

Phoebe se contorcera para olhar para Faith, mas os olhos da irmã estavam em sintonia com a movimentação fora do arbusto, onde o resto da família procurava por elas. Um filete de música de flauta a alcançou, fraco, serpenteando, e algo se elevou em Phoebe, uma crença alegre de que, a qualquer momento, o simples ambiente ao redor dela poderia se abrir e revelar aquele radiante lugar escondido. E Faith estaria lá, esperando que Phoebe subisse em seu colo.

Sobre a autora

© Pieter M. Van Hattem

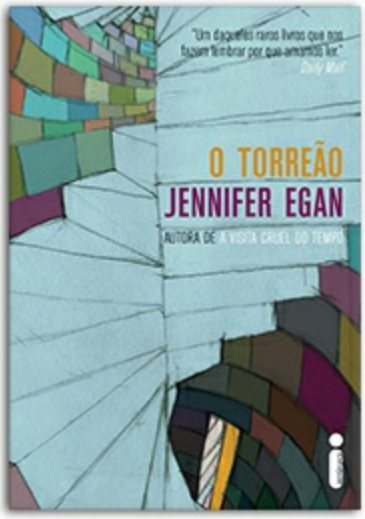


Jennifer Egan nasceu em Chicago e cresceu em São Francisco. É autora do premiado *A visita cruel do tempo* — que venceu o Pulitzer de Ficção 2011, o National Book Critics Circle Award e o Los Angeles Times Book Prize —, de *O torreão* e *Olhe para mim*, também lançados pela Intrínseca. Teve trabalhos publicados em revistas como *New Yorker*, *Harper's Magazine*, *Granta* e *GQ*. Por seus artigos para a *The New York Times Magazine* recebeu diversos prêmios jornalísticos. Vencedora do britânico Galaxy National Book Awards 2011 na categoria Autor Internacional do Ano, Egan foi eleita no mesmo ano uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time*. A autora vive no Brooklyn com o marido e os filhos.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



A visita cruel do tempo



O torreão

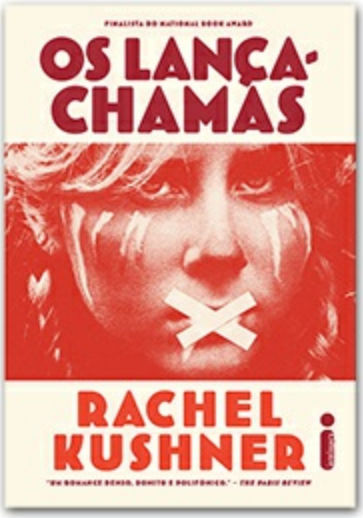


Olhe para mim

Leia também



Objetos cortantes
Gillian Flynn



Os lança-chamas
Rachel Kushner